



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (FIC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (PPGCOM)

ERIKA BELÉN HERNÁNDEZ LOZANO

**FUNDAÇÕES E JORNALISMO: A CONTRIBUIÇÃO DA FUNDAÇÃO GABO PARA
O JORNALISMO DE ALTO IMPACTO POR MEIO DE BOLSAS DE PRODUÇÃO
JORNALÍSTICA CONCEDIDAS ENTRE 2020 E 2023**

GOIÂNIA
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Erika Belén Hernández Lozano

3. Título do trabalho

FUNDAÇÕES E JORNALISMO: A CONTRIBUIÇÃO DA FUNDAÇÃO GABO PARA O JORNALISMO DE ALTO IMPACTO POR MEIO DE BOLSAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA CONCEDIDAS ENTRE 2020 E 2023

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Andre Bonsanto Dias, Professor do Magistério Superior-Visitante**, em 17/12/2024, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Erika Belén Hernández Lozano, Discente**, em 17/12/2024, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5044160** e o código CRC **EEA18249**.

ERIKA BELÉN HERNÁNDEZ LOZANO

**FUNDAÇÕES E JORNALISMO: A CONTRIBUIÇÃO DA FUNDAÇÃO GABO PARA
O JORNALISMO DE ALTO IMPACTO POR MEIO DE BOLSAS DE PRODUÇÃO
JORNALÍSTICA CONCEDIDAS ENTRE 2020 E 2023**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania

Linha de pesquisa: Mídia e Cidadania

Orientação no PPGCOM: Professor Dr. André Bonsanto Dias

GOIÂNIA
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lozano, Erika Belén Hernández

Fundações e jornalismo [manuscrito] : A contribuição da Fundação
Gabo para o jornalismo de alto impacto por meio de bolsas de produção
jornalística concedidas entre 2020 e 2023 / Erika Belén Hernández
Lozano. - 2024.

242 f.

Orientador: Prof. Dr. André Bonsanto Dias.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós
Graduação em Comunicação, Goiânia, 2024.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas.

1. Fundações e jornalismo. 2. Jornalismo de alto impacto. 3. Crise
do jornalismo. 4. Fundação Gabo. 5. Bolsas de produção jornalística. I.
Dias, André Bonsanto , orient. II. Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **44/2024** da sessão de Defesa de Dissertação de **Erika Belén Hernández Lozano**, que confere o título de Mestra em Comunicação, na área de concentração em Comunicação, Cultura e Cidadania.

Aos vinte e oito dias de novembro de dois mil e vinte e quatro, a partir das catorze horas e trinta minutos, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “FUNDAÇÕES E JORNALISMO: A CONTRIBUIÇÃO DA FUNDAÇÃO GABO PARA O JORNALISMO DE ALTO IMPACTO POR MEIO DE BOLSAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA CONCEDIDAS ENTRE 2020 E 2023”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor André Bonsanto Dias (PPGCOM/FIC/UFG) com a participação dos demais componentes da Banca Examinadora: Professora Doutora Rosana Maria Ribeiro Borges (PPGCOM/FIC/UFG), avaliadora titular interna e pelo Professor Doutor Hendry Anderson André (PPGJor/UEPG), avaliador titular externo, com a participação de todos por videoconferência. Durante a arguição os componentes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus componentes. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor André Bonsanto Dias, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e oito dias de novembro de dois mil e vinte e quatro.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Andre Bonsanto Dias, Professor do Magistério Superior-Visitante**, em 28/11/2024, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hendry Anderson André, Usuário Externo**, em 28/11/2024, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosana Maria Ribeiro Borges, Professora do Magistério Superior**, em 16/12/2024, às 14:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4939021** e o código CRC **2D631532**.

*Dedicado ao meu pai,
Prof. Daniel Hernández Domínguez*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar a oportunidade de cumprir a missão que meu pai me confiou e por estar sempre presente, lembrando-me de sua misericórdia e fidelidade, apesar dos meus fracassos.

À minha família. À minha mãe, Raquel, e aos meus irmãos, Daniel e Keyla, pelo apoio emocional e financeiro que me deram à distância, e porque ser a irmã mais velha me motiva a continuar me esforçando.

Aos meus amigos aqui no Brasil: Flávio, Flor, Eliana, Walter, Xótchil, Marcos, Fátima, Adriana, Angie, Ângelo, Ângela, Guilherme, Danila, Isabel, Lucas, e outras pessoas que conheci nesse país maravilhoso. Não importando as diferenças, eles sempre estiveram lá para me ajudar. Muito obrigada a todos.

Agradeço também ao meu orientador, André Bonsanto Dias, pela orientação nesta pesquisa, pelas sugestões e observações fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Gostaria de agradecer também à professora Rosana Ribeiro Borges e ao professor Hendryo Anderson André, que revisaram meu trabalho e contribuíram para o aprimoramento desta pesquisa.

Agradeço também à OEA Brasil, à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e à Universidade Federal de Goiás (UFG) por me concederem a oportunidade de cursar uma pós-graduação, o que me permitiu crescer profissional e academicamente. Serei sempre grata.

Também gostaria de agradecer a todas as pessoas cuja gentileza tornou minha estadia no Brasil mais agradável. Embora muitas vezes eu não soubesse os nomes delas, eu sempre guardarei em meu coração o apoio que me deram.

RESUMO

O objetivo da pesquisa é investigar a contribuição da Fundação Gabo para o jornalismo de alto impacto, por meio das bolsas de produção jornalística concedidas entre 2020 e 2023. Essas bolsas são um incentivo econômico oferecido por essa instituição sem fins lucrativos, por meio de concursos nos quais jornalistas interessados solicitam financiamento para desenvolver reportagens de alto impacto. Para esta pesquisa, foi utilizado o método de estudo de caso. A coleta de dados incluiu uma pesquisa documental sobre as quatro bolsas concedidas nesse período: Bolsa de Jornalismo de Soluções (2020); Bolsa Rosalynn Carter para Jornalismo em Saúde Mental (2021); Fundo para Investigação e Novas Narrativas sobre Drogas (2022); e Bolsas de Colaboração em Pesquisa Jornalística sobre Reciclagem Inclusiva (2023). Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas em profundidade com os quatro jornalistas premiados (do Brasil, México, Argentina e Bolívia) e com o diretor de programas da Fundação. A análise dos dados revelou que essas bolsas são vistas como uma opção para desenvolver um jornalismo investigativo mais profundo. Embora o impacto seja um critério importante exigido pelas fundações, ele é difícil de medir. No entanto, as reportagens financiadas pela Fundação Gabo criam as condições para produzir jornalismo de alto impacto e, principalmente, aumentam a satisfação profissional dos jornalistas envolvidos.

Palavras-chave: fundações e jornalismo; jornalismo de alto impacto; crise do jornalismo; Fundação Gabo; bolsas de produção jornalística.

ABSTRACT

The objective of this research is to investigate the contribution of the Gabo Foundation to high-impact journalism through the journalism production grants awarded between 2020 and 2023. These grants are an economic incentive offered by this non-profit organization through competitions in which interested journalists apply for funding to develop high-impact reports. For this research, the case study method was used. Data collection included documentary research on the four grants awarded during this period: Solutions Journalism Grant (2020); Rosalynn Carter Fellowship for Mental Health Journalism (2021); Fund for Investigative Journalism and New Narratives on Drugs (2022); and Collaborative Journalism Research Grants on Inclusive Recycling (2023). In addition, in-depth semi-structured interviews were conducted with the four journalists who were awarded these grants (from Brazil, Mexico, Argentina, and Bolivia) and with the Foundation's program director. The analysis of the collected data revealed that these grants are seen as an opportunity to develop more in-depth investigative journalism. Although impact is an important criterion required by the foundations, it is difficult to measure. However, the reports funded by the Gabo Foundation create the conditions to produce high-impact journalism and, most importantly, increase the professional satisfaction of the journalists involved.

Keywords: foundations and journalism; high-impact journalism; journalism crisis; Gabo Foundation; journalism production grants.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Modelos de negócios no jornalismo pós-industrial.....	67
QUADRO 2: Iniciativas da Fundação Gabo.....	121
QUADRO 3: Alianças da Fundação Gabo.....	125
QUADRO 4: Bolsas de produção jornalísticas.....	129
QUADRO 5: Perfil dos jornalistas entrevistados.....	153

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. JORNALISMO: GUARDIÃO OU AMEAÇA À DEMOCRACIA?	18
1.1 A COMPLEXA CRISE DO JORNALISMO	27
1.1.1 O tradicional superado pelas tecnologias	28
1.1.2 Trabalho precarizado e qualidade comprometida	35
1.1.3 Marginalização do público que deixou de ser espectador	38
1.1.4 As Big Techs, um novo monopólio.....	40
1.1.5 A instrumentalização dos grandes poderes	46
1.1.6 Credibilidade em declínio	53
1.1.7 A lei mordaza da violência.....	59
1.1.8 Novos caminhos? Modelos de negócios no jornalismo pós-industrial.....	65
2. O QUE É JORNALISMO DE ALTO IMPACTO?	74
2.1 O IMPACTO COMO REQUISITO PARA AS FUNDAÇÕES.....	77
2.2 CONCEITOS RELACIONADOS	82
3. FUNDAÇÕES FILANTRÓPICAS E JORNALISMO	87
3.1. O PAPEL DAS FUNDAÇÕES NO JORNALISMO	90
3.1.1 Um breve histórico das fundações e o jornalismo	92
3.1.2. Contribuição das fundações para o jornalismo na América Latina	96
3.1.3. Bolsas de produção jornalística	105
3.1.5 A influência das fundações	109
4. FUNDAÇÃO GABO, BOLSAS E IMPACTO	115
4.1 A FUNDAÇÃO GABO.....	118
4.2 FINANCIAMENTO	123
4.3 BOLSAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DA FUNDAÇÃO GABO	126
4.3.1. Termos de referência e critérios de seleção	135
4.4 SELEÇÃO DE BOLSAS PARA A PESQUISA	137
4.4.1 Bolsas de Jornalismo de Soluções, edição especial (2020).....	139
4.4.2 Bolsa Rosalynn Carter para Jornalismo em Saúde Mental (2021).....	142
4.4.3 Fundo para Investigações e Novas Narrativas sobre Drogas (2022).....	145
4.4.4 Bolsas Colaboração de Pesquisa Jornalística sobre Reciclagem Inclusiva (2023)	148
4.5 JORNALISTAS E REPORTAGENS FINANCIADOS	152
4.5.1 Reportagens financiadas.....	157
Ministério de Putas: como Ammar articula com o Estado durante a pandemia	157
Amapola em Oaxaca: Semeadores na Névoa	160
Eco-coletoras madrugam por uma segunda chance para o planeta	162
4.6 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA EM PROFUNDIDADE	164
4.7 DESAFIOS NO JORNALISMO.....	168

4.8 CONTRIBUIÇÃO DAS BOLSAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA.....	177
4.9 JORNALISMO DE ALTO IMPACTO	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	198
REFERÊNCIAS.....	203
APÊNDICE A – Roterio da entrevista de Agustina Paz (Argentina)	223
APÊNDICE B - Roterio da entrevista de Antonio Mundaca (México).....	224
APÊNDICE C – Roterio da entrevista de Brenda Molina (Bolívia)	225
APÊNDICE D – Roterio da entrevista da Jornalista 02 (Brasil)	226
APÊNDICE E – Roterio da entrevista de Miguel Montes (diretor do programa da Fundação Gabo).....	227
APÊNDICE F - Termo de consentimento Agustina Paz (Argentina)	228
APÊNDICE G - Termo de consentimento Jornalista 02 (Brasil).....	231
APÊNDICE H - Termo de consentimento Antonio Mundaca (México)	234
APÊNDICE I – Termo de consentimento Brenda Molina (Bolívia)	237
APÊNDICE J - Termo de consentimento Miguel Montes (diretor de programas da Fundação Gabo).....	240

INTRODUÇÃO

Desde o início do século XXI, as fundações filantrópicas têm demonstrado grande interesse em financiar o jornalismo latino-americano (Natanson, 2014; Melendez Yudico, 2016; Levoyer, 2020). Vários estudos comprovam a contribuição econômica dessas fundações, especialmente para os meios de comunicação nativos digitais, por meio de apoio a iniciativas como startups, bolsas, workshops e recursos para pesquisa jornalística transfronteiriça (Melendez Yudico, 2016; Levoyer, 2020; Hernández Ramírez, 2020). De acordo com esses estudos, diversas crises impulsionaram o crescimento desse modelo patrocinado na América Latina, conhecido como “filantrojornalismo” (Arrese, 2014; Mendoza; Rojas, 2021).

Eventos políticos, como a censura à liberdade de imprensa, a implementação de novas leis, ataques verbais e o descrédito da imprensa tradicional, levaram ao surgimento dos meios digitais na América Latina e, conseqüentemente, ao interesse no apoio internacional por meio da filantropia (Natanson, 2014; Levoyer, 2020). A isso soma-se a crise econômica causada pela irrupção de novas tecnologias, bem como a perda de interesse do público em ser informado (Christofolletti, 2019; Bastos, 2015; Coelho, 2015). No caso do México, de acordo com Hernández Ramírez (2020), o apoio das fundações surgiu em razão do aumento da violência no jornalismo.

O apoio das fundações se intensificou nos primeiros anos, tanto que, de acordo com estudos, jornalistas freelancers e profissionais da mídia veem essas organizações como uma alternativa viável para produzir reportagens relevantes, que estão sendo relegadas pelas diferentes crises enfrentadas pelo setor (Mendoza; Rojas, 2021; Palau-Sampio, 2018; Hernández Ramírez, 2020; Melendez Yúdico, 2016; Levoyer, 2020). Nesse contexto, as bolsas de produção jornalística surgem como incentivo econômico, lançadas por meio de editais, nos quais os jornalistas se candidatam para obter esses recursos e produzir uma reportagem que visa causar “impacto” (Connectas, 2022; ICFJ, 2024b; Montes, 2024).

No entanto, há uma lacuna na literatura sobre a concessão de bolsas de produção jornalística por fundações para jornalistas. Durante a realização deste trabalho, localizamos apenas a pesquisa de Duchene e Standaert (2019), da Universidade Católica de Leuven, na Bélgica, que examina a cobertura da mídia sobre essas bolsas, concedidas como

consequência da crise financeira do setor. Embora existam estudos sobre a relação entre o jornalismo e as fundações, não há registros específicos na América Latina sobre bolsas de produção jornalística. Dado que o tema das bolsas de produção jornalística oferecidas por fundações ainda não foi suficientemente explorado, esta pesquisa busca responder à seguinte questão-problema: como as bolsas de produção jornalística concedidas pela Fundação Gabo entre 2020 e 2023 contribuem para promover um jornalismo de alto impacto?

Portanto, o objetivo principal da pesquisa é investigar o papel da Fundação Gabo (Gabriel García Márquez) e sua contribuição para o jornalismo de alto impacto, por meio das bolsas de produção jornalística concedidas entre 2020 e 2023. Os objetivos específicos da pesquisa são: explorar os desafios enfrentados pelo jornalismo contemporâneo; discutir se o apoio das fundações é uma alternativa viável para realizar um jornalismo independente, fora do circuito comercial; e conhecer o trabalho da Fundação Gabo no fornecimento de apoio financeiro para uma cobertura jornalística de alto impacto. A pesquisa se propõe a tratar todas essas inquietudes, comprometendo-se a ser um relevante aporte no campo acadêmico, especialmente nesse tipo de financiamento patrocinado por fundações.

A Fundação Gabo foi criada pelo jornalista e Prêmio Nobel de Literatura (1982), Gabriel García Márquez, devido a uma preocupação com as novas gerações de jornalistas recém-formados, que, segundo ele, apresentavam grandes deficiências na prática, como má ortografia, falta de ética e pouca capacidade de análise (Fundação Gabo, 2024e; Márquez, 2007; Abello Banfi, 2014). Esse panorama o motivou a pensar na criação de um instituto que ensinasse jornalismo aos mais jovens, que também enfrentariam os desafios impostos pelas novas tecnologias (Márquez, 2007; Abello Banfi, 2014).

A Fundação consolidou-se em 25 de junho de 1995 em Cartagena de Indias (Colômbia), país natal de Gabo (Abello Banfi, 2014). Iniciou suas atividades com oficinas impartidas por veteranos do ofício em várias partes do mundo, com foco tanto na teoria quanto na prática, o que Gabo denominou “a carpintaria do ofício” (Márquez, 2007). Com o passar dos anos, a instituição ampliou suas ações, incluindo a entrega de prêmios, a realização de grandes festivais, a criação de um programa de ética, o Centro Gabo (dedicado à preservação da memória de seu fundador) e o oferecimento de bolsas de produção jornalística (Fundação Gabo, 2024c; FNPI, 2014).

Segundo o site da Fundação Gabo (2024c), a concessão de bolsas de produção jornalística a jornalistas ibero-americanos está inserida na iniciativa “Apoio para jornalistas” como um incentivo econômico, com o objetivo de que os profissionais consigam desenvolver projetos jornalísticos de “alto impacto”: “Todos os anos, a Fundação Gabo concede uma série de subsídios e incentivos por meio dos quais os jornalistas ibero-americanos podem obter os recursos necessários para trabalhar em projetos jornalísticos de alto impacto” (Fundação Gabo (2024c), aponta o site.

O jornalismo de “alto impacto” é promovido pela própria Fundação quando ela oferece esse apoio financeiro por meio de suas bolsas de produção jornalística (Fundação Gabo, 2024c). Os jornalistas devem “prever o impacto” de suas reportagens no momento de postular às bolsas e conseguir o financiamento, embora outros requisitos, como relevância social, rigor, viabilidade e experiência, também sejam considerados. Identificou-se essa busca pelo “impacto” como uma característica recorrente por parte dos doadores, bem como a relação entre o foco das bolsas e as missões das fundações que as financiam, o que também será abordado nesta pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2014), a pesquisa qualitativa se concentra na compreensão dos fenômenos, explorando-os a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao seu contexto. Um pesquisador qualitativo interpreta e analisa ideias e textos provenientes das entrevistas e observações que realiza com os sujeitos estudados (Tuzzo; Braga, 2016; Flick, 2008).

O método utilizado nesta pesquisa foi o estudo de caso exploratório, com o objetivo de compreender o fenômeno, explicá-lo e abrir caminhos para novas análises mais detalhadas (Gil, 2002; Deslaurier; Kérisit, 2008). De acordo com Yin (2001), o estudo de caso “representa uma estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos, e quando o foco se concentra em fenômenos contemporâneos em seu contexto real” (p. 19). Essa metodologia permite explorar casos menos conhecidos e complexos, nos quais as informações são escassas, promovendo novas descobertas (Ventura, 2009).

Os instrumentos metodológicos utilizados foram pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas em profundidade. A primeira, a pesquisa

bibliográfica, é considerada a fase inicial de qualquer estudo de campo, pois permite compreender o estado atual do problema em estudo, conhecer trabalhos anteriores e explorar as opiniões existentes sobre o assunto (Marconi; Lakatos, 2003). Foi usada principalmente para a construção dos capítulos teóricos, que posteriormente serviram para a discussão dos achados.

A segunda, a pesquisa documental, refere-se à análise de documentos (físicos ou digitais) que não foram analisados ou sistematizados anteriormente. Nessa abordagem, o pesquisador tem a capacidade de selecionar, tratar e interpretar as informações, visando uma compreensão mais aprofundada sobre as fontes originais. “Quando isso acontece, há um incremento de detalhes à pesquisa e os dados coletados tornam-se mais significativos” (Luvezute Kripka; Scheller; De Lara Bonotto, 2015, p. 57). Foi utilizada para acessar as bolsas de produção jornalística no site da Fundação Gabo, onde foram selecionadas quatro bolsas entre os anos de 2020 e 2023.

A escolha desse intervalo temporal deve-se à decisão da pesquisadora de focar um ano após o início da pandemia, quando tanto a imprensa tradicional quanto a digital enfrentaram momentos críticos de sustentabilidade (Schiffrin; Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022). Foram selecionadas quatro bolsas de produção jornalística da Fundação Gabo, uma por ano: Bolsas de Jornalismo de Soluções (2020); Bolsa Rosalynn Carter para Jornalismo em Saúde Mental (2021); Fundo para Investigações e Novas Narrativas sobre Drogas (2022); e Bolsas Colaboração de Pesquisa Jornalística sobre Reciclagem Inclusiva (2023).

A escolha dessas bolsas seguiu critérios definidos pela pesquisadora, alinhados ao propósito da pesquisa. O primeiro critério foi o foco na América Latina, em parte pela origem da pesquisadora, que atua como jornalista nessa região e tem interesse em investigar os incentivos no contexto latino-americano. Outro critério foi a consulta ao site da Fundação Gabo, selecionando apenas as bolsas classificadas como “convocatórias para bolsas” e excluindo workshops. As bolsas mais recorrentes durante o período analisado também foram priorizadas, sendo temas recorrentes nos fundos concedidos todos os anos. Além disso, foram escolhidas bolsas destinadas exclusivamente à produção de reportagens jornalísticas, independentemente do formato. A pesquisadora considerou relevante incluir o jornalismo de soluções nesta pesquisa, por ser um tópico inovador que ela deseja explorar. Assim, houve também um critério de intencionalidade na seleção deste aspecto.

Depois que as bolsas foram escolhidas de acordo com o problema de pesquisa, os documentos (as bolsas selecionadas no site) foram analisados. Segundo Lüdke e André (1986), a análise documental visa estudar e analisar documentos com a finalidade de identificar dados concretos, objetivos e comprovados; e são estabelecidos procedimentos metodológicos como a caracterização, a codificação, os registros e a categorização. Foi utilizado para esta pesquisa com a finalidade de encontrar informações relevantes “escondidas” que serviram para tirar conclusões junto com as verbalizações dos entrevistados.

Já a terceira, entrevistas semiestruturadas em profundidade, de acordo com Duarte (2005), tem como objetivo extrair percepções, informações e experiências dos informantes, que são então organizadas, analisadas e apresentadas de forma estruturada. A escolha das entrevistas foi uma ferramenta importante para entender a contribuição das bolsas em relação ao “jornalismo de alto impacto”. Cinco pessoas foram selecionadas para essa pesquisa: quatro jornalistas dos países Brasil, Argentina, Bolívia e México, e o Diretor de Programas da Fundação Gabo, Miguel Montes.

A seleção dos jornalistas foi baseada nas reportagens financiadas. Uma vez escolhidas as bolsas, os vencedores foram selecionados após uma leitura minuciosa das matérias financiadas, usando critérios como relevância, dados, profundidade e diversidade de vozes. Como a maioria das reportagens atendia a esses critérios, foram priorizadas aquelas que a pesquisadora considerou mais interessantes. A partir disso, os jornalistas a serem entrevistados foram definidos. Outro critério foi garantir que os jornalistas fossem de diferentes países, para obter uma pluralidade de perspectivas sobre a contribuição das bolsas.

As entrevistas com os participantes foram realizadas via Google Meet, no mês de agosto de 2024 e tiveram uma duração de uma hora cada. Com a permissão dos entrevistados, os encontros foram gravados para proporcionar um registro literal que não comprometa o resultado da pesquisa e oferecer maior confiança aos entrevistados (Duarte, 2005). Antes de efetivar as entrevistas, o projeto passou e foi aceito pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEPUFG), com a finalidade de proteger o bem-estar dos participantes, sua integridade e dignidade. Tanto a Fundação Gabo, o diretor de programas, e os jornalistas assinaram o consentimento de participação na pesquisa.

Para analisar as entrevistas, foram utilizadas as recomendações de Duarte (2005), e Alves e Silva (1992). Em primeiro lugar, por meio de uma leitura minuciosa e analítica, foram feitas algumas conexões importantes entre as declarações dos entrevistados e sua relação com a abordagem teórica e o problema de pesquisa (Alves; Silva, 1992). Depois de organizar as respostas de cada jornalista, procedeu-se à categorização delas. De acordo com Duarte (2005), as categorias são “estruturas analíticas construídas com o pesquisador que reúnem e organizam um conjunto de informações obtidas a partir da divisão e classificação de temas autônomos, mas inter-relacionados” (p. 11).

Assim, foram estabelecidas as seguintes categorias: ‘Desafios no jornalismo’, ‘Contribuição das bolsas de produção jornalística’ e ‘Jornalismo de alto impacto’. Após a categorização, iniciou-se a discussão dos achados, fundamentada na literatura e nas verbalizações dos entrevistados, com prioridade sempre dada aos dados (Alves; Silva, 1992; Duarte, 2005).

A dissertação está estruturada em quatro capítulos, começando com a introdução. Em seguida, o primeiro capítulo, intitulado ‘Jornalismo: guardião ou ameaça à democracia?’, apresenta e problematiza diversas teorias que tentam definir o papel do jornalismo na sociedade, com autores como Schudson (2008), Traquina (2005), Chomsky e Herman (1990), Marcondes Filho (1986), Coelho (2011), entre outros. Nesse capítulo, também se discutem várias crises enfrentadas pelo jornalismo contemporâneo, que limitam sua capacidade de cumprir sua função pública, com base em autores como Christofolletti (2019), Ramonet (2015), Anderson, Bell e Shirky (2013), Natanson (2014), Rincón (2010), entre outros.

O segundo capítulo, intitulado ‘O que é jornalismo de alto impacto?’, tem como objetivo delinear um conceito de jornalismo de alto impacto, com base nas contribuições de vários autores, como Kaplan (2007; 2013), Requejo-Alemán (2009), Benson (2018) e Hamilton (2016). Este capítulo é fundamental para responder à pergunta central da pesquisa e situar o conceito de “jornalismo de alto impacto” no contexto das demandas das fundações. Com base em uma revisão da literatura, são delineados três eixos conceituais: jornalismo de alto impacto da perspectiva tradicional, jornalismo de alto impacto conforme concebido pelas fundações e, por fim, uma proposta conceitual da pesquisadora.

O terceiro capítulo, ‘Fundações e jornalismo’, discute o que é esse terceiro setor, apresenta um panorama histórico da chegada das fundações à América Latina e uma história de seu início como financiadores do jornalismo na região. Também discute vários projetos de jornalismo apoiados por fundações, além de uma seção que analisa o apoio das fundações à produção jornalística por meio de bolsas, a possível ‘sutil’ influência das fundações através de agendas e o caráter esporádico desse financiamento. Este capítulo é muito relevante porque convida à reflexão sobre as descobertas, apresenta quadros de referência, como projetos semelhantes sobre jornalismo e fundações e, acima de tudo, permite compreender melhor o fenômeno do “filantrojornalismo”.

O quarto capítulo, ‘Fundação Gabo, bolsas e impacto’, apresenta a análise dos dados coletados por meio da pesquisa documental sobre as bolsas de produção jornalística e entrevistas semiestruturadas em profundidade com os jornalistas selecionados para o estudo. Primeiramente, aborda-se a trajetória de Gabriel García Márquez, jornalista e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura (1982), e sua ideia de criar uma fundação para ensinar jovens jornalistas por meio de oficinas. Em seguida, apresenta-se a história da Fundação Gabo, inicialmente denominada “Fundação para um Novo Jornalismo Ibero-Americano”, destacando suas linhas de ação, evolução ao longo dos anos e seu financiamento como entidade sem fins lucrativos. Posteriormente, detalha-se o programa de bolsas de produção jornalística, incluindo a estrutura das chamadas para propostas, os termos de referência e os critérios gerais de seleção. Esta seção analisa os editais das quatro bolsas escolhidas para esta pesquisa, apresenta os jornalistas selecionados com base nas reportagens financiadas e discute os resultados das entrevistas à luz da teoria.

A pesquisa termina com as considerações finais, destacando as principais descobertas, a relevância do estudo para o campo da comunicação, algumas limitações e possíveis linhas de pesquisa futura. Ficou claro que as bolsas de produção jornalística são vistas como uma oportunidade para desenvolver um jornalismo investigativo mais aprofundado, gerando desdobramentos que os jornalistas classificaram como “impacto”, embora esse efeito seja, em geral, difícil de medir. No entanto, ainda há muito a ser analisado sobre quem está por trás dessas fundações, a relação com o “impacto” exigido e como ele se alinha com as missões dessas organizações.

De maneira geral, por meio da revisão da literatura, coleta de dados e discussão dos resultados, a pesquisa oferece novos insights sobre esse modelo de financiamento filantrópico para a mídia na América Latina e como os jornalistas veem essas instituições como uma “opção” para o jornalismo negligenciado pelas várias crises (algumas delas causadas pelo próprio jornalismo). No primeiro capítulo, o papel do jornalismo na sociedade será explorado por meio de diferentes autores, além das múltiplas crises que o jornalismo enfrenta.

1. JORNALISMO: GUARDIÃO OU AMEAÇA À DEMOCRACIA?

O papel do jornalismo é amplo e tem sido objeto de estudo de vários teóricos, estudiosos e acadêmicos que têm procurado entender sua verdadeira função nas sociedades. Neste primeiro capítulo, examinaremos algumas das teorias que situam o jornalismo como um elemento fundamental nas sociedades.

Há um vínculo normativo entre o jornalismo e a democracia através da teoria democrática que reforça a relevância do jornalismo nas sociedades antigas e contemporâneas, argumentando que, sem o trabalho dos jornalistas, os cidadãos não poderiam exercer dois de seus direitos democráticos, como a liberdade de expressão e o direito à informação (Schudson, 2008; Díaz; Guzmán, 2001; Traquina, 2005; O'Boyle, 1968; Marciel Pariente, 2008).

De acordo com Traquina (2005), a história do jornalismo na democracia remonta ao século XIX na Europa Ocidental, caracterizada pela expansão da imprensa como a primeira mídia de massa, sua comercialização por meio da notícia e o surgimento de dois pólos distintos na prática jornalística: o econômico (comercial, ligado às empresas) e o intelectual (os jornalistas). Nessa época, os pilares fundamentais da prática jornalística: objetividade, serviço público e busca da verdade, também começaram a ser estabelecidos.

A relação entre o jornalismo e a democracia também foi destacada por O'Boyle (1968) em seu estudo comparativo da França, Alemanha e Inglaterra no século XIX, onde o jornalismo (com uma identidade frouxa), antes de ser considerado um baluarte da democracia, era usado como instrumento (e ainda é) por todas as classes sociais em busca de seus próprios interesses. Essa teria sido uma perspectiva idealizada do jornalismo dentro do sistema democrático, embora imperfeita, como Schudson (2008) e Christofolletti (2019) apontaram.

A falta de crescimento econômico, devido à falta de pensamento empreendedor e ao pouco desenvolvimento industrial, tornou a imprensa dependente dos poderes políticos da França e da Alemanha. Isso se somava aos altos impostos sobre a imprensa, que aumentavam os custos de produção e reduziam as vendas. Já na Inglaterra, onde o empreendedorismo se desenvolveu mais rapidamente, a imprensa adquiriu uma “independência”, entre aspas, pois ainda estava sujeita às elites. Nesse cenário, as classes mais baixas raramente tinham espaço

para se expressar nos jornais mais conservadores, demonstrando assim uma forte ligação entre a imprensa e os interesses políticos, independentemente do contexto econômico de cada país (O'Boyle, 1968).

Mas como esse vínculo se relaciona com a democracia, onde os jornalistas passaram a ser vistos como atores cruciais na promoção dos direitos dos cidadãos e na garantia de que suas vozes fossem ouvidas? O jornalismo não é uma prática estática; ele evoluiu em resposta às diversas mudanças políticas, sociais e econômicas ao longo da história. Traquina (2005) destaca que, no final do século XIX, mesmo diante das disparidades entre os países, o jornalismo conseguiu alcançar objetivos semelhantes, especialmente na França e na Alemanha. A partir da década de 1880, surgiram novas indústrias, e a publicidade tornou-se uma importante fonte de receita para os jornais. Isso resultou em uma “liberação” da manipulação política, transformando as notícias em um produto mais relevante do que as opiniões político-ideológicas predominantes na época (*Idem*).

As novas formas de financiamento da imprensa, as receitas da publicidade e os crescentes rendimentos das vendas dos jornais, permitiriam a despolitização da imprensa, passo fundamental na instalação do novo paradigma do jornalismo, isto é, um jornalismo que privilegia os fatos e não a opinião.

[...]

Os pequenos anúncios ganharam importância. Produtos de “marca” promovidos a nível nacional como sabonetes, fermentos e outros, começaram a aparecer nas colunas dos jornais. A sua circulação dos jornais. O número de pessoas empregadas na indústria na produção das notícias aumentou também (Traquina, 2005, pp. 36-37).

A expansão da imprensa, graças à sua comercialização, foi alimentada pela conquista de direitos considerados fundamentais na época. Em um contexto em que o absolutismo era um sistema político profundamente enraizado, a luta pelas liberdades começou a ressoar com a questão da soberania do povo. Foi nessa época que a liberdade de imprensa e a não censura se tornaram um discurso emblemático do liberalismo, espalhando-se das bases para a esfera política. Vários políticos começaram a defender essa linha, argumentando a necessidade de fomentar um governo constitucional e “verdadeiramente” democrático (O'Boyle, 1968; Traquina, 2005).

Por exemplo, na França, os jornalistas enfrentaram várias restrições e censura. Eles eram excluídos das sessões parlamentares e não tinham acesso para ouvir os políticos ou transmitir seus discursos ao público. Uma das primeiras liberdades exigidas foi o acesso dos jornalistas ao Parlamento, permitindo que ouvissem os discursos políticos e os transmitissem à população. Essa abertura tornaria mais fácil para os cidadãos se informarem sobre os debates políticos e para os jornalistas representarem as vozes do povo para os políticos (O'Boyle, 1968).

Foi a partir dessa mudança que a profissão jornalismo começou a ser visto sob uma luz renovada, idealizado como um pilar fundamental da democracia. Passou a desempenhar um papel crucial como ponte entre a opinião pública e as instituições governamentais, assumindo uma dupla função na teoria democrática: como porta-voz da opinião pública e como vigilante do poder político (Traquina, 2005; O'Boyle, 1968). Essa concepção foi fortalecida pela promoção da liberdade de imprensa e da liberdade de expressão, especialmente nas sociedades que se consideravam liberais (Schudson, 2008).

Os liberais acreditavam que a censura era injusta porque aqueles que a exerciam nem sempre tinham valores compartilhados pela sociedade. Em vez de restringir a liberdade de imprensa, eles achavam que era melhor dar mais liberdade à mídia para corrigir informações incorretas por meio de discussões públicas. Eles acreditavam que a transparência total e a liberdade de expressão eram a melhor maneira de evitar a disseminação de mentiras e imoralidade (O'Boyle, 1968, p. 318, tradução nossa).¹

Vale ressaltar que, mesmo com o suporte de liberais e políticos, foram os próprios jornalistas que se apropriaram da teoria democrática junto com a opinião pública para dar legitimidade ao seu trabalho (Traquina, 2005). Já que essa teoria foi concebida na Grécia Antiga, os jornalistas se apropriaram dela para ressaltar a importância crucial da liberdade de expressão nas sociedades liberais e a óbvia (e evidente) importância do jornalismo em seu cumprimento (Schudson, 2008).

¹ Liberals believed that censorship was unfair because those who exercised it did not always have values shared by society. Instead of restricting press freedom, they thought it was better to give the media more freedom to correct incorrect information through public discussion. They believed that total transparency and freedom of expression were the best way to prevent the spread of lies and immorality. O'Boyle, L. (1968). *The Image of the Journalist in France, Germany, and England, 1815-1848*. Comparative Studies in Society and History, Vol. X, N.3.

De fato, com a legitimação da teoria democrática entre os séculos XIX e XX, os jornalistas puderam exercer sua dupla função concebida em favor de uma sociedade mais democrática, dando expressão às diferentes vozes da sociedade que não eram ouvidas pelo Parlamento, e protegendo os cidadãos contra os abusos do governo. Com essa missão, os políticos chegaram ao ponto de afirmar que a imprensa era outro tipo de governo autônomo eleito pelo povo “O Quarto Poder”. O radical Johann Wirth chegou ao ponto de pensar que os jornalistas deveriam ser eleitos pelo voto (Traquina, 2005; O’Boyle, 1968).

Paradoxalmente, os jornalistas também eram desprezados como escritores de segunda categoria que não representavam ninguém. Por esse motivo, havia também uma forte rejeição à imprensa (Traquina, 2005; O’Boyle, 1968; Schudson, 2008). Como os jornais eram dirigidos por diferentes classes sociais, acreditava-se que os jornalistas não refletiam a opinião pública, mas que ela era fabricada e construída em torno de seus interesses: “Aos olhos deles, os jornalistas eram principalmente figuras políticas subversivas, um bando de homens sem princípios que causavam agitação social por motivos básicos de ganho financeiro e promoção pessoal” (O’Boyle, 1968, p. 315).

Para alguns, a ideia do jornalismo em relação à teoria democrática pode parecer uma visão idealizada e romantizada da profissão, que é o que se espera do jornalismo nas sociedades. O caso “Watergate”, revelado pelo jornalismo norteamericano em 1960, destacou ainda mais a imprensa como o “Quarto Poder” e a ideia de sua base na teoria democrática. Esse caso continua sendo importante e ainda é considerado um exemplo de jornalismo em todo o mundo, inclusive em muitas cátedras universitárias.

“Watergate” é visto como um bastião da democracia que derrubou um presidente das mais altas elites, uma demonstração de uma imprensa que informava e protegia os cidadãos. No entanto, de acordo com Correia (2011), o jornalismo engloba uma pluralidade de teorias que definem seu papel na sociedade, ou seja, não apenas a teoria normativa, como a teoria democrática. Schudson (2008), por exemplo, tem uma visão menos idealista, argumentando que o jornalismo nem sempre busca a democracia, mas pode fazer coisas importantes por ela, como enumera em seu livro:

(1) Primeiro, informação: a mídia pode fornecer informações imparciais e abrangentes para que os cidadãos possam tomar suas próprias decisões. (2) Segundo, investigação: a mídia pode investigar o poder para fornecer informações relevantes sobre

mudanças sociais. (3) Terceiro, análise: a mídia pode fornecer estruturas interpretativas que ajudam os cidadãos a entender o mundo complexo. (4) Quarto, empatia social: os jornalistas podem falar às pessoas sobre as outras, especialmente as desfavorecidas, gerando empatia e valorizando outros pontos de vista. (5) Quinto, fórum público: o jornalismo pode servir como um espaço público para troca e debate público entre os cidadãos, onde eles podem expressar suas opiniões e ideias, ouvir e entender. (6) Sexto, mobilização: os meios podem atuar como defensores de agendas e perspectivas políticas específicas e mobilizar as pessoas para que ajam em apoio a essas agendas (Schudson, 2008).

Contudo, essas funções também podem entrar em conflito e, muitas vezes, nem todas as funções servem à democracia ao mesmo tempo em um veículo jornalístico. Em vista disso, o autor chega a uma conclusão importante: “a democracia não produz necessariamente o jornalismo, nem o jornalismo produz necessariamente a democracia” (Schudson, 2008, p. 12).

Além disso, seria ingênuo supor que os jornalistas (e também as organizações de notícias) podem agir livremente, pois estão sujeitos a várias influências e condicionantes (Bastos, 2015; Anderson; Bell; Shirky, 2013; Ramonet, 2015b), a maioria das quais é explicada pelas teorias do jornalismo, como influências políticas e organizacionais, a necessidade de lucro, a busca do imediatismo..., o que pode limitar o cumprimento das funções essenciais do jornalismo atribuídas a ele pela teoria democrática. Mesmo na democracia, onde em tese existe liberdade de expressão, as sociedades não oferecem proteção aos serviços jornalísticos que devem ser financiados em grande parte de forma privada, onde os proprietários (e financistas) têm seus próprios interesses e agendas (Joseph, 2013).

Por isso, Marcondes Filho (1986) afirmou que “raramente um conglomerado jornalístico fala por si só. Ele é, ao mesmo tempo, a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas o foro de objetividade” (Marcondes Filho, 1986, p. 11). É por isso que o trabalho jornalístico vive sob o duplo imperativo do fator econômico e do cumprimento de sua função pública (Correia, 2011). Essa disputa foi mencionada por Traquina (2005) entre o “polo econômico” (empresarial-comercial) e o “polo ideológico” (jornalista-intelectual). Os próprios jornalistas lutam contra as empresas para as quais trabalham a fim de defender sua posição profissional (Breed, 1993), em linha com a teoria democrática.

Em outras palavras, os princípios e as normas que orientam a prática jornalística, em consonância com os preceitos da teoria democrática, não parecem estar sendo totalmente cumpridos. Como aponta Schudson (2008): “a realidade é mais complicada e menos feliz”. Teóricos como Chomsky e Herman (1990), Marcondes Filho (1986) e Brittos e Gastaldo (2006) discutem como o jornalismo nem sempre contribui de fato para a democracia, mas mantém um status quo que beneficia principalmente as elites.

Na verdade, há uma visão menos idealizada e mais realista do papel do jornalismo como agente de controle social na sociedade. Essa visão implica que o jornalismo contribui para manter uma sociedade que favorece o consumo capitalista e as desigualdades sociais que beneficiam os interesses do poder, mantendo assim um status quo: os ricos continuam ricos e os pobres continuam pobres. Esse processo é alcançado por meio da transmissão de mensagens cuidadosamente construídas e significativas, tanto no discurso publicitário quanto no jornalístico (Brittos; Gastaldo, 2006), mensagens essas provenientes de uma manipulação capitalista (Chomsky; Herman, 1990).

Os meios de comunicação distribuem uma cultura (não raro já presente no mundo da vida, mas que é industrializada, o que pressupõe incorporada aos moldes capitalistas) que tende a reforçar os limites da sociedade de consumo, o que implica em condutas que atendem aos interesses do poder, já que marcadas por um controle social (Brittos; Gastaldo, 2006, p. 121).

Isso porque, em se tratando do discurso jornalístico, o jornalismo tem sido erroneamente pensado como uma mera narração da realidade; é verdade que ele tem uma ancoragem factual, uma “verdade palpável” que ninguém pode negar (Ribeiro, 2000, p. 35). No entanto, embora nem sempre envolva atos de má-fé, porque ela é inerente, quando os jornalistas transformam fatos sociais em fatos jornalísticos, isso envolve uma série de “seleções, descartes, inversões, relações ou desconexões” (Brittos; Gastaldo, 2006, p. 127), o que significa que os relatos e comentários sobre os acontecimentos são construídos e impregnados de subjetividade (Charaudeau, 2007).

Na visão de Charaudeau (2007), os meios de comunicação, involuntariamente, mostram apenas a ponta do iceberg da sociedade. Isso leva as pessoas a perceberem as notícias como um espelho fiel da realidade, do que está acontecendo e do que é importante.

Por sua vez, Díaz e Guzmán (2001) mencionam a missão dos meios de comunicação como “educadores e formadores de massa”, descrevendo um “jogo de espelhos entre o público e os meios de comunicação” no qual os meios de comunicação refletem a cultura das pessoas, mas também a moldam e podem distorcê-la. De acordo com elas, isso pode ser mais perigoso do que o trabalho de um médico se a práxis não for correta (Díaz; Guzmán, 2001, p. 45).

A realidade é que os jornalistas desempenham um papel mais importante na sociedade do conhecimento e da informação. A mídia não produz conhecimento científico, mas produz crenças e convicções firmes sobre a realidade que se tornam um ponto de referência para uma grande parte da população (Díaz; Guzmán, 2001, p. 44, tradução nossa).²

Uma visão mais crítica desse controle social dos meios de comunicação é apresentada pelos autores Chomsky e Herman (1990), em sua teoria do modelo de propaganda aplicado aos meios de comunicação dos EUA. Eles revelaram que os meios operam uma campanha de propaganda em nome de dois interesses especiais: no aparato estatal (meios públicos), onde as mensagens controladas são frequentemente mais óbvias para o público; e na atividade privada (meios privados), onde as mensagens podem ser menos perceptíveis porque frequentemente criticam o governo e afirmam ser “porta-vozes da liberdade de expressão e defensores dos cidadãos” (Chomsky; Herman, 1990, p. 21). A missão concedida pela teoria democrática.

Marcondes Filho (1986), embora não desenvolva explicitamente esse modelo de propaganda, concorda em seu trabalho com a ideia de que as notícias são disseminadas nos meios de comunicação quando envolvem personagens que vão contra as correntes políticas de seus financiadores. Segundo ele, “O extraordinário, na imprensa ‘séria’, só se torna notícia quando pode ser usado como ‘arma na luta ideológica” (Marcondes Filho, 1986, p. 13).

De fato, Chomsky e Herman (1990) examinaram o caso “Watergate”, como dito antes, considerado um marco no jornalismo que busca a verdade a todo custo. No entanto, eles descobriram que, durante a cobertura desse evento, que levou à destituição do presidente Richard Nixon, houve outros incidentes semelhantes envolvendo partidos trabalhistas e

² DÍAZ, Marcela A. Vazquez; GUZMÁN, Mariela Beltramo. Por un periodismo más social y democrático. Signos Universitarios: *Revista de la Universidad del Salvador*, v. 21, n. 38, p. 37-48, 2001 (Tradução do autor).

grupos marginalizados, mas eles não receberam a mesma atenção e destaque nos meios de comunicação que o caso “Watergate”. O estudo constatou que “Watergate” foi especialmente proeminente porque os documentos roubados vieram de uma comunidade empresarial poderosa e rica. “Por esse motivo, Nixon conseguiu fazer tanto progresso, alimentado por uma falsa sensação de segurança, pois o cão de guarda só latia quando o presidente começava a ameaçar os privilegiados” (Chomsky; Herman, 1990, p. 344).

Sem dúvida, a abordagem desses autores seria mais realista e, em certo sentido, oposicionista: os meios de comunicação como armas ideológicas usadas pelas diferentes elites da sociedade, que buscam manipular as informações a seu favor antes de torná-las públicas. Muitos jornalistas que trabalham nos meios de comunicação não percebem essa manipulação e estão convencidos de que estão trabalhando objetivamente (mesmo que depois percebam e tendam a aceitá-la) (Breed, 1993). Nesse caso, os meios também são vistos como intermediários com o poder de moldar opiniões, civilizações, pensamentos, culturas e costumes de acordo com as demandas das elites.

Não obstante, há autores que têm uma visão menos extrema do papel dos meios de comunicação e pedem uma reconsideração desse tipo de pensamento único sobre o jornalismo. Schudson (2008), Charaudeau (2007), Anderson, Bell e Shirky (2013); e Díaz e Guzmán (2001), cientes do poder dos meios de comunicação, acreditam que os meios de comunicação desempenham um papel importante no funcionamento das democracias. “Que pensem como quiserem, as mídias relatam fatos e acontecimentos que se produzem no mundo, fazem circular explicações sobre o que se deve pensar desses acontecimentos, e propiciam o debate” (Charaudeau, 2007, p. 252).

Anderson, Bell e Shirky (2013), em seu estudo sobre o jornalismo pós-industrial, argumentam que, mesmo com as mudanças atuais, o jornalismo continua sendo essencialmente importante para a sociedade. Eles dizem:

O jornalismo expõe a corrupção, chama a atenção para a injustiça, cobra políticos e empresas por promessas e **obrigações** assumidas. Informa cidadãos e consumidores, ajuda a organizar a opinião pública, explica temas complexos e esclarece divergências fundamentais. O jornalismo exerce um papel insubstituível tanto em regimes democráticos como em economias de Mercado (Anderson; Bell; Shirky, 2013, p. 33)

Isso dá origem a duas concepções diferentes do que é considerado “O Quarto Poder”: a primeira, baseada na teoria democrática, enfatiza o papel do jornalismo como protetor e ouvinte dos cidadãos; a segunda, de acordo com a contra-análise, destaca o poder de controle social exercido pelo jornalismo na sociedade, que vem das elites.

Apesar disso, os princípios da teoria democrática permanecem implícitos no pensamento dos jornalistas, dotando o jornalismo de autonomia que lhe confere liberdade em relação ao poder econômico (Correia, 2011). Entretanto, não se pode dizer que outras teorias sejam incompatíveis com a prática jornalística. Díaz e Guzmán (2001) ressaltam a importância de se ter consciência das consequências do jornalismo para que os profissionais atuem de forma responsável em seu trabalho.

Para concluir, pode-se recorrer às reflexões de Christofolletti (2019) sobre jornalismo e democracia, imperfeitas, limitadas, mas difíceis de substituir:

Jornalismo e democracia são imperfeitos e limitados, mas ainda não inventamos sistemas alternativos que os substituam a contento. Se nos livrarmos deles, o que colocaremos em seus lugares? Vamos prescindir de mediadores para o debate público? Delegamos a quem tais funções? Se não podemos mais confiar no jornalismo ou na democracia, que molduras daremos às instituições que evitariam o esgarçamento do tecido social? ” (Christofolletti, 2019, p. 95).

Apesar de ser frequentemente criticado pelas pressões que o cercam (que serão discutidas mais adiante), o jornalismo mantém sua importância. Ele investiga, analisa e interpreta fatos, oferecendo ao público uma maneira de se situar no mundo e agir de acordo (Christofolletti, 2019). Além disso, o jornalismo serve como uma fonte valiosa de memória coletiva de eventos culturais, históricos e sociais em todo o mundo (Ribeiro, 2000). Por fim, Anderson, Bell e Shirley (2013) argumentam que a mera existência do jornalismo já é importante. “Embora o espantalho ‘não faça nada’, sua mera existência - o fato de que o corvo sabe que ele está lá, de guarda - muitas vezes é suficiente para conter o mau comportamento dos corvos e afins” (Anderson; Bell; Shirley, 2013, p. 59).

É por isso que, em princípio, a concepção idealizada do jornalismo foi mencionada. Entretanto, aqueles que exercem a profissão sabem que a realidade é muito mais complexa. Embora o jornalismo seja fundamental para a democracia, na prática, ele enfrenta vários

obstáculos que afetam a democracia (Ramonet, 2015b). Para entender essa dissonância, é essencial levar em conta as várias crises que cercam a profissão, que serão discutidas na próxima seção.

1.1 A COMPLEXA CRISE DO JORNALISMO

Embora seja comum atribuir a crise do jornalismo a dificuldades financeiras, a verdade é que, como sinala Christofolletti (2019), ela é muito mais profunda: A crise do jornalismo é complexa, não se trata apenas de dinheiro, pode ser política, existencial, ética, crítica, de governança e gestão... tem vários fatores endógenos e exógenos, pode ser multifacetada e, infelizmente, também é de difícil solução (Christofolletti, 2019). Ramonet (2015b) aponta dois problemas principais: as transformações da era digital, que tornaram os meios menos relevantes e confiáveis, e o fato de estarem a serviço dos interesses dos grupos que os controlam.

Essas crises, amplamente sentidas por acadêmicos e profissionais, afetam a produção de conteúdo de qualidade, tanto voluntária quanto involuntariamente. Embora as pressões financeiras sejam as mais frequentemente relatadas pelos jornalistas (Pew Center, 2004), há outras pressões que são menos óbvias para eles e para o público. Elas vêm de grandes grupos poderosos que, em vez de fortalecer a democracia, a enfraquecem, onde o jornalismo também desempenha um papel ativo nesse enfraquecimento (Ramonet, 2015b; Anderson; Bell; Shirky, 2013; Deuze, 2007; Coelho, 2015; Díaz; Guzmán, 2001).

De acordo com Anderson, Bell e Shirky (2013), o problema não é que ninguém pensou que o jornalismo deixaria de cobrir os fatos com a profundidade, pluralidade e qualidade de antes, mas sim que agora existe uma incapacidade de fazê-lo. Os veículos jornalísticos estão deliberadamente incapacitados por todos os problemas que foram mencionados previamente por Christofolletti (2019) e Ramonet (2015b). Infelizmente, o jornalismo não apenas sofre as consequências dessa incapacidade, mas também contribui para ela. O próprio jornalismo é, em grande parte, responsável pela forma como é percebido pela cidadania.

Neste capítulo, serão abordadas algumas crises que limitam o jornalismo em cumprir sua função em relação à democracia, que é informar e servir como contrapoder. Em

primeira instância, ampliará a análise financeira, que se exacerbou com o advento das novas tecnologias, provocando mudanças no jornalismo além da receita publicitária.

O impacto da tecnologia é um tema complexo que não afeta apenas os meios de comunicação. Ramonet (2015b) analisa alguns benefícios, como a democratização da informação e a fragilização de vários grupos poderosos dos meios de comunicação tradicionais, que manipulavam a informação a seu favor. Com a internet, surgiu uma pluralidade de vozes que antes não eram ouvidas, assim como o surgimento de novos movimentos sociais e ativistas. No entanto, de acordo com De Camargo e Tavares (2021), isso também provocou uma grave crise no sistema democrático, pois muitas dessas plataformas não podem ser reguladas nem controladas. Isso resulta na difusão de desinformação, na criação de bolhas ideológicas (polarização), fake news e no fortalecimento do populismo. Por sua vez, os veículos jornalísticos têm sido afetados por essas redes sociais, e o bom conteúdo jornalístico está sendo secundarizado por informações irrelevantes que não contribuem para as ações políticas, sociais e democráticas da cidadania.

1.1.1 O tradicional superado pelas tecnologias

A maioria dos acadêmicos de jornalismo concorda que a crise do jornalismo se intensificou com a ascensão da internet (Christofolletti, 2019; Anderson; Bell; Shirky, 2013; Foster, Bunting, 2019; Natanson, 2014; Coelho, 2015; Ramonet, 2015a). Embora essa crise tenha ocorrido em diferentes momentos, há um consenso de que a queda nas receitas publicitárias e a perda de audiência, causada pelas novas tecnologias, são aspectos centrais ao se discutir a crise nos meios de comunicação tradicionais. Além disso, esse impacto não afetou apenas os meios tradicionais, mas também muitos veículos digitais surgidos na América Latina, que ainda enfrentam dificuldades para encontrar modelos de negócios sustentáveis (Schiffrin; Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022; Project Oasis, 2024).

.Christofolletti (2019) usa a extinção dos dinossauros como metáfora para analisar a crise do jornalismo referente à era digital. Ele argumenta que o jornalismo, assim como os dinossauros, permaneceu por muito tempo no limiar, relevante, mas lento e desajeitado, em contraste com a rápida revolução digital que tem dominado o jornalismo desde o início do século XXI. Anderson, Bell e Shirky (2013) examinam esse fenômeno como uma mudança

do jornalismo industrial para o jornalismo pós-industrial, onde, infelizmente, o problema foi a incompatibilidade entre a estrutura hierárquica e centralizada das organizações jornalísticas e os valores descentralizados e emergentes da revolução digital.

A internet comercial teve sua chegada em 1990. No entanto, essa mudança não foi percebida pelo jornalismo tradicional devido ao aumento da receita publicitária naquela época e à ‘bolha do pontocom’, que deu à internet a impressão de ter sido sobrevalorizada. Foi somente no início de 2006 que os meios de comunicação norte-americanos começaram a ver o declínio em suas receitas publicitárias, quando a transformação do mercado publicitário já estava operativa (Anderson; Bell; Shirky, 2013). Christofolletti (2019) associa essa crise ao surgimento do YouTube, em 2006. Após a aquisição do YouTube pelo Google nos Estados Unidos, durante uma década, houve quedas significativas na circulação de jornais, o desaparecimento de várias revistas, um declínio na audiência da televisão, demissões de profissionais, redução do tamanho das redações e o fechamento de editoras e veículos jornalísticos. Esses eventos foram particularmente marcantes para o jornalismo norteamericano (Christofolletti, 2019).

O *Pew Research Center*, um laboratório de pesquisa nos Estados Unidos, lançou em 14 de março de 2006 um relatório sobre o estado da mídia noticiosa no qual já se percebia uma grande avalanche de pressões: “Será que nos lembraremos deste ano como o ano em que o jornalismo impresso começou a morrer?” (Pew Center, 2006). Nesse ano, o fundo das receitas de jornais, que cresciam 7% ao ano, começou a diminuir, registrando apenas um crescimento de 0,35% no primeiro trimestre de 2006. Logo em seguida, começaram os cortes de pessoal, com o *New York Times* demitindo 60 pessoas de sua redação, o *Los Angeles Times* 85, e o *San Jose Mercury News*, da *Knight Ridder*, cortando 16% de seus empregados. A editora *Knight Ridder* teve que ser vendida devido ao fraco desempenho financeiro (Pew Center, 2006).

A televisão a cabo também foi afetada, com as principais redes, como *Fox News*, *CNN* e *MSNBC*, sofrendo quedas de audiência. No entanto, essa tendência de queda já era evidente antes, especialmente em 2004, um ano eleitoral em que se esperava que a maioria dos adultos estivesse mais conectado, mas houve uma queda de 34% (Pew Center, 2006b). Isso indica que os sinais do declínio econômico já estavam presentes há algum tempo. Em outro relatório investigativo, os jornalistas estadunidenses começaram a perceber pressões

financeiras que estavam afetando as coberturas de notícias. A investigação foi realizada entre 10 de março e 20 de abril de 2004, entrevistando 547 repórteres, editores e executivos nacionais e locais. Os profissionais relataram recursos escassos, despedimentos, aumento da carga de trabalho devido às mudanças de consumo e baixa qualidade das notícias (Pew Center, 2004).

Aproximadamente metade dos jornalistas da mídia nacional (51%) e quase o mesmo número da mídia local (46%) acreditam que o jornalismo está indo na direção errada, pois uma maioria significativa de jornalistas acredita que o aumento da pressão sobre os resultados financeiros está “prejudicando seriamente” a qualidade da cobertura de notícias. Essa é a opinião de 66% dos jornalistas nacionais e 57% dos jornalistas locais questionados nessa pesquisa (Pew Center, 2004, tradução nossa).³

Embora o impacto econômico tenha sido sentido inicialmente nos Estados Unidos, os países da Europa não escaparam desse prejuízo. De acordo com a pesquisa sobre plataformas digitais realizada pelos consultores Robin Foster e Mark Bunting para a ACCC (Australian Competition and Consumer Commission), entre 2007 e 2017 no Reino Unido, a circulação diária dos jornais nacionais caiu 45%, enquanto a dos jornais regionais caiu 50%. Isso se traduziu em cortes significativos de empregos, de 23.000 para 17.000 demissões ao longo da década. Além disso, observou-se que a Internet havia se tornado a principal fonte de notícias no país, ultrapassando a televisão (Foster; Bunting, 2019).

Na França, a receita total da mídia impressa, incluindo revistas, caiu 40%, de pouco mais de 10 bilhões de euros em 2006 para 7,1 bilhões de euros em 2016. O número de leitores da mídia impressa caiu mais da metade desde 2013 (46% para 20% semanalmente). Essas perdas se materializaram em demissões, como a do jornal *La Marseillaise*, que declarou falência, e muitas publicações demitiram seus funcionários. Na Alemanha, embora o mercado de jornais tenha se mantido melhor, a circulação também diminuiu, seguindo a

³ Roughly half of journalists at national media outlets (51%), and about as many from local media (46%), believe that journalism is going in the wrong direction, as significant majorities of journalists have come to believe that increased bottom line pressure is “seriously hurting” the quality of news coverage. This is the view of 66% of national news people and 57% of the local journalists questioned in this survey. PEW RESEARCH CENTER. *Bottom-Line Pressures Now Hurting Coverage, Say Journalists*. USA, May 13, 2004.

tendência de outros países, com uma queda de 29% entre 2006 e 2016. Os consultores descobriram que o declínio foi mais gradual em comparação com outros países europeus e que as vendas de jornais superaram as receitas de publicidade (Foster; Bunting, 2019).

No contexto latino-americano, a disseminação das novas tecnologias também afetou o mercado do jornalismo tradicional. Além disso, a região enfrentou sua própria crise regional, caracterizada por fortes tensões entre diversos governos e os meios de comunicação, especialmente os privados, o que foi prejudicial ao jornalismo em geral. Isso foi evidente em países como Equador, Argentina, Bolívia e Venezuela, durante os anos de 2006 a 2014. Essa crise ideológica foi marcada por desprezo, desvalorização, novas regulamentações e impostos adicionais, o que acabou prejudicando gravemente os veículos de jornalismo tradicionais (Natanson, 2014; Rincón, 2010; Ramonet, 2015b).

No caso da Internet, não há um registro detalhado de quando os veículos jornalísticos tradicionais começaram a enfrentar a queda provocada pela revolução digital. Segundo Christofolletti (2019), os efeitos da crise dos impressos no Brasil começaram a ser sentidos nos anos 2000. No entanto, essa crise foi moderada pelos jornais populares, também conhecidos como '*Os quality papers*'. Esses jornais, mais sensacionalistas, se caracterizavam por cores vibrantes, imagens de mulheres seminuas e preços mais acessíveis, sendo produzidos pelas grandes empresas jornalísticas como uma forma de lidar com a crise. Eles se tornaram produtos de alta demanda entre o público mais popular, chegando até mesmo a sustentar a produção de seus derivados. Eles tinham essa estrutura:

[...] No miolo, encontramos notícias curtas e rápidas sobre os problemas concretos da vida nas cidades, muito esporte – sobretudo futebol –, (in) segurança pública, o mundo dos famosos de televisão e alguma coisa de econômica, principalmente fatos que impactam diretamente os leitores das classes mais populares. Na maioria das vezes, impresso em formato tablóide e com edições que raramente superam as 44 páginas, são projetados para rápido consumo: podem ser lidos nos bancos dos ônibus ou metrô enquanto os leitores se deslocam para o trabalho, por exemplo (Christofolletti, 2019, pp. 25, 26).

De acordo com Christofolletti (2019), esses jornais populares eram vistos como um 'remédio paliativo' para aliviar a crise que, sem dúvida, era iminente. Embora tenham ajudado a conter a crise dos meios de comunicação impressos até certo ponto, eles não eram

a cura. Com o tempo, não só o jornalismo, mas também as editoras, como o caso notável da ABRIL, a maior editora de revistas do país, começaram a sofrer declínio. A ABRIL era uma empresa de sucesso, com centenas de jornalistas e um prédio de 25 andares, que controlava toda uma cadeia produtiva de impressão, embalagem e distribuição de jornais e revistas no Brasil. A partir de 2013, começou a sentir a recessão, com queda nas vendas, má gestão e endividamento. Profissionais e executivos foram demitidos. Em 2018, a empresa entrou com pedido de recuperação judicial, acumulando dívidas de 1,6 bilhão de reais, além de enfrentar reclamações trabalhistas de 93 milhões de reais (Christofoletti, 2019).

Natanson (2014) também documenta a crise que atingiu duramente os veículos jornalísticos impressos na América Latina. Na Argentina, por exemplo, jornais emblemáticos como *El Clarín*, que em 2004 vendiam uma média de 411.000 exemplares, reduziram suas vendas para 290.243 em 2014, representando uma queda de 29%. A crise não afetou apenas os jornais, mas também a televisão aberta, que enfrentou a crescente concorrência do cabo e, principalmente, da Internet. A média de audiência dos principais canais de transmissão em Buenos Aires, por exemplo, caiu para 30,8 pontos de classificação, o nível mais baixo em oito anos, refletindo o boom no consumo de conteúdo digital, como séries e filmes on-line (Natanson, 2014).

Outros países da América Latina também registraram uma queda nas vendas devido ao surgimento de novas tecnologias, que levaram as pessoas a consumir informações on-line, bem como às baixas receitas de publicidade. A pesquisa de Calderón (2016) sobre jornais no Equador, resultado de um levantamento de quatro anos (de 2013 a 2016), observou uma tendência de queda no consumo de jornais tradicionais (exceto para jornais públicos e municipais). Os principais veículos de comunicação, como *El Comercio* e *El Universo*, enfrentaram grandes perdas. *El Comercio* registrou uma queda de 13% nas vendas de circulação de segunda a sexta-feira, enquanto *El Universo* sofreu uma queda de 27% no mesmo período. Esses jornais com circulação historicamente mais alta dificilmente conseguiram manter seus níveis anteriores de leitores.

Esses poderosos meios de comunicação, que antes praticamente dominavam a opinião pública em seus países, viram seu poder econômico e político diminuir rapidamente com o surgimento de um novo conglomerado monopolista: as grandes empresas de tecnologia, que serão discutidas mais adiante. Alguns autores destacam aspectos positivos,

como a democratização da informação, já que essas vozes tradicionais perderam o monopólio da palavra em um mundo cada vez mais globalizado. Cañizález (2022) compara de forma interessante essa ‘queda’ com a Torre de Babel da Bíblia, ressaltando que os meios de comunicação tradicionais não têm mais o controle exclusivo da informação nem do mercado.

Nesse contexto de declínio dos meios tradicionais, surgiu uma infinidade de meios alternativos, oferecendo uma nova perspectiva sobre a informação jornalística, com uma abordagem centrada no conteúdo (Alves; Bittar, 2017). No caso do Equador, embora dois dos meios de comunicação tradicionais (*Diario Hoy* e *El Comercio*) já tivessem versões digitais desde 1995 e 1999, respectivamente (Rogel, 2011), em 2007 houve uma expansão significativa dos meios digitais no país, com apoio internacional de fundações (Levoyer, 2020). Em outros países da América Latina, os meios de comunicação tradicionais também começaram a criar seu próprio conteúdo digital (Trujillo; Montero, 2019), e novos meios de comunicação chamados nativos digitais surgiram na região entre 2010 e 2014 (Meléndez Yúdico, 2016).

Tudo isso sugere a chegada de um novo ecossistema jornalístico: o jornalismo pós-industrial. Não só houve mudanças em termos financeiros, mas também uma crescente diversificação na escolha de fontes de informação pela audiência, que agora pode acessar uma ampla gama de canais, transformando a produção e a distribuição de notícias e trazendo consigo novos papéis e responsabilidades para os jornalistas (Anderson; Bell; Shirky, 2013; Rodrigues, 2013; Deuze, 2007).

Autores como Coelho (2015) afirmam que as transformações no jornalismo devido à Internet eram tão imprevisíveis que o mundo acadêmico não conseguiu discutir sobre esses eventos previamente. No entanto, Anderson, Bell e Shirky (2013) argumentam que essa visão é equivocada, pois desde os anos 1980 já havia “projeções plausíveis do problema que a Internet causaria à indústria jornalística” (Anderson; Bell; Shirky, 2013, p.35). Nesse sentido, a perda de receita publicitária e de vendas foi apenas um indicador tardio de que o ecossistema jornalístico estava, ou já havia, mudado (Anderson; Bell; Shirky, 2013).

No entanto, Coelho (2015) menciona três “erros de cálculo” que o jornalismo tradicional cometeu com o advento da internet, o que levou a um declínio na produção de notícias como um todo. O primeiro foi a imprensa, que não conseguiu deduzir um modelo de negócios lucrativo e, por muito tempo, manteve as redações on-line vendendo jornais. O

estudo de Rogel (2011) no Equador, no qual ele analisou as edições impressas e digitais dos jornais *Crónica de la Tarde* e *La Hora*, constatou que esses meios de comunicação não usavam todos os recursos digitais oferecidos pela Internet. Além disso, na ausência de redações dedicadas à Web, eles apenas transferiam o conteúdo da versão impressa para a digital. Isso mostrou que esses meios tradicionais não estavam adaptados às novas tecnologias.

Um segundo erro foi cortar custos eliminando o jornalismo. A urgência de cortar custos levou a reduções salariais e demissões deliberadas de repórteres veteranos, o que também teve um impacto direto na qualidade das reportagens (Coelho, 2015). De acordo com Christofolletti (2019), no Brasil, as emissoras de televisão repatriaram correspondentes internacionais, os jornais cortaram suplementos, demitiram funcionários bem remunerados e sobrecarregaram outros. Como resultado, as organizações de notícias sacrificaram a pluralidade, a especialização e a qualidade de suas notícias.

O terceiro erro foi quando o jornalismo se arriscou a cobrar pelo acesso ao chamado conteúdo premium (reportagens, investigações, entrevistas em profundidade etc.), mantendo os destaques, as notícias e as atualizações gratuitas (Coelho, 2015). Esse é um modelo de negócios que surgiu com a revolução digital, que funcionou para alguns e não para outros, portanto, as opiniões sobre esse tipo de financiamento são variadas. Alguns meios tradicionais em sua versão digital o utilizam, mas é óbvio que a notícia deve ser original e ter valor adicional, e certos fatores como mercado, consumo e cultura devem ser analisados (Christofolletti, 2019). Em 2022, a Unesco mostrou que, devido aos muros de pagamento, há uma enorme lacuna de informações no jornalismo, levando a uma crise de “paridade” entre ricos e pobres, o que, segundo a organização, também afeta a democracia (Schiffrin; Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022).

Parece que as decisões tomadas pelos veículos jornalísticos tradicionais não foram as corretas e, em vez de resolver a crise, elas pioraram. A criação de conteúdo popular por meio dos ‘*quality papers*’ durou apenas algumas temporadas, e a solução rápida de cortar pessoal e reduzir os salários resultou em um declínio ruim na qualidade do jornalismo. Srnicek e Giacometti (2018) argumentam que, quando ocorre uma crise, o capitalismo tende a se reestruturar. “Novas tecnologias, novas formas organizacionais, novos modos de exploração, novos tipos de trabalho e novos mercados surgem para criar uma nova maneira

de acumular capital” (Srnicek; Giacometti, 2018, p. 39). Afinal, o fator financeiro é uma força importante na atividade jornalística: “o jornalismo é feito em empresas que, na sua esmagadora maioria, tem como objetivo acabar o ano com lucros” (Traquina, 2005, p. 207).

E essa reestruturação das empresas jornalísticas mudou profundamente o trabalho dos jornalistas, que se concentram predominantemente no lucro, em detrimento da qualidade e profundidade da informação. As novas tecnologias desempenham um papel ativo nesse cenário, transformando a maneira como as notícias são produzidas e consumidas. Essa mudança não apenas trouxe um foco na imediata, nas visualizações e no impacto superficial, mas também resultou em um trabalho precarizado, com menor qualidade e maior carga de trabalho para os profissionais. Assim, os conteúdos não conseguem informar adequadamente os cidadãos.

1.1.2 Trabalho precarizado e qualidade comprometida

O advento da Internet deu origem a um novo ecossistema no jornalismo, denominado por Anderson, Bell e Shirky (2013) como jornalismo pós-industrial. Esta transformação reestruturou completamente as instituições jornalísticas, que tiveram que adotar novos métodos e processos de trabalho para se adaptar às novas tecnologias e garantir sua sobrevivência. Embora essa mudança ofereça oportunidades promissoras para jovens jornalistas, também trouxe uma série de desafios que impactaram a prática profissional (Christofoletti, 2019).

Pesquisas empíricas realizadas no início deste século mostram que a chegada das novas tecnologias alterou significativamente as rotinas diárias dos jornalistas, com consequências como o aumento da precariedade do trabalho e a redução da qualidade do conteúdo. Além disso, houve impactos na identidade e na liberdade de expressão dos profissionais (Deuze, 2007; García Avilés et al., 2004; Bromley, 1997; Bastos, 2015).

De acordo com Deuze (2007), diversos estudos têm indicado que a introdução de novas tecnologias (gestão de conteúdos, acesso à Internet, competências múltiplas) conduz a uma produção sob crescente pressão, resultando em maiores níveis de estresse e esgotamento. Essa situação se traduz em mais trabalho sem agregar valor significativo. O autor também discute a unificação e dualidade dos meios (digital e tradicional), que romperam as

especializações e incentivaram a versatilidade entre os profissionais, impactando sua identidade.

Bromley (1997) analisa as mudanças nas práticas de trabalho durante a década de 1990, usando o termo “multi-skilling” para descrever a fusão de funções entre jornalistas e técnicos; e entre jornalismo impresso, radiofônico e televisivo. O progresso tecnológico levou a uma combinação de papéis, em que os repórteres, por exemplo, começaram a desempenhar também as funções de fotógrafos, sendo o fotojornalismo uma prática específica que surgiu no final do século XIX. Embora Bromley reconheça que os problemas do jornalismo são mais antigos, a polivalência é vista como um fator crucial nas mudanças das condições de trabalho, especialmente no aumento da precariedade (Bromley, 1997).

García Avilés et al. (2004) cunharam o termo “macacos-ratos” para descrever os jornalistas que, presos a seus computadores, precisam fazer mudanças rápidas para acompanhar a demanda por notícias instantâneas no mundo digital. Em seu estudo de seis emissoras de televisão no Reino Unido e na Espanha, observaram que a principal preocupação era manter os valores jornalísticos essenciais, mas a “multidisciplinaridade” estava sendo usada para economizar dinheiro, o que afetava negativamente a qualidade das notícias.

O conceito de “sistema wiki” refere-se à necessidade constante de atualizar informações ao longo do dia, o que elimina horários fixos e resulta em jornadas mais longas, salários mais baixos e menos recursos para investigação (Natanson, 2014; Bastos, 2015). Bastos (2015) aborda a incompatibilidade entre o ciberjornalismo e o jornalismo de qualidade, afirmando que o ciberjornalismo, caracterizado por pequenas redações digitais e pela necessidade de multitarefa, dificulta a produção de um trabalho aprofundado e contextualizado, muitas vezes dependendo da transposição de conteúdos produzidos por terceiros, como agências de notícias e empresas.

Figueras Maz et al. (2012) em seu artigo ‘A precariedade te faz dócil’, constataram que a precariedade laboral e a insegurança no emprego são os principais problemas da profissão, levando a uma maior docilidade dos jornalistas e impactando a qualidade e a liberdade de expressão. Os jornalistas da Andaluzia afirmaram que a profissão se tornou “uma selva onde muitos mercenários trabalham de graça ou por muito pouco dinheiro” (Figueras Maz et al., 2012, p. 72).

Além dos desafios impostos pelo ambiente digital, os jornalistas enfrentam problemas internos nas organizações em que trabalham. Rincón (2010) observa um “divórcio” entre os meios latino-americanos e os jornalistas; os primeiros, ao defenderem o negócio, tornaram-se atores políticos, onde os jornalistas e a qualidade da informação não importam. A teoria organizacional de Warren Breed (1993) explica como os proprietários de jornais exercem controle sobre a política informativa, o que pode levar os jornalistas a aceitar essas diretrizes sutilmente.

De acordo com Breed (1993), os publishers, principais proprietários dos jornais, exercem controle sobre a política noticiosa do meio; enquanto alguns jornalistas liberais resistem a essas pressões, outros optam por permanecer no sistema por causa das recompensas profissionais, para evitar sanções ou mesmo por causa de sua paixão pela profissão. Isso corrobora as ideias de Traquina (2005) e Marcondes Filho (1986), que destacam como o produto jornalístico é o resultado de vários processos sociais entre proprietários, jornalistas e fontes que buscam usar as notícias para seus próprios fins.

Deuze (2007) analisa a situação ainda mais crítica quando se trata de concentração de meios de comunicação (holdings jornalísticas). O caso da *News Corporation* de Rupert Murdoch, que possui uma cadeia de meios de comunicação mundial com 175 jornais, canais de televisão e outras franquias não jornalísticas, é um exemplo claro. Durante a guerra do Iraque em 2003, não apenas Murdoch se manifestou a favor da guerra, mas todos os seus editores dos meios de comunicação também. Um jornalista que trabalhava para a Fox News reclamou que era forçado a promover um ponto de vista conservador de ‘direita’ ou corria o risco de perder o emprego.

Cabe observar que as limitações do trabalho jornalístico decorrem não apenas da convergência tecnológica, mas também de condições políticas e imperativos econômicos que afetam diretamente a atuação dos jornalistas. A transformação das habilidades exigidas pela profissão contribuiu para a perda da identidade jornalística, com profissionais constantemente presos a computadores e pressionados a produzir notícias rapidamente (o imediatismo). As organizações de notícias, focadas em lucros pela crise (ou não), frequentemente sacrificam a qualidade do conteúdo, dificultando o cumprimento das funções esperadas do jornalismo em uma sociedade e na democracia.

1.1.3 Marginalização do público que deixou de ser espectador

Outro problema para o jornalismo na era das novas tecnologias é o que Donsbach (2014) chama de “marginalização silenciosa”. Isso se refere ao fato de que as opiniões das pessoas são cada vez menos formadas pelo jornalismo profissional, pois agora há muitas outras fontes de informação. De acordo com Deuze (2007), a Internet está tornando obsoletas os meios tradicionais. Enquanto alguns autores veem isso como uma “democratização das notícias”, outros alertam que, embora mais informações estejam disponíveis na Internet, nem todas são relevantes ou confiáveis (Donsbach, 2014).

Estudos sobre o consumo de informações concluíram que cada vez menos pessoas (principalmente os jovens) se interessam por questões relevantes da sociedade, preferindo se concentrar em tópicos que lhes interessam ou ao seu círculo (Bastos, 2015). Uma pesquisa da Reuters constatou que a porcentagem da população que declara estar muito ou extremamente interessada em notícias diminuiu consideravelmente ao longo do tempo, uma tendência que se acelerou apesar da pandemia e em países latino-americanos como Argentina e Brasil (Reuters, 2022) (mas pode haver outros fatores).

Além disso, há o fato de que o público não é mais um mero espectador, mas também um criador. Como Anderson, Bell e Shirky (2013) descrevem no jornalismo pós-industrial, em que a audiência, antes passiva, agora possui “um grau inédito de poder de comunicação” (p. 39), tornando-se criadora, editora e disseminadora de informações.

Deuze (2007) trata esse impacto das novas tecnologias como “desintermediação”. Onde os jornalistas são eliminados como intermediários entre as instituições e o público, que agora assumem papéis ativos como assembladores, editores e criadores de suas próprias notícias. Cristofolletti (2019) reforça a necessidade de perceber o público como comunidade, e não como mero espectador ou audiência.

Rodrigues (2013) engloba essas crises em duas grandes categorias: a primeira é a da produção e distribuição de notícias, que inclui quatro aspectos principais: 1) a imensa variedade de formas de comunicação e informação, 2) a democratização generalizada dos meios de divulgação de notícias, 3) o uso das redes sociais como instrumento de mobilização, e 4) o fato de que produzir informação não é mais privilégio dos profissionais da informação. A segunda crise está relacionada à revolução das fontes, na qual 1) a tensão entre jornalistas

e provedores de informações se intensificou, e 2) as fontes agora podem publicar o material bruto de um evento sem a necessidade de um meio de comunicação.

Essas crises, descritas por Rodrigues, resultam em uma série de desafios adicionais para o jornalismo na era digital, como apontado por Coelho (2015): a luta contra o excesso de informações não filtradas no mundo digital, onde a mistura de diferentes tipos de comunicação tem levado à confusão e à desconfiança do público. Além disso, as redações digitais, por serem menores e geralmente com menos recursos e pessoais, enfrentam o risco de que jornalistas menos experientes sejam enganados ao tratar mensagens políticas como notícias, comprometendo a qualidade do conteúdo jornalístico e, por extensão, a própria sociedade.

Coelho (2015) também destaca a falta de verificação, já que muitos jornalistas coletam informações das redes sociais sem checar os fatos. Ele também aponta a urgência de promover a “literacia midiática” para que os cidadãos possam distinguir entre informações confiáveis e enganosas. Para combater a desinformação, meios de comunicação e agências, como o *Ecuador Chequea* (Vélez Bermello, 2020), realizam verificações de fatos. É interessante notar que, durante a pandemia de Covid-19, a OMS introduziu o termo “infomídia” para descrever a sobrecarga de informações que aumentou a desinformação.⁴

Nesse contexto, também surgem outros problemas, como a confusão de opiniões, a desorganização de ideias e a presença de insultos. Além disso, há o parasitismo, em que os veículos de comunicação obtêm receita publicitária usando informações de terceiros sem oferecer compensação às fontes originais (Coelho, 2015; McCombs, 2008). Práticas que também contribuíram para a marginalização do público, que deixou de ser um mero espectador.

Entretanto, de acordo com Deuze (2007), o impacto das novas tecnologias no setor de notícias é misto. Enquanto alguns encontram benefícios, as empresas de jornalismo enfrentam grandes desafios impostos pelos gigantes tecnológicos, que forçam todos os meios de comunicação a distribuir seu conteúdo em plataformas onde seu público está localizado.

⁴ O relatório completo pode ser acessado em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054>

1.1.4 As Big Techs, um novo monopólio

Ao abordar o jornalismo na era da Internet, é essencial mencionar as principais plataformas ou “gigantes da tecnologia”, como Facebook (Meta), Google, Instagram, X (antigo Twitter) e TikTok. Essas plataformas se tornaram os principais canais de distribuição de notícias e conteúdo para os meios de comunicação, além de serem importantes para a venda de publicidade digital. No entanto, as empresas jornalísticas que entram no ciberespaço têm muitas desvantagens: seu conteúdo pode não ser lido devido aos algoritmos das plataformas e, apesar de seus esforços, muitas vezes elas acham difícil obter financiamento adequado pela Internet (Anderson; Bell; Shirky, 2013; Costa, 2014; Christofolletti, 2019; Srnicek; Giacometti, 2018; Schifffrin; Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022; González-Moreno, Elías, 2024).

De acordo com Christofolletti (2019), a Internet permite que pequenas empresas jornalísticas iniciem suas atividades sem grandes financiamentos, o que seria uma vantagem. No entanto, poucas delas conseguem obter lucro no mundo digital devido à presença de grandes intermediários, como o Facebook e o Google, que ficam com a maior parte dos lucros das publicações através de seus links patrocinados, buscas personalizadas e anúncios baratos. Isso faz com que os jornalistas estejam mais preocupados com os algoritmos do Facebook do que com a qualidade das informações que devem publicar (González-Moreno e Elías, 2024).

Nesse contexto, a crise do jornalismo contemporâneo é ainda mais grave para as organizações jornalísticas de pequeno e médio porte que surgiram no ambiente digital desde o início. Elas continuam a buscar financiamento fora do mercado comercial, principalmente através de apoio do público, e tentam gerar lucro por meio das redes sociais, como por exemplo, utilizando links patrocinados. No entanto, muitos jornalistas e pesquisadores afirmam que as grandes empresas de tecnologia estão prejudicando o jornalismo em vez de auxiliá-lo (Christofolletti, 2019; Srnicek; Giacometti, 2018; Schifffrin; Anya; Posetti; Edgerton. Bell, 2022).

Cada vez mais, a receita de publicidade está sendo direcionada diretamente para o Google e o Facebook, o que tem impactado significativamente os meios de comunicação que antes dependiam dessas receitas. Embora haja um declínio geral na publicidade, 67% dos

165 veículos de meios independentes em países de renda média ainda consideram a publicidade uma fonte importante de receita, e 38% dependem fortemente de anúncios, o que evidencia sua vulnerabilidade diante dessa situação (Reuters, 2022).

Costa (2014) analisa como o Facebook tem transformado o ecossistema dos meios de comunicação através do seu controle como canal de distribuição e venda, e pelo poder de mudanças proporcionado por seu algoritmo. O autor identifica duas principais categorias de controle que afetam os veículos jornalísticos: a disseminação de informação e a questão comercial.

No que diz respeito à disseminação de informação, é crucial entender o algoritmo de distribuição dos posts, conhecido como EdgeRank, ou simplesmente Algoritmo do News Feed. Este algoritmo é o principal mecanismo de controle do Facebook, decidindo qual conteúdo será exibido e para quem (Costa, 2014). Esse tema está entrelaçado com questões políticas e subjetivas da plataforma. González-Moreno e Elías (2024) afirmam que o algoritmo condiciona a vida como um todo, modifica a rotina dos veículos de comunicação e chega a influenciar resultados eleitorais e formas de governo.

Como o Algoritmo do News Feed afeta os veículos jornalísticos? González-Moreno e Elías (2024) discutem a “manipulação através da invisibilização”. O Facebook obriga os meios de comunicação a seguir suas regras específicas através dos algoritmos; caso contrário, eles se tornam invisíveis no News Feed, independentemente do número de seguidores. Embora o funcionamento exato do algoritmo seja desconhecido, estudos têm demonstrado que ele evolui constantemente (uso de hashtags, reações como “me divierte”, filtros, controle de informação, vídeos ao vivo, entre outros) para dominar aqueles que utilizam a plataforma (Aldea-Martinez, 2017).

De acordo com Costa (2014), devido a essa limitação de visibilidade imposta pelas regras do Facebook, nenhum jornal tem garantias dentro da plataforma, já que suas decisões editoriais não são respeitadas, pois é o Facebook quem finalmente distribui o conteúdo aos seus seguidores de acordo com as preferências. Em outras palavras, a liberdade de decisão dentro da plataforma não está assegurada.

Não são todas as notícias publicadas na fan page que todos os seguidores veem. Eles as veem em função dos pesos e medidas que o Facebook dá para cada uma e para cada integrante da rede. Se os seus cruzamentos de

informação decidem que alguém gosta da celebridade Madonna, por exemplo, ele vai privilegiar no envio para a página desse alguém as notícias da Madonna em detrimento daquelas que o jornal decidiu que eram notícia (Costa, 2014, p. 69, tradução nossa).

Ao mesmo tempo, o algoritmo do Facebook também é capaz de censurar informações que não estejam em conformidade com sua política editorial, independentemente da confiabilidade e responsabilidade do veículo jornalístico. Esse conteúdo pode ser suprimido se o Facebook assim o decidir (Costa, 2014). Outros afirmam que o algoritmo não é totalmente competente para distinguir entre fotos artísticas e pornográficas (Morozov, 2016). Isso faz com que os jornais se preocupem cada vez mais com as visualizações e possíveis censuras.

No estudo de González-Moreno e Elías (2024), que analisou as mudanças no algoritmo durante 10 anos e sua influência na operação de 20 meios de comunicação espanhóis, ficou demonstrado que os meios estão sob o controle do Facebook: “Se o Facebook decidir aumentar a importância dos vídeos, a mídia produzirá mais vídeos e, se promover a interação ou as hashtags, a mídia também o fará” (González-Moreno; Elías, 2024, p. 118).

Agora, o problema comercial é ainda mais complexo. Imagine todo o investimento financeiro que um jornal precisa fazer para consolidar uma base sólida de leitores, tanto no impresso quanto no digital. Aí chega o Facebook com seu modelo de negócios e faz com que o jornal perca toda essa exclusividade. Entre os aspectos que Costa (2014) menciona sobre o problema comercial que o Facebook representa para os jornais, está o fato de que o Facebook utiliza as informações de audiência do jornal para seu próprio benefício, vendendo publicidade diretamente para esses leitores e rompendo a intermediação que antes existia através do meio de comunicação.

Além disso, o Facebook oferece aos anunciantes a possibilidade de promover seus produtos diretamente na plataforma por um custo menor do que se anunciasse através de um meio de comunicação (Costa, 2014). Inicialmente, muitos anunciantes preferem essa opção, pois a relação entre publicidade e jornalismo sempre foi comercial (Anderson; Bell; Shirky, 2013). Sem mencionar as *fan pages*, que são outra forma de negócios do Facebook em que

várias marcas, produtos e serviços geram conteúdo, públicos e clientes subsequentes (Costa, 2014).

Esse cenário é problemático para os jornais, que também dependem de metas de público para vender publicidade. Foi observado que, devido ao algoritmo do Facebook, um jornal com milhões de seguidores pode receber apenas cerca de 30 interações (González-Moreno; Elías, 2024). Com o tempo, o engajamento com o conteúdo orgânico diminuiu significativamente, pois o modelo de negócios do Facebook incentiva o pagamento para aumentar a visibilidade, impactando até mesmo as *fan pages* dos jornais (Idem). Embora alguns vejam uma relação positiva entre Facebook e jornalismo, como no caso do site Catraca Livre, que cresceu com apoio da plataforma, é crucial considerar que as redes sociais geralmente favorecem conteúdos populares em detrimento do jornalismo de qualidade, que pode ser prejudicado (Aldea-Martinez, 2017).

Com o Google, o problema é semelhante. O Google usa o conteúdo de jornais em suas pesquisas on-line e vende publicidade sem repassar nenhum benefício financeiro aos produtores de conteúdo. Mesmo com a exibição de anúncios por meio do “*AdSense for Content*” nas páginas dos jornais, o lucro obtido é muito pequeno. Além disso, o *Google News* agrega notícias sem pagar comissões (Costa, 2014). Essa prática é considerada uma violação da propriedade intelectual dos jornalistas, assim como ocorre na indústria cinematográfica com o conteúdo pirata. Além disso, pouco se sabe sobre o funcionamento dos algoritmos de seleção de notícias do Google e outras plataformas (Vicente, 2015; Costa, 2014).

Embora o Google possa trazer benefícios ao direcionar tráfego para os sites dos jornais e permitir a exibição de anúncios via *AdSense*, o problema persiste: os jornalistas que produzem o conteúdo recebem pouco ou nenhum retorno financeiro, o que não contribui para a fidelização de novos leitores e demais clientes. Estudos mostram que grandes jornais ainda contam com leitores fiéis que acessam seus sites diretamente, enquanto sites menores dependem muito mais do Google para atrair visitantes, sem que isso se traduza em maior monetização (De Mattos, 2017).

É um problema que fica cada vez mais grave com o passar do tempo, já que as marcas dos jornais vão perdendo relevância e a do Google se valoriza,

ao ser o provedor gratuito das informações para o mundo virtual. Existem pesquisas que mostram leitores, a partir do Google, consumindo notícias de um determinado assunto, clicando em vários sites e voltando à página da busca inicial, sem serem capazes de se lembrar em qual site leram a notícia. Ou seja, quem “dá” a notícia para o leitor é o Google e não O Globo ou a Folha de S.Paulo, sites nos quais o leitor teria clicado neste exemplo (De Mattos, 2017).

Srnicek e Giacometti (2018) chamam isso de “capitalismo de plataformas”. De acordo com os autores, com o avanço da tecnologia no século XXI, os dados se tornaram um recurso fundamental para o capitalismo. Empresas como o Google e Facebook começaram a utilizar dados para gerar lucro, principalmente tirando receitas de publicidade dos meios de comunicação tradicionais, como jornais e televisão. Os dados são a matéria-prima de muitas empresas e são utilizados em várias áreas do capitalismo: para melhorar algoritmos que tomam decisões, coordenar trabalhos globalmente, otimizar a produção de bens, transformar produtos em serviços valiosos e gerar ainda mais dados através de sua análise.

Apesar de Ramonet (2015a) afirmar que, graças às tecnologias, os grandes grupos de mídia estão perdendo poder (especialmente os meios tradicionais privados e antigos), e que a Internet conseguiu promover uma democratização, permitindo que todas as vozes sejam ouvidas, Morozov (2016) apresenta uma visão diferente. Para ele, surgiu um novo tipo de capitalismo: o capitalismo digital, liderado pelas *big techs*, ou seja, grandes empresas tecnológicas que não têm apenas poder econômico, mas também social e político sobre a vida de todos.

Por quê? Morozov (2016) faz refletir que, mesmo nas questões mais triviais, as tecnologias estão presentes. As cinco maiores empresas dos Estados Unidos (e outras na China) governam o mundo. A opção de gratuidade apresentada por essas empresas é, na verdade, uma utopia, pois o modelo de negócio dessas grandes corporações é o extrativismo de dados. Ou seja, através dos dados de seus milhões de usuários que se acumulam diariamente, elas conseguem viabilizar modelos de negócios baseados em publicidade e outras formas de inteligência artificial. Além disso, com esses dados, conseguem manter os usuários mais distraídos, o que Morozov chama de uma “emancipação predatória”.

O negócio de coleta massiva de dados pelas empresas tecnológicas também tem efeitos políticos e econômicos significativos. As tecnologias estão se tornando tão essenciais

que até mesmo governos e grandes projetos, como reformas em saúde e educação, não podem ser realizados sem considerar as tecnologias. Economicamente, o mundo está caminhando para um “feudalismo moderno”, onde um pequeno grupo de investidores acumulou uma grande riqueza ao investir nas grandes tecnologias, impulsionando uma economia digital que inclui Internet, software e plataformas digitais (Morozov, 2016). Além disso, esses grupos tecnológicos têm a capacidade de adquirir jornais, como o fundador da Amazon fez com o Washington Post, pois não só buscam controlar o espaço onde as notícias são publicadas, mas também influenciar o conteúdo das publicações (Mosco, 2016).

Por isso que o monopólio das grandes empresas de tecnologia também tem implicações políticas. González-Moreno e Elías (2024) concluem que a modificação dos algoritmos não afeta apenas a seleção de notícias, mas também impacta a política. Ela pode eliminar perfis e páginas relevantes para representantes e organizações políticas, além de controlar o que é mostrado, influenciando a opinião pública, políticos e governos. Muito se comenta sobre como o Twitter tende a aumentar a polarização política, reforçando hierarquias da mídia e concentrando o conteúdo de usuários influentes, como políticos e figuras públicas (Aruguete, 2019).

Fala-se também da presença massiva de bots e trolls, que manipulam a opinião pública espalhando informações, mesmo em páginas verificadas (Aruguete, 2019). De acordo com Morozov (2016), as notícias falsas também são um negócio para os gigantes da tecnologia, que ganham dinheiro com cada clique que as pessoas dão nessas notícias geralmente populares e chamativas. Apesar disso, o Twitter é visto como uma espécie de ágora, onde há participação ativa do público, embora pouco se saiba sobre o funcionamento do algoritmo dessa rede social, é claro que ele exerce grande influência na vida política e social das pessoas (Cansino, 2017).

Mas isso não passou despercebido. A UNESCO, por exemplo, exigiu que as plataformas sociais prestem contas do problema que estão causando ao jornalismo. A organização reconhece que a maioria dos usuários que essas plataformas atraem se deve ao trabalho jornalístico. Por esse motivo, também solicitou ao Facebook e ao Google que revisem possíveis “estratégias” que estejam colocando em risco a publicação de informações de qualidade em detrimento de outras que prejudicam a democracia. Um exemplo são os *Instant Articles do Facebook*, que geram pouca receita para os jornais, levando muitos a

abandoná-los e agora são usados principalmente por organizações que praticam cyberbullying e plágio (Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022).

Em resumo, o bom jornalismo enfrenta uma batalha diária com as novas tecnologias. Embora sejam essenciais para a distribuição de conteúdo, essas plataformas causam perdas significativas ao setor. Além disso, a supremacia dos gigantes da tecnologia está ligada a fatores econômicos e políticos, e é reforçada por subsídios de grandes empresas e governos poderosos que podem manipular as informações através de algoritmos e utilizar os meios como mercenários (Costa, 2014; Srnicek; Giacometti, 2018; Morozov, 2016; Mosco, 2016; Christofolletti, 2019).

Assim, para manter seu domínio, esses gigantes da tecnologia apoiam iniciativas em empresas de mídia, museus e instituições de pesquisa, expandindo ainda mais seu poder (Morozov, 2016). Projetos de financiamento e oficinas focadas em diversas temáticas, como monetização em redes sociais, checagem de fatos, verificação, aumento de receita digital, entre outros, são oferecidos por Google e Meta para adaptar o jornalismo às plataformas, moldando-o de acordo com suas próprias regras e operações (Camargo et al., 2023). Embora alguns autores acreditem que essas empresas devem ajudar de alguma forma (Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022), o resultado é que os veículos de comunicação se tornam cada vez mais dependentes dessas plataformas, presos em um sistema do qual não conseguem escapar. Por isso, há quem afirme que a crise não é apenas tecnológica, mas também está ligada à instrumentalização dos veículos jornalísticos.

1.1.5 A instrumentalização dos grandes poderes

Nuria Almirón (2010) argumenta que a crise do jornalismo não é nova, mas surge a partir do momento em que ele é usado como instrumento por grupos dominantes, sejam eles religiosos, políticos ou econômicos. De acordo com Almirón (2010), o jornalismo está em uma fase de transição para o que ela chama de “mídia pós-corporativa”, na qual a ênfase financeira liderada pelas empresas está substituindo outros valores. Embora reconheça a necessidade de sustentabilidade financeira no jornalismo, a autora critica a prevalência desse aspecto em detrimento de critérios sociais como ética, função pública, democracia, pluralismo, interesse social e qualidade jornalística, que acabam por comprometer o papel

essencial que os meios de comunicação devem ter em uma sociedade democrática (Almirón, 2010 *apud* Christofolletti, 2019).

Na teoria da ação política, a mídia é vista como um instrumento que serve objetivamente a determinados interesses políticos. Para uma perspectiva mais ligada à “direita”, eles servem como instrumentos que desafiam o capitalismo, onde os jornalistas são considerados uma nova classe anticapitalista e os valores coletivos dos jornalistas são vistos como substancialmente diferentes dos da população. Aqui os jornalistas têm poder e constituem uma nova classe. Entretanto, para setores ligados à “esquerda”, a mídia é um instrumento que ajuda a manter o sistema capitalista. Aqui o papel do jornalista é de pouca relevância, eles são reduzidos à função de executores a serviço do capitalismo, dentro de uma tradição marxista ortodoxa em que o fator econômico é importante (Traquina, 2005).

Relembrando as idéias da teoria de Chomsky e Herman (1990), todo jornalismo pode ser considerado uma forma de propaganda que beneficia o sistema capitalista. A mídia desempenha um papel na disseminação da propaganda em favor das elites empresariais privadas e governamentais. Quando a mídia é de propriedade privada e não há censura oficial, há uma forte influência de certos grupos poderosos, que se apresentam como oposição e afirmam lutar em nome do povo. Nesses contextos, a mídia não apenas informa, mas também transmite valores, crenças e promove os interesses, as opiniões e as ideologias dos grupos dominantes (Marcondes Filho, 1986; Díaz; Guzmán, 2001).

Chomsky e Herman (1990) citam aqui uma série de filtros pelos quais as informações passam antes de serem publicadas e que reforçam ainda mais a propaganda elitista. 1) a propriedade da mídia está em poucas mãos (concentração de meios); 2) a publicidade como principal fonte de receita; 3) a dependência dos meios de comunicação em relação à propaganda do governo, de empresas privadas, financiada e aprovada pelos principais fornecedores; 4) “contramedidas” e vários corretivos como método de disciplinar os veículos jornalísticos (por exemplo, suprimir a publicidade e deixá-la sem fundos para pagar os funcionários); e 5) o “anticomunismo” como religião nacional e mecanismo de controle.

Marcondes Filho (1986) destaca essa função manipuladora do jornalismo como instituição de apoio ao capitalismo. Ele argumenta que tanto a imprensa quanto o capitalismo dependem um do outro, mas a imprensa tenta equilibrar o poder dando voz aos menos

favorecidos, mesmo em protestos, o que, segundo o autor, torna o trabalho jornalístico realmente complexo:

Por um lado, a voz abafada, sufocada, explosiva da esfera pública popular, que não encontra veículos institucionalizados seus para mostrar a ‘outra face da realidade’ com a mesma ênfase de um grande jornal liberal diário ou de uma estação de TV monopolista de audiência; por outro, a voz tecnológica, sofisticada e fala da esfera pública do poder, encobrindo, silenciando, negando a outra (Marcondes Filho, 1986, p. 12).

Assim, Marcondes Filho (1986) argumenta que é utópico acreditar que o jornalismo possa ser completamente objetivo, livre e representativo de todas as sociedades, mesmo nas socialistas, onde ele afirma que o tipo de manipulação muda. Nas experiências jornalísticas da América Latina compiladas por Rincón (2010), pode-se observar como os governos considerados da nova esquerda travaram batalhas diárias contra os meios de comunicação, utilizando estratégias como *bypass* (comunicação direta com o povo sem intervenção da imprensa), leis regulatórias, prorrogação de licenças, publicidade direcionada apenas aos aliados e compra e manipulação dos meios públicos. Alguns dos países mencionados são Equador, Bolívia e Venezuela. No entanto, isso não significa que os veículos de informação sejam apenas vítimas desse sistema de censura; em certos contextos, eles também podem atuar como agentes políticos.

Os veículos de comunicação continuam sendo cruciais para o sistema político, mesmo em crise e sem representar uma grande riqueza econômica para seus proprietários e investidores. De acordo com Ramonet (2015b), isso se deve ao poder de influência que os veículos jornalísticos ainda exercem sobre a opinião pública. A maior parte do debate na esfera pública é moldada por esses meios, que ainda mantêm certa credibilidade. Além disso, quase todos os políticos latino-americanos são ultramediáticos; devem parte de seu ascenso ao poder aos veículos jornalísticos e sabem que esses meios podem impactar tanto sua imagem quanto suas decisões políticas perante o público (Rincón, 2010). Por isso, quando chegam ao poder, procuram controlá-los, e a imprensa, em vez de ser um contrapoder, muitas vezes se torna um poder complementar para oprimir ou manter a sociedade no seu estado atual (Ramonet, 2015b).

[...] a imprensa escrita está passando para as mãos de indivíduos que poderíamos chamar de oligarcas. Eles são donos de uma grande fortuna e, como os preços dos jornais impressos afundaram em razão da crise, podem comprar e dispor de publicações. Mas eles não fazem isso para ganhar dinheiro, pois, atualmente, ninguém ganha dinheiro (ou ganha muito pouco) com a imprensa escrita; esta é, antes, uma atividade onde se perde dinheiro. Então, para que as comprem? Para ganhar influência, para ter um projeto ideológico, um projeto político, um projeto dominante (Ramonet, 2015b, p. 59).

Por esse motivo, McChesney (2000) afirma que a democracia em todo o mundo não está funcionando adequadamente e culpa parcialmente os meios de comunicação controlados pelos grupos de poder. Em vez de serem uma base para a democracia e a liberdade, os veículos jornalísticos são uma força antidemocrática, pois não informam adequadamente sobre questões políticas importantes e frequentemente manipulam informações para atender aos interesses de seus financiadores (ou omitir informações). Como resultado, os cidadãos não podem ser devidamente informados e têm dificuldade em tomar decisões políticas importantes em seu país e participar da democracia.

Esse domínio muitas vezes leva o jornalismo a publicar histórias superficiais ou irrelevantes, evitando questões que poderiam afetar seus principais beneficiários: anunciantes, investidores, políticos e empresas (McChesney, 2000). Isso faz com que as organizações jornalísticas se desviem de sua missão de informar e acabam promovendo marcas ou produtos (assim como ideologias) em vez de se preocuparem com a responsabilidade social. Como resultado, os repórteres e editores ficam vulneráveis à pressão e à autocensura, e as notícias tendem a favorecer a “ortodoxia econômica, e as informações negativas sobre empresas e mercados tendem a ser omitidas” (Christofolletti, 2019, p. 74).

Com a ajuda de jornalistas e pesquisadores, Rincón (2010) analisou a relação entre os governos latino-americanos e a imprensa. Na maioria das vezes, pode-se observar como os governos controlam os meios de comunicação e restringem as organizações jornalísticas privadas. O cidadão é visto como o mais afetado nessa ‘batalha de controle’, onde a qualidade da informação é muito baixa e se sobrepõe aos interesses dos grupos dominantes. Por fim, há a mídia alternativa, considerada também como “mídia comunitária”, que não está livre desse sistema e é afetada por situações econômicas e restrições, especialmente quando se trata de

questionar as ações de um governo. Muitas delas se assumem como atores políticos com ideologias diferentes.

No caso do Equador, como registrado por Gustavo Abad (2010) em seu artigo “Club de la pelea” (Clube da Briga), havia dois tipos de meios de comunicação: os públicos, diretamente ligados ao antigo governo de Rafael Correa, e os privados, em sua maioria dirigidos por grupos poderosos, como bancos, que faziam oposição ao governo. A mídia privada e o governo mantiveram uma forte tensão durante a década de Correa no poder, refletida em entrevistas televisivas entre funcionários do governo e jornalistas que, em vez de informar, se envolviam em uma batalha verbal para defender seus interesses. O presidente frequentemente desacreditava a imprensa como um todo, com discursos em que usava termos como “imprensa corrupta” e “imprensa medíocre”, expressões repetidas quase diariamente, e os militantes seguiam essas críticas à risca. Enquanto isso, os meios privados também atacavam o “governo ditatorial”. Durante esse período, a imprensa foi amplamente desacreditada por funcionários do governo, militantes e parte do público, e entrou em colapso após a criação da Lei de Comunicação, que impôs muitas restrições ao trabalho jornalístico. Essa batalha resultou no declínio da credibilidade, autoridade e confiança da imprensa equatoriana.

No caso da Venezuela, como retratado por Elsa Piña (2010), há uma disputa sobre quem controla os meios de comunicação e como eles são usados. De um lado, alguns lutam pela liberdade de expressão e pela democracia, enquanto outros promovem determinadas ideologias políticas. Segundo a autora, o então presidente venezuelano Hugo Chávez assumiu o controle dos meios de comunicação do país, expandindo canais de televisão, estações de rádio e jornais para disseminar suas políticas, além de criar novas regras para os veículos privados. Existem “mídias alternativas” apoiadas pelo governo que afirmam ser independentes; no entanto, muitas delas enfrentam restrições e pressões para seguir a linha do governo. Piña também menciona o caso da retirada da RCTV (Radio Caracas Televisión), que foi alvo de críticas e protestos contra a censura.

A retirada da RCTV do ar foi objeto de um amplo debate nacional, dadas as implicações da medida. Enquanto para o governo se tratava apenas da não renovação de uma concessão de radiodifusão quando esta expirou, para especialistas, sindicatos e associações nacionais e internacionais ligadas ao

setor de comunicações e aos direitos humanos, a ação era um ato de censura contra os dissidentes políticos do país, dada a inconsistência dos motivos apresentados. A medida foi anunciada pelo Presidente Chávez em 28 de dezembro de 2006. Na ocasião, o mandatário justificou a decisão alegando que “aqui não será tolerado nenhum meio de comunicação que esteja a serviço do golpe, contra o povo, contra a nação, contra a independência nacional, contra a dignidade da República” (Piña, 2010, p. 153, tradução nossa)⁵.

No caso da Bolívia, assim como no Equador, existia uma relação antagonista entre o governo e os grandes chefes dos meios oposicionistas, o que gerou uma forte polarização midiática e social. O então presidente Evo Morales gozava de uma popularidade superior a 60% e afirmava abertamente, em conferências, que a imprensa precisava ser “disciplinada”. Por isso, adotou medidas para tornar os meios de comunicação irrelevantes, de modo a não depender deles. Morales impulsionou medidas como o bypass de informações, ocultação de dados públicos para veículos não aliados e a distribuição sectária de publicidade oficial. Isso, somado às constantes críticas ao trabalho jornalístico, levou à mobilização de sindicatos e grupos de pressão contra os veículos de informação. Esses ataques se transformaram em agressões físicas a repórteres que cobriam eventos nas ruas, enquanto os donos das empresas privadas, com quem Morales não simpatizava, permaneciam intocados. No fim, esses ataques enfraqueceram a imprensa, eliminando o espírito crítico e implantando uma hegemonia oficialista. Os grandes chefes de imprensa perceberam que, antes de serem atores políticos, os jornais são, antes de tudo, um negócio (Molina, 2010).

Mas, como dito antes, não se pode considerar os veículos jornalísticos apenas como vítimas deste sistema, pois também, em sua maioria, especialmente os grandes grupos de

⁵ La salida del aire de RCTV fue objeto de un amplio debate nacional, dadas las implicaciones de la medida. Mientras para el gobierno sólo se trató de la no renovación de una concesión radioeléctrica llegado el tiempo de su vencimiento; para expertos, gremios y asociaciones nacionales e internacionales vinculadas al sector de las comunicaciones y a los derechos humanos, la acción significó un acto de censura contra la disidencia política del país, dada la inconsistencia de las razones esgrimidas. La medida fue anunciada por el presidente Chávez el 28 de diciembre de 2006. En aquel momento, el funcionario sustentó la decisión alegando que “no se va a tolerar aquí ningún medio de comunicación que esté al servicio del golpismo, contra el pueblo, contra la nación, contra la independencia nacional, contra la dignidad de la República”. PIÑA, Elsa. Intolerancia a la crítica y hegemonía comunicacional menoscaban libertad de expresión. *In*: RINCÓN, Omar. **Por qué nos odian tanto:** Estados y medios de comunicación en América Latina, p. 5-14, 2010. ível emDisponível : <https://agroavances.com/imagenpublica/images/publicaciones/documentos/16.pdf>. Acesso em: 10 de fev. 2024.

mídia, tornam-se cúmplices do poder político para manter seu poder econômico. No caso do México, desde a década de 1960, a relação entre empresários dos meios de comunicação e o Estado foi de conveniência, como relata Rodríguez (2010).

Os empresários de meios como Televisa e TV Azteca colocaram figuras-chave em posições estratégicas dentro do governo para consolidar seu controle, como na regulação das telecomunicações e dos espectros radiofônicos. Em outras palavras, esses meios foram atores muito importantes dentro do poder político, influenciando mudanças nas leis em benefício próprio. O jornalismo tornou-se mais um instrumento do poder empresarial e governamental do país. No entanto, o autor menciona que, com a queda desse sistema de governo em 2000, vários meios desapareceram, pois eram extremamente dependentes do Estado, além de não estarem preparados para as novas tecnologias. Além disso, um novo ator surgiu no cenário: o narcotráfico, limitando o trabalho jornalístico de qualidade, provocando autocensura em temas realmente relevantes e a inobservância do Estado em preservar a vida dos jornalistas, o que era conveniente (Rodríguez, 2010).

As experiências reunidas por Rincón (2010) são relevantes porque mostram como os meios de comunicação estão sendo instrumentalizados pelos governos e grupos privados. Ou seja, os mais ricos acabam instrumentalizando os meios para seus interesses. Isso também envolve uma questão financeira, pois muitos veículos de comunicação se tornam mercenários dos poderosos por falta de recursos e pela necessidade de encontrar formas de se sustentar (Núria, 2010 *apud* Christofolletti, 2019; Bastos, 2015). Além disso, muitos desses meios, especialmente os principais grupos de imprensa, rádio e televisão, são controlados por atores políticos poderosos. Isso gera uma guerra midiática que questiona a legitimidade de outros políticos e compromete o trabalho essencial que o jornalismo deve fazer para o benefício da sociedade (Ramonet, 2011; De Moraes; Ramonet; Serrano, 2015).

Nos países em que a oposição conservadora foi derrotada nas eleições, os meios de comunicação geralmente agem como verdadeiros partidos políticos se o candidato vencedor não for do seu agrado. Isso se reflete na maneira como eles procuram deslegitimar um governo com o uso de reportagens manipuladas ou agressivas. De acordo com Ramonet (2011), nos Estados Unidos, os meios republicanos não aceitaram os resultados da eleição de 2008, vencida por Barack Obama. Rush Limbaugh, um radialista ultraconservador, fazia constantemente comentários racistas contra Obama em seu programa de rádio, onde ganhava

50 milhões de dólares por ano. Proprietários, investidores e acionistas têm suas próprias posições políticas e usam sua influência para moldar a imagem de candidatos que não preferem, especialmente em situações em que a mídia é concentrada, como no caso da News Corp de Rupert Murdoch (Deuze, 2007). O ex-presidente do Equador, Rafael Correa, muitas vezes justificou a perseguição aos meios de comunicação porque, segundo ele, eles agiam como rivais políticos (Ibáñez et al., 2015).

Nesse caso, poderíamos voltar ao que Ramonet (2015b) disse, em que a mídia jornalística é considerada essencial para a democracia, mas ela mesma cria problemas para o próprio sistema democrático. Rincón (2010) chegou a essa conclusão em sua compilação de experiências na América Latina: “A conclusão é que os veículos jornalísticos são um ótimo negócio para empresários e governos, mas não funcionam para os jornalistas, nem para os cidadãos, nem para a democracia” (Rincón, 2010, p. 319).

Essa crise de instrumentalização está ligada a outras crises, como a de credibilidade. À medida que os meios se tornam cada vez menos independentes de interesses políticos e econômicos, eles constantemente colocam em risco sua credibilidade. Também deve ser observado que a questão da instrumentalização não abrange apenas a grande mídia (concentração de mídia), mas também a pequena mídia nativa digital que não consegue se distanciar de agendas privadas, investidores e diretrizes municipais, devido à crise de rentabilidade e viabilidade que enfrentam (Rodrigo-Alsina; Cerqueira, 2019). Além disso, eles são mercenários e priorizam outros tipos de informação, trabalhando em empregos precários e também se tornando parte desse sistema (Traquina, 2005; Correia, 2011).

1.1.6 Credibilidade em declínio

A credibilidade, de acordo com Christofolletti (2019), é o patrimônio intangível de um veículo jornalístico. Para que um jornal, rádio, televisão ou qualquer outro meio digital seja visto, lido ou ouvido, ele precisa ser confiável (Burgueño, 2010). Os meios de comunicação certificam os fatos e o público avalia os meios de comunicação; há um “contrato invisível”, “um pacto de confiança” entre os meios de comunicação e o público (Christofolletti, 2019; Rodrigo-Alsina; Cerqueira, 2019). Mas, para alcançar essa credibilidade, há um longo processo, não há fórmula mágica, de acordo com Burgueño

(2010), é uma construção constante, que infelizmente pode terminar com uma pequena ação, razão pela qual muitos meios de comunicação perderam credibilidade mais rapidamente do que a ganharam.

De acordo com vários autores, a crise de credibilidade do jornalismo tem diversos fatores. Um dos principais é a crescente dependência dos veículos de informação em relação aos poderes políticos e, sobretudo, econômicos. Com a crise financeira afetando o jornalismo, muitos meios de comunicação se venderam aos poderes constituídos em busca de lucratividade (Ramonet, 2015b; Rodrigo-Alsina; Cerqueira, 2019). O público percebeu que os veículos jornalísticos são capazes de manipular informações, espalhar informações equivocadas e omitir o que não lhes convém. Com o advento das redes sociais, essa crise de credibilidade se intensificou, agora as ‘falhas’ jornalísticas ficam mais expostas e são rapidamente disseminadas (Christofolletti, 2019).

Como já mencionado, jornalistas e público têm menor influência na produção de notícias quando os interesses econômicos de proprietários e financiadores prevalecem sobre a independência editorial (Burgueño, 2010). Os meios eletrônicos costumam basear sua força na publicidade, especialmente do setor público, e se censuram para não causar desconforto a autoridades ou empresas ligadas ao poder político, o que afeta sua credibilidade (Valdez Cárdenas, 2016). Os pequenos anunciantes também têm suas próprias exigências (Rodrigo-Alsina; Cerqueira, 2019). Nesse contexto, Ramonet (2015b) questiona se os meios estão realmente defendendo a liberdade de imprensa ou a liberdade das empresas?

Os editores dos meios de comunicação estão atentos aos comentários pessoais, tanto de seus jornalistas quanto dos proprietários (chefes). A credibilidade é uma marca muito importante para os meios de comunicação, e muitos jornalistas tiveram que abrir mão de seus privilégios como cidadãos, como escrever ou comentar sobre qualquer coisa que reflita favoritismo político, racial, religioso ou sexual. Infelizmente, não é tão simples quando se trata dos proprietários e financiadores dos meios, pois são eles que tomam as decisões e não enfrentam correções. No entanto, são os jornalistas que muitas vezes são demitidos quando publicam algo que vai contra as exigências desses proprietários (Burgueño, 2010).

Também existe a endogamia político-midiática, uma relação estreita e muitas vezes nociva entre políticos e jornalistas. Quando essa cumplicidade predomina, os políticos evitam a transparência e preferem manter suas ações fora dos olhos do público, enquanto os

jornalistas, em troca de favores ou dinheiro, optam por silenciar sobre certos assuntos. Essa relação, antes mais comum no jornalismo tradicional, também se espalhou para o jornalismo digital, gerando um sério problema na credibilidade dos jornalistas (Ramonet, 2011).

Outra causa da falta de credibilidade dos meios de comunicação está relacionada ao advento da tecnologia, que aumentou a disseminação de informações erradas e desinformação, confundindo jornalistas e a opinião pública (Del-Hoyo-Hurtado; García-Galera, 2020). Os jornalistas (ciberjornalistas) estão pouco preparados para a avalanche de informação que existe nas redes sociais e, como frequentemente ficam sobrecarregados, não verificam a maioria das informações que encontram na internet, o que leva a grandes erros (Deuze, 2007; Ramonet, 2011; Del-Hoyo-Hurtado; García-Galera, 2020).

Ramonet (2015b) afirma que, com as novas tecnologias, os jornalistas se tornaram 'imedialistas', deixando de analisar a fundo as notícias. Agora publicam sem contrastar, sem verificação, muitas vezes informações irrelevantes, com o objetivo de obter curtidas, impacto e mais visualizações (Costa, 2014; Rodrigo-Alsina; Cerqueira, 2019). Os meios de comunicação estão sendo atropelados pela aceleração da informação, a ideia do prazo no jornalismo desapareceu, e agora tudo acontece à velocidade da luz, o que também tem afetado a credibilidade do jornalismo (Ramonet, 2011). Traquina (2005) também traz o imediatismo como uma condicionante que se acelerou com a chegada dos cibermídias, onde toda informação agora é altamente perecível.

Assim sendo, a rapidez faz com que seja cada vez mais difícil para o jornalista ter um tempo de análise suficiente. Acontecimentos relativamente recentes foram bastante demonstrativos do fato em questão. Estouraram as chamadas “revoluções árabes” e, quando estávamos começando a tentar entender o porquê das revoltas das sociedades árabes na Tunísia, no Egito, no Iêmen, no Bahrein e no Marrocos, ocorreu o terremoto no Japão e, depois, uma catástrofe nuclear (ou, pelo menos, um risco nuclear). E, quando todo mundo estava tentando entender o que significa um risco nuclear, aconteceu a intervenção na Líbia... O que significa essa intervenção? Como podemos ver, as informações se sobrepõem de tal maneira que é cada vez mais difícil ter uma visão relativamente complexa e completa dos fenômenos ao mesmo tempo (Ramonet, 2011, p. 54).

Já se viu como os meios de comunicação, mesmo os mais respeitáveis, caíram em golpes cada vez mais tecnológicos e sofisticados (Del-Hoyo-Hurtado; García-Galera, 2020). Como no caso do jornal *El País*, que teve de se desculpar depois de publicar uma foto de um

homem entubado em uma cama de hospital, alegando que se tratava do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez. O erro provocou um escândalo internacional, embora o jornal tenha afirmado que foi uma agência de notícias que filtrou a foto⁶. A questão também se tornou um dilema ético, pois mesmo que a foto fosse verdadeira, se discute se ela deveria ou não ser publicada (Rodrigo-Alsina; Cerqueira, 2019).

Mas não necessariamente precisa ser no contexto tecnológico. A falta de profissionalização de muitos jornalistas os leva a cometer erros que podem prejudicar sua credibilidade. Os jornalistas cometem erros ao publicar dados imprecisos, plagiar sem atribuição de fontes e não seguir protocolos de verificação ou contraste (Del-Hoyo-Hurtado; García-Galera, 2020).

Um caso recente bem conhecido foi o de Geraldine Fernández. O jornal mais importante de Barranquilla (Colômbia), *El Herald*, publicou que ela havia participado da ilustração do popular filme de animação ‘El niño y la garza’ (O menino e a garça). O título dizia: ‘O talento barranquillero que se destacou no Globo de Ouro’, que foi replicado por outros meios, inclusive internacionais (El Espectador, 2024; Calderón, 2024). No entanto, a verificação que os jornalistas não fizeram foi realizada pelos internautas, que perceberam que se tratava de uma mentira; e os meios de comunicação que divulgaram a notícia tiveram que se retratar (Calderón, 2024). *El Herald* subiu um vídeo em suas redes sociais admitindo o erro e afirmando que ficou uma lição⁷, mas isso não impediu que sua credibilidade fosse questionada. Geraldine Fernández admitiu que mentiu, mas também culpou os meios por “não atuar com a rigorosidade de verificar as fontes...” (Nomesqui, 2024).

Em segundo lugar, o aumento das informações falsas, imprecisas e manipuladas (fake news) gerou desconfiança nos cidadãos em relação aos meios de comunicação. Atualmente, há uma crescente “insegurança informacional”, onde muitos criam barreiras diante da avalanche de informações presentes nas redes sociais (Ramonet, 2011). O bom jornalismo acaba sendo ocultado por comentários espontâneos, especulações, piadas e memes (Burgeño, 2010). Essa situação é agravada pelo papel dos gigantes tecnológicos,

⁶Para mais sobre o caso, consultar:

https://elpais.com/internacional/2013/01/24/actualidad/1359002703_817602.html

⁷ O vídeo pode ser acessado no seguinte link:

<https://www.tiktok.com/@elheraldoco/video/7324839719106317574>

cujos algoritmos são impulsionados por interesses políticos e econômicos (Costa, 2014; Srnicek; Giacometti, 2018; Morozov, 2016; Mosco, 2016).

A desinformação divulgada nas redes sociais afeta de maneira significativa o jornalismo, exigindo que os profissionais tenham muito critério para distinguir os fatos e realizem um extenso trabalho de verificação (Rodrigo-Alsina; Cerqueira, 2019). No entanto, o tema é bastante complexo, já que muitas pessoas acabam acreditando nessas informações falsas por falta de conhecimento (Coelho, 2015). Essas fake news, muitas vezes criadas intencionalmente, costumam envolver questões políticas (diferentes estratégias de organizações políticas e opositores usam a retórica inversa) e, quando repetidas, geram confusão no público, que acaba sem saber qual é a verdade (Ramonet, 2015b; Rodrigo-Alsina; Cerqueira, 2019).

O Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo publicou um relatório⁸ sobre a confiança nas notícias em janeiro de 2024, com base em pesquisas feitas com 95 mil pessoas de 47 países. De acordo com o relatório, cerca de quatro em cada dez (40%) pessoas confiam na maioria das notícias, a mesma pontuação registrada no ano passado (2022). Entre os mercados pesquisados, Grécia e Hungria (23%) apresentam os menores níveis de confiança. No caso da América Latina, os países com os menores níveis de confiança são Colômbia (34%), Chile (32%) e Argentina (30%). Ao todo, cinco países da região foram consultados: Brasil (42%), México e Peru (35%).

Outra pesquisa⁹ desenvolvida pelo Instituto Reuters mostrou que a inclinação política também influencia bastante a confiança nos meios de comunicação. Pessoas que se identificam com a esquerda (43%), centro (42%) e direita (45%) tendem a confiar mais em determinados veículos jornalísticos, em comparação com aqueles que não se identificam com uma ideologia ou não se interessam por política (25%). Essa pesquisa foi realizada em 47 países.

⁸ Newman, Nic. Overview and key findings of the 2024 Digital News Report. Reuters Institute, June 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024/dnr-executive-summary> Acesso em 19 de setembro de 2024.

⁹ Nielsen, Rasmus Kleis; Fletcher, Richard. Perspectivas del público sobre la confianza en las noticias. Reuters Institute, junio 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/es/digital-news-report/2024/perspectivas-del-publico-sobre-la-confianza-en-las-noticias> Acesso em: 19 de setembro de 2024

De acordo com Christofolletti (2019), para ser confiável, o veículo de comunicação deve reunir condições como: ter representatividade, estar legitimado e ser autorizado. Se dá ouvidos ao representante do presidente porque ele está falando em nome dele (representatividade), se acredita na narração de um sobrevivente de um incêndio porque essa pessoa foi quem viveu a experiência em primeira pessoa (legitimidade). Se confia nas notícias porque se sabe que os jornalistas devem verificar os fatos com fontes confiáveis (autoridade).

Carlson (2017) afirmou que a autoridade jornalística é um componente elementar que faz o jornalismo funcionar. Ela pode ser entendida através de um contexto sociocultural, como se relaciona com o público, como a informação é comunicada, quem controla esse conhecimento e o equilíbrio da adaptação às várias mudanças que surgiram com o novo ecossistema digital. O autor também aponta que a autoridade jornalística está em crise, e isso se deve ao fato de que o jornalismo e as instituições como tais estão perdendo grande parte da credibilidade que os certificava e legitimava como “cronistas com autoridade” (p. 17).

Vários acadêmicos e profissionais declaram que a sobrevivência do jornalismo depende de sua credibilidade. O futuro do jornalismo se baseia no fortalecimento desse ‘contrato invisível’ entre os meios e o público, que também se baseia na ética jornalística. Se essa credibilidade for quebrada, o público procurará facilmente outras fontes de informação. Portanto, para sobreviver em um ambiente tão competitivo, os meios devem oferecer ao público um valor agregado que os diferencie daqueles que publicam informações comuns nas redes sociais (Ramonet, 2015b; Rodrigo-Alsina; Cerqueira, 2019; Christofolletti, 2019).

Também não se deve ignorar que existem poderes políticos que realizam campanhas de desprestígio contra os meios de comunicação, acusando-os de atacar governos municipais e presidenciais. Isso enfraquece a credibilidade dos meios e, em alguns casos, resulta em assédio, hostilidade e violações de direitos humanos.

No caso do Equador, a luta entre o governo e os meios privados, juntamente com a captura de vários meios de comunicação públicos, resultou em uma campanha de desprestígio contra a imprensa em geral (incluindo defensores e ativistas). Isso enfraqueceu a credibilidade e a autoridade da imprensa equatoriana (Rincón, 2010). Hoje, os veículos jornalísticos estão gravemente desacreditados, e é difícil recuperar essa credibilidade devido às condições e limitações em que se encontram.

Outros governos também travaram batalhas semelhantes contra meios de comunicação independentes que publicam informações contrapoder. Os ataques geralmente começam por meio das redes sociais, conferências e transmissões nacionais, prejudicando ainda mais a credibilidade dos meios que investigam questões de corrupção e informam sobre as demandas dos cidadãos. Um exemplo disso é El Salvador, sob o comando do presidente Nayib Bukele, onde já houve várias denúncias sobre a limitação da liberdade de expressão e da liberdade de imprensa. Bukele transformou os meios públicos em estatais, e há um grande descrédito da imprensa privada e independente. Esse mesmo ambiente é vivenciado em outros países, como Nicarágua e Bolívia (Del Palacio, 2023).

O pior é quando essas palavras depreciativas se transformam em agressões nas redes sociais e nas ruas, afetando principalmente os repórteres de campo, aqueles que saem para cobrir todo tipo de evento, inclusive manifestações, onde muitas vezes são vítimas de pessoas (inclusive da própria polícia) incentivadas pelos comentários depreciativos de políticos e empresários que discordam do que é publicado. Honduras e Guatemala são exemplos onde uma campanha de difamação contra a imprensa também foi promovida, às vezes resultando em ‘criminalidade institucionalizada’. Isso inclui ataques a jornalistas, leis que inibem a prática do jornalismo, limitações no acesso à informação, perseguição, processos induzidos para demitir ou expulsar jornalistas investigativos, espionagem e até criminalização (Artículo 19, 2020).

Nos últimos anos, ficou claro que existe um poder que pode ser ainda mais letal, que silencia, assedia, espiona e mata, afetando não apenas os jornalistas, mas também a democracia. Trata-se de um monopólio poderoso que, na maioria das vezes, colabora com os poderes políticos e até mesmo com atores privados para censurar e incentivar a autocensura nos meios de comunicação. Eles controlam o que é publicado, quando, em que página e em que horário: trata-se do narcotráfico.

1.1.7 A lei mordada da violência

Em um país submerso em violência, com um clima de insegurança constante, marcado pelo conflito entre gangues que vendem drogas e se dedicam a outros negócios ilícitos, a profissão de jornalista se tornou ainda mais perigosa na América Latina (Global

Investigative Journalism Network, 2024). É outro monopólio, como Valdéz Cárdenas (2016) o chama: eles disputam territórios, monopolizam, controlam e estendem. Eles decidem quais fotos devem ser publicadas e quais não devem, como, onde, se devem ser excluídas ou impressas. É com isso que muitos profissionais da informação têm de lidar diariamente, silenciados e sem ninguém para defendê-los.

O aumento do crime organizado na América Latina mudou o trabalho diário dos jornalistas (Project Oasis, 2024). Embora possa não parecer para alguns, o narcotráfico tem uma influência significativa nas publicações dos meios de comunicação, restringindo a liberdade de expressão e, portanto, a liberdade de imprensa. O assassinato é uma das formas mais conhecidas de silenciar os jornalistas que publicam informações que não são favoráveis a esses grupos criminosos, mas há outras formas de silenciamento que muitas vezes não vêm à tona por medo, como assédio, ataques, ameaças, tortura, desaparecimentos, entre outros que podem atingir familiares (Valdéz Cárdenas, 2016).

De acordo com dados do Comitê para Proteção de Jornalistas (CPJ)¹⁰, que mantém um registro detalhado de tragédias envolvendo jornalistas desde 1992, 22 jornalistas e trabalhadores de meios de comunicação foram assassinados na América Latina entre 2020 e 2024 (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela) por motivos relacionados ao seu trabalho. Além disso, outros 38 jornalistas na região foram assassinados por razões menos claras, mas com possível ligação ao jornalismo, o que o CPJ continua investigando.

A mesma organização informa que 16 jornalistas¹¹ foram desaparecidos por gangues criminosas ou grupos militantes desde 2020. Além disso, nos últimos dois anos, houve um aumento no número de editores de meios de comunicação exilados da Nicarágua, Venezuela, Cuba e, mais recentemente, do Equador, devido a ameaças por seus escritos investigativos (Project Oasis, 2024).

¹⁰ 60 Journalists and Media Workers Killed... CPJ, Committee to Protect Journalists. Disponível em: <https://encurtador.com.br/6tOgL>. Acesso em: 10 de outubro de 2024.

¹¹ **16 Journalists Missing...** CPJ, Committee to Protect Journalists. Disponível em: <https://encurtador.com.br/5oOEX>. Acesso em: 10 de outubro de 2024.

Os jornalistas que trabalham nas fronteiras são os mais vulneráveis, especialmente porque esses locais são favorecidos por grupos armados envolvidos em atividades ilegais, como tráfico de drogas, armas, combustível, mineração ilegal, etc (Valdéz Cárdenas, 2016; El Comercio, 2018). Alguns jornalistas, além de cobrirem os problemas que podem ocorrer nesses locais, quiseram chegar ao fundo dos fatos, mas acabam sendo silenciados ou até mesmo mortos. O conhecido caso dos três jornalistas equatorianos sequestrados e assassinados pelo Frente Óliver Sinisterra, que controlava a fronteira norte de Esmeralda, entre o Equador e a Colômbia, não foi esquecido. Depois de vários eventos fortes que deixaram mortos e feridos, os jornalistas foram investigar os antecedentes do caso, mas nunca voltaram para casa (El Comercio, 2018). O acontecimento gerou uma pressão internacional sobre a proteção dos jornalistas nesses casos.

O maior controle que esses grupos armados (sejam eles narcotraficantes, gangues, dissidentes ou outras organizações criminosas) têm é impedir a publicação de informações que não os favoreçam, mesmo as menores, como uma foto de uma operação em uma de suas áreas ou a prisão de um de seus integrantes. Os jornalistas não têm liberdade para escrever ou fotografar o que quiserem porque o narcotráfico os está observando. Cada cartel tem sua própria linha editorial, incentivos e sanções para cada meio de comunicação, de modo que a autocensura é a única maneira de sobreviver quando se trata desse tipo de cobertura (Valdéz Cárdenas, 2016). Não se pode denunciar e, às vezes, nem mesmo renunciar, basta seguir as ordens das máfias (Anduaga; Noriega; Alvarado, 2015).

Os traficantes de drogas ligavam para os repórteres ou para o editor para dizer quais informações poderiam ou não ser publicadas. A divisão nessa organização criminosa complicou as coisas e foi agravada pela entrada do Cartel de Sinaloa no cenário violento do estado. “Era um grupo único e eles ligavam para dizer: não faça isso ou aquilo. Eles falavam com o repórter ou com o editor e, na verdade, havia um momento em que eles escolhiam alguém, que geralmente era da seção policial, a quem davam as instruções. Mas quando o pessoal de Sinaloa chegou, tudo ficou complicado. Já estávamos em um e um, e não sabíamos a quem dar ouvidos”, disse ele. Os de Sinaloa - acrescentou - ligavam para nos dizer que não publicássemos tais informações e, assim que desligávamos, os do Golfo chegavam para dizer que deveríamos incluir o material na edição do dia seguinte, e até forneciam fotos, informações sobre a trajetória do alvo -

se foi preso ou morto -, boletins e assim por diante (Valdéz Cárdenas, 2016, pp. 23-24, tradução nossa)¹².

Por medo de represálias, os jornalistas que trabalham com fontes policiais preferem publicar comunicados de imprensa da polícia ou das forças armadas sem se aprofundar nos fatos (Valdéz Cárdenas, 2016). Na pesquisa de Jervis (2019), vários jornalistas que cobrem a área de fronteira entre o Equador e a Colômbia relataram que precisam encontrar sua própria maneira de obter informações, seja buscando testemunhos de pessoas que vivem na área ou usando fontes oficiais, como o governo, e citando-as diretamente. No entanto, eles também expressaram desconfiança em relação a essas fontes oficiais, pois elas poderiam ser informantes de grupos criminosos. Os jornalistas concordaram que, às vezes, não é necessário falar com os protagonistas diretos de eventos violentos, mas com a população local para obter outra perspectiva.

O relacionamento com as fontes também se tornou um problema no trabalho jornalístico em cenários marcados pela violência. As pessoas não falam, não dão entrevistas, nem mesmo de forma anônima, porque têm medo, e isso também se tornou um fator limitante nas reportagens. As fontes também não gostam de noticiar apenas o negativo, mas há jornalistas que consideram impossível não noticiar os danos que o tráfico de drogas, a impunidade das drogas e até mesmo o narcoestado causam à população. Especialmente porque o crime organizado usa pessoas muito pobres, como os camponeses, para obter seus lucros, na maioria das vezes em conluio com o Estado (Valdéz Cárdenas, 2016; Gómez Rodríguez; Celecia Pérez, 2022).

¹² Los narcotraficantes llamaban a los reporteros o al editor para decirles qué información podrían publicar y cuál no. La división en esta organización criminal complicó las cosas, y se agravó con el ingreso del Cártel de Sinaloa a la escena violenta de esa entidad. “Era un solo grupo y llamaban para decir: esto o aquello no lo metas. Hablaban con el reportero o con el editor, y de hecho hubo un momento en que escogieron a alguien, que regularmente era de la policiaca, a quien le daban las instrucciones. Pero cuando llegaron los de Sinaloa, todo se complicó. Ya estábamos al uno y uno, y no sabíamos a quién hacerle caso”, sostuvo. Los de Sinaloa - agregó- llamaban para decir que no publicáramos tal información, y en cuento colgábamos llegaban los del Golfo para decir que sí incluyéramos el material en la edición del día siguiente y hasta aportaban fotos, información sobre la trayectoria delictiva - si se trataba de un detenido o asesinado-, boletines y demás. VALDEZ CÁRDENAS, Javier. **Narcoperiodismo**. La prensa en medio del crimen y la denuncia. Aguilar-Penguin Random House Grupo Editorial, Mexico, 2016.

Os governos desses pequenos territórios (não apenas nas áreas de fronteira) geralmente estão ausentes, são cúmplices ou corruptos nessas situações. Eles recebem dinheiro dos traficantes de drogas em troca de proteção, deixando os jornalistas completamente desprotegidos enquanto fazem um trabalho que deveria ser apoiado por todas as instituições do Estado (Anduaga, Noriega, Alvarado, 2015). Valdéz Cárdenas (2016) destaca que os jornalistas estão atados a interesses políticos, econômicos e do narcotráfico: “Os narcotraficantes e os políticos querem controlar tudo, impor sua ordem em tudo” (p. 56). Essa ligação entre o tráfico de drogas e o governo, conhecida como narcoestado ou narco política, pode levar à agressão contra jornalistas quando eles tentam investigar essa relação (Del Palacio, 2023).

É evidente que há um estado de indefensabilidade ao lidar com questões relacionadas ao tráfico de drogas, o que, em muitos casos, também reflete a falta de interesse por parte dos jornalistas (Anduaga, Noriega, Alvarado, 2015). A falta de garantias para o exercício do jornalismo em regiões violentas leva à autocensura, agravada pela inação governamental para melhorar as condições de trabalho desses profissionais (Higuera, 2024). A situação se torna ainda mais crítica quando as empresas jornalísticas demonstram pouca preocupação com a segurança de seus funcionários e com seu preparo para enfrentar tais riscos (Valdéz Cárdenas, 2016). Todos esses fatores têm um impacto direto na qualidade da informação, gerando consequências importantes para a vida cotidiana, pois os poderes fácticos (sejam eles governos, empresas ou crime organizado) acabam não sendo responsabilizados.

Não se pode deixar de mencionar, nesse cenário, o relacionamento que certos jornalistas mantêm com membros do crime organizado, seja de forma voluntária ou involuntária. Há jornalistas que estabelecem uma relação de ‘camaradagem’ com as máfias, inclusive trabalhando com elas, e muitos de seus colegas não fazem ideia de com quem estão lidando. Isso acontece com frequência no México (Valdéz Cárdenas, 2016).

Por outro lado, há jornalistas que, para obter informações que não conseguem obter de outras fontes, fazem amizade com líderes do tráfico de drogas em troca de não publicar determinadas informações. Um caso recente é o do jornalista venezuelano Andersson Boscán, que tinha um relacionamento próximo com o narcotraficante Leandro Norero no Equador. O profissional recebeu informações privilegiadas do narcotraficante quando se

tratava de informações que ele queria investigar, deixando claro que não realizaria investigações relacionadas ao tráfico de drogas (Redacción Primicias, 2024).

Essa questão se tornou polêmica e foi apontado que o jornalista “transgrediu as linhas vermelhas da ética jornalística ao lidar com as fontes”, especialmente porque esse narcotraficante também planejava ataques contra outros jornalistas que o investigavam (Fundamedios, 2024). Enquanto o jornalista explicou que era necessário manter esse tipo de contato ao investigar o mundo do crime¹³.

Del Palacio (2023) destaca que não se pode idealizar nem julgar os jornalistas que cobrem temas relacionados ao narcotráfico. O narco jornalismo é complexo, e as práticas jornalísticas muitas vezes ficam comprometidas, pois, sob ameaças e subornos, os jornalistas acabam tendo que seguir as regras impostas por esses grupos, sem poder evitar essa situação. Suas ações estão sempre em risco e sujeitas a negociações constantes. Além disso, o perfil desses profissionais agrava a situação, pois eles tendem a ser precários, com baixos salários, contratos e ofertas de emprego que não atendem às condições legais, como acesso à previdência social e segurança econômica (Valdéz Cárdenas, 2016; Tejedor; Cervi; Tusa, 2022).

No caso das mulheres jornalistas, elas sofrem outros tipos de agressões, na maioria das vezes de índole sexual. Não se trata apenas de casos relacionados ao tráfico de drogas, mas também de agressões por parte do Estado. As jornalistas são atacadas por serem mulheres de várias formas, sofrendo intimidações e ameaças físicas (torturas) (Artículo 19). Quando são assassinadas, estigmas específicos são atribuídos a elas, como a acusação de terem se envolvido romanticamente ou intimamente com seus agressores. Um exemplo é o caso de Regina Martínez, que foi acusada de ter permitido que seus assassinos entrassem em sua casa e de ter tido um falso relacionamento amoroso com um deles. Da mesma forma, Anabel Flores, que foi sequestrada e assassinada, foi vinculada a um dos líderes criminosos em uma campanha promovida pelos meios próximos ao governo (Del Palacio, 2023).

A maioria desses casos ficam impunes. De acordo com Rodríguez Panchón (2024), a corrupção e a aliança entre políticos e traficantes de drogas facilitam o

¹³ Para a explicação do jornalista, acessar:

<https://www.facebook.com/IVCtvEcuador/videos/300322319070902/>

“branqueamento e impunidade” de crimes contra jornalistas que denunciam o crime organizado por meio de suas reportagens. O Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ) destacou que a impunidade é uma ameaça à liberdade de imprensa e que quase 80% dos assassinatos de jornalistas em todo o mundo ficam sem solução. O Brasil e o México estão entre os países latino-americanos com os mais altos níveis de impunidade para esses crimes, colocando em risco a liberdade de imprensa e o jornalismo investigativo (Getz, 2023).

Conforme já foi observado, a crise do jornalismo é bastante complexa. Ela não se limita simplesmente ao tema financeiro, embora a sustentabilidade seja um aspecto relevante para manter um jornalismo independente e fora do circuito comercial, e para a realização de reportagens aprofundadas e investigativas. Também não se pode afirmar que os meios são apenas vítimas desse processo, eles também comprometem sua missão de informar e ser contrapoder.

Nesse contexto de crise (ou crises) do jornalismo, é interessante revisar alguns modelos de negócios conhecidos como pós-industriais que os meios de comunicação têm desenvolvido para enfrentar essas dificuldades econômicas e se libertar da instrumentalização.

1.1.8 Novos caminhos? Modelos de negócios no jornalismo pós-industrial

Seguindo Christofolletti (2019) e Ramonet (2015b), a qualidade do produto jornalístico está diretamente ligada à sobrevivência do jornalismo. Em um cenário de competição com novas tecnologias, é essencial que os meios atendam aos padrões que a sociedade espera, apesar dos desafios. O surgimento de meios nativos digitais e a adaptação de organizações tradicionais à era digital abriram espaço para novos modelos de negócios que buscam garantir uma prática sustentável. Nesse contexto, se analisará alguns dos modelos de negócios adotados para viabilizar a produção de informações aprofundadas, rigorosas, éticas e com função social.

Paulino e Xavier (2015) destacam que, mesmo com as dificuldades de sustentabilidade, o jornalismo encontrou novos caminhos e formas de expressão para seguir produzindo conteúdo livre e de qualidade. O estudo da SembraMedia, Luminare e CIMA (2021), que analisou meios digitais em várias regiões (América Latina, Sudeste Asiático e

África), mostra que muitos veículos nativos digitais garantem sua viabilidade por meio de um modelo de negócios diversificado, como subsídios, publicidade digital, serviços de consultoria e assinaturas. Esses meios estão não apenas mantendo a cidadania informada, como também realizando investigações rigorosas e investigando o poder (SembraMedia; Luminate; CIMA, 2021).

Na América Latina, a *LatAm Journalism Review* analisou três veículos de comunicação independentes na Argentina, destacando suas estratégias para enfrentar os desafios econômicos, incluindo como financiar investigações e remunerar jornalistas e outros colaboradores. Essas estratégias incluem a implementação de paredes publicitárias, programas de afiliação e a busca por subsídios internacionais, com foco na criação de conteúdo inovador e no desenvolvimento de projetos tecnológicos para lidar com questões específicas, como o aumento da inflação (Domínguez, 2023).

O modelo de sustentabilidade do Cenital é uma combinação de receitas: adesão (42,4%), publicidade tradicional privada e pública (39,4%) e uma pequena percentagem de subvenções (17%). O desafio é manter essa receita e crescer. A galopante crise inflacionária da Argentina desempenhou um papel negativo em 2022. Embora nesse mesmo ano o número de membros assinantes tenha aumentado 50%, os custos internos foram superiores às receitas. Para superar esta situação, capitalizaram as circunstâncias e souberam tirar partido delas (Domínguez, 2023).

A pesquisa de Meléndez Yúdico (2016) sobre 34 meios nativos digitais na América Latina revelou que eles desenvolvem modelos de negócios que vão além da venda de publicidade, buscando, se não a rentabilidade, pelo menos a sustentabilidade do meio. Também foi revelado que os meios de comunicação que realizam jornalismo investigativo recebem apoio de fundações internacionais. Além disso, eles geraram canais de crowdfunding e criaram outras oportunidades de financiamento para não dependerem exclusivamente de doações.

Para conhecer os modelos de negócio adotados por vários meios de comunicação, foi compilado um quadro com informações de várias fontes, incluindo Paulino e Xavier (2015), Capoano (2022), SembraMedia, Luminate e CIMA (2021), Alves e Bittar (2017) e Meléndez Yúdico (2016).

QUADRO 1 - Modelos de negócios no jornalismo pós-industrial

Fundações	Por meio de suporte para start-ups.
	Bolsas de produção jornalística
	Premiações
Doações	Crowdfunding
	Assinaturas
Receitas geradas	Publicidade gráfica y nativa
	Micropagamento
	FreePremium
	Eventos e serviços
	Syndication
	Paywall

Fonte: Paulino; Xavier (2015), Capoano (2022), SembraMedia; Luminare; CIMA (2021), Alves; Bittar (2017), Meléndez Yúdico (2016).

O quadro apresenta três classificações principais de financiamento, que a pesquisadora denominou “pós-industriais”, ou seja, que ganharam maior relevância após a queda da receita tradicional obtida por meio de publicidade, embora esse modelo de negócio continue presente (Meléndez Yúdico, 2016). A divisão é composta por: Fundações, que oferecem suporte para start-ups, ou seja, o início de empreendimentos; subsídios, como bolsas, e premiações. Também incluem doações realizadas principalmente pelo público, através de crowdfunding e assinaturas, além de receitas geradas diretamente pelo meio, como publicidade, micropagamentos, freemium, eventos e serviços, syndication e paywall. Essa é a diversidade apresentada por vários meios de comunicação que buscam diversificar seus

modelos de negócio para alcançar sustentabilidade, sem deixar de lado o jornalismo. A seguir, cada uma dessas modalidades será explicada.

1.1.8.1 Fundações filantrópicas e jornalísticas

O apoio das fundações tem sido através de subsídios, ou seja, dinheiro dado à start-up dos meios de comunicação para que seu projeto saia do papel. Inicialmente, isso se aplicava a alguns projetos nos Estados Unidos, depois alcançou vários meios digitais na América Latina. Esse processo envolve a doação de uma quantia de dinheiro pela Fundação para montar a redação, comprar equipamentos, até que outras formas de financiamento possam ser encontradas (Levoyer, 2020; Paulino; Xavier, 2015). Há preocupações de que esse modelo de negócios possa tornar os veículos de comunicação muito dependentes de doações (Arrese, 2011; Benson, 2018; Labio-Bernal; Romero-Domínguez, 2023) e também porque as receitas são esporádicas e nem todos os veículos de comunicação têm acesso a elas (Kaplan, 2013; Mendoza; Rojas, 2021; Schifffrin; Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022).

Meios digitais como Plan V, Periodismo de Investigación (Equador), El Faro (El Salvador), Animal Político, Sin Embargo (México), Agência Pública (Brasil), Chequado.com, Cosecha Roja (Argentina), CIPER, El Mostrador (Chile), Confidencial Colombia, La Silla Vacía (Colômbia), entre outros, começaram com o financiamento de fundações e continuam operando até hoje, muitos dos quais já realizaram importantes trabalhos de jornalismo no âmbito investigativo (Meléndez Yúdico, 2016; Levoyer, 2020).

1.1.8. 2 Crowdfunding

Crowdfunding é um modelo de financiamento que chegou e cresceu no jornalismo pós-industrial. Ele envolve a captação de recursos de diversas fontes para promover um projeto jornalístico em questão. Ele é baseado na Web e se encaixa bem na prática do jornalismo independente. De acordo com Souza (2007), “liberta o jornalista das rédeas editoriais (e ideológicas) da imprensa hegemônica e o aproxima de um público tão ávido por reportagens que não saem nos jornais tradicionais que se compromete a pagar pela sua realização” (Souza, 2007, p. 91).

Um exemplo de proposta de crowdfunding é o veículo de comunicação Jornalistas Livres¹⁴ fundado em 2015 e que lançou sua campanha de crowdfunding por meio de um vídeo com o objetivo de promover um jornalismo que evite a polarização social em protestos. A campanha arrecadou cerca de R\$132.730,00 com a colaboração de 1.292 apoiadores, embora a meta inicial fosse de R\$100.000,00 (Silva, 2019).

1.1.8.3 Assinaturas

Ao contrário do crowdfunding, as assinaturas ocorrem de forma regular para apoiar as atividades específicas de uma organização. Não se trata de um evento definido a curto prazo, mas sim de um compromisso de longo prazo (Alves; Bittar, 2017). A Mídia Ninja oferece em sua plataforma a iniciativa "Seja Ninja", na qual os leitores podem colaborar de diversas formas. O financiamento por assinatura pode variar de 10 a 500 reais por mês. O leitor interessado realiza um cadastro e o projeto jornalístico recebe mensalmente o valor apoiado.¹⁵

Grandes veículos de comunicação que migraram do formato impresso para o digital também adotam esse modelo de financiamento. Um exemplo é a Folha de S.Paulo, que iniciou essa transição em 2012 e, em 2016, registrou mais assinaturas digitais do que edições impressas. A Folha teria vendido 164 mil edições digitais e 151 mil impressas naquele ano (Souza, 2017). Atualmente, o jornal oferece diversos planos de assinatura, incluindo opções digitais, premium, universitárias e para organizações.¹⁶

1.1.8.4 Publicidade gráfica y nativa

Embora as receitas de publicidade sigam um modelo tradicional, os meios continuam a adotar esse modelo de negócio adaptado ao ambiente digital, especialmente quando se trata de empreendimentos menores. Esse tipo de financiamento ocorre por meio da venda de espaço publicitário no site, tanto de forma gráfica quanto nativa, ou seja, por

¹⁴ Portal Jornalistas Livres aqui: <https://jornalistaslivres.org/>

¹⁵ Mídia Ninja: <https://www.catarse.me/midianinja>

¹⁶ Folha de S. Paulo: <https://assinaturas.folha.com.br/>

meio de banners gráficos em plataformas web e conteúdo publicitário patrocinado (Paulino; Xavier, 2015; Alves; Bittar, 2017).

De acordo com Silva (2019), a forma mais comum de publicidade digital é a programática, realizada por meio de agências como o Google Ads, banners produzidos internamente ou agências especializadas, como a Taboola e a Revcontent; outro método ainda usado é a promoção por meio de páginas de meios de comunicação em redes sociais. Meléndez Yudico (2016) descobriu que, dos 34 meios de comunicação nativos digitais investigados no seu estudo, 38% dependiam da receita de publicidade (além de outros modelos de negócios). Em outras palavras, a maioria deles ainda prioriza a venda de publicidade como seu principal modelo de negócios e fonte de lucros. Entretanto, na era digital, especialmente por meio do Google, essa prática nem sempre é tão lucrativa (Christofoletti, 2019; Schiffrin; Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022).

1.1.8.5 Micropagamento

Esse modelo de negócios consiste no fato de o leitor decidir pagar apenas uma quantia muito pequena para comprar artigos, edições de jornais, revistas, vídeos etc. em uma única vez, ou seja, separadamente, em vez de assinar o jornal para receber notícias regularmente (Capoano, 2022). Esse tipo de modelo foi visto no Blendle¹⁷, uma plataforma de notícia online que nasceu na Holanda e vende artigos de vários jornais em seu aplicativo móvel. No Brasil, a GoRead¹⁸, que se autodenomina a “maior plataforma de revistas digitais”, também usa esse tipo de modelo de negócios, vendendo esse tipo de conteúdo por uma variedade de preços acessíveis.

1.1.8.6 FreePremium

Esse modelo FreePremium, analisado por Capoano (2022), envolve a oferta de conteúdo gratuito aos usuários por um período limitado de tempo, geralmente trinta dias. Após esse período, o usuário pode optar por acessar mais conteúdo mediante o pagamento de uma taxa. Essa abordagem é comumente usada por plataformas de entretenimento on-line,

¹⁷ Plataforma Blendle: <https://www.blendle.com/nl/newsstand>

¹⁸ GoRead: <https://goread.com.br/>

como Netflix, Spotify e HBO Max. De acordo com o autor, embora o conteúdo gratuito esteja disponível, isso não exclui a presença de anúncios, com a intenção de motivar o usuário a migrar para o modelo premium.

Embora existam várias estratégias para implementar o modelo FreePremium, a mais comum é o modelo “mostre e pague”. Segundo esse princípio, quanto mais o produto é usado, mais valor o usuário percebe, o que o torna mais propenso a pagar por ele (Capoano, 2022). Um exemplo disso é o Globo Play¹⁹, uma plataforma de streaming que oferece uma variedade de conteúdo, como novelas, noticiários, séries, programas esportivos, etc. Os não assinantes podem acessar trechos desses programas com anúncios gratuitamente. Já os assinantes têm acesso ao conteúdo completo sem anúncios, além de outras vantagens como programação ao vivo, entre outras (Barbosa; Baio, 2020).

1.1.8.7 Eventos e serviços

Esse modelo de negócio envolve eventos e serviços relacionados ao jornalismo, além da distribuição de conteúdo de um veículo jornalístico. Na esfera digital, é comum encontrar a venda de cursos de treinamento em técnicas de reportagem investigativa e aprofundada, bem como serviços de análise de dados. No Brasil, por exemplo, Aos Fatos²⁰ um site independente de checagem de fatos jornalísticos, adota esse modelo de negócios para oferecer cursos a veículos de comunicação ou jornalistas sobre o processo de checagem de fatos, incluindo o aprendizado de novas tecnologias, como análise de dados e inteligência artificial. O Agenda Lupa²¹ é outro site de verificação de fatos jornalísticos que oferece palestras e workshops ministrados pelos próprios jornalistas que trabalham para a organização (Paulino; Xavier, 2015; Capoano, 2022).

1.1.8.8 Syndication

De acordo com Paulino e Xavier (2015), isso é “vender conteúdo para outras organizações, uma estratégia utilizada especialmente por organizações de jornalismo

¹⁹ Globo Play: <https://acesse.one/u6lHD>

²⁰ Aos Fatos: <https://www.aosfatos.org/noticias/investigamos/>

²¹ Agenda Lupa: <https://lupa.uol.com.br/institucional>

investigativo que criam conteúdo exclusivo e em profundidade, não produzidos pelos meios tradicionais” (Paulino; Xavier, 2015, p. 161). Em outras palavras, o jornal produz informações que depois vende para outros veículos de comunicação. Segundo Alves e Bittar (2017), os meios independentes são sustentados por uma contrapartida financeira proveniente dos meios tradicionais que, por falta de tempo ou de profissionais, não conseguem realizar esse trabalho informativo e optam por comprar de meios especializados. No entanto, alguns autores argumentam que isso não é muito rentável e que, geralmente, os meios considerados independentes compartilham a informação gratuitamente para que suas reportagens tenham um maior impacto (Benson, 2018).

1.1.8.9 Paywall

O modelo paywall trata de criar diferentes formas de bloqueio de conteúdo. Ou seja, o leitor não pode acessar nenhum tipo de informação sem antes estar registrado. Por outro lado, é também conhecido como “muro de pagamento”, um sistema de cobrança para acesso ao conteúdo. Existem diferentes tipos, como o paywall poroso, que é semelhante ao modelo FreePremium, permitindo o acesso a um número limitado de notícias gratuitamente. Quando esse limite é atingido, o portal bloqueia as notícias e convida o usuário a se inscrever gratuitamente e escolher um plano de pagamento. Há também o modelo fechado, que não permite a leitura de nenhum tipo de notícia gratuitamente, incentivando a assinatura. Essa é uma abordagem arriscada e, geralmente, as empresas são obrigadas a remover o paywall em situações de desastres naturais e fenômenos que afetam a sociedade, devido à função social do jornalismo (Capoano, 2022; Souza, 2017).

O jornalismo se adaptou ao ecossistema digital, gerando modelos de negócios alternativos à publicidade tradicional. Embora muitos meios de comunicação continuem confiando nessa estratégia, há meios de comunicação independentes que adotaram modelos diversificados para se distanciar das pressões corporativas e manter sua linha editorial, cumprindo assim sua função de informar, investigar e oferecer à sociedade conteúdo com impacto positivo, em vez de se limitar a informações superficiais ou anúncios de patrocinadores.

Esses modelos incluem o apoio de fundações por meio de bolsas, que buscam promover o desenvolvimento de informações de alto impacto. Um exemplo disso é o objeto de estudo desta pesquisa: a Fundação Gabo que declara em seu site: “Oferecemos anualmente uma série de bolsas e incentivos por meio dos quais os jornalistas ibero-americanos podem obter os recursos necessários para trabalhar em projetos de jornalismo de alto impacto”²². O conceito de “jornalismo de alto impacto”, citado por fundações como essa, será o foco do próximo capítulo. O capítulo explorará o que se entende por jornalismo de alto impacto e por que esse critério é importante para as fundações.

²² Sobre a Fundação Gabo e suas iniciativas, consultar aqui: <https://fundaciongabo.org/es/institucion/acerca-de-la-fundacion-gabo>

2. O QUE É JORNALISMO DE ALTO IMPACTO?

Para esta pesquisa é essencial compreender o conceito de “jornalismo de alto impacto”, um termo utilizado pela Fundação Gabo para descrever o tipo de jornalismo que se desenvolve a partir das bolsas de produção jornalística oferecidas pela instituição. No site da Fundação, afirma-se que o objetivo é “conceder uma série de bolsas e incentivos anuais, por meio dos quais os jornalistas ibero-americanos possam obter os recursos necessários para trabalhar em projetos de jornalismo de alto impacto” (Fundação Gabo, 2024c). A partir dessa frase, o termo foi adotado para esta pesquisa.

O termo “jornalismo de alto impacto” também é mencionado em outras convocações da Fundação Gabo, como em conferências, workshops e relatórios voltados à prática jornalística (Fundação Gabo, 2024d). Em entrevista realizada com o diretor de programas da Fundação Gabo, Montes (2024)²³, ele afirmou que o “impacto” é um dos requisitos que os jornalistas devem preencher no formulário de inscrição e é considerado um dos critérios de avaliação pelo comitê de avaliadores (Fundação Gabo, 2020a). De acordo com Montes, o “impacto” de uma reportagem se caracteriza por: 1) um alcance amplo, 2) uma investigação profunda, 3) a capacidade de gerar uma conversa pública informada e enriquecida, e 4) ter uma vocação de serviço. Esse impacto resulta de um jornalismo de excelência, pautado pela qualidade, rigor, ética e a verificação dos fatos (Montes, 2024).

E segundo Montes (2024), esse “impacto” que gera discussões públicas pode derivar em questões de maior relevância que podem mudar algo na sociedade, como “políticas públicas, trâmites legais nacionais e regionais, ou no dismantelamento de redes completas de corrupção ou de crime transnacional. Mas são efeitos ou consequências derivadas, muitas vezes, de fazer esse jornalismo de qualidade” (Montes, 2024).

Estamos interessados nisso, e é por isso que muitos desses.... Entre os critérios que colocamos ou que consideramos em alguns dos fundos de bolsas que oferecemos, o impacto está incluído, porque estamos interessados em saber como os jornalistas não ficam apenas com a ideia de exercer sua profissão de forma excelente, mas como podem se conectar melhor com seus públicos, e isso não é apenas para entregar um produto final, mas como, mesmo a partir da pesquisa de seu trabalho jornalístico,

²³ As citações de Montes (2024) referem-se a uma entrevista realizada especificamente para esta pesquisa.

eles podem gerar conversas fluidas com seus públicos, obter insumos dessas conversas e que esses insumos os ajudem a fortalecer seu trabalho (Montes, 2024, tradução nossa).

Kaplan (2007; 2013) menciona o “jornalismo de alto impacto” em seu relatório sobre o apoio financeiro internacional a centros de jornalismo investigativo e a meios de comunicação tradicionais nos Estados Unidos. Ele associa esse conceito diretamente ao jornalismo investigativo, que se caracteriza pelo foco a longo prazo em histórias contundentes que abordam questões como crime, corrupção e abusos de poder. Esse tipo de jornalismo não apenas busca revelar verdades ocultas, mas também tem o potencial de provocar mudanças significativas na sociedade, influenciando até mesmo as políticas públicas.

Anderson, Bell e Shirky (2013) mencionam o “jornalismo de alto impacto” como “hard news”. Segundo os autores, esse tipo de jornalismo foca em relatar fatos que alguém, em algum lugar, não quer que sejam divulgados, informações que podem mudar o curso de uma sociedade e que se distinguem das notícias fúteis. Em sua análise do jornalismo pós-industrial, enfatizam que os jornalistas não devem se limitar a ser meros narradores de fatos, mas precisam produzir informações que causem *impacto no público*, atuando como contadores da verdade, formadores de opinião e intérpretes.

Mesmo cientes dessa diversidade, o hard news é o que distingue o jornalismo de outra atividade comercial qualquer. Sempre haverá público para a cobertura de esportes, de celebridades, de jardinagem, de culinária – mas não haveria grande impacto para o país se toda essa atividade fosse feita por amadores ou máquinas. O que tem impacto, sim, é a cobertura de fatos importantes e reais capazes de mudar os rumos da sociedade. A cobertura do insistente abrigo de pedófilos no seio da Igreja Católica, da contabilidade fraudulenta da norte-americana Enron e do escândalo envolvendo uma operação do Departamento de Justiça norte-americano, a Fast and Furious [operação Velozes e Furiosos, ligada ao tráfico de armas a cartéis de drogas mexicanos] se encaixa nessa definição (Anderson; Bell; Shirky, 2013, p. 33).

Díaz Güell (2004) estuda o “impacto” do jornalismo investigativo, analisando onze reportagens realizadas na Espanha durante os últimos vinte e cinco anos do século XX. Ele mostra como essas reportagens, ao provocarem mudanças políticas, sociais, legais e

econômicas, se transformam em exemplos claros de “jornalismo de impacto”. Um dos casos que ele destaca é o de “El Nani”, um cigano envolvido com policiais corruptos. Essa história, investigada por jornalistas como Javier Valenzuela, Gregorio Roldán, Santiago Aroca, Antonio García Ruiz, Melchor Miralles, Mariano Sánchez e Jesús Mendoza, acabou levando à condenação de policiais e a uma limpeza nas forças policiais:

Em 12 de novembro de 1983, Santiago Corella, conhecido como “El Nani”, um cigano criminoso que, junto com policiais corruptos, joalheiros ladrões e outros bandidos, formava uma gangue do crime organizado, desapareceu. “El Nani” foi morto por seus comparsas da polícia. Todos eles estavam envolvidos em uma história macabra de barras de ouro roubadas que nunca apareceram. O corpo de “El Nani” também nunca foi encontrado. Houve muitos jornalistas corajosos que investigaram e publicaram histórias sobre “El Nani” e abriram caminho para outras investigações, que foram comprovadas no caso da “máfia policial”. No caso “El Nani”, sete policiais foram levados ao banco dos réus e três deles foram condenados a 29 anos de prisão por detenção ilegal, tortura e desaparecimento forçado (Díaz Güell, 2004, p. 341, tradução nossa).²⁴

Conforme Díaz Güell (2004), as reportagens analisadas não apenas revelaram verdades ocultas, mas também geraram mudanças significativas na sociedade espanhola. Os jornalistas envolvidos ressaltam que alcançar esse “impacto” exige tempo e recursos. No entanto, muitos desses profissionais observaram que as empresas de comunicação geralmente não priorizam esse tipo de trabalho devido a essas duas exigências (Díaz Güell, 2004).

Hamilton (2016), em seu livro ‘Detetives da Democracia’, analisa o “impacto” em reportagens investigativas e de prestação de contas, especificamente aquelas inscritas nos prêmios da Organização de Jornalistas e Editores de Investigação (IRE) entre 1979 e 2010. Embora não apresente uma definição específica de “jornalismo de alto impacto”, o autor oferece uma análise relevante sobre como medir o “impacto” em meios lucrativos. Além disso, ele também menciona a tentativa de mensurar o “impacto” em meios não lucrativos. De acordo com Hamilton (2016), o jornalismo de investigação gera três tipos de impactos: deliberativos, individuais e substantivos:

²⁴ DÍAZ GÜELL, Luis. **Periodismo y periodistas de investigación en España, 1975-2000**: contribución al cambio político, jurídico, económico y social. 2004.

Deliberativos: geram debate público e investigações que surgem após a publicação.

Individuais: resultam em demissões ou renúncias.

Substantivos: promovem mudanças significativas, como novas políticas ou leis.

Esses impactos foram analisados em meios tradicionais, que não necessariamente recebem financiamento filantrópico, mas provêm de diferentes fontes de receita. Hamilton ressalta que, embora o custo possa chegar a milhares de dólares, esse investimento pode gerar milhões de benefícios para a sociedade devido às mudanças resultantes (custo-benefício). Aqui, o autor faz referência à missão do jornalismo na Teoria da Democracia, considerando o jornalismo de investigação como uma ferramenta essencial para fortalecer a democracia: função contrapoder (O'Boyle, 1968; Schudson, 2008).

Hamilton (2016) cita vários exemplos de reportagens, incluindo a famosa história retratada no filme *'Spotlight'*, que narra a investigação realizada por profissionais do *Boston Globe* sobre o encobrimento de abusos sexuais cometidos por sacerdotes da Igreja Católica em Boston. A produção jornalística dessa investigação rendeu ao jornal o Prêmio Pulitzer de Serviço Público em 2003 (Associated Press, 2003) e impactou centenas de vidas de sacerdotes, milhares de vítimas e milhões de fiéis (Hamilton, 2016).

Então, segundo os estudos desses autores, é possível delinear um conceito de “jornalismo de alto impacto” como um tipo de jornalismo que provoca uma verdadeira ‘revolução’ na sociedade, transformando quase tudo o que era conhecido até então e, frequentemente, revelando informações que alguém preferiria manter ocultas. Anderson, Bell e Shirky (2013) acrescentam que esse tipo de jornalismo é essencial para o novo ecossistema midiático: o jornalismo pós-industrial, dependente das tecnologias. Hamilton (2016) também indicou que os meios que investigam e geram “impacto” não apenas provocam mudanças, mas também melhoram sua imagem junto ao público, resultando em maiores receitas por meio de assinaturas, publicidade e até mesmo maior satisfação profissional.

2. 1 O IMPACTO COMO REQUISITO PARA AS FUNDAÇÕES

De acordo com Hamilton (2016), o impacto nos meios sem fins lucrativos financiados por fundações é uma missão, pois esses veículos não estão sob as pressões

econômicas enfrentadas pelos meios lucrativos, onde o impacto seria um subproduto. Segundo o autor, trata-se de um resultado que ocorre em um contexto em que os doadores querem saber se suas contribuições estão gerando resultados e de que forma. Isso tem levado a vários esforços para descrever ou medir o impacto dessas histórias jornalísticas, como o uso do Google Analytics (Hamilton, 2016).

Requejo-Alemán junto com Lugo-Ocando (2014) discutem o tema do surgimento do jornalismo sem fins lucrativos na América Latina e seus modelos de negócios híbridos. A maior parte do financiamento dessas organizações vem de doações estrangeiras: fundações. O texto aborda as características distintivas dessas organizações, que inovam nas práticas editoriais (na forma como apresentam as notícias) e na criação de conteúdo de “alto impacto”, referindo-se à cobertura de notícias que oferece uma análise mais profunda e investigativa. No entanto, o termo não é explorado em profundidade.

Na mesma pesquisa, a entrevista de Richard J. Tofel, então diretor geral da ProPublica (agora ex-diretor), menciona o seguinte: “Nossa principal missão é desenvolver o jornalismo investigativo mais como uma força moral, é por isso que nossa tarefa principal consiste em criar histórias de *alto impacto* na arena pública. No entanto, isso requer recursos para garantir um futuro a esse trabalho” (Requejo-Alemán; Lugo-Ocando, 2014, p. 3). De fato, a ProPublica (2024) é uma organização de notícias sem fins lucrativos dos EUA que se autodenomina independente e sobrevive de doações de grandes fundações. Em sua plataforma, a organização afirma que se concentra em “histórias com potencial para causar *um impacto real no mundo*”. Eles acrescentam que suas reportagens contribuíram para “a aprovação de novas leis, a reversão de políticas e práticas prejudiciais e a responsabilização de líderes em nível local, estadual e nacional”.²⁵

Benson (2018) também aborda o termo de “jornalismo de alto impacto”, especialmente no contexto das fundações filantrópicas que financiam o jornalismo sem fins lucrativos. O autor afirma que essas fundações, ao apoiar projetos jornalísticos, estão em busca do que chamam de “impacto”. No entanto, segundo Benson, não há uma definição clara sobre o que exatamente constitui esse impacto para as fundações.

²⁵ Sobre a ProPublica, consultar, consultar: <https://www.propublica.org/about/>

Mesmo assim, na pesquisa de Benson (2018), é possível extrair definições de quem trabalha em organizações de notícias sem fins lucrativos que produzem notícias com base nos subsídios das fundações. Por exemplo, na entrevista de Benson (2018) com Paul S. Mason, ex-produtor da ABC, Mason menciona que o “impacto” no jornalismo vai além da missão jornalística clássica de simplesmente informar o público, afirmando que o jornalista deve se perguntar: “Mudei mentes? Mudei a lei?” Da mesma forma, na entrevista de Benson (2018) com Laura Frank, ex-jornalista da cadeia de jornais *Gannett*, que agora dirige a rede sem fins lucrativos *I-News Network* no Colorado, Frank menciona que a “métrica número um” para o sucesso no jornalismo é o impacto: “Eu fiz alguma diferença?” (Benson, 2018, p. 17).

Embora Frank deixe claro na entrevista com Benson (2018) que o “impacto” pelo qual ela mede seu sucesso no jornalismo não significa necessariamente uma “mudança política real”, mas também uma informação que gere um amplo debate público. Ela cita como exemplo seu projeto de reportagem aprofundada “*Losing Ground*”, que usou dados do censo para documentar a crescente diferença de renda entre residentes brancos, negros e latinos no Colorado, gerando um amplo debate público sobre a questão. Frank, em outra entrevista com Scott Stanford no jornal americano *Steamboat Pilot*, chamou esse tipo de jornalismo também de um serviço ao público.

“*Losing Ground*” é um projeto inovador para a I-News. Ele inclui gráficos, dados, texto e vídeo. Foi exibido na televisão e no rádio. A série é publicada e lida em jornais de todos os cantos do estado, de Durango a Fort Morgan e de Pueblo a Steamboat. O plano, de acordo com Frank, é levar o jornalismo para o próximo nível, organizando eventos públicos em todo o estado para que as comunidades se reúnam e debatam as questões levantadas em “*Losing Ground*” (Stanford, 2013, tradução nossa).²⁶

²⁶ “*Losing Ground*” is a breakthrough project for I-News. It includes graphics, data, text and video. It has been reported on TV and radio. The series is being published and read in newspapers in every corner of the state, from Durango to Fort Morgan and from Pueblo to Steamboat. The plan, Frank said, is to take the journalism to the next level, to host public events across the state so that communities can come together and discuss the issues raised in “*Losing Ground*”. STANFORD, S. “*Losing Ground*” helps I-News Network gain ground. USA, January 27. 2013. Disponível em: <https://www.steamboatpilot.com/news/scott-stanford-losing-ground-helps-i-news-network-gain-ground/>. Acesso em: 14 de setembro de 2024.

De volta a Benson (2018), o “impacto” nessas organizações também pode se referir ao alcance. Para que uma história tenha “alto impacto”, ela deve ser lida ou vista por uma grande porcentagem da população. Isso pode ser um desafio para as organizações de notícias sem fins lucrativos, que geralmente têm um público pequeno. Para superar esse obstáculo, essas organizações geralmente compartilham suas histórias de “alto impacto” gratuitamente com os meios comerciais, em um esforço para atingir o público-alvo.

No entanto, Benson (2018) argumenta que essa prática de compartilhar informações gratuitamente para obter alcance não é economicamente sustentável para as organizações de notícias, especialmente as organizações sem fins lucrativos que dependem de fundações (uma vez que as doações são, na maioria das vezes, esporádicas). Outros autores, como Anderson, Bell e Shirky (2013) e Mick, Christofolletti e Lima (2021), questionam se a geração de conteúdo de qualidade não é lucrativa para essas organizações de notícias. Para eles, produzir conteúdo de qualidade é uma forma de governança para se conectar com o público, restaurar a confiança na profissão e ser a chave para boas fontes de receita, como assinaturas, doações e crowdfunding, entre outras.

Na pesquisa de Hernández Ramírez (2020) sobre o trabalho da Connectas, a fundação que apoia o jornalismo transfronteiriço na América Latina, ela observou que o objetivo dessa organização é “ampliar o impacto”. No entanto, quando perguntou aos responsáveis por essa instituição, encontrou discursos diferentes, chegando à conclusão de que o termo “impacto” é um requisito das organizações que financiam: “Você vê como as organizações dos EUA sempre perguntam, qual é o impacto, documentar o impacto não tem a ver apenas com quantas vezes é publicado ou quantos cliques tem, mas com o que vem depois do relatório...” (Hernández Ramírez, 2020).

O Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ) explica o que os financiadores esperam quando falam sobre “impacto” na concessão de bolsas de produção jornalística. No relatório do ICFJ (2024a) sobre “10 dicas para redação de pedidos de bolsas para jornalistas”, uma das principais regras é “prever o impacto”. De acordo com a instituição, o impacto é o resultado final das doações e pode ser definido como uma mudança positiva no mundo, obtida por meio dos fundos das doações. Ao redigir um pedido de subsídio, o ICFJ aconselha os jornalistas a fazerem duas perguntas cruciais para explicar o impacto:

Os efeitos de uma iniciativa podem ser medidos de várias maneiras. Às vezes, você observará suas métricas e verá que seu projeto ajudou sua organização a aumentar seu alcance. Você pode ver novos inscritos graças a um projeto que seu público gostou. Em se tratando de doações, o resultado final é o impacto. Isso pode ser definido como uma mudança positiva no mundo, possibilitada pelos fundos do subsídio. Ao escrever um pedido de subsídio, você sempre deve mostrar que tipo de impacto seu projeto poderá ter. Para fazer isso, tente responder a estas perguntas: Como você pode fazer a diferença na sua comunidade com o seu projeto? Quem se beneficiará com seu projeto e como? (ICFJ, 2024a).

Da mesma forma, para a Fundação Gabo, a medição do “impacto” de uma reportagem jornalística pode ser feita de várias maneiras: por meio de métricas, prêmios, reconhecimento, mudanças estruturais, debates públicos e outras reações ou repercussões das reportagens, como convites para conferências (Montes, 2024). Montes cita o caso do jornalista Ricardo Robins, que recebeu o Prêmio Gabo por um trabalho originado em uma oficina de migração oferecida pela Fundação, o qual resultou em um livro jornalístico.

O *Media Impact Project* é uma iniciativa apoiada por fundações como Bill e Melinda Gates, *Knight* e *Open Society*, com a missão de avaliar o “impacto” do trabalho dos veículos de comunicação na sociedade. A organização colabora com produtores de conteúdo e doadores filantrópicos que atuam no setor da comunicação para, de acordo com o site, promover mudanças sociais. Eles também organizam workshops e consultas e se estabeleceram como líderes na avaliação do impacto da mídia (Media Impact Project, 2024).

Um filme, programa ou notícia pode incitar uma pessoa a agir? A mídia ajuda a formular nossas crenças? Influencia nossas opiniões? Trabalhamos com parceiros de destaque nas áreas de mídia, advocacia e filantropia para aprender até que ponto uma peça de jornalismo, documentário ou filme com roteiro, programa de televisão ou história mudou mentes e estimulou seu público a agir. No Media Impact Project, desenvolvemos métodos de pesquisa inovadores para ajudar a encontrar as respostas (Media Impact Project, 2024).

O *Media Impact Project*, em colaboração com o Centro para o Reportagem de Investigação (CIR), desenvolveu um “Glossário de Indicadores de Impacto Offline” para categorizar os “impactos” das reportagens de investigação, definindo-os em três níveis: micro, meso e macro. Além disso, mencionaram que um dos objetivos de criar essa taxonomia do impacto é atender ao fato de que muitas fundações que financiam projetos de

veículos de comunicação “apoiam uma conceituação mais profunda do impacto que vai além das métricas online e incorpora mudanças no mundo real” (Media Impact Project; CIR, 2014). A seguir, são apresentados os níveis nos quais essas organizações consideram possível medir o impacto:

Nível micro: Refere-se a como os indivíduos mudam sua consciência, atitudes e comportamentos. Por exemplo, se as pessoas se sentem mais motivadas a votar ou a participar de atividades comunitárias. Essas mudanças podem ser medidas por meio de pesquisas ou dados de votação (Media Impact Project; CIR, 2014).

Nível meso: Este nível se concentra em como grupos de pessoas reagem. Por exemplo, analisa-se se as opiniões de um grupo mudam, se surgem reuniões ou se outras organizações começam a falar do mesmo tema após uma reportagem. Também se considera quando há amplificação da notícia, ou quando o meio ganha maior prestígio por meio de prêmios, reconhecimento ou audiência (Media Impact Project; CIR, 2014).

Nível macro: Refere-se ao impacto na sociedade em geral, como a definição de agenda ou mudanças estruturais em políticas, como novas leis, bloqueios de propostas, investigações, sanções, demissões. Também abrange quando um funcionário público responde ou fala sobre o tema específico reportado (Media Impact Project; CIR, 2014).

Pode-se obter uma concepção sobre o “jornalismo de alto impacto” conforme concebido pelas fundações: A primeira impressão é que o “jornalismo de alto impacto” seria uma missão que os doadores visam cumprir com o objetivo de gerar mudanças positivas na sociedade, por meio do financiamento ao jornalismo. No entanto, há dúvidas sobre se esse impacto (que pode ser bastante abstrato) é realmente monitorado pelas fundações. Nesse contexto, o impacto não se refere apenas a grandes mudanças, como a exposição de corrupção política, demissões ou alterações em políticas públicas. Ele pode incluir diversos indicadores, como desdobramentos que, na maioria das vezes, necessitam de enquetes, entrevistas e pesquisas. Isso pode abranger, por exemplo, a mudança de consciência individual ou coletiva, ou o empoderamento de um grupo social ao ler uma reportagem financiada por uma fundação.

2.2 CONCEITOS RELACIONADOS

Outros conceitos também abordam o “impacto” no jornalismo, os quais vale a pena mencionar. Um desses conceitos é o “jornalismo para mudança social”, examinado por Arévalo Salinas e Farné (2016). Esse tipo de jornalismo se posiciona contra os abusos sociais e está comprometido com a denúncia de fatos e eventos que violam os direitos humanos. Ele se afasta da mitologia da objetividade e da imparcialidade, concentrando-se no propósito social fundamental do jornalismo: a obrigação moral de se opor ao genocídio, à exploração do trabalho e às situações de exclusão e discriminação (Arévalo Salinas; Farné, 2016). Esse tipo de jornalismo também pode provocar grandes transformações em uma sociedade ou gerar um amplo debate público.

O artigo de Arévalo Salinas e Farné (2016) apresenta exemplos de meios de comunicação que praticam o jornalismo para mudança social e se consideram independentes da influência de grupos de poder. Esses meios de comunicação sem fins lucrativos demonstram seu compromisso com a mudança social por meio do jornalismo investigativo e da análise aprofundada. As características mais comuns desses meios de comunicação seriam: reportar fatos e dados que recebem pouca cobertura ou são relegados a espaços secundários nos grandes meios; adotar formas colaborativas de trabalho e mecanismos de financiamento que garantam a independência, como doações, captação de recursos ou publicidade que respeite os códigos de ética. Os autores também relacionam esse tipo de jornalismo com os veículos criados pelos movimentos sociais, que visam desmistificar relatos hegemônicos e mudar situações consideradas injustas.

Outro conceito relacionado é o jornalismo de paz. De acordo com Arévalo Salinas (2014), trata-se de um jornalismo que vai além da cobertura, pois visa promover mudanças sociais e desenvolver um jornalismo responsável. Ele também enfatiza a cultura de paz como um processo construído, vinculado à justiça social e que promove a reflexão e o debate sobre problemas estruturais. De acordo com o autor, a maioria das definições tende a incluir conceitos como jornalismo social, jornalismo público e jornalismo intercultural, que compartilham características semelhantes.

Outra abordagem relevante é o jornalismo de soluções. Esse tipo de jornalismo vai além de relatar ou descrever um problema; ele também propõe maneiras de resolvê-lo (Morales Ojeda, 2020). A Fundação Gabo analisa o “impacto” do jornalismo de soluções em seus relatórios e conferências, que têm como objetivo fornecer reportagens orientadas para

soluções. A organização afirma que cada vez mais parceiros filantrópicos estão interessados nesse tópico, com o objetivo de empoderar comunidades e indivíduos (Fundação Gabo, 2020), também porque a missão das fundações é resolver problemas, de acordo com Labio-Bernal e Romero-Domínguez (2023). No entanto, ainda há dúvidas sobre o impacto desse tipo de jornalismo (Fundação Gabo, 2020).

A Red de Jornalismo de Soluções (*Solutions Journalism Network*) é uma organização dedicada a apoiar o jornalismo de soluções e realizar estudos para mostrar seu impacto. Eles definem o jornalismo de soluções como uma forma de investigar e explicar de maneira crítica e clara como as pessoas tentam resolver problemas amplamente compartilhados. Em outras palavras, é um enfoque diferente do jornalismo tradicional, que geralmente informa sobre o que “deu errado”. Em vez disso, esse jornalismo busca encontrar respostas para os problemas através de uma informação rigorosa (*Solutions Journalism Network*, 2024).

O jornalismo de soluções complementa e fortalece a cobertura dos problemas. Bem feitas, as histórias de soluções fornecem informações valiosas que ajudam as comunidades no difícil trabalho de resolver problemas como os sem-abrigo ou as alterações climáticas, o aumento vertiginoso dos preços da habitação ou a baixa participação eleitoral. Sabemos também pela investigação que as histórias de soluções podem mudar o tom do discurso público, tornando-o menos divisivo e mais construtivo. Ao revelar o que funcionou, essas histórias levaram a mudanças significativas (*Solutions Journalism Network*, 2024).

O objetivo das empresas jornalísticas que praticam o jornalismo de soluções, de acordo com a *Solutions Journalism Network* (2024), é “fortalecer comunidades, promover equidade, construir confiança, aumentar o envolvimento cívico, despolarizar o discurso público e descobrir novas fontes de receita”. No site da organização, há uma série de histórias de soluções realizadas por meios de comunicação em todo o mundo.²⁷ Por exemplo, o tema da bioeconomia na amazônia equatoriana, como alternativa à extração de petróleo, é um caso que levou a referendos e consultas populares, mas tem sido ignorado pelas autoridades. O ministro do Turismo do Equador, Niels Olsen, mostrou grande interesse nas soluções

²⁷ Confira as histórias de impacto aqui: <https://www.solutionsjournalism.org/impact/impact-stories>

apresentadas pelo artigo e entrou em contato com o jornalista que o escreveu (Solutions Journalism Network, 2024).

Com relação às características acima, é possível encontrar outros conceitos no jornalismo que buscam causar “impacto” na sociedade. Por exemplo, o jornalismo em profundidade, que investiga e relata eventos noticiosos em profundidade, em vez de apenas cobrir eventos superficiais (Ávila, 1987), está alinhado com o jornalismo de dados. Crucianelli (2013) chama de jornalismo de banco de dados o acúmulo de técnicas jornalísticas para apresentar ao público informações detalhadas e compreensíveis a partir de grandes volumes de informações. Esse tipo de jornalismo é fundamental tanto para o jornalismo investigativo quanto para o jornalismo de soluções, pois todos eles dependem de dados para analisar e interpretar as notícias.

Como é possível observar, existem diversos conceitos que podem ser associados ao “jornalismo de alto impacto”. De acordo com as visões dos autores discutidos, o “jornalismo de alto impacto” decorre de um jornalismo de qualidade, que é investigativo, profundo e orientado ao serviço público, com uma visão normativa de ajudar a democracia. Portanto, essas reportagens devem atender a critérios que vão além do impacto, como ética, verificação de fatos, rigor investigativo e profundidade. Com base nisso, a seguir são propostas algumas características que um jornalismo de alto impacto deve possuir:

1. Pode ser um trabalho investigativo e aprofundado, mais do que demanda o jornalismo do dia a dia.
2. Para ser realizado, é importante o fator tempo.
3. Geralmente, necessita de bons recursos econômicos, mas sem comprometer a informação (independência).
4. Deve ser verificado e ético.
5. Deve ter um posicionamento claro contra os abusos dos direitos humanos.
6. Deve ser plural, ou seja, abranger uma diversidade de vozes, especialmente aquelas que não são normalmente ouvidas.
7. Deve ser de interesse público.
8. Pode não apenas cobrir notícias negativas, mas também avanços e soluções que gerem mudanças.

9. Os dados numéricos são importantes para análises de orçamentos públicos, impostos e contaminação ambiental, e devem ser apresentados de forma inteligível.

Deve gerar debate público, provocar mudanças significativas ou qualquer outro tipo de repercussão.

Para Anderson, Bell e Shirky (2013), é fundamental gerar um jornalismo que tenha “impacto” na sociedade. De acordo com eles, o jornalismo também deve ser responsável por suas próprias ações e garantir que seu trabalho realmente tenha uma influência positiva na democracia, mantendo os cidadãos informados e agindo como um contrapeso ao poder (visão da teoria democrática). Os autores insistem que o sucesso das instituições jornalísticas se baseia no “impacto” que elas têm sobre o mundo: “Torne a avaliação do impacto, incluindo distribuição de tarefas e promoções, parte da cultura organizacional. Considere parcerias com organizações que possam fornecer informações ou conhecimento sobre áreas nas quais se deseja exercer impacto” (Anderson; Bell; Shirky, 2013, p. 66).

No entanto, medir esse “impacto” ainda é uma questão complexa, e as formas de avaliação podem ser confusas. A pergunta é: o impacto deve ser mensurado pelos números de circulação, pelas medições de audiência ou por critérios tradicionais, como mudanças estruturais e grandes debates sociais (Carlson, 2018)? Hamilton (2016) argumenta que medir o impacto é muito custoso e depende de diversos fatores.

Ainda assim, autores como Anderson, Bell e Shirky (2013) defendem que todas as organizações de notícias devem avaliar o “impacto” de suas produções e deixar de lado a visão simplista de que são meros “receptáculos vazios” de informações, como uma forma de restaurar “o capital institucional retirado pelo tsunami digital do início do século XXI” (Anderson; Bell; Shirky, 2013, p. 66).

Após discutir o conceito de jornalismo de alto impacto, é fundamental entender o papel das fundações no financiamento da produção jornalística, especialmente para compreender melhor o trabalho da Fundação Gabo, que é o objeto desta pesquisa. Assim, o próximo capítulo abordará o que são as fundações e qual o papel que desempenham no campo do jornalismo.

3. FUNDAÇÕES FILANTRÓPICAS E JORNALISMO

Uma fundação é parte integrante do terceiro setor da sociedade e constitui uma rede de instituições importantes (estatais e de mercado) com a função específica de melhorar a convivência entre as pessoas em uma comunidade ou país. Esse setor sem fins lucrativos tem como objetivo prestar serviços à comunidade; algumas delas se especializam em questões específicas e buscam vários interesses sociais (Beltramo Guzmán, 2000).

De acordo com a Associação Espanhola de Captação de Recursos (2008), uma fundação é um ativo movido por diferentes interesses públicos para beneficiar a sociedade de alguma forma. Ela pode ser dividida em operacional e de doação. As primeiras alocam ativos para seus próprios programas, enquanto as segundas optam por apoiar programas de outras organizações sem fins lucrativos. Também pode haver Fundações mistas, entidades que têm seus próprios programas, mas contribuem financeiramente para os de outras organizações quando não podem realizá-los por conta própria.

De acordo com Paes (1998), uma fundação é, na verdade, um instrumento por meio do qual um ser humano, como pessoa física ou jurídica, quer passar suas ideias e visões para uma geração atual ou futura, como se uma pessoa continuasse a influenciar o mundo mesmo após sua morte. “Como vivo depois de morto” (Paes, 1998, p. 41). As fundações são de imensa importância nas sociedades atuais. Por meio de seus projetos, com seus próprios recursos financeiros fiáveis, elas realizam ações que o Estado muitas vezes não pode fazer, como o apoio a crianças e jovens, famílias, inclusão social, comunidades, cultura, educação, arte, esporte, entre outros. Mas também lutam para encontrar recursos (Rodrigues, 2014).

Beltramo Guzmán (2000) constatou que todas as organizações do terceiro setor, inclusive as fundações, compartilham certas características: 1) São estruturadas, têm presença institucional e forma 2) São privadas porque são institucionalmente separadas do Estado, embora tenham a possibilidade de receber fundos públicos. 3) Seus gerentes ou grupos de proprietários não obtêm lucro. 4) São autônomas ou auto gerenciadas. 5) São voluntárias porque não há leis que as obriguem a operar e a filiação à organização é livre.

As fundações também podem assumir diferentes formas: eclesiástica, social tradicional, de base, como indígena e camponesa; educacional e cultural, migrante, profissional ou representação sindical, estudos, consultoria ou promoção, como centros de

pesquisa; representação de associações, grupos discriminados e perseguidos, defensores dos direitos humanos e do meio ambiente (Beltramo Guzmán, 2000).

As origens das fundações remontam ao Egito Antigo, onde as ações filantrópicas da população eram institucionalizadas. Na Grécia clássica, essa prática se desenvolveu de forma mais organizada, onde as primeiras fundações foram criadas por filósofos. No entanto, a criação de tais instituições foi proibida pelos poderes da época, que temiam a organização e a disseminação de doutrinas por escolas filosóficas, o que poderia perturbar a ordem pública (Paes, 1998).

De acordo com Rafael (1997) citado por Alves (2014), exemplos dessas primeiras fundações incluem a criada por Platão nos jardins da Academia. O filósofo esteve à frente dessa instituição por duas décadas e, antes de sua morte, deixou o espaço como um legado para seus discípulos. Além disso, a Biblioteca de Alexandria, originalmente pertencente aos monarcas Ptolomeus, foi legada ao Egito. Esse ato marcou a primeira vez em que o patrimônio da biblioteca foi separado da pessoa do fundador. Paes (1998) também menciona que os filósofos Epicuro e Teofrasto estabeleceram herdeiros de seus jardins para que seus discípulos pudessem seguir seu exemplo após sua morte.

Quando Roma invadiu a Grécia, ela também absorveu as atividades de caridade por meio de fundações. No início, as fundações romanas eram dedicadas a serviços funerários, distribuição de alimentos e manutenção de crianças pobres e jogos. O único detalhe é que o direito romano não permitia a criação de fundações, de modo que as doações eram feitas ao Estado, à cidade ou a uma associação, e o destinatário era obrigado por lei a utilizá-las para os fins pretendidos pelo doador (Paes, 1998).

Foi somente com a chegada do cristianismo ao Império Romano que começaram a surgir instituições conhecidas como *piae causae* ou estabelecimentos de misericórdia e caridade: hospitais, orfanatos, asilos e similares. Quando a proibição foi removida pela lei romana, essas organizações deixaram de estar sob o jugo e a proteção da Igreja e passaram a estar sob a proteção da lei (Paes, 1998). Mais tarde, um processo legal chamado “*actio popularis*” foi estabelecido para garantir que as fundações criadas por legados ou doações fossem de fato implementadas. Com esse novo sistema jurídico, os beneficiários, tais como pobres, doentes, viúvas, órfãos, defensores das artes etc., passaram a ter um direito subjetivo constituído, conforme explica Jhering (1943), em que os beneficiários poderiam exigir que

as fundações cumprissem as obrigações para as quais foram criadas, ou seja, garantir que isso acontecesse.

Com raízes greco-romanas e o cristianismo emergente, ao longo dos séculos as fundações se espalharam pelo mundo ocidental, adaptando-se a cada país. Na França, Alemanha, Inglaterra e, finalmente, nos Estados Unidos, elas assumiram diferentes formas, mas mantiveram sua essência: ativos doados por um ou mais fundadores para atingir objetivos filantrópicos (Paes, 1998).

Nos Estados Unidos, houve uma forte expansão das fundações, especialmente no século XX, devido ao crescimento econômico do país, bem como à existência de grandes fortunas acumuladas pelos ricos. Essas fortunas foram doadas a fundações por vários motivos, como uma forma de compartilhar a riqueza com as comunidades. A legislação tributária ajudou muito naquela época, pois parte dos lucros das empresas tributáveis era doada a causas sociais. Isso deu origem a algumas das fundações ainda hoje conhecidas, como a Fundação Carnegie, a Fundação Rockefeller, a Fundação Ford e a Fundação W. K. Kellogg (Paes, 1998).

Há evidências de que as fundações norte-americanas há muito tempo financiam programas sociais na América Latina. Szymanski (1973) registrou que, durante a década de 1960, as fundações Ford e Rockefeller financiaram atividades em seis grandes países da América do Sul: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Peru e Venezuela. Elas se concentraram em cinco áreas: desenvolvimento universitário (17% de todas as doações), agricultura (17%), ciências sociais, incluindo economia (15%), ciências físicas e gerais (14%) e medicina (11%). Juntas, essas cinco áreas respondem por 75% de todo o financiamento de subsídios. O autor também acredita que, embora essa ajuda seja importante, ela poderia tornar a América Latina muito dependente dos EUA e se estabelecer ainda mais como um país subdesenvolvido.

Durante a década de 1960, 3,2% de todas as dotações da Ford e 7,1% de todas as dotações da Rockefeller foram na forma de fundos para os seis principais países da América Latina. Isso representa US\$65,2 milhões no caso da Ford e US\$23,5 milhões no caso da Rockefeller, valores da mesma ordem que os subsídios do governo dos EUA para esses mesmos países (Szymanski, 1973, p. 801, tradução nossa).²⁸

²⁸ SZYMANSKI, Albert. Las fundaciones internacionales y América Latina. **Revista Mexicana de Sociología**, p. 801-817, 1973 (Tradução do autor).

Os países latino-americanos têm uma longa tradição de filantropia, que foi influenciada por vários fatores ao longo da história. Durante a era colonial, a filantropia estava fortemente ligada à Igreja Católica e à caridade cristã, que combinavam tanto o apoio aos pobres e doentes quanto a evangelização forçada e a exploração dos povos indígenas e dos escravos africanos (Sanborn; Portocarrero, 2003).

No decorrer do século XX, houve uma mudança na abordagem da Igreja em relação à filantropia, com maior ênfase no trabalho com os pobres e em uma teoria de mudança social. Entretanto, além da influência religiosa, outras tendências históricas influenciaram a filantropia contemporânea na América Latina, como o papel do Estado e dos governos centrais, as contribuições dos imigrantes, o poder da elite econômica e social, a cooperação internacional e a fraqueza da política liberal. Foi na década de 1990 que houve um aumento notável no número e na variedade de instituições e programas filantrópicos corporativos, familiares e comunitários, e hoje há uma tendência de querer contribuir para o desenvolvimento sustentável e para a solução de problemas persistentes na região, o que implica apoio de longo prazo e não esporádico das fundações e do terceiro setor em geral (Sanborn; Portocarrero, 2003).

O setor das fundações tem ampliado seu apoio a outras demandas e pressões, como no caso do jornalismo. Durante a pandemia, devido ao colapso de vários meios de comunicação, foram realizadas doações internacionais para mitigar a crise. No entanto, em 2024, muitos líderes de veículos de comunicação e organizações de apoio relatam que o financiamento através de bolsas diminuiu, pois alguns doadores mudaram o foco, se reorganizaram ou reduziram seu apoio na América Latina (Project Oasis, 2024). Na próxima seção, será explorado esse apoio das fundações ao jornalismo.

3. 1. O PAPEL DAS FUNDAÇÕES NO JORNALISMO

Uma das convicções de Anderson, Bell e Shirky (2013) é que o bom jornalismo sempre foi subsidiado. De acordo com esses autores, os subsídios podem assumir várias formas, como publicidade, doações de pessoas, filantropia, tanto pública quanto privada, e podem ser diretos ou indiretos. A teoria dos autores é que o jornalismo sempre precisou de

apoio externo para funcionar, pois o setor não pode se sustentar sozinho. Embora existam muitos modelos de negócios digitais, como crowdfunding, syndication e paywalls, eles nem sempre são suficientes para fornecer a quantidade de informações necessárias para uma democracia. Portanto, o apoio externo é essencial, desde que não interfira na independência e na qualidade das informações.

Os veículos de comunicação precisam adotar diversos modelos de negócios para sustentar suas operações, pagar a equipe, o aluguel, os equipamentos e outras despesas. De acordo com o estudo de Meléndez Yúdice (2016) sobre os 34 veículos jornalísticos digitais na América Latina, mesmo aqueles criados com o apoio de fundações filantrópicas precisam diversificar suas fontes de renda, explorando múltiplas estratégias além da publicidade. Anderson, Bell e Shirky (2013) e Arrese (2014) ressaltaram a importância de as organizações de notícias operarem com uma mentalidade mista ou híbrida em relação ao modelo de negócio. De fato, a UNESCO expressou a urgência de tomar medidas para resolver a crise no jornalismo, incluindo a diversificação das fontes de financiamento (Schiffrin, Anya, Posetti, Edgerton, Bell, 2022).

O subsídio por meio de fundações é uma das várias formas de financiamento para o jornalismo, especialmente para o jornalismo sem fins lucrativos (Anderson; Bell; Shirky, 2013; Schiffrin; Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022; Cagé, 2016; Benson, 2018; Westphal, 2009; Kaplan, 2007, 2013; Silva, 2019; Levoyer, 2020), embora até mesmo a mídia comercial seja conhecida por se beneficiar de fundações em alguns projetos (Tofel, 2023; Westphal, 2009). Esse apoio é conhecido como “filantrojornalismo” (filantroperiodismo em espanhol, philanthro journalism em inglês) e refere-se à prática de grandes fundações financiarem o jornalismo como uma solução para a sustentabilidade financeira dos meios, especialmente em tempos de crise (Labio-Bernal; Romero-Domínguez, 2023; Arrese, 2014; Mendoza; Rojas, 2021). Os exemplos incluem fundações como a *Fundação Ford*, *Google.org*, *Fundação Knight*, *Fundação Bill e Melinda Gates* e *Fundação MacArthur*, entre outras, que doaram bilhões de dólares para apoiar projetos de jornalismo em todo o mundo (Labio-Bernal; Romero-Domínguez, 2023; Kaplan, 2007, 2013; Friedland; Konieczna, 2011).

As opiniões são divididas sobre a prática do filantrojornalismo. No entanto, há muitas opiniões positivas; por exemplo, Cagé (2016) propõe que a filantropia é um modelo

sustentável para que o jornalismo se concentre na produção de conteúdo de qualidade, recuperando informações relegadas pelos meios de comunicação tradicionais devido às várias limitações do setor. A autora compara esse modelo ao de instituições como Harvard e Yale, que, embora recebam financiamento privado e público, permanecem independentes, segundo ela. Silva (2019), em sua análise dos modelos de negócios para o jornalismo de saúde, também corrobora que as doações filantrópicas são viáveis para a produção de reportagens de qualidade, embora adote cautela, como será mencionado mais adiante.

Levoyer (2020), em seu estudo sobre os meios digitais no Equador, mostrou que a ajuda internacional é uma alternativa para manter o jornalismo livre diante de governos autoritários. Mendoza e Rojas (2021), em seu estudo sobre a aliança jornalística Tejiendo Redes, concluíram que o apoio das fundações é decisivo para que essa colaboração de meios continue a existir, apesar de ter um modelo híbrido. Eles enfatizaram que a publicidade e o apoio nunca devem interferir na agenda de notícias e também destacaram a ajuda na criação de empregos para jornalistas.

Diante disso, subsidiar o jornalismo por meio de fundações é uma prática que começou antes da crise financeira, especialmente nos Estados Unidos (Benson, 2018; Kaplan, 2007). Inicialmente, as fundações filantrópicas surgiram com o objetivo de fortalecer o jornalismo investigativo, e as organizações de notícias sem fins lucrativos e os centros de jornalismo investigativo estavam entre os principais beneficiários desse financiamento (Benson, 2018; Kaplan, 2007; 2013). Com o advento da crise financeira, o foco das fundações se intensificou no fortalecimento dessas organizações de notícias, pois a imprensa tradicional estava sendo enfraquecida pelo declínio da publicidade (Demeneck, 2016; Kaplan, 2007; 2013, Westphal, 2009). Além disso, conforme mencionado, as fundações também começaram a financiar o jornalismo com fins lucrativos, especialmente grandes marcas como a ABC e o New York Times. No entanto, há controvérsias sobre essa prática, já que algumas opiniões defendem que essas doações deveriam ser direcionadas a organizações de notícias com menos recursos financeiros, ao invés de beneficiarem empresas que já possuem bons resultados financeiros (Westphal, 2009; Tofel, 2023).

3.1.1 Um breve histórico das fundações e o jornalismo

De acordo com Friedland e Konieczna (2011), o relacionamento entre jornalismo e o subsídio através de fundações filantrópicas remonta à década de 1930. Nesse período, foi publicado um texto intitulado "*Communication Agencies and Social Life*" (Agências de Comunicação e Vida Social), uma análise das telecomunicações e da mídia. Esse estudo foi encomendado pelo presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, como parte de um estudo mais amplo chamado "*Recent Social Trends*" (Tendências Sociais Recentes) e foi financiado pela Fundação Rockefeller. No mesmo ano, o *Payne Fund* apoiou a publicação de uma obra em 13 volumes sobre o impacto dos filmes nas crianças. Esse trabalho incluía um estudo intitulado "*Movies and Conduct*" (Filmes e Conduta), conduzido pelo sociólogo Herbert Blumer.

Kaplan (2007), em seu mapeamento do jornalismo investigativo nos Estados Unidos, destaca o apoio de fundações a projetos jornalísticos desde a década de 1960. Especialmente notável foi a criação de várias fundações e centros de jornalismo que ofereceram suporte de diversas formas a veículos de comunicação e jornalistas. A primeira organização sem fins lucrativos foi a Fund for Investigative Journalism (FIJ), sediada em Washington DC, fundada em 1969 para fornecer subsídios a repórteres trabalhando em projetos de jornalismo investigativo. Entre os primeiros beneficiários estava um jovem jornalista freelancer chamado Seymour Hersh, que usou o subsídio para investigar um relatório sobre um massacre perpetrado pelas tropas dos EUA no Vietnã. Sua reportagem revelou o incidente mais notório da guerra: o massacre de aldeões em My Lai (homens, mulheres, crianças, idosos e até bebês) e seu subsequente encobrimento pelos oficiais do exército. Em três décadas, a FIJ doou mais de US\$1,5 milhão para jornalistas autônomos (Kaplan, 2013).

A FIJ foi sucedida em 1975 pela *Investigative Reporters and Editors* (IRE), uma associação profissional fundada para treinar, proteger e defender jornalistas investigativos. A IRE tem sede na Escola de Jornalismo da Universidade de Missouri, nos Estados Unidos. Logo após, surgiu o *Centre for Investigative Journalism* (CIR), formado por jornalistas independentes na área da Baía de São Francisco, dedicados a cobrir reportagens investigativas que os meios de comunicação convencionais não abordavam. Em 1989, o *Center for Public Integrity* foi estabelecido em Washington D.C., seguido pelo *Philippine Center for Philippine Journalism*, em Manila, Filipinas. Ambos os centros foram criados

para apoiar jornalistas dedicados a investigar casos significativos de corrupção, supervisionar o poder e informar o público, promovendo assim a teoria democrática. Além disso, essas organizações capacitam, oferecem incentivos econômicos e protegem os jornalistas (Kaplan, 2013).

No início da década de 1990, o conceito do IRE havia se espalhado pela Europa. Grupos semelhantes se seguiram (no México, Nepal, Bulgária), com mais da metade dos centros surgindo desde 2000. Somente em 2007, foram criados novos centros no Azerbaijão, Bulgária, Chile e Colômbia, e jornalistas estavam estudando projetos semelhantes na Índia, Indonésia e Turquia. Em sua maioria, centros de pesquisa sem fins lucrativos que eram financiados por grandes fundações e forneciam assistência a outros meios de comunicação considerados independentes e jornalistas freelance (Kaplan, 2003).

Fundações como a *Fundação Rockefeller* e a *Fundação Ford* têm desempenhado um papel crucial no apoio ao jornalismo desde a década de 1930. A *Fundação Rockefeller*, por exemplo, tornou-se proeminente no campo da pesquisa em comunicação após a Segunda Guerra Mundial. Hoje, suas áreas de interesse em apoio ao jornalismo incluem sobrevivência, saúde global, proteção ambiental, urbanização, bem como segurança social e econômica (Friedland; Konieczna, 2011).

Em 1952, a Fundação *Ford* foi fundamental para a criação da televisão educativa americana, que em 1963 se tornou a Televisão Educativa Nacional (NET). Logo depois, a Fundação Ford financiou novas redes nacionais (grupos de estações locais) e grandes projetos de documentários que abordam questões como pobreza e racismo que não eram cobertas pela mídia comercial. Essas fundações contribuíram para a radiodifusão pública nos Estados Unidos com veículos de mídia como a *National Public Radio*, a *American Public Radio* e o *Public Broadcasting System* (Friedland; Konieczna, 2011).

No total, a Fundação Ford investiu cerca de 435 milhões de dólares em televisão pública entre 1951 e 2005. As doações das fundações para a televisão pública, lideradas pela Fundação Ford, com contribuições significativas da Carnegie Corporation, da Fundação John D. e Catherine T. MacArthur e outras, constituem a maior parte do financiamento da televisão pública. Sem elas, não haveria radiodifusão pública nos Estados Unidos. Portanto, pode-se afirmar com razão que a *National Public Radio*, a *American Public Radio* e o *Public Broadcasting System*, com seu

jornalismo principal, são, na verdade, mais financiados por fundações do que pelo Estado. (Friedland; Konieczna, 2011, p. 13, tradução nossa)²⁹.

Desde aquela época, outras fundações também começaram a financiar o jornalismo. Desde a sua criação em 1950, a *Knight Foundation* investiu cerca de US\$ 300 milhões no jornalismo americano e global, com ênfase no treinamento em meio de carreira na década de 1980, na educação em jornalismo na década de 1990 e na inovação da mídia digital na década atual (Guensburg, 2008). Em 2009, a *Knight Foundation* tinha US\$2,19 bilhões em ativos, incluindo programas de estudo para jornalistas. No mesmo ano, concedeu 276 novas doações, totalizando US\$142 milhões em apoio ao jornalismo (Friedland; Konieczna, 2011).

A *Knight Foundation* criou o *Knight Media Innovation* para uma série de programas que promovem abordagens e medidas experimentais para conceitos inovadores em meios de comunicação digital (Friedland; Konieczna, 2011). Todos os anos, ela organiza um Fórum Anual que reúne centenas de financiadores e pede uma ação decisiva para apoiar o jornalismo e a democracia. Em setembro de 2023, a *Knight Foundation* anunciou um aumento de US\$150 milhões em seu compromisso de financiar o jornalismo local em um período de cinco anos. Esse aumento foi feito como parte de um esforço de financiamento colaborativo chamado *Press Forward*. Em 2024, Maribel Pérez Wadsworth, uma jornalista com experiência como editora do *USA Today*, assumiu o cargo de nova CEO da *Knight Foundation*. No último evento em Miami, Pérez enfatizou que o trabalho em prol do jornalismo havia se tornado mais urgente devido aos contínuos anúncios de demissões e fechamentos em todo o setor (Knight, 2024).

Outra grande fundação em apoio ao jornalismo é a *Henry J. Kaiser Family Foundation*. Desde 1993, a fundação tem financiado o treinamento de jornalistas da área de

²⁹ Über die Jahre flossen unterschiedliche Summen in die Förderung. Insgesamt investierte die Ford-Stiftung zwischen 1951 und 2005 geschätzte 435 Mio. Dollar in das öffentlich-rechtliche Fernsehen. Iftungsgebundene Zuwendungen für das öffentlich-rechtliche Fernsehen – allen voran durch die Ford-Stiftung mit wichtigen Beiträgen der Carnegie Corporation, der John D. and Catherine T. MacArthur-Stiftung und anderer – machen den Löwenanteil von Fördermitteln amerikanischer Stiftungen für Medienprojekte aus. Ohne sie gäbe es in den Vereinigten Staaten keinen öffentlich-rechtlichen Rundfunk. Zu Recht lässt sich folglich feststellen, dass das National Public Radio, American Public Radio und das Public Broadcasting System mit ihrem Vorzeigejournalismus in Wahrheit eher stiftungsfinanziert als staatlich gefördert sind. FRIEDLAND, Lewis A.; KONIECZNA, Magda. Finanzierung journalistischer Aktivitäten durch gemeinnützige Organisationen in den USA. *Dortmund: TU Dortmund*, 2011.

saúde, inclusive concedendo até US\$50.000 por ano a alguns beneficiários da fundação para apoiar projetos de notícias. Já o *Charles Lewis Center for Public Integrity* arrecadou e gastou US\$30 milhões em projetos de jornalismo entre 1989 e 2004 (Guensburg, 2008). Outras fundações que contribuíram para o jornalismo nos Estados Unidos e depois expandiram seu financiamento para a escala internacional: a *John D. and Catherine T. MacArthur Foundation*; a *Bill and Melinda Gates Foundation*; a *Rockefeller Brothers Fund*; a *Pew Charitable Trusts*; o *Open Society Institute*; a *William and Flora Hewlett Foundation*; e a *McCormick Foundation* (Friedland; Konieczna, 2011).

A proliferação de organizações de notícias sem fins lucrativos no início do século XXI, em resposta à escassez de reportagens investigativas nos meios de comunicação dos EUA, despertou um maior interesse por parte das fundações (Westphal, 2009). Esse interesse resultou em um aumento significativo no financiamento dessas iniciativas. Um exemplo marcante é a criação do *Institute for Nonprofit News* (INN) em 2009, apoiado por grandes fundações. Inicialmente composto por 27 organizações, o INN cresceu rapidamente e, em cinco anos, já reunia mais de 100 redações. O diferencial do INN era seu foco no jornalismo investigativo e sua independência na produção de notícias sem fins lucrativos. A organização colaborava com jornalistas demitidos de meios tradicionais que desejavam continuar informando sem restrições editoriais (Demeneck, 2016).

Em conclusão, o apoio das fundações filantrópicas tem sido fundamental para o desenvolvimento do jornalismo nos Estados Unidos, especialmente para a sustentabilidade do jornalismo investigativo. Essas fundações, com seus grandes recursos, financiaram importantes projetos de jornalismo por meio de seus programas, desde a criação de novos meios de comunicação e o apoio a centros de jornalismo investigativo (em todo o mundo) até pequenas doações para reportagens. Isso possibilitou a realização de investigações profundas e reveladoras. É possível que, sem esse apoio, muitas das histórias cruciais que expuseram injustiças não teriam vindo à luz, não apenas nos Estados Unidos.

3.1.2. Contribuição das fundações para o jornalismo na América Latina

Na América Latina, como mencionado anteriormente, a crise foi adiada no início do século XXI devido às diferentes estratégias adotadas pelos grandes meios de comunicação,

como suplementos e jornais populares, que Christofolletti (2019) chamou de “remédios paliativos”. De acordo com Hernández Ramírez (2020), o investimento internacional no jornalismo latino-americano teve início em 2003, quando o jornalista brasileiro Rosental Alves, beneficiário de uma bolsa da *Fundação Knight* por meio do programa Centro Knight para o Jornalismo nas Américas, propôs investir em jornalismo de investigação e treinamento para jornalistas da região. Outros estudos indicam que o envolvimento de organizações filantrópicas cresceu com o aumento dos veículos jornalísticos digitais na região, impulsionado por fundações que perceberam as crises enfrentadas pelo jornalismo, tanto econômicas quanto políticas, entre aproximadamente 2009 e 2014 (Meléndez Yúdico, 2016; Levoyer, 2020; Natanson, 2014). No caso específico do México, foi quando houve um aumento da violência contra jornalistas, o que levou a um aumento no apoio das fundações (Hernández Ramírez, 2020).

As fundações filantrópicas chegaram ao Equador para serem parte da expansão dos meios digitais no país. Isso foi resultado de uma forte tensão entre o governo equatoriano, liderado na época pelo ex-presidente Rafael Correa, e os meios de comunicação tradicionais privados. Essa tensão levou à implementação de várias leis e regulamentos contra os meios de comunicação, resultando em limitações, demissões e na autocensura de jornalistas em vários casos (Natanson, 2014; Levoyer, 2020). Diante disso, muitos jornalistas decidiram migrar para o mundo digital, onde as leis de comunicação não alcançavam. Dessa forma, fundações nacionais de jornalismo e fundações internacionais começaram a apoiar novos projetos jornalísticos digitais que estivessem livres das limitações do governo e dos interesses privados (Levoyer, 2020).

Os meios de comunicação digitais equatorianos Plan V e Periodismo de Investigación receberam financiamento com o apoio da Fundamedios³⁰ (Fundação jornalística equatoriana), FOPE³¹ (Foro de Periodistas de Ecuador) e Freedom House³² (Fundação internacional). Esse apoio foi destinado tanto a projetos de produção jornalística quanto à melhoria de seus equipamentos. Inicialmente, as questões prioritárias estavam

³⁰ Fundamedios: <https://www.fundamedios.org/>

³¹ FOPE: <https://www.facebook.com/ForoPerEc/>

³² Freedom House: <https://freedomhouse.org/>

alinhadas com a luta contra a corrupção, devido às limitações daquele período, já que existiam (e ainda existem) muitas barreiras para a realização de um jornalismo investigativo e aprofundado. Posteriormente, as linhas temáticas foram ampliadas para abranger outras problemáticas que não estavam sendo cobertas, como migração, violência contra a mulher, saúde mental, entre outras (Levoyer, 2020). Esse financiamento por parte das fundações ajudou os meios digitais a se fortalecerem e a produzirem reportagens de qualidade, preenchendo o vazio deixado pelos veículos tradicionais, agravado pela perda de audiência e outras limitações.

Em suma, os resultados desta pesquisa levam à conclusão de que, em circunstâncias como as vividas no Equador, a cooperação internacional é uma alternativa viável para manter o jornalismo livre. Uma vez que os governos autoritários e as circunstâncias mudem, a manutenção de uma agenda próxima às linhas de apoio dessas mesmas organizações revela que o apoio das fundações ainda é necessário para que o jornalismo continue seu trabalho, dada a falta de capacidade de gestão desses cibermeios e de um modelo de negócios lucrativo (Levoyer, 2020, p. 195, Tradução nossa).³³

Atualmente, o Plan V³⁴ se considera um meio de comunicação independente, mas não divulga a origem de seu financiamento (ele tem publicidade e um botão de assinatura em sua plataforma). Em vez de cobrir as notícias do dia a dia, eles se dedicam a investigações mais profundas e detalhadas, focando em temas que normalmente aparecem nas agendas de fundações, como corrupção, abuso de poder, migração, violência contra a mulher e infantil, contaminação ambiental, a Amazônia, entre outros. No site deles, há uma seção especial só para o jornalismo investigativo. Lá, eles mostram reportagens que muitas vezes são feitas em parceria com outros meios de comunicação do Equador. Isso segue uma das recomendações de Anderson, Bell e Shirky (2013) sobre como fazer jornalismo no mundo pós-industrial.

Uma dessas reportagens trata sobre os enormes subsídios que o governo do Equador dá em diesel e eletricidade para a mina Mirador, que é operada pela Ecuacorriente, em parceria com a China. A comunidade indígena de Zamora Chinchipe, na Amazônia,

³³ LEVOYER, Saudia. *La cooperación internacional en el ciberperiodismo ecuatoriano*: Los casos de Plan V y Periodismo de Investigación. # PerDebate, v. 4, n. 1, p. 182-197, 2020 (Tradução do autor).

³⁴ Plan V: <https://www.planv.com.ec/investigacion>

manifestou que os resíduos dessa mina estão poluindo o rio Tundayme, vital para a população local. E, além disso, o governo está explorando recursos minerais e ajudando financeiramente empresas que não precisam desse apoio. Essa investigação é completa, com dados claros, opiniões da comunidade afetada, da empresa envolvida e de especialistas. A matéria gerou um grande debate público, mas, até agora, parece que não conseguiu parar as atividades da mina.³⁵

Por outro lado, o portal de Periodismo de Investigación não se define apenas como um meio de comunicação, mas sim “como uma força transformadora que desafia a corrupção e promove a justiça social”³⁶. O site possui uma seção dedicada às suas investigações jornalísticas, intitulada “Casos”, a qual se divide em várias subseções como “Novos”, “Emblemáticos”, “Especiais” e “Arquivos”. Entre as publicações emblemáticas está o caso “Arroz Verde”, publicado em 3 de maio de 2019, em parceria com o portal Mil Hojas, que teve um impacto significativo em todo o Equador e resultou em investigações criminais subsequentes. A matéria revelou doações recebidas pelo Alianza PAIS (partido de 2012-2016) de empresas transnacionais e nacionais, além de outras tramas de corrupção, como o direcionamento de contratos de hospitais durante a pandemia e o favorecimento de instituições públicas entre políticos no poder (em outras entregas). Esse caso resultou na condenação de vários funcionários públicos, mas não de todos.³⁷

Outra pesquisa sobre o apoio das fundações ao jornalismo na América Latina foi realizada pela Factual A.C., com o apoio do Fundo Regional para a Inovação Digital na América Latina e no Caribe (FRIDA), desenvolvida por Meléndez Yúdico (2016). Esta investigação, realizada entre 2014 e 2015, analisou o panorama dos meios digitais na região, o modelo de negócio, as fortalezas tecnológicas e as práticas jornalísticas.

Os resultados em relação ao modelo de negócio foram os seguintes: dos 34 meios de comunicação digitais pesquisados, 20 são considerados com fins lucrativos, financiando-se com publicidade, grupos empresariais, franquias, apoio de universidades e cooperação internacional (fundações); 12 dependem principalmente de doações de fundações

³⁵ O relatório do Plano V pode ser acessado em: <https://planv.com.ec/historias/millonarios-subsidios-diesel-y-electricidad-que-benefician-la-mina-mirador/>

³⁶ Periodismo de Investigación: <https://periodismodeinvestigacion.com/somos-pi/>

³⁷ Para mais, acessar: <https://periodismodeinvestigacion.com/?s=arroz+green>

internacionais, fundos e programas de apoio ao jornalismo independente para seu financiamento, geralmente se denominando organizações de notícias não lucrativas; e dois preferiram não fornecer informação. A pesquisa observou que a maioria utiliza modelos híbridos que mesclam dois ou mais dos modelos mencionados (Meléndez Yúdice, 2016).

Outro dado importante foi que a maioria dos meios (73%) foi criada durante a explosão digital na América Latina, entre 2009 e 2014, enquanto apenas 6 (27%) foram criados antes de 2009 (Meléndez Yúdice, 2016). Isso corrobora o argumento de Levoyer (2020) de que as fundações passaram a apoiar os meios digitais emergentes com a proposta de salvar a democracia e as informações que estavam sendo perdidas (de qualidade e de serviço ao público). Os resultados da pesquisa de Meléndez Yúdice (2016) foram obtidos através de entrevistas presenciais e à distância com diretores e editores gerais.

Pode-se falar de um meio de referência no ecossistema do jornalismo digital: La Silla Vacía³⁸. Este é um meio de comunicação digital da Colômbia que também faz parte da investigação de Meléndez Yúdice (2016). Seu modelo de financiamento é baseado em vários pilares, incluindo publicidade, crowdfunding e, especialmente, cooperação internacional por meio de fundações como a *Open Society Foundation*, a *Ford Foundation* e a NED (*National Endowment for Democracy*) (Meléndez Yúdice, 2016). Graças ao apoio internacional, têm conseguido desenvolver reportagens relevantes, o que lhes permitiu criar outros serviços como cursos para jornalistas e a recopilación e sistematización de dados (La Silla Vacía, 2024).

La Silla Vacía também participou de projetos jornalísticos lançados pela Fundação Gabo, aproveitando cada oportunidade que têm para receber apoio internacional de fundações. Tanto é assim que obtiveram vários Prêmios Gabo: em 2013 na categoria de Inovação com o “Proyecto Rosa”³⁹, em 2016 na categoria de Cobertura pelo seu trabalho na negociação do ponto de justiça no Processo de Paz de La Habana⁴⁰ e, em 2021, ganharam seu terceiro prêmio com a reportagem “La Silla reconstruye cómo policías mataron a los tres jóvenes de Verbenal” (A Silla reconstrói como policiais mataram os três jovens de

³⁸ La Silla Vacía: <https://www.lasillavacia.com/>

³⁹ Proyecto Rosa: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLgVF5dNG4aPDLvGNUyck9h88tUJDcTUeF>

⁴⁰ La justicia que sale de La Habana. Prêmio Gabo. Disponível em: <https://premioggm.org/trabajo/edicion/2016/cobertura/la-justicia-que-sale-de-la-habana/>. Acesso em: 10 de agosto de 2024.

Verbenal)⁴¹. De acordo com o meio de comunicação, esta investigação visual gerou impacto nas investigações policiais e um grande debate público sobre o abuso policial. Além disso, eles foram selecionados como finalistas em várias ocasiões ao longo das diferentes categorias do prêmio Gabo (Lewin et al., 2021)

Outro meio de comunicação digital conhecido pelo apoio que recebe de fundações é o “El Faro”⁴², um portal de El Salvador que se concentra no jornalismo investigativo e aprofundado. De acordo com sua plataforma, eles cobrem corrupção, crime organizado, migração, cultura, desigualdade, impunidade e direitos humanos, monitorando tanto órgãos estatais quanto as diferentes esferas econômicas e sociais da região (El Faro, 2024).

Em termos de seu modelo de negócios, eles se caracterizam pela transparência na revelação de suas fontes de financiamento. El Faro é de propriedade da Fundación Periódica de Costa Rica e recebe fundos de várias fundações para suas operações. No entanto, seu modelo é híbrido: ele organiza eventos como o Foro Centroamericano de Periodismo (ForoCAP), vende conteúdo para a mídia internacional, produz livros e documentários e recebe doações de seus leitores.

Durante 2022, a receita do El Faro foi de US\$ 1.069.937, dos quais 76% vieram de cooperação internacional, ou seja, fundações; 10% de parcerias de conteúdo (venda de conteúdo), 5% de eventos, 5% de doações de leitores e 4% de receita comercial. Em outras palavras, o investimento estrangeiro nesse meio é significativo. Na parte inferior de sua plataforma, El Faro lista como financiadores a *Open Society Foundation*, *Free Press Unlimited*, *The Fund for Global Human Rights* e outros, como a *Heinrich Böll San Salvador Foundation* e a *Seattle International Foundation Central America* (El Faro, 2024).

El Faro também tem sido um portal muito presente nos eventos da Fundação Gabo primeiro com o Prêmio Excelência em 2016 por sua gestão em jornalismo digital e seu trabalho investigativo e aprofundado diante das adversidades da época⁴³. Em 2021, ele recebeu o Prêmio Gabo na categoria Imagem por seu documentário (junto com La Jaula

⁴¹ La Silla Vacía reconstruye cómo policías mataron a los tres jóvenes de Verbenal. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2wpzA3_OYms&rco=1. Acesso em: 10 de agosto de 2024.

⁴² El Faro: <https://elfaro.net/es?rf=inicio>

⁴³ Prêmio de Excelência 2016- El Faro: https://elfaro.net/es/201607/el_agora/18957/El-Faro-recibe-reconocimiento-a-la-excelencia-period%C3%ADstica-de-la-FNPI.htm

Abierta) chamado ‘Imperdonable’⁴⁴, que apresenta uma realidade de violência juvenil e de gangues, e uma crítica social ao sistema de encarceramento, ao sistema religioso, entre outras. Em 1º de abril de 2023, El Faro teve que transferir seu setor administrativo e jurídico para a Costa Rica, sendo conhecido como um jornal de oposição que era constantemente ameaçado e assediado pelo governo, o que motivou essa decisão (El Faro, 2023).

Outras organizações de notícias latino-americanas conhecidas por incluir fundações em suas fontes de financiamento são: Mexicanos Unidos contra La Corrupción, La Silla Rota, Animal Político e Sin Embargo (México), GK (Equador), Agência Pública (Brasil), Chequado. com, Cosecha Roja, Anfibia (Argentina), CIPER, El Mostrador (Chile), Confidencial Colombia, Kienyke, La Silla Vacía, Las 2 Orillas, VerdadAbierta (Colômbia), IDL - Reporteros, La Mula. Pe, Ojo Pública, Útero.pe (Peru), La Patilla, Prodavinci (Venezuela), La Pública (Bolívia), Nómada, Plaza Pública (Guatemala), Sudestada (Uruguai) e 14/medio (Cuba) (Meléndez Yúdico, 2016; Requejo-Alemán; Lugo-Ocando, 2014; Mendoza; Rojas, 2021).

A presença do filantropojornalismo na América Latina também se manifesta no campo do jornalismo transnacional (Palau-Sampio, 2018), conhecido também como transfronteiriço (Mendoza; Rojas, 2021). Esse tipo de jornalismo envolve a colaboração entre meios de comunicação de vários países com o objetivo de abordar temas de relevância entre múltiplos países, como corrupção ou violações dos direitos humanos, aproveitando tecnologias e sinergias para somar esforços (Palau-Sampio, 2018). Segundo Hernández Ramírez (2020), diversas fundações e organizações têm promovido o jornalismo transfronteiriço de investigação na América Latina, como as fundações *Knight Foundation (International Center for Journalism, Nieman Foundation* e Iniciativa para o Jornalismo de Investigação nas Américas), Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), Fundação Nacional para a Democracia (NED: *National Endowment for Democracy*), *Ford Foundation* e *Open Society Foundations*.

Palau-Sampio (2018) examinou quatro iniciativas de meios de comunicação colaborativos em diferentes países e o financiamento de fundações (entre 2012 e 2017). Ela

⁴⁴ El Imperdonable. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2rICKAcU-Oc>. Acesso em: 27 de outubro de 2024.

concluiu que essa prática oferece vários benefícios para o jornalismo, tais como: expor não apenas o crime organizado global, mas também seus efeitos em cada país; reduzir a retaliação contra jornalistas (porque a publicação é massiva); promover a transparência nas fontes de financiamento para aumentar a confiança do público; melhorar as ferramentas de colaboração; e melhorar o uso do jornalismo de dados e visualizações para aumentar a qualidade das investigações.

Entre os projetos analisados está o *Esclavos del Crimen* em América Latina, composto por meios digitais que, em sua maioria, já tinham um modelo de negócios orientado por fundações, como Plaza Pública (Guatemala), Sala Negra, El Faro (El Salvador), Animal Político (México) e Verdad Abierta (Colômbia). Esse projeto foi financiado pelas fundações *InSight Crime* e *Internoticias* (Palau-Sampio, 2018).

Em cada país, cada meio de comunicação envolvido investigou o papel do crime organizado e revelou como, no século XXI, a escravidão em benefício do crime ainda existe, mas com rostos diferentes daqueles imaginados no passado: mulheres sequestradas e forçadas a trabalhar em bordéis (El Salvador e Guatemala), migrantes e profissionais recrutados por gangues de drogas para servir no negócio do crime (México) e crianças e jovens recrutados por máfias e guerrilhas para trabalhar em atividades ilícitas ou como assassinos contratados (Colômbia) (Insight Crime, 2012). Não está claro se esses relatórios geraram algum tipo de mudança ou despertaram a opinião pública, uma revisão desses portais de mídia mostra que algumas pessoas ainda estão desaparecidas⁴⁵. No caso da Colômbia, mais reportagens sobre o desaparecimento de mulheres e crianças foram publicadas anos depois⁴⁶.

A Fundación Connectas trabalha precisamente nessa linha de jornalismo transfronteiriço, sendo uma organização sem fins lucrativos similar à Fundação Gabo, que oferece várias oportunidades para o jornalismo na América Latina, com um foco em jornalismo colaborativo. Segundo a investigação de Hernández Ramírez (2020), a Connectas

⁴⁵ Fernández, María Guadalupe; Robledo, José Antonio. A cinco años insistimos: justicia para nuestro hijo José Antonio. *Animal Político*, 27 janeiro 2014. Disponível em: <https://animalpolitico.com/analisis/invitados/justicia-para-jose-antonio-robledo-fernandez> Acesso em: 14 de outubro de 2024.

⁴⁶ Para mais, consultar o portal Verdad Abierta: <https://verdadabierta.com/?s=Ni%C3%B1os+de+Tumaco>

é definida como uma “redação remota” composta por 20 países da América Latina, incluindo Venezuela, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Caribe, El Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru e República Dominicana. O objetivo é produzir jornalismo investigativo sobre eventos políticos, sociais, econômicos e ecológicos que ocorrem na região e que tenham um impacto significativo.

A Connectas oferece apoio tecnológico e profissional, além de ajudar na captação de recursos para a realização dessas investigações. O financiamento da organização provém de fundações estrangeiras, especialmente dos Estados Unidos. Hernández Ramírez (2020) reconhece que o financiamento vem dos mais ricos, mas defende que ele está contribuindo para temas que não seriam investigados sem esse apoio (tema que será discutido mais adiante). A Connectas também já recebeu vários prêmios e lançou investigações que tiveram o “impacto” exigido por seus financiadores, por exemplo: Panama Papers.

Numerosas histórias de jornalistas latino-americanos, sob várias alianças com a CONNECTAS, ganharam os prêmios, menções e reconhecimentos de maior prestígio na América Latina. Entre eles estão o Prêmio da Sociedade Interamericana de Imprensa, o Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo, o Prêmio Ortega y Gasset, o Prêmio Gabriel García Márquez e o Prêmio IPYS - TILAC de Jornalismo Investigativo Latino-Americano. Essa Plataforma Regional também foi uma das aliadas da mídia na investigação dos Panama Papers, distinguida com o Prêmio Pulitzer 2017, um trabalho global coordenado pelo Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (Connectas, 2024).

As fundações também apoiaram iniciativas jornalísticas locais que são agrupadas em nível nacional, como a Alianza de Medios Tejiendo Redes (AMTR) no México, formada por 11 veículos de comunicação, incluindo Amapola Periodismo, Chiapas Paralelo, Lado B, La Verdad Juárez, Página 3, Pié de Página, Perimetral, Raíchali, Trinchera, Voz Alternativa e Zona Docs. Todos esses meios de comunicação adotam um modelo de negócios híbrido, incluindo fundações, a mais proeminente das quais é a *Open Society*; eles têm outras estratégias, como campanhas para atrair assinantes e participação em editais de subsídios para produção jornalística (um deles obteve fundos da Fundação Gabo para pesquisa sobre drogas) (Mendoza; Rojas, 2021).

Mendoza e Rojas (2021) realizaram entrevistas em profundidade com representantes dos meios de comunicação e uma etnografia virtual, chegando às seguintes conclusões: o apoio das fundações é crucial para a existência da Alianza de Medios Tejiendo Redes; mas para receber financiamento dessas organizações, os proprietários dos meios de comunicação (jornalistas) precisam adquirir habilidades de gestão e negócios, pois outro requisito das fundações é a sustentabilidade econômica. Em sua terceira conclusão, enfatizaram que não há imposição na agenda informativa, o que existe é uma coincidência de interesses entre os profissionais de notícias e as fundações. Os representantes de meios comentaram que, em geral, os tópicos são bastante abertos, o que lhes permite ser autônomos. Portanto, eles preferem o apoio de fundações internacionais à publicidade governamental, porque esta última limita mais.

Conforme já observado, o apoio das fundações tem sido fundamental para o fortalecimento do jornalismo na América Latina, especialmente após o declínio econômico dos meios de comunicação tradicionais e o surgimento dos veículos nativos digitais, por meio de subsídios e eventuais incentivos para reportagens aprofundadas e investigativas. Nesse contexto, um dos auxílios já mencionados são as bolsas de produção jornalística, razão pela qual a próxima seção tratará da questão específica das bolsas oferecidas pelas fundações.

3.1. 3. Bolsas de produção jornalística

Uma bolsa de produção jornalística é uma subvenção concedida a veículos de comunicação, jornalistas associados a um veículo de comunicação ou jornalistas freelancers, para que possam desenvolver seus projetos de jornalismo. As partes interessadas geralmente se inscrevem por meio de uma chamada para candidaturas lançada por uma Fundação específica. O objetivo desses subsídios é incentivar a criação de histórias jornalísticas aprofundadas e de alto impacto, como a exposição de casos de corrupção e violações de direitos humanos na região (Connectas, 2022; ICFJ, 2024b, Montes, 2024), embora também possam ser aspectos positivos (Fundação Gabo, 2020).

Os requisitos para a inscrição variam dependendo dos países e das temáticas designadas pela organização financiadora. No entanto, existe um requisito universal e obrigatório para todos os candidatos: “prever o impacto”. Esta previsão de impacto significa

que os candidatos devem demonstrar o tipo de impacto que seu projeto jornalístico terá como consequência da bolsa, e é um critério de avaliação fundamental para as financiadoras (Fundação Gabo, 2024c; Connectas, 2022; ICFJ, 2024a; Hamilton, 2016; Hernández Ramírez, 2020).

De acordo com o Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ) (2024a), o impacto refere-se a uma mudança positiva no mundo. Eles aconselham os jornalistas que se candidatam a se fazerem perguntas como: “Como você pode fazer a diferença na sua comunidade com o seu projeto?” e “Quem se beneficiará com seu projeto e como?” para atender a este requisito. A Fundação Gabo, por exemplo, possui um formulário de aplicação de bolsas de produção jornalística que inclui entre os requisitos a descrição do impacto esperado em até 300 palavras⁴⁷. Outros requisitos, como o orçamento detalhado, também são solicitados pelos doadores para esclarecer os custos envolvidos (ICFJ, 2024a; Fundação Gabo, 2024b).

Uma investigação conduzida por Duchene e Standaert (2019) da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, examina a entrega de bolsas para produções jornalísticas. Esta pesquisa analisa as temáticas das bolsas concedidas a meios de comunicação da região da Federação Valónia-Bruxelas entre 2009 e 2019 pelo Fundo de Jornalismo, criado por iniciativa da Associação dos Jornalistas Profissionais (AJP) como consequência das crises financeiras no setor jornalístico, que limitaram a capacidade dos veículos de realizar conteúdo de qualidade.

O foco da pesquisa é a cobertura midiática dessas bolsas, que são divididas em várias temáticas como Política, Justiça, Economia, Mundo, Empresas, Cultura e Patrimônio. Cada uma dessas temáticas possui subtemas específicos, como Bélgica e Internacional (Política), fenômenos de migração, conflitos e violências, desastres naturais (Mundo), entre outros. O estudo busca determinar se esses temas estão alinhados com as preocupações atuais da região, o gênero jornalístico, se os projetos estão beneficiando os jornalistas e se eles oferecem soluções para os problemas abordados.

⁴⁷ Para o formulário de aplicação, acessar:

<https://drive.google.com/file/d/1oGdesS20Ri3blwi6JnPfWRGoey2Ufuab/view>

A pesquisa de Duchene e Standaert (2019) chegou a conclusões significativas: o programa de bolsas do Fundo de Jornalismo aborda uma ampla variedade de tópicos alinhados com a atualidade regional. O estudo identificou uma clara preferência por questões econômicas e internacionais em detrimento das questões políticas e judiciais. Entretanto, também observou lacunas em áreas como instituições políticas e cultura. Um aspecto importante destacado foi a seleção de tópicos com base na proximidade temporal e geográfica, com prioridade para questões locais.

Dos 228 projetos examinados, o gênero investigativo foi o mais predominante, seguido por reportagens, abordando tópicos como migração, sistema prisional, questões históricas complexas, conflitos e política. Além disso, o estudo observou o desenvolvimento do jornalismo construtivo ou de soluções por meio desses subsídios, observando que alguns projetos procuraram oferecer cobertura positiva ao promover soluções para os problemas abordados. Outro ponto relevante foi a liberdade dos meios de comunicação para escolher tópicos que tivessem uma história para contar (Duchene; Standaert, 2019).

Existe uma lacuna bibliográfica específica sobre a concepção de bolsas de produção jornalística para meios de comunicação e jornalistas (mas sim foram encontrados trabalhos relacionados ao financiamento por parte de fundações). Esta ausência representou um obstáculo para esta seção ao tentar mostrar outros estudos relacionados, mas pode ser benéfico ao mesmo tempo, pois este estudo abre caminho para que outros explorem este tema de grande interesse.

Contudo, há algumas fundações que, em seus programas de apoio, oferecem iniciativas voltadas especificamente aos meios de comunicação e jornalistas, com foco especial no jornalismo local. Por exemplo, o Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ) tem vários programas de apoio ao jornalismo, como treinamento, orientação, bolsas de estudo, bolsas de produção jornalística e apoio financeiro. Ele também tem a iniciativa Jornalismo Investigativo nas Américas, que apoia jornalistas investigativos na América Latina e no Caribe para reportar sobre questões de crime e corrupção “que colocam em risco os cidadãos e desperdiçam recursos públicos” (ICFJ, 2024b).

O ICFJ também fez uma parceria com a Connectas para criar o *Connectas Hub* a fim de fortalecer o apoio ao jornalismo transfronteiriço na região da América Latina. O site mostra algumas das investigações realizadas junto com essa organização, como a

investigação sobre a mansão da primeira família do México, revelando um escândalo de corrupção que levou à venda da propriedade e à revogação de um contrato com o governo⁴⁸. Também possui o projeto Rede Internacional de Jornalistas, que todos os meses lança diferentes chamadas para bolsas de produção jornalística para jornalistas de todo o mundo.⁴⁹

Outra fundação bem conhecida no campo da caridade jornalística é o Programa de Jornalismo Independente da Open Society⁵⁰. Esse programa enfatiza que seu apoio se baseia em duas direções: coletivos de jornalismo investigativo, como o caso da AMTR no México, e jornalismo independente e aberto onde a liberdade de imprensa está sendo restringida, especialmente na América Latina. A Open Society financia meios digitais e projetos específicos por meio de bolsas de produção jornalística (Mendoza; Rojas, 2021).

Existem várias fundações no mundo que apoiam o jornalismo, mas para a América Latina isso não significa que o dinheiro esteja prontamente disponível. Principalmente porque na América Latina (e na Espanha) não há uma cultura consolidada de patrocínio (Mendoza; Rojas, 2021). É também por isso que o jornalismo de fronteira foi impulsionado na América Latina (Hernández Ramírez, 2020). Assim, foram criadas fundações na região que servem para canalizar fundos de diferentes fundações privadas internacionais e outros programas (inclusive governamentais), como as fundações Fundamedios e Fope no Equador ou, neste caso específico, a Fundação Gabo na Colômbia, que, apesar de terem atividades diferentes, estão relacionadas ao jornalismo (Levoyer, 2020; Montes, 2024).

Estudos têm demonstrado que essas fundações, apesar de fornecerem esse tipo de financiamento, não interferem na autonomia dos jornalistas, mas sim na maneira como eles compreendem, valorizam e exercem o jornalismo. Essa dinâmica é evidente no processo de candidatura a esses projetos, no qual os jornalistas devem considerar o impacto esperado, alinhando-o aos tópicos das convocatórias (Mendoza; Rojas, 2021; Labio-Bernal; Romero-Domínguez, 2023; Benson, 2018).

É por essa razão que, na próxima seção, será analisada a influência das fundações que financiam o jornalismo. Essa discussão é relevante, pois alguns autores levantam

⁴⁸ Connectas Hub: <https://www.connectas.org/connectas-hub/>

⁴⁹ Rede Internacional de Jornalistas: <https://ijnet.org/es/story/nueve-oportunidades-para-periodistas-en-mayo>

⁵⁰ Jornalismo Independiente da Open Society: <https://www.opensocietyfoundations.org/voices/topics/independent-journalism>

questionamentos sobre o apoio que essas fundações oferecem, considerando as origens de seus países, a transparência em relação a quem está por trás delas e as linhas temáticas que podem ser impostas.

3.1.5 A influência das fundações

Alguns autores são críticos e contrários às fundações e aos filantropos que afirmam ajudar o jornalismo. Tanto é assim que o termo “filantrojornalismo” foi cunhado como “filantrocapitalismo” (Labio-Bernal; Romero-Domínguez, 2023). Esse termo sugere que a dependência do financiamento de doadores filantrópicos pode distorcer a prática do jornalismo, usado como salvação, mas, na realidade, apoiando um capricho dos ricos que desejam manter o status quo da sociedade priorizando certas questões que perpetuam a posição de superioridade dos milionários (expansão do capitalismo) (Labio-Bernal; Romero-Domínguez, 2023; Benson, 2018; Arrese, 2011).

Por exemplo, Benson (2018) questiona o trabalho dos meios de comunicação financiados por fundações (nesse caso, principalmente meios sem fins lucrativos). Ele argumenta que é necessário, para o bem do jornalismo, investigar as respostas a estas perguntas: Quem exatamente está no comando dessas fundações e organizações sem fins lucrativos? Quem está por trás das decisões desses meios de comunicação e fundações? Labio-Bernal e Romero-Domínguez (2023) argumentam que é difícil se opor às fundações em meio a uma grande crise econômica, notícias falsas e novas tecnologias que corroem o trabalho jornalístico. No entanto, é essencial refletir se essa é realmente uma “salvação” com uma abordagem altruísta ou uma continuação do modelo tradicional de jornalismo, especialmente aquele manipulado pelas elites, conforme discutido por Chomsky e Herman (1990), Marcondes Filho (1986) e Núria Almirón (2010) apud Christofolletti (2019).

Benson (2018), em seu estudo sobre fundações filantrópicas e meios de comunicação sem fins lucrativos nos Estados Unidos, descobriu que as pessoas por trás dessas organizações tendem a ter um perfil específico, composto principalmente por líderes empresariais e acadêmicos de elite. Ele também descobriu que nos meios de comunicação sem fins lucrativos há uma forte conexão com meios comerciais, já que a maioria dos líderes

desses meios eram editores-chefes ou editores-gerentes de grandes veículos de comunicação tradicionais, como o New York Times, Texas Weekly, Dallas Times Herald e ABC News.

Por esse motivo, o autor conclui que a forte presença desses líderes nas diretorias dessas instituições poderia limitar a capacidade das organizações de notícias sem fins lucrativos de assumir posições alternativas ou de se conectar com determinados segmentos da população, como eleitores não urbanos e elitistas não culturais, cujas preocupações são frequentemente ignoradas na cobertura jornalística e nas políticas públicas (Benson, 2018).

Arrese (2011) e Labio-Bernal e Romero-Domínguez (2023) questionam se esse “modelo de negócios” patrocinado por fundações, que não é sustentável a longo prazo, deve ser considerado a única forma verdadeira de jornalismo de alta qualidade. Eles pedem uma reconsideração das estratégias de governança das empresas jornalísticas. Em particular, eles criticam a ideia de fortalecer ainda mais as organizações de notícias sem fins lucrativos por meio de políticas públicas (embora Arrese (2011) não negue que elas possam complementar os meios comerciais), argumentando que transformar os veículos de comunicação em fundações de caridade com a missão de “serviço ao público” é problemático. Alves (2014) estuda essa conversão em Portugal, onde ele sugere que a mídia se transforme em fundações jornalísticas para receber doações de indivíduos ricos e realizar seu trabalho sem preocupações financeiras. Há uma ampla aceitação dessa tendência entre profissionais e acadêmicos, que acreditam que essas organizações poderiam “salvar” o jornalismo. Há também um amplo apoio governamental em países como a França e os Estados Unidos, onde leis e medidas foram propostas para apoiar a criação de uma mídia sem fins lucrativos. Na Europa, especialmente na Espanha e na Grã-Bretanha, essa possibilidade também está sendo considerada (Arrese, 2011; Labio-Bernal; Romero-Domínguez, 2023).

Labio-Bernal e Romero-Domínguez (2023) também criticam o envolvimento de grandes corporações, como o Facebook e o Google, na “salvação do jornalismo”. Durante a pandemia, essas empresas financiaram diretamente iniciativas de verificação de fatos e meios jornalísticos em determinados países, especialmente nos Estados Unidos. Além disso, forneceram treinamento a jornalistas na América Latina como fonte de apoio emergencial por meio de programas como o *Google News Initiative* e o *Facebook Journalism Project* (Schiffrin, Anya, Posetti, Edgerton, Bell, 2022). Camargo et al. (2023) já haviam mencionado

a ideia dessas plataformas de adaptar o jornalismo a modelos alinhados às suas operações e regras.

É por isso que Labio-Bernal e Romero-Domínguez (2023) consideram essencial analisar as reais intenções e os compromissos ocultos desses gigantes tecnológicos que afirmam “ajudar” a imprensa. Eles criticam a aliança entre o Facebook e a Fundação Gabo, que em 2021 desenvolveu uma atividade focada na gestão de redações com o objetivo de capacitar jornalistas ibero-americanos, onde os participantes “aprenderam sobre ferramentas e boas práticas para se conectar com o público por meio do Facebook e do Instagram”.⁵¹ A preocupação é que esse investimento do Facebook possa ser uma autopromoção ou mesmo um controle da informação por meio de suas plataformas (Labio-Bernal e Romero-Domínguez, 2023) .

Podemos concluir que, no mundo altruísta do filantrojornalismo, repetem-se os mesmos vícios do jornalismo tradicional: dar prioridade a questões que resultem na manutenção do status quo em que os milionários ocupam um lugar privilegiado e em que não haja quebra de sua legitimidade social como líderes éticos que contribuem para tornar o mundo um lugar melhor. Isso reflete o conflito cruel entre o trabalho que os jornalistas devem fazer - investigar e relatar o mau funcionamento do sistema - e as necessidades dos filantropos: esconder o fato de que, graças ao mau funcionamento do sistema, eles se beneficiam (Labio-Bernal e Romero-Domínguez, 2023).⁵²

A seguir estão algumas das preocupações dos autores com relação a esse financiamento do filantrojornalismo:

a) Imposição de agendas

Até o momento, sabe-se que as fundações que concedem subsídios têm vários programas específicos por tema, nos quais os jornalistas que têm uma história para contar devem se adequar a esse tema (e a outras diretrizes) para serem considerados para avaliação,

⁵¹ Para mais sobre o projeto entre o Facebook e a Fundação Gabo, consultar:

<https://fundaciongabo.org/es/alianzas/fundacion-gabo-y-el-proyecto-de-periodismo-de-facebook-ofrecen-nuevos-espacios-de-formacion>. Acesso em: 27 de outubro de 2024.

⁵² LABIO-BERNAL, A; ROMERO-DOMÍNGUEZ, L. R. **Siente un periodista a su mesa:** Cuando la caridad y la filantropía vienen a salvar la profesión. Sevilla, España, 4 de enero. 2023 (Tradução do autor).

seleção e, por fim, financiamento. A questão é que muitos meios de comunicação adaptam seus interesses às agendas dos filantropos, às vezes conscientemente e às vezes inconscientemente, o que pode significar que os tópicos que eles cobrem podem ser influenciados pelos interesses daqueles que financiam suas operações, de acordo com Labio-Bernal e Romero-Domínguez (2023).

Segundo Benson (2018), em sua pesquisa, pouco mais da metade dos doadores admite abertamente que o dinheiro alocado para os meios é usado para informar a cobertura de áreas em que eles querem ver mudanças. É por isso que eles levam muito a sério a questão da previsão do “impacto”, pois é aí que as fundações estão fazendo seu trabalho altruísta por meio dos veículos jornalísticos. Agendas como educação, crianças, grupos vulneráveis, gênero, direitos humanos, sustentabilidade e meio ambiente têm o objetivo de promover o bem-estar nessas áreas, o que não é ruim por si só.

No entanto, segundo Labio-Bernal e Romero-Domínguez (2023), há uma preocupação sobre a possível perda de autonomia jornalística na seleção de tópicos relevantes devido à influência dessas fundações. Os autores questionam se a definição de agenda pelas fundações está restringindo a capacidade dos jornalistas de escolherem livremente os assuntos que cobrem. Embora as agendas das fundações frequentemente incluam temas de interesse público, como os mencionados acima, os jornalistas podem sentir-se obrigados a alinhar suas reportagens com esses tópicos para se candidatarem a subsídios, deixando de lado questões realmente relevantes e locais.

Há também uma omissão intencional de questões, que é o que Breed (1993) menciona em sua teoria organizacional. Benson (2018) dá exemplos de veículos de comunicação financiados por essas fundações que pretendem fazer um bom jornalismo, mas sempre protegendo os financiadores. Por exemplo, a Fundação Bill e Melinda Gates, que tem sido uma grande financiadora de vários projetos de notícias relacionados a questões importantes como desenvolvimento, pobreza, saúde e agricultura, especialmente em países em desenvolvimento. No entanto, o que as organizações financiadas não dizem é que a Fundação tem parcerias com empresas como a Monsanto, que promove alimentos geneticamente modificados, uma questão polêmica particularmente relevante para os países em desenvolvimento.

Concluindo, os autores estão tentando dizer que essa imposição de agendas demonstra uma influência sutil e não transparente das elites sobre os meios de comunicação, especialmente considerando que algumas organizações de comunicação não divulgam seu financiamento. Isso pode ser um problema real e levar ao modelo tradicional de jornalismo do qual esses veículos jornalísticos sem fins lucrativos, independentes e alternativos estão tão empenhados em se distanciar. Mendoza e Rojas (2021), ao discutir o caso da AMTR, afirmam que, embora temas de financiamento possam apresentar um conflito de interesse, a política editorial desses meios enfatiza a nula influência dos doadores. Ou seja, esses doadores não têm poder para questionar, revisar e muito menos editar o conteúdo.

As fundações que oferecem bolsas para a produção jornalística asseguram que não há interferência no foco, na escolha dos entrevistados ou em qualquer outro aspecto da investigação. Montes (2024), ao tratar da influência dos aliados da Fundação Gabo e da própria fundação, destaca que, embora existam linhas temáticas desenvolvidas ao longo de muitos anos, essas pautas já fazem parte do radar dos jornalistas e de suas agendas de notícias. Além disso, os jornalistas mantêm total independência e autonomia para investigar, produzir e publicar seus trabalhos.

b) Ajuda esporádica

A questão do apoio esporádico tem dividido opiniões. Autores como Kaplan (2007; 2013) e Westphal (2009) destacam o apoio das fundações para o crescimento do jornalismo investigativo em nível global. No entanto, eles criticam o financiamento descoordenado e episódico dessas instituições, bem como o fato de ser tão pequeno (embora possa não parecer).

De acordo com Benson (2018), o que está acontecendo é que há pouco interesse por parte das fundações em fornecer apoio operacional contínuo a qualquer meio de comunicação, pois o objetivo dessas fundações é fazer com que os meios de comunicação deixem de depender do apoio das fundações, incentivando a receita de publicidade e público. Isso seria bom, pois evita a dependência total, como é o caso de alguns grandes veículos de meios nos Estados Unidos, por exemplo, a ProPublica.

Um problema relacionado é a questão da sustentabilidade, outra exigência das fundações, além do impacto (Benson, 2018). O problema é que quando um veículo de

comunicação quer ser financiado por fundações, ele tem que começar a fazer atividades que tradicionalmente não faz em sua labor informativa. Por exemplo, envolver-se em questões administrativas e atividades de marketing para posicionar o meio de comunicação, bem como desenvolver planos estratégicos para serem vistos pelas fundações, algo que muitos jornalistas não conhecem, especialmente na América Latina, tornando a obtenção de recursos um processo difícil (Mendoza; Rojas, 2021).

Para Requejo-Alemán e Lugo-Ocando (2014), é muito difícil pensar que os meios de comunicação estão livres das pressões do fluxo de capital e da lucratividade, mesmo aqueles meios considerados “sem fins lucrativos”. É por isso que Mendoza e Rojas (2021) recomendam que os meios de comunicação sejam muito críticos em relação a possíveis agendas ocultas. Em suma, não acreditar firmemente nesse modelo patrocinado como uma forma de salvação (Arrese, 2011; Labio-Bernal; Romero-Domínguez, 2023). Embora esses mesmos autores tenham afirmado que há situações bem-sucedidas com reportagens que promoveram grandes debates públicos e mudanças substanciais, o receio aqui é que a agenda imposta e a total dependência dessas fundações possam levar ao mesmo problema de serem conduzidas pelas elites.

Diante disso, vale a pena falar que o nível de competitividade é muito alto quando se trata de doações, e nem todos os jornalistas têm os conhecimentos necessários para desenvolver um projeto e chamar a atenção das fundações. Além disso, há poucos recursos à disposição dos jornalistas, e muitos não conseguem nada, continuando a tentar, enquanto outros desistem (Benson, 2018; Labio-Bernal; Romero-Domínguez, 2023). Por isso, os modelos híbridos propostos por Anderson, Bell e Shirky (2013), entre outros autores, são considerados os mais adequados para manter um jornalismo de qualidade sem perder a independência. Esses autores não descartam o apoio de fundações, mas recomendam cautela e uma gestão estratégica e sustentável desses recursos.

No próximo capítulo, será aprofundado o estudo sobre a Fundação Gabo, objeto desta pesquisa, com foco no trabalho que desenvolve na Ibero-América, especialmente em relação ao seu apoio por meio de bolsas de produção jornalística.

4. FUNDAÇÃO GABO, BOLSAS E IMPACTO

Gabriel José García Márquez nasceu no dia 6 de março de 1927, em Aracataca, na Colômbia, um município frequentemente presente em suas histórias, especialmente na forma de Macondo. Faleceu aos 87 anos, no dia 17 de abril de 2014, na Cidade do México, onde vivia exilado devido a suas posições políticas. Conhecido carinhosamente como Gabo ou Gabito por seus amigos, ele foi um renomado escritor, jornalista, roteirista e intelectual colombiano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1982. Tornou-se uma das figuras mais influentes do século XX e um ícone cultural para a América Latina (Fundação Gabo, 2024a; Márquez, 2014; Torres, 2024).

Gabo nasceu em uma família humilde. Seu pai, Gabriel Eligio García, era telegrafista e, posteriormente, tornou-se farmacêutico. Sua mãe, Luisa Santiaga Márquez Iguarán, e ele foram pais de onze filhos, sendo Gabo o mais velho. A história de amor de seus pais, marcada pela oposição de seu avô materno, o coronel Nicolás Márquez, inspirou o romance ‘O Amor nos Tempos do Cólera’. Esse conflito familiar também é relatado em sua autobiografia ‘Viver para Contar’ (Márquez, 2014).

Gabo passou grande parte de sua infância com os avós maternos. Seu avô, a quem ele chamava carinhosamente de ‘Papalelo’, contava histórias que moldaram muitas de suas futuras narrativas. Sua avó, Tranquilina Iguarán, era descrita como uma mulher muito supersticiosa (Márquez, 2014). Esse contato foi essencial para o desenvolvimento do estilo literário que viria a ser conhecido como “realismo mágico”, no qual ele misturava elementos fantásticos e mágicos com fatos da realidade cotidiana (García Márquez, 2013).

Desde a adolescência, Gabo se destacou como um jovem que gostava de escrever poemas. Ele conseguiu uma bolsa do Ministério da Educação, o que lhe permitiu estudar em Bogotá, no Liceu Nacional de Zipaquirá. Em seu livro ‘Viver para Contar’, relatou como a questão da bolsa, em que milhares de estudantes precisavam fazer um exame, foi um golpe de sorte, pois o então reitor nacional de bolsas do Ministério da Educação, Adolfo Gómez Tamayo, o encontrou no final da fila, pois já o conhecia, e o inscreveu para fazer o exame sem nenhum trâmite. “Foi a menor chance possível e uma das mais sortudas da minha vida” (Márquez, 2014, p. 226).

Depois de concluir o ensino médio, Gabo já tinha aspirações de se tornar escritor. Seus contos começaram a ser publicados no suplemento literário *Fin de Semana*, do jornal El Espectador, de Bogotá. Posteriormente, ele publicou um segundo conto, que recebeu uma nota elogiosa do subdiretor do periódico e diretor do suplemento literário. Logo depois, matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade Nacional de Bogotá, pois essa decisão havia sido acordada com seus pais, que desejavam que ele se tornasse advogado. No entanto, o destino tinha outros planos para ele (Márquez, 2014; Saldívar, 1997).

Como afirmou Abello Banfi, diretor da Fundação, Gabo exerceu o jornalismo por 50 anos, paralelamente à sua carreira literária (Fundação Gabo, 2020). Escrever editoriais curtos foi seu primeiro passo no jornalismo. Em seu discurso ‘El mejor oficio del mundo’ (O melhor emprego do mundo), Gabo menciona que foi um aprendiz habilidoso: “... aos 19 anos, sendo o pior estudante de direito, comecei minha carreira como redator editorial e fui subindo, pouco a pouco e com muito trabalho, pelas fileiras das diferentes seções, até chegar ao nível mais alto de repórter raso” (Márquez, 2007, p. 27).

Gabo iniciou sua carreira no jornalismo no *El Universal* (Cartagena), onde foi recebido como colunista e editorialista (Fundação Gabo, 2024e). Ele havia se transferido para Cartagena após o episódio conhecido como ‘El Bogotazo’, para continuar seus estudos de direito, já que a universidade onde estudava havia sido fechada por tempo indefinido (Márquez, 2014).

Sua chegada ao *El Universal* em 1948 foi uma casualidade, pois Gabo não tinha a intenção de se tornar jornalista (seu desejo era ser escritor). No entanto, ele aceitou a oportunidade oferecida pelos fundadores do jornal, que já haviam lido seus contos (Márquez, 2014). Seu primeiro artigo foi publicado em 21 de maio daquele ano, sob a tutoria de Clemente Manuel Zabala (Fundação Gabo, 2024a), um profissional que teve grande influência em seus primeiros anos no jornalismo (Márquez, 2014).

Anos depois, Gabo se mudou para Barranquilla, após ter reprovado no curso de direito e encerrado seu trabalho no *El Universal*. Foi então que recebeu um convite para trabalhar como editorialista no jornal *El Heraldo*, sob o pseudônimo ‘Septimus’, nome inspirado no personagem da novela *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf. Assim, ele começou seu segundo trabalho formal como jornalista, escrevendo a coluna ‘La Jirafa’ em 1950 (Márquez, 2014; Salvidar, 1997).

Nessa época, seus pais já sabiam de sua desistência do curso de direito e tentaram convencê-lo a retomar os estudos para se tornar advogado, mas Gabo estava cada vez mais apaixonado pelo jornalismo e pela escrita literária (Márquez, 2014). Além disso, Gabo voltou a Aracataca com sua mãe para ajudá-la a vender a casa de seus avós. Esse momento foi crucial para ele, pois, anos depois, inspirado por essa viagem, retornaria para revisitar a história de seus avós e escrever ‘Cem Anos de Solidão’ (Saldívar, 1997).

Sua vida era entre Cartagena das Índias e Barranquilla. Em Barranquilla Gabo teve a oportunidade de conhecer vários escritores e jornalistas, como Álvaro Cepeda Samudio, Germán Vargas e Alfonso Fuenmayor. Eles o introduziram ao mundo cultural da cidade e a diversas iniciativas jornalísticas, como o *Seminário Crónica*, que acabou caindo em desuso devido às ocupações de seus fundadores (Márquez, 2014).

Um ano depois, em setembro de 1951, Gabo fundou, junto com Guillermo Dávila, o jornal *Comprimido*, um vespertino gratuito em Cartagena. Em 1953, começou a trabalhar como editor-chefe de *El Nacional*, um jornal de Barranquilla, cujo diretor era seu amigo Álvaro Cepeda Samudio (Fundação Gabo, 2024a). No ano seguinte, Gabo retornou a Bogotá para se vincular ao jornal *El Espectador*, o mesmo que havia publicado seus primeiros escritos, onde trabalhou como repórter, editorialista e crítico de cinema com um salário de 900 pesos (Saldívar, 1997).

Nessa época, Gabo já era conhecido por seus textos curtos, como ‘Ojos de perro azul’ (Olhos de cachorro azul) e outros artigos de jornal. No *El Espectador*, ele se tornou um repórter estelar. Em 1955, publicou sua primeira novela, ‘La Hojarasca’. Pouco tempo depois, viajou para a Europa como correspondente estrangeiro do *El Espectador*. De acordo com seu livro ‘Viver para contar’, sua reportagem sobre ‘El relato de un naufrago’ (O relato de um naufrago) causou-lhe problemas, de modo que teve de ser enviado para cobrir um evento que deveria durar alguns dias, mas acabou durando três anos (Márquez, 2014).

Após o triunfo da Revolução Cubana (1959), Gabo foi para Havana, onde se tornou amigo de Fidel Castro. Posteriormente, visitou Cuba em várias ocasiões. Ele também trabalhou em Nova York para o jornal comunista e anti-imperialista *La Prensa Latina*. Depois de pedir demissão, foi para o México com sua família, onde escreveu sua obra mais importante, ‘Cem Anos de Solidão’, que foi finalmente publicada em 1967 (Saldívar, 1997).

Antes de ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, Gabriel García Márquez mencionou, em uma entrevista, que sempre se considerou um jornalista: “E creio que sempre continuo sendo um jornalista” (García Márquez, 2013). Gabo também mantinha uma posição política profundamente enraizada no socialismo e no comunismo. Experiências como repórter, como testemunhar pessoalmente o massacre de 11 jovens universitários em 9 de junho de 1954 por policiais, foram decisivas para sua consciência política e reafirmaram sua postura de esquerda (Saldívar, 1997). Sua posição política e o fato de não ter retornado a Aracataca por muito tempo também atraíram críticas (Torres, 2024), tendo voltado apenas 25 anos depois (2007) (Herrera, 2022). Em 1994, ele decidiu criar a Fundação que mais tarde levaria seu nome, com o objetivo de aprimorar o jornalismo na Ibero-América.

Gabo expressava preocupação com a falta de dedicação dos novos jornalistas à profissão que ele tanto valorizava. Ressaltava a importância da investigação e da profundidade nas reportagens, alertando para o desaparecimento desse tipo de jornalismo (Márquez, 2007). Outros autores, como Ramonet (2015a), também notaram essa tendência, observando que a reportagem está se perdendo no novo sistema. A busca por um jornalismo investigativo e de qualidade levou à criação de bolsas para produção jornalística em diversos formatos, não apenas no escrito (Montes, 2024).

4.1 A FUNDAÇÃO GABO

A Fundação Gabo não foi criada para homenagear o escritor, Prêmio Nobel de Literatura (1982) e jornalista apaixonado Gabriel García Márquez; na verdade, foi uma iniciativa do próprio “Gabo”, como era carinhosamente chamado (Montes, 2024; Fundação Gabo, 2024e; Márquez, 2007; Abello Banfi, 2014). A organização surgiu da preocupação de Gabo com as novas gerações de jornalistas formados, que segundo ele, apresentavam deficiências notórias: má ortografia, falta de ética, pouca capacidade de análise e desconexão total da realidade. Ele destacou essas falhas em seu discurso “El mejor oficio del mundo” (O melhor emprego do mundo), em 7 de outubro de 1996:

A maioria dos graduados chega com deficiências gritantes, tem sérios problemas de gramática e ortografia e dificuldades com a compreensão cuidadosa de textos. Alguns se gabam de poder ler de trás para frente um

documento secreto na mesa de um ministro, gravar diálogos casuais sem avisar o interlocutor ou usar como notícia uma conversa previamente acordada como confidencial (Márquez, 2007, p. 27, tradução nossa).

Gabo via como os fundamentos do ofício estavam sendo substituídos pela primazia e o protagonismo que muitos jornalistas buscavam, em vez de focarem na vocação e na ética. Gabo havia se formado ‘nas ruas’, nas salas de redação, nas oficinas de imprensa, nos cafés das cinco da tarde, em tertúlias e, acima de tudo, com muita leitura. Ele percebia uma evidente decadência do jornalismo diante das mudanças tecnológicas que estavam apenas começando a surgir. Ele também criticava o fracasso das escolas de jornalismo e seu enfoque acadêmico, tanto que o tradicional nome “jornalismo” passou a ser chamado de “ciências da comunicação” ou “comunicação social” (Márquez, 2007).

Foi esse panorama que o motivou a pensar na criação de um instituto que ensinasse jornalismo a recém-formados (com menos de 30 anos), para que realizassem o tipo de jornalismo que ele havia aprendido (Montes, 2024). O atual diretor da Fundação e também cofundador, Jaime Abello Banfi, ainda se lembra de quando recebeu uma ligação de Gabriel García Márquez para que se reunissem e ele pudesse contar sua ideia. A reunião foi no Hotel Prado (Barranquilla), no dia 28 de dezembro de 1993, Dia dos Inocentes: “Duas horas depois de terminar o jantar, Gabriel seguia falando. Então, perguntei o que ele queria que eu fizesse. Ele me propôs que fizéssemos oficinas de jornalismo, porque as coisas estavam mudando e ele via os jovens mal preparados” (Abello Banfi, 2014).

No dia 25 de junho de 1994, em Cartagena de Indias (Colômbia), consolidou-se a ideia e foi criada a Fundação Novo Jornalismo Ibero-Americano, que, em 2012, mudou sua razão social para Fundação Gabriel García Márquez para o Jornalismo Ibero-Americano e, posteriormente, simplesmente Fundação Gabo, com a finalidade de preservar a memória de seu criador (Abello Banfi, 2014; Montes, 2024). Os membros fundadores da Fundação foram o próprio Gabo, seu irmão Jaime García Márquez, além de Jaime Abello Banfi (diretor) e Alberto Abello Vives (responsável pelas finanças e aspectos técnicos) (Fundação Gabo, 2024e).

Desde o início, a Fundação foi concebida para a Ibero-América (América Latina, Espanha e Portugal) (Montes, 2024). O método de ensino da Fundação era muito claro: jornalistas jovens aprendiam com veteranos do ofício de diversas partes do mundo por meio

de diálogos e exercícios práticos de diferentes tipos. Seriam oficinas artesanais de jornalismo, que Gabo chamou de “a carpintaria do ofício” (Márquez, 2007). As oficinas podiam ser instaladas em qualquer parte do mundo (poderiam ocorrer no México, Madrid ou Quito) e seguiam, principalmente, quatro linhas fundamentais: as técnicas básicas e os gêneros narrativos (reportagem e crônica); a ética jornalística; as especializações e os desafios das novas tecnologias (Abello, 1997).

O primeiro workshop foi realizado em abril de 1995, pela cronista mexicana Alma Guillermoprieto, na sede do jornal *El Universal* de Cartagena, onde ministrou a oficina de crônica e reportagem (Montes, 2024; Abello, 1997; Fundação Gabo, 2024e). Nesse mesmo ano, foram realizadas outras oficinas, como a de ética jornalística, pelo colombiano Javier Darío Restrepo, e a de Gabriel García Márquez, sobre reportagem e narração jornalística. Em apenas um ano, a Fundação Gabo havia preparado 320 jovens jornalistas de 11 países diferentes, conduzidos por veteranos de 10 nacionalidades (Márquez, 2007), maioria financiado pela própria Fundação com seus aliados (Abello Banfi, 2014).

Em dezembro de 2014, mais de 47 mil pessoas haviam participado das atividades presenciais e virtuais da Fundação Gabo, e 708 oficinas, conferências e seminários de jornalismo haviam sido realizados em 15 países ibero-americanos (Fundação Gabo, 2024e). Com o passar do tempo, a Fundação mudou e se adaptou a novos cenários, assim como suas atividades, integrando novos programas, como bolsas de produção jornalística, consultoria ética on-line, publicações de livros e prêmios que reconhecem a excelência no jornalismo, como o Prêmio Gabo, que é concedido durante o Festival Gabo anual (e outros méritos em alianças); e o Centro Gabo (Fundação Gabo, 2024c).

Montes (2024), atual diretor do programa de bolsas de produção jornalística da Fundação, disse que, 30 anos depois do primeiro workshop, a Fundação Gabo tem três linhas principais de ação: a primeira, o jornalismo; a segunda linha, que tem a ver com educação e cidadania, é voltada para outros públicos além dos jornalistas, incluindo jovens, crianças e o público em geral, e busca estimular o poder de contar histórias; a terceira linha, que tem a ver com o legado de Gabo, concentra-se na preservação e na disseminação de sua vida e obra.

A seguir, será apresentado um quadro que resume as iniciativas da Fundação Gabo, compiladas em seu site, para uma melhor compreensão:

QUADRO 2 - Iniciativas da Fundação Gabo

Iniciativas	Descrição
Oficina de jornalismo	Espaço onde os jornalistas aprendem com profissionais mais veteranos sobre a profissão através de diferentes linhas temáticas. Com essa ideia nasceu a Fundação.
Prêmio Gabo	Anualmente, a Fundação reconhece o jornalismo de excelência entre jornalistas ibero-americanos, falantes de espanhol e português, por meio de uma aliança público-privada com a Prefeitura de Medellín e os grupos Bancolombia.
Festival Gabo	É um evento internacional de jornalismo realizado anualmente em Medellín, Colômbia, onde se homenageiam os finalistas e vencedores do Prêmio Gabo. Além das premiações, há palestras, oficinas e exposições, com entrada livre e gratuita. O Conselho de Bogotá reconheceu o Festival Gabo como um evento de interesse cultural.
Centro Gabo	O Centro Gabo promove o legado de Gabriel García Márquez por meio de oficinas e encontros destinados a crianças, jovens e o público em geral, nas áreas das artes e ciências. Um dos principais projetos dessa linha é ‘Cronicando’.
Programa de ética jornalística	O Consultório Ético, outro projeto da Fundação, é um serviço personalizado onde profissionais veteranos respondem a dúvidas sobre ética jornalística. Além do site, o programa é complementado por seminários e um arquivo histórico de consultas, organizado por temas. Esta iniciativa é realizada em parceria com Bancolombia e Sura.
Apoios para jornalistas	A Fundação também oferece bolsas e incentivos anuais para jornalistas ibero-americanos desenvolverem reportagens de alto impacto, com o apoio de seus aliados.
Livros, blog	O conhecimento gerado nas atividades da Fundação é compartilhado através de livros, blogs e outros formatos, disponibilizados gratuitamente em seu site.

Fonte: Fundação Gabo, 2024c; FNPI, 2014; Ética, 2023a; Centro Gabo, 2019.

De acordo com o site da Fundação Gabo, sua missão no jornalismo da Ibero-América é: “Fomentar cidadãos ativos e melhor informados por meio da formação e estímulo aos jornalistas, promovendo o uso ético e criativo do poder de contar histórias, inspirado no legado de Gabriel García Márquez e seu método de oficina” (Fundação Gabo, 2024f). Atualmente, a Fundação Gabo é uma referência internacional em jornalismo de qualidade e ética (Del Arco, 2015; Robledo-Tangarife; Rubira-García, 2024), sendo reconhecida como um dos principais centros de treinamento em jornalismo (FNPI, 2014). Vale destacar que a Fundação não emite diplomas e não é uma universidade (Abello Banfi, 2014).

A Fundação Gabo tem se dedicado a promover o jornalismo narrativo e investigativo, com foco em histórias e crônicas humanas (dados também), oferecendo aos jornalistas as ferramentas para explorar temas mais complexos e relevantes, muitas vezes ausentes na agenda informativa. Embora tenha começado com foco em jovens jornalistas, hoje oferece oportunidades para profissionais de todas as idades. Os workshops e bolsas continuam atraindo muitos jovens, mas estão abertos a qualquer pessoa interessada em aprimorar suas habilidades jornalísticas e obter financiamento para suas reportagens (Márquez, 2007; Montes, 2024; Abello, 1997).

Os jornalistas que participam dos workshops da Fundação Gabo têm se destacado com grandes reportagens investigativas e aprofundadas, e alguns têm recebido reconhecimentos regionais e internacionais. Um exemplo é a reportagem “Avós que não estão mais sozinhos”, produzida pela jornalista venezuelana Liza López e publicada pelo meio digital *Historias que Laten*, que ganhou o prêmio do Centro Internacional de Jornalistas (ICFJ, 2021). Trata-se de um trabalho multimídia que reflete a história de vários idosos deixados sozinhos durante a pandemia de Covid-19, e como uma comunidade inteira se uniu para não “deixá-los sozinhos”⁵³. López havia recebido uma bolsa da Fundação Gabo e participado das oficinas:

Ganhamos a bolsa, fizemos uma pesquisa aprofundada e desenvolvemos uma peça multimídia. Já havia quase 20 voluntários que cuidavam de 100

⁵³ López, Liza. Abuelos que ya no están solos. *Historias que laten*. Disponível em: <https://www.historiasquelaten.com/abuelos-que-ya-no-estan-solos/>. Acesso em: 13 de outubro de 2024.

homens e mulheres idosos por semana, fornecendo cerca de 400 refeições por mês. Pesquisamos dados históricos e descobrimos que há mais de 800.000 idosos no país que vivem sozinhos porque seus parentes migraram para outros países. Eles não só estavam expostos ao risco de contrair a COVID-19, mas também enfrentavam outros problemas de saúde, como a desnutrição, explicou Lopez (ICFJ, 2021, tradução nossa)⁵⁴.

A reportagem foi elogiada não apenas por apresentar as histórias humanas dos idosos e o trabalho dos voluntários, mas também por trazer dados estatísticos relevantes que não estavam sendo considerados pelas autoridades do município venezuelano. Outros jornalistas, como Jennifer González Posadas e Alejandro Melgoza Rocha, da *N+Focus*, também participaram dos workshops da Fundação Gabo (Ética, 2023b). Em março de 2024, eles receberam o Prêmio Ortega y Gasset (El País, 2024) pelo especial multimídia que descreve a luta de um vilarejo no sul do México contra um gigantesco conglomerado empresarial que se apropria dos recursos naturais, deixando a população sem acesso à água⁵⁵. E assim, muitos outros trabalhos também têm se destacado, contribuindo com excelentes investigações (Montes, 2024).

Para garantir a viabilidade das oficinas e das diversas atividades de aprimoramento do jornalismo, é essencial que a Fundação Gabo disponha dos recursos necessários. A maioria desses programas é oferecida de forma gratuita, o que torna importante compreender as fontes de financiamento da Fundação.

4.2 FINANCIAMENTO

A Fundação Gabo é uma organização sem fins lucrativos e seu financiamento tem sido diversificado desde sua criação (Montes, 2024). Abello Banfi (2014) explicou que um dos aspectos fundamentais para manter esse projeto, que é de fato oneroso, são os aliados: “Estamos falando de investimentos milionários, para possibilitar a concessão de bolsas, a

⁵⁴ CENTRO INTERNACIONAL PARA JORNALISTAS (ICFJ). **El desafío de lograr reportajes desde el lado humano en tiempos de distanciamiento social**, 9 de marzo, 2021. Disponível em: <https://ijnet.org/es/story/el-desaf%C3%ADo-de-lograr-reportajes-desde-el-lado-humano-en-tiempos-de-distanciamiento-social> Acesso em: 13 de outubro de 2024.

⁵⁵ Posada, Jennifer González; Rocha, Alejandro Melgoza. Ciudad sin agua, un pueblo contra el gigante de concreto. *N+Focus*, 11 de mayo de 2023. Disponível em: <https://investigaciones.nmas.com.mx/ciudad-sin-agua-un-pueblo-contra-el-gigante-de-concreto/> Acesso em: 13 de outubro de 2024.

convocação com o menor custo possível, o convite às pessoas e também o deslocamento” (p. 13). Em outras palavras, a Fundação tem várias alianças que, por meio de doações, permitem que ela desenvolva suas linhas de ação.

Montes (2024) explicou que a Fundação Gabo tem alianças com diversos atores ibero-americanos, como *Google News Initiative*, Roche América Latina, Fundação Avina, Fundação Ford e *Open Society Foundations*, entre outros. Segundo Montes, “há alguns programas que realizamos em parceria com o governo colombiano, independentemente do governante que esteja no poder”. Enquanto isso, as demais alianças estão focadas no jornalismo ibero-americano. Através do site da Fundação Gabo, é possível revisar as alianças que a organização estabelece com a finalidade de desenvolver vários projetos⁵⁶.

Abello Banfi (2014) ressaltou que, sem essas alianças, vários projetos não seriam possíveis, pois elas proporcionam sustentabilidade à Fundação e aos diferentes programas que ela executa. Montes (2024) enfatizou que as alianças não comprometem a autonomia e independência da organização: “Nenhuma dessas alianças que a Fundação possui com qualquer um dos atores que mencionei compromete a autonomia da Fundação no cumprimento de sua missão...”. Além disso, Abello Banfi (2014) destacou que o projeto se concentra na formação e não busca nenhum tipo de ativismo, mas apoia aqueles que atuam em determinados campos, especialmente na defesa da liberdade de expressão.

Por outro lado, a Fundação Gabo disponibiliza um documento em seu registro web que apresenta detalhadamente seus ingressos operacionais. De acordo com esse documento, nos anos de 2022 e 2023, a organização recebeu recursos de diferentes fontes, como atividades culturais, aportes para projetos culturais, inscrições, serviços de design e coordenação de projetos, além de livros e material pedagógico. Em relação às subvenções (doações), em 2022 a Fundação recebeu 148 milhões e 241 mil dólares, enquanto em 2023 essa cifra foi menor, totalizando 86 milhões e 50 mil dólares. Os ingressos do último ano vieram de: Adriana Maria Giraldo Munera, Efigas Gas Natural S.A. E.S.P. e Fundação Promigas⁵⁷.

⁵⁶ Para mais sobre as alianças, consultar: <https://fundaciongabo.org/es/alianzas>

⁵⁷ O documento com as informações financeiras pode ser consultado em: <https://fundaciongabo.org/sites/default/files/adjuntos/Estados%20financieros%20an%CC%83o%202023.pdf>

De acordo com o site, a Fundação possui diversas alianças com universidades, instituições culturais, meios de comunicação, organizações de mídia e jornalismo, patrocinadores empresariais privados, fundações empresariais, entidades públicas, organismos multilaterais, organizações intergovernamentais (como o ACNUR), outras fundações internacionais, ONGs, agências de cooperação internacional, embaixadas, empresas de tecnologia e organizações financeiras. Devido ao considerável número de parcerias, algumas serão apresentadas em um quadro:

QUADRO 3 - Alianças da Fundação Gabo

Open Society Foundations	UNESCO	Fundação Avina
Google News Initiative	EUROsociAL+ de la Unión Europea	Open Climate Reporting Initiative (OCRI) del Centre for Investigative Journalism (CIJ)
Bancolombia	Câmara de Comércio de Barranquilla	Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ)
Meta Journalism Project	Centro Knight para o Jornalismo das Américas	Efigas
Fundação Tomás Eloy Martínez	União Europeia	Faculdade de Comunicação e Linguagem da Universidade Javeriana
Universidade de La Sabana	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR	Cooperação Suíça para o Desenvolvimento
Centro Carter	Organização Internacional para as Migrações (OIM)	Fundação Promigas
Centro de Jornalismo Investigativo (CIJ)	Fundação Michael Jacobs	Freedom Forum

Fonte: Fundação Gabo (2024g).

A Fundação Gabo (2024g) oferece uma descrição sobre a atividade principal das organizações, instituições, governos ou empresas com as quais tem formado alianças. A maioria delas aparece como parceiras em workshops, eventos organizados pela Fundação e nas bolsas de produção jornalística, onde Montes (2024) indicou que eram financiadoras. Elas também participam das mentorias, especialmente quando se tratam de temas especializados, o que será detalhado mais adiante. Na sequência, o tema das bolsas de produção jornalística será aprofundado com mais detalhes.

4.3 BOLSAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DA FUNDAÇÃO GABO

Segundo o site da Fundação Gabo (2024c), a concessão de bolsas de produção jornalística a jornalistas ibero-americanos está inserida na iniciativa “Apoio a jornalistas” como um incentivo econômico, com o objetivo de que os profissionais consigam desenvolver reportagens de alto impacto. De acordo com Montes (2024), a entrega de bolsas de produção jornalística surgiu a partir das oficinas de jornalismo, que além de oferecer formação, buscavam que os jornalistas colocassem em prática todo o aprendizado nas oficinas. Isso porque também se identificou que nem sempre existiam os recursos (humanos, técnicos ou econômicos) necessários para o desenvolvimento de certas investigações. Montes (2024) disse:

Assim, a partir desse diagnóstico, surge a ideia de conceder ou configurar fundos de bolsas de produção jornalística, que, como você sabe, permitem que jornalistas tenham acesso a esses estímulos econômicos para financiar ou para contar com os recursos necessários para o desenvolvimento de trabalhos que vão desde a investigação até a produção e publicação dos materiais (Montes, 2024).

Essas bolsas de produção jornalística figuram na seção “Convocatórias para jornalistas” do site da Fundação Gabo, onde, além das bolsas, são promovidos workshops, seminários e outros encontros presenciais e virtuais para o aprimoramento do jornalismo

ibero-americano⁵⁸. De acordo com Montes (2024), esses fundos de bolsas também permitem o assessoramento por parte de mentores e mentoras que fazem parte da rede de especialistas da organização⁵⁹. Eles têm a função de acompanhar os jornalistas selecionados durante todo o processo de elaboração da reportagem, a fim de “garantir ao máximo a qualidade desses trabalhos jornalísticos”. Os mentores ajudam de diversas formas, como “contato com fontes, consultas em bases de dados e enfoque do seu trabalho” (Montes, 2024).

De acordo com Montes (2024), após a publicação dos trabalhos, realiza-se um tipo de acompanhamento para medir o impacto, que pode ser feito por meio de métricas ou alguma outra repercussão que tenha ocorrido, podendo ser um ano após a publicação. “Além disso, nos interessa saber quais desses trabalhos receberam reconhecimentos, além dos estímulos que a Fundação Gabo entrega” (Montes, 2024).

Embora cada fundo tenha uma finalidade específica, dependendo da linha temática (que será revisado mais adiante), segundo Montes (2024), o objetivo geral de entregar bolsas de produção jornalística é, em primeiro lugar, promover o jornalismo de excelência, que, nas palavras do diretor do programa, tem a ver com: jornalismo de qualidade, rigoroso, ético e baseado em fatos contrastados. O segundo objetivo é incentivar as novas gerações de jornalistas a continuar praticando o jornalismo, e o terceiro tem a ver com a promoção do jornalismo em favor do serviço público.

Assim, o que se busca é que essas peças jornalísticas sejam referências para outros colegas da região que possam se ver ali, inspirados e refletidos, e que realmente possam aproveitar a experiência desses jornalistas que já têm um caminho percorrido, tanto em termos de formação quanto em produção jornalística, também por meio dos fundos de bolsas de produção jornalística (Montes, 2024).

Cada chamada anunciada pela Fundação tem uma linha temática específica, por exemplo: Reciclagem Inclusiva, Novas Narrativas sobre Drogas, Saúde Mental, Crônicas de Viagem, Jornalismo de Soluções, questões de Desigualdade de Gênero, entre outros. Esses

⁵⁸ Todas as convocações podem ser acessadas em:

<https://fundaciongabo.org/es/convocatorias/convocatoria.asp?id=240&page=3>

⁵⁹ A lista com os mentores e mentoras da Fundação Gabo pode ser acessada no seguinte link:

<https://fundaciongabo.org/es/comunidad/red-de-maestros>

temas, segundo Montes (2024), são selecionados de duas maneiras: às vezes, a organização busca parceiros que queiram trabalhar aquele tema no jornalismo ou, em outras ocasiões, as organizações se aproximam para que determinado tema seja discutido ou apareça na pauta de notícias.

Por exemplo, a bolsa Reciclagem Inclusiva 2020⁶⁰ reúne três organizações: a Fundação Gabo, a Latitud R (Iniciativa Regional para Reciclagem Inclusiva), que é uma organização sem fins lucrativos que desenvolve projetos para melhorar a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis⁶¹ e o Distintas Latitudes, que é uma plataforma jornalística com vários eixos, incluindo questões ambientais⁶². Além de fazerem parte do programa, essas organizações também são financiadoras e podem participar dos workshops da Fundação Gabo para contribuir com conhecimento sobre diversos temas (Montes, 2024).

[...] além disso, como você sabe muito bem, produzem conhecimento de altíssima qualidade sobre esses temas, estudos que muitas vezes ficam estagnados porque não têm a oportunidade de serem apresentados aos meios, para que os jornalistas os conheçam. Aproveitamos também esses espaços de formação para que esse tipo de informação possa ser conhecida e utilizada pelos jornalistas, por exemplo. Isso inclui financiamento, acompanhamento técnico e apoio de especialistas (Montes, 2024).

De acordo com Montes (2024), esse tipo de relacionamento surge ao dar visibilidade a questões que podem não ser consideradas pelos meios. Outro exemplo que Montes mencionou na entrevista foi o workshop (que acabou concedendo bolsas) sobre cobertura da migração no Equador, realizado em parceria com a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e o Banco Mundial. Eles financiaram o programa, além de participarem do workshop como especialistas convidados.

A seguir, será apresentado o catálogo de bolsas concedidas entre 2020 e 2023, convocadas pela Fundação Gabo e seus aliados, de acordo com a data escolhida. Segundo os dados da organização, foram anunciados 23 fundos de produção jornalística durante este

⁶⁰ Bolsa reciclagem inclusiva 2020. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/actividad/beca-de-produccion-periodistica-sobre-reciclaje-inclusivo> Acesso em: 27 de outubro de 2024.

⁶¹ Para mais informações sobre o Latitud R, acessar: <https://latitudr.org/quienes-somos/>

⁶² Para mais informações sobre Distintas Latitudes, acessar: <https://distintaslatitudes.net/>

período, com 2.880 candidatos, resultando na concessão de 155 bolsas e no benefício de 117 jornalistas de diferentes veículos (Fundação Gabo, 2024h).

QUADRO 4 - Bolsas de produção jornalísticas 2020-2023

Fundo de bolsa	Fundação e aliados	Valor concedido a cada jornalista ou equipe jornalística
Bolsas de Jornalismo de Soluções, edição especial 2020 https://fundaciongabo.org/es/actividad/becas-de-periodismo-de-soluciones-edicion-especial-2020	Fundação Gabo e a Solutions Journalism Network, sob os auspícios da Tinker Foundation	US\$ 800
Bolsa Rosalynn Carter para Jornalismo em Saúde Mental 2020 https://fundaciongabo.org/es/actividad/beca-rosalynn-carter-para-periodismo-en-salud-mental-2020	Carter Center de Atlanta e a Universidade de La Sabana, em associação com a Fundação Gabo.	US\$ 7.000
Laboratório jornalístico para novas narrativas sobre refugiados e migrantes https://fundaciongabo.org/es/actividad/taller-virtual-desplazamiento-forzado-como-cubrir-el-caso-centroamericano-con-ginna-morelo	A Fundação Gabo e o ACNUR.	US\$ 1.250

Laboratório jornalístico para novas narrativas sobre refugiados e migrantes venezuelanos (https://fundaciongabo.org/es/actividad/taller-refugiados-y-migrantes-como-cubrir-el-caso-venezolano-con-ginna-morelo-y-tulio)	A Fundação Gabo e o ACNUR.	US\$ 5.000
Bolsas de Jornalismo de Soluções, edição Triângulo Norte e Nicarágua (https://fundaciongabo.org/es/actividad/becas-de-periodismo-de-soluciones-edicion-triangulo-norte-y-nicaragua)	A Fundação Gabo e a Open Society Foundations.	USD \$ 3.400
Fundo para Investigações e Novas Narrativas sobre Drogas (Segunda Edição) (https://fundaciongabo.org/es/actividad/fundo-para-investigaciones-e-novas-narrativas-sobre-drogas-segunda-edicao)	Uma aliança entre a Fundação Gabo e a Open Society Foundations.	O fundo entregou entre 15 e 22 bolsas com valores entre US\$ 2.000 e US\$ 6.000 cada uma.
Bolsa para produção jornalística sobre reciclagem inclusiva (https://fundaciongabo.org/es/actividad/beca-de-produccion-periodistica-sobre-reciclaje-inclusivo)	A Fundação Gabo e a Iniciativa Regional para a Reciclagem Inclusiva (IRR), com o apoio da Distintas Latitudes.	A equipe vencedora recebeu um estímulo de até US\$ 10 mil.

Bolsa de redação de viagens Michael Jacobs 2021 (https://fundaciongabo.org/es/actividad/michael-jacobs-travel-writing-grant-2021)	A Fundação Gabo e o Cartagena Hay Festival, e a Fundação Michael Jacob (financiadora).	US\$ 7.500 a um livro de viagem ou projeto de artigo.
Bolsa de produção jornalística sobre deslocamento forçado na América Latina (https://fundaciongabo.org/es/actividad/beca-de-produccion-periodistica-sobre-desplazamiento-forzado-en-america-latina)	A Fundação Gabo e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).	Até US\$ 5.000 dólares
Bolsa Rosalynn Carter para Jornalismo em Saúde Mental 2021 (https://fundaciongabo.org/es/actividad/beca-rosalynn-carter-para-periodismo-en-salud-mental-2021)	Carter Center de Atlanta e a Universidade de La Sabana, em associação com a Fundação Gabo.	Os dois jornalistas ou grupos de jornalistas selecionados como bolsistas receberam US\$ 5.000 cada.
Bolsas de Jornalismo de Soluções: Segunda Edição - El Salvador, Honduras, Guatemala e Nicarágua (https://fundaciongabo.org/es/actividad/becas-de-periodismo-de-soluciones-segunda-edicion-el-salvador-honduras-guatemala-y)	A Fundação Gabo e a Open Society Foundations.	Concedeu 10 bolsas de até US\$ 2.100.

Workshop, bolsas e mentorias ‘Crece Digital 2021’ https://fundaciongabo.org/es/actividad/taller-becas-y-mentorias-crece-digital-2021	A Fundação Gabo e o Projeto Meta Jornalismo.	US\$ 3.500
Bolsas de produção jornalística sobre reciclagem inclusiva 2021 https://fundaciongabo.org/es/actividad/becas-de-produccion-periodistica-sobre-reciclaje-inclusivo-2021	A Fundação Gabo e o Latitud R.	US\$ 1.500
Fundo de bolsas para investigar e explicar a desigualdade na distribuição do trabalho de cuidado e suas implicações socioeconômicas na América Latina e no Caribe https://fundaciongabo.org/es/actividad/fondo-de-becas-para-investigar-y-contar-la-desigualdad-en-la-distribucion-de-trabajos-del	A Fundação Gabo e a Oxfam.	Os 4 melhores projetos receberam um prêmio de 3.000 USD

Laboratórios de Jornalismo de Soluções para meios de comunicação na América Latina (https://fundaciongabo.org/es/actividad/laboratorios-de-periodismo-de-soluciones-para-medios-en-america-latina)	A Fundação Gabo e a Solutions Journalism Network, sob os auspícios da Tinker Foundation.	US\$ 3.550 para a execução de um projeto jornalístico.
Fundo para investigações e novas narrativas sobre drogas (terceira edição) (https://fundaciongabo.org/es/actividad/fundo-para-investigaciones-e-novas-narrativas-sobre-drogas-terceira-edicao)	A Fundação Gabo e a Open Society Foundations (OSF)	US\$ 6.000
Bolsa de redação de viagens Michael Jacobs 2022 (https://fundaciongabo.org/es/actividad/michael-jacobs-travel-writing-grant-2022)	A Fundação Gabo e o Cartagena Hay Festival, e a Fundação Michael Jacobs.	US\$ 7.500 dólares a um projeto de livro de viagem ou artigo.
Fundo para Pesquisa e Novas Narrativas sobre Drogas (Quarta Edição) (https://fundaciongabo.org/es/actividad/fondo-para-investigaciones-y-nuevas-narrativas-sobre-drogas-cuarta-edicion)	A Fundação Gabo e as Open Society Foundations (OSF).	16 bolsas de valores entre US\$ 3.500 e US\$ 10.000

Contando a história da educação no México, na América Central e no Caribe https://fundaciongabo.org/es/noticias/articulo/diez-reportajes-sobre-educacion-y-su-relacion-con-la-desigualdad-en-america-latina)	A Fundação Gabo, em associação com a Fundação Tinker .	US\$ 1.200 p
Bolsa Michael Jacobs Travel Chronicle 2023 https://fundaciongabo.org/es/actividad/beca-michael-jacobs-de-cronica-viajera-2023)	A Fundação Gabo e o Cartagena Hay Festival, e a Fundação Michael Jacobs.	Concedeu US\$ 7.500 para um livro de viagens ou projeto de artigo.
Bolsas para cobertura jornalística da Amazônia colombiana https://fundaciongabo.org/es/actividad/becas-para-cobertura-periodistica-de-la-amazonia-colombiana)	A Fundação Gabo, em aliança com a Oxfam Colômbia.	US\$ 2.000
Fundo para Investigações e Novas Narrativas sobre Drogas -FINND- (quinta edição) https://fundaciongabo.org/es/actividad/fundo-para-investigaciones-e-novas-narrativas-sobre-drogas-finnd-quinta-edicao)	A Fundação Gabo e a Open Society Foundations (OSF).	Foram concedidas 14 bolsas de US\$ 3.500 a US\$ 5.000.

Bolsas ColaborAction para pesquisa jornalística sobre reciclagem inclusiva 2023 https://fundaciongabo.org/es/actividad/becas-colaboracion-de-investigacion-periodistica-sobre-reciclaje-inclusivo-2023	A Fundação Gabo e Latitud R.	US\$ 1.500
--	------------------------------	------------

Fonte: Fundação Gabriel García Márquez – convocatórias (2024)

Cada bolsa possui termos de referência e critérios de seleção que os jornalistas ou equipes jornalísticas devem seguir para obter os fundos, sendo estes obrigatórios.

4.3.1. Termos de referência e critérios de seleção

Em geral, as convocatórias seguem uma estrutura semelhante, com termos de referência que incluem uma introdução sobre o foco do fundo, da qual derivam os tópicos que o fundo busca apoiar, bem como o conceito por trás da criação do fundo (justificativa e objetivo) (Montes, 2024). Também detalha o número de bolsas a serem concedidas, o valor e os países para os quais estão abertos (geralmente para a América Latina, embora haja casos em que os subsídios são específicos para determinados países).

Em algumas convocações, há categorias ou abordagens jornalísticas que os concorrentes podem escolher, como jornalismo investigativo, local, inovador e colaborativo, entre outras. Há liberdade para enviar trabalhos em qualquer formato (audiovisual, rádio, impresso, multimídia). Os editais também detalham os benefícios para os selecionados, como workshops, orientação e incentivos financeiros, bem como os requisitos de inscrição, regras adicionais e o funcionamento do fundo (por exemplo, prazo e data de entrega do incentivo).

Ele também determina vários critérios de avaliação que o jornalista deve atender para ser escolhido pelo Comitê de Avaliação, que é formado por membros da Fundação Gabo (como professores que serão os futuros mentores), além de especialistas de organizações

parceiras, especialmente quando os tópicos são muito especializados, como a crise climática ou a reciclagem. “Isso nos permite fazer uma seleção o mais informada possível e garantir que, no final, o produto resultante tenha a qualidade esperada desses fundos” (Montes, 2024).

Os critérios para a seleção dos beneficiários de bolsas são, em geral:

A viabilidade da proposta: que o projeto jornalístico (reportagem) possa ser desenvolvido no tempo e com os recursos disponíveis fornecidos pelo subsídio.

Experiência do candidato: o jornalista deve ter alguma experiência nos tópicos cobertos pelo fundo, que deve ser demonstrada por meio de reportagens sobre esses tópicos específicos e uma breve autobiografia, que deve ser incluída no formulário de inscrição. No entanto, esse critério pode variar dependendo do fundo, conforme argumentado por Montes (2024):

Em alguns fundos buscamos privilegiar jornalistas mais jovens, de nível júnior, se preferir. Em outros, estamos procurando jornalistas de nível intermediário ou avançado, e isso é analisado também com base na experiência. Sempre pedimos uma autobiografia aos candidatos a esses fundos de bolsas, porque achamos importante que não nos enviem apenas um currículo tradicional. A autobiografia narrada, que solicitamos, nos ajuda a entender as habilidades desses jornalistas para contar histórias desde esse primeiro momento (Montes, 2024).

Impacto: Este é outro dos requisitos que deve ser preenchido no formulário de solicitação, referente ao impacto que a reportagem proposta terá uma vez publicada. Segundo Montes (2024), a Fundação e suas organizações associadas estão interessadas que este trabalho alcance um público amplo, gerando e promovendo “uma conversa pública informada, enriquecida precisamente pela investigação realizada por esse jornalista ou pelas equipes jornalísticas”.

Carta de compromisso de um meio de comunicação: Outro dos requisitos gerais é que a reportagem tenha a garantia de ser publicada em um veículo jornalístico. Para isso, os jornalistas que não estão necessariamente vinculados a um meio (sejam independentes ou freelancers) devem apresentar uma carta de compromisso de um veículo que confirme que a publicação será divulgada. “As reportagens não podem ficar engavetadas, como excelentes investigações aprofundadas que, no entanto, não geram nenhum tipo de impacto, que é o que busca o jornalismo que nós tentamos estimular, um jornalismo de interesse público, com vocação de serviço público e de impacto” (Montes, 2024).

Estes são os critérios gerais que um jornalista deve enviar no formulário de inscrição. No entanto, cada convocatória pode apresentar variações, dependendo da bolsa de produção jornalística oferecida. O comitê de avaliação das propostas também adota seus próprios critérios de avaliação, aos quais os concorrentes devem estar atentos para aumentar suas chances de serem selecionados. Além disso, há normas importantes que os jornalistas ou equipes de notícias devem cumprir. Na seção seguinte, se examinará esse aspecto nas bolsas de produção jornalística selecionadas para esta investigação, das quais surgiram as reportagens vencedoras e, conseqüentemente, os jornalistas para as entrevistas.

4.4 SELEÇÃO DE BOLSAS PARA A PESQUISA

Esta pesquisa examina como as bolsas de produção jornalística concedidas pela Fundação Gabo (Gabriel García Márquez) a jornalistas latino-americanos contribuem para o jornalismo de alto impacto. É um estudo de caso que utiliza pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas com quatro jornalistas latino-americanos (Brasil, México, Bolívia e Argentina) que receberam bolsas entre 2020 e 2023, o período estabelecido para esta pesquisa.

A Fundação Gabo, em colaboração com seus parceiros, realiza periodicamente convocatórias para a concessão de bolsas de produção jornalística, abordando diferentes temas em nível ibero-americano. Para esta pesquisa, foi necessário, primeiramente, realizar uma busca das bolsas concedidas pela Fundação durante o período selecionado e, em seguida, identificar aquelas que seriam o foco principal da pesquisa, selecionando assim as reportagens financiadas e, posteriormente, realizando entrevistas com os ganhadores dessas bolsas. Entre 2020 e 2023, de acordo com a Fundação, foram feitas 23 chamadas para propostas, das quais 155 bolsas foram alocadas para produção jornalística.

Das 23 chamadas para bolsas de produção jornalística promovidas pela Fundação Gabo, foram selecionadas quatro bolsas, uma para cada ano. A escolha dessas bolsas baseou-se em diversos critérios alinhados aos objetivos da pesquisa. Entre os principais, foram priorizadas as bolsas voltadas especificamente para países latino-americanos, pois o foco da pesquisa é a América Latina. Essa decisão se deve, em primeiro lugar, ao fato de a pesquisadora ser natural do Equador e ter acumulado cinco anos de experiência como

jornalista, o que faz com que a pesquisa também nasça de uma realidade que deseja ser mais aprofundada. Ao refletir sobre esse contexto, a escolha se justifica ainda pela constatação de que diversos estudos de organismos internacionais têm apontado crises que dificultam a prática jornalística, como o crime organizado, o retrocesso da liberdade de expressão e as perdas financeiras decorrentes da pandemia, entre outros (Schiffrin; Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022; Project Oasis, 2024; Del Palacio, 2023; Hurtado, 2024; Reporteros sin fronteras, 2024). Além disso, o interesse de fundações internacionais em financiar o jornalismo na América Latina (Meléndez Yúdico, 2016; Levoyer, 2020).

Outro critério de seleção foi através do site de chamadas para propostas da Fundação Gabo. Foram escolhidas apenas as bolsas classificadas como “convocatórias para bolsas”, e não aquelas que apareciam como “workshops”. Isso ocorre porque, na seção “convocatórias”, são publicados outros anúncios que começam como workshops e depois oferecem um subsídio. Para esta pesquisa, foram considerados apenas os anúncios que especificavam inscrições para bolsas de produção jornalística e não aqueles relacionados a workshops. Portanto, as convocações classificadas como “workshops” não foram levadas em consideração.

Também foram selecionadas as bolsas que se repetiam com maior frequência nos quatro anos analisados, como, por exemplo: novas narrativas sobre drogas, temas relacionados à reciclagem, saúde mental e migração. Essas áreas se mostraram como temas recorrentes nos fundos concedidos todos os anos. Além disso, foram escolhidas bolsas destinadas exclusivamente à produção de reportagens jornalísticas (em qualquer formato), descartando aquelas voltadas para outros tipos de apoio, como a bolsa Michael Jacobs, que se destina à crônica de viagens. A pesquisadora também considerou relevante incluir o jornalismo de soluções nesta pesquisa, pois era um tópico inovador que ela queria explorar. Assim, pode-se dizer que houve também um critério de intencionalidade na seleção.

Finalmente, as bolsas de produção jornalística selecionadas para esta pesquisa foram: Bolsas de Jornalismo de Soluções, edição especial (2020); Bolsa Rosalynn Carter para Jornalismo em Saúde Mental (2021); Fundo para Investigações e Novas Narrativas sobre Drogas, terceira edição (2022); e Bolsas Colaboração de Pesquisa Jornalística sobre Reciclagem Inclusiva (2023). A seguir, serão apresentadas as bolsas selecionadas:

4.4.1 Bolsas de Jornalismo de Soluções, edição especial (2020)

As Bolsas de Jornalismo de Soluções, edição especial (2020)⁶³ foram publicadas em 13 de abril de 2020 e resultaram de uma parceria entre a Fundação Gabo, a Solutions Journalism Network, uma organização sem fins lucrativos dedicada à promoção do jornalismo de soluções em todo o mundo⁶⁴ e sob os auspícios da Tinker Foundation, uma fundação que tem como missão fornecer financiamento para organizações da sociedade civil, apoiando pessoas, projetos e ideias na América Latina⁶⁵.

O objetivo deste subsídio era incentivar a cobertura de questões positivas durante a pandemia, em vez das abordagens tradicionais negativas, com foco no impacto dessas reportagens. De acordo com a Fundação Gabo (2020a), as Bolsas de Jornalismo de Soluções, edição especial (2020), visavam “promover projetos de jornalismo investigativo destinados a cobrir as respostas à situação gerada pela Covid-19, que poderiam ser apresentados em diferentes formatos: escrito, áudio, audiovisual ou web”.

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia de coronavírus, e a América Latina foi severamente atingida, com milhares de mortes e dificuldades no acesso às vacinas (Lacerda; Carvalho, 2020; Rivar; Oliveira; García, 2020). Durante esse período, a Solutions Journalism Network, em parceria com a Fundação Gabo, promoveu vários webinars focados no jornalismo de soluções, incentivando a investigação de possíveis respostas à crise, em contraste com as informações negativas que geravam ansiedade, medo e desamparo (Fundação Gabo, 2020b). Por isso, o edital da bolsa solicitava o seguinte:

Os projetos apoiados devem ter como objetivo investigar e descrever uma resposta à pandemia, explicada no contexto em que se desenvolve. Isto envolve registrar as causas do problema, bem como aprofundar a forma como a iniciativa tenta resolver pelo menos um aspecto desta emergência sanitária, detalhando as evidências e o processo do que funciona e do que não funciona; isto é, sem evitar avisos, limitações e riscos (Fundação Gabo, 2020a).

⁶³ **Becas de Periodismo de Soluciones, edición especial 2020. Fundação Gabo. Disponível em:** <https://fundaciongabo.org/es/actividad/becas-de-periodismo-de-soluciones-edicion-especial-2020> Acesso em: 27 de outubro de 2024.

⁶⁴ Mais informações sobre Solutions Journalism Network: <https://www.solutionsjournalism.org/who-we-are>

⁶⁵ Mais informações sobre Tinker Foundation: <https://tinker.org/about-us/>

Nessa convocatória, a Fundação Gabo, a Solutions Journalism Network e a Tinker Foundation ofereceram até nove bolsas de produção jornalística no valor de \$800 dólares cada. Esses recursos foram destinados a jornalistas selecionados para cobrir os custos de reportagem, segurança, honorários e, conforme estabelecido no edital, “elementos que melhoram a qualidade da história proposta” (Fundação Gabo, 2020a).

De acordo com a Fundação Gabo (2020a), as linhas temáticas dessa subvenção foram adaptadas ao contexto gerado pela Covid-19. Foram identificadas três áreas temáticas gerais, permitindo que os jornalistas abordassem vários aspectos dentro delas. No entanto, o foco principal deveria ser sempre nas soluções. Como a Solutions Journalism Network é uma das principais parceiras que promove essa abordagem, o foco em soluções foi um requisito fundamental para o fundo, criado justamente para incentivar esse tipo de jornalismo. As linhas temáticas foram as seguintes:

- **Ciência e saúde:** investigações jornalísticas com foco em esforços para melhorar a saúde, os procedimentos clínicos, o atendimento ao paciente e a pesquisa científica durante a crise.
- **Políticas públicas e governança:** histórias ou projetos que visem a encontrar soluções por meio de legislação ou ação governamental. Isso pode incluir aplicação da lei e ação militar, policial, estabilidade no emprego, planejamento de projetos, implementação ou mediação de impactos, comunicação pública, entre outros.
- **Vida comunitária e coesão social:** reportagens sobre como as comunidades estão lidando positivamente com os impactos da pandemia, com o objetivo de mitigar os efeitos da crise. Exemplos: segurança alimentar, saúde mental, questões emocionais, expressões artísticas, cultura, entre outros (Fundação Gabo, 2020a).

Os jornalistas interessados em participar deviam ser da América Latina e trabalhar para um meio de comunicação ou, alternativamente, demonstrar que sua história será publicada em um meio de comunicação. Esse requisito é essencial para se qualificar para o subsídio, pois está relacionado ao impacto que se espera gerar. De acordo com Montes

(2024), o objetivo é que as histórias gerem conversas públicas e não fiquem arquivadas sem serem publicadas.

Outros requisitos da bolsa deveriam ser apresentados em um formulário em formato Excel, incluindo o envio de uma autobiografia narrativa de 400 palavras pelo jornalista ou pela equipe, uma descrição do projeto jornalístico e sua motivação (também 400 palavras), orçamento, cronograma geral do projeto, hipótese, objetivos, meio de publicação, impacto esperado (máximo de 300 palavras), possíveis riscos, descrição do produto final e estratégia de divulgação (400 palavras), além de antecedentes, documentos a serem consultados, fontes para entrevistas, entre outros⁶⁶.

A Fundação forneceu um mentor para cada jornalista selecionado, que teve um mês e meio para desenvolver a reportagem. De acordo com a Fundação Gabo (2020a), foram considerados os trabalhos que tinham reportagens anteriores e conhecimento do tema a ser abordado. Em outras palavras, os jornalistas selecionados para essa bolsa tinham que ter experiência no assunto que gostariam de reportar, embora não fosse necessário ter experiência anterior em jornalismo de soluções.

Além disso, de acordo com o site, o Comitê Avaliador consideraria especialmente critérios como “relevância social”, “viabilidade da proposta” e “impacto potencial da história proposta na opinião pública”. A Fundação também especificou que os jornalistas ou as equipes vencedoras teriam total liberdade editorial para relatar o que descobriam (Idem, 2020a).

Em síntese, as Bolsas de Jornalismo de Soluções surgiram com o objetivo de trazer uma abordagem diferente para o jornalismo em um momento em que as notícias negativas eram predominantes devido à Covid-19. O impacto, tema central desta pesquisa, também foi enfatizado e requerido, tanto nos critérios de seleção quanto naqueles definidos pelo Comitê de Avaliação, o que está de acordo com o que autores anteriores mencionaram, no sentido de que as fundações geralmente exigem algum tipo de impacto nas reportagens financiadas (Hernández-Ramírez, 2020; Benson, 2018; Hamilton, 2016).

⁶⁶ Para consultar o Formulário de inscrição, acessar:
<https://drive.google.com/file/d/1oGdesS20Ri3blwi6JnPfWRGoey2Ufuab/view>

4.4.2 Bolsa Rosalynn Carter para Jornalismo em Saúde Mental (2021)

A Bolsa Rosalynn Carter para Jornalismo em Saúde Mental (2021)⁶⁷ foi resultado de uma parceria entre o Carter Center de Atlanta (EUA), uma organização sem fins lucrativos que, segundo sua página web, “tem um compromisso fundamental com os direitos humanos e o alívio do sofrimento humano”⁶⁸; a Universidade de La Sabana, uma instituição privada de ensino superior da Colômbia; e a Fundação Gabo, com o objetivo de promover investigações e reportagens sobre o estado da saúde mental na região (Fundação Gabo, 2021).

A bolsa leva o nome de Rosalynn Carter, falecida esposa do ex-presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter, que fundou a organização em 1982. O Carter Center foca-se amplamente em temas de saúde e realiza projetos em diversas partes do mundo. Além disso, Rosalynn Carter foi uma forte defensora da inclusão da saúde mental nas políticas públicas, incentivando projetos, tratamentos e leis voltadas para essa área desde que seu esposo era governador da Geórgia, a partir de 1970 (The Carter Center, 2024a; The Carter Center, 2024b).

Em abril de 1997, a organização criou a Bolsa Rosalynn Carter para Jornalismo em Saúde Mental, com o objetivo de educar jornalistas sobre os problemas de saúde mental, combater o estigma associado e gerar impacto por meio de reportagens, conforme algumas entrevistas concedidas por Rosalynn Carter (Democracy Now, 2023; The Carter Center, 2023).

Conforme a convocatória, o programa tem três objetivos principais: (1) aumentar o número de reportagens precisas e verídicas sobre saúde mental e reduzir informações estigmatizantes e incorretas; (2) promover reportagens de qualidade que ajudem a compreender os problemas de saúde mental, utilizando fontes e recursos especializados; (3) incentivar o surgimento de jornalistas que reportem informações rigorosas e precisas por meio de diferentes plataformas, e que essas reportagens inspirem outros profissionais.

⁶⁷ Beca Rosalynn Carter para periodismo en salud mental 2021. Fundação Gabo. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/actividad/beca-rosalynn-carter-para-periodismo-en-salud-mental-2021> Acesso em: 27 de julho de 2024.

⁶⁸ Mais informações sobre The Carter Center: <https://www.cartercenter.org/about/mission>

Nesta edição da bolsa, foram selecionados dois profissionais (Brasil e Costa Rica), que receberam um total de 5 mil dólares cada um. Os jornalistas qualificados precisavam comprovar o domínio da língua inglesa, já que o programa era direcionado a profissionais da América Latina (de língua espanhola ou portuguesa) com pelo menos 3 anos de experiência (Fundação Gabo, 2021).

De acordo com a convocatória, a bolsa foi conduzida por uma equipe interdisciplinar das Faculdades de Comunicação e Medicina da Universidade de La Sabana. Os jornalistas vencedores receberam apoio e orientação especializados em jornalismo e saúde mental, além de treinamentos e recursos online oferecidos pelo Carter Center. Os vencedores tiveram 1 ano para produzir e apresentar seu trabalho (Fundação Gabo, 2021).

A convocatória também descrevia o perfil dos candidatos, que deveriam ser da América Latina, exceto Porto Rico, ter habilidades em inglês e comprovar que o trabalho seria publicado em algum meio de comunicação. Além disso, os postulantes precisavam apresentar um ensaio de até mil palavras explicando o projeto jornalístico. Outros requisitos incluíam histórico acadêmico e profissional, reportagens relevantes (prêmios ou reconhecimentos, se houvesse), as razões profissionais para a candidatura e amostras de trabalhos, sendo uma delas no formato proposto (Idem, 2021).

Os critérios de avaliação também foram destacados para que os jornalistas soubessem o que seria valorizado pelo Comitê de Avaliação. Para entender claramente esses critérios, os candidatos deveriam se fazer várias perguntas, a fim de alinhar suas propostas às expectativas do projeto (Fundação Gabo, 2021). Os cinco critérios de avaliação foram:

(1) Originalidade: “O projeto submetido à bolsa é original, inovador ou criativo de alguma forma?” (Fundação Gabo, 2021).

(2) Relevância e pertinência a saúde mental:

O tema selecionado está claramente relacionado à saúde mental, de forma que atenda plenamente a pelo menos um dos objetivos descritos na bolsa? Este tema foi exaustivamente coberto por outros meios de comunicação ou o projeto oferece um novo ângulo que pode complementar ou encontrar novos caminhos para cobrir este tema? O tema é bem apresentado, comunicado e focado para que desperte o interesse de quem lê o projeto? (Fundação Gabo, 2021)

(3) Importância e compromisso do meio:

O meio através do qual as histórias serão publicadas tem qualidade e alcance para ajudar a reduzir o estigma e aumentar a compreensão das questões de saúde mental na sociedade e no contexto em que opera? A referência à mídia explica claramente como o candidato ao subsídio, a organização de notícias ou a comunidade se beneficiariam das histórias produzidas pelo subsídio? O apoio da mídia para a publicação ou transmissão das histórias e pesquisas derivadas da bolsa é claramente explicado? (Fundação Gabo, 2021).

(4) Resultados e impacto esperado:

O projeto tem potencial para influenciar a explicação aprofundada de um tema de saúde mental que pode reduzir o estigma e aumentar a compreensão da sociedade sobre um determinado tema relacionado com a saúde mental do ponto de vista jornalístico? Qual é o alcance esperado do público e o impacto potencial do projeto na sociedade e no contexto descrito? Qual a probabilidade de o candidato conseguir concluir sua proposta durante o ano da bolsa? Qual é a probabilidade de o projeto ser publicado, transmitido ou distribuído pelo meio que o apoia? (Fundação Gabo, 2021).

(5) Metodologia: “Explica de forma adequada e clara as etapas do projeto, possui uma questão de pesquisa, com suporte conceitual adequado do ponto de vista da Saúde Mental e do mecanismo de coleta de informações e produção de conteúdo jornalístico?” (Fundação Gabo, 2021).

Os avaliadores pontuaram os projetos com notas de 1 a 5. Na primeira rodada, foram selecionados os dez melhores projetos. Na segunda fase, restaram três candidatos com as melhores pontuações, e, finalmente, foi realizada uma entrevista (em inglês) com os três finalistas, onde dois jornalistas foram selecionados (Fundação Gabo, 2021).

Pode-se dizer que a Bolsa Rosalynn Carter para Jornalismo em Saúde Mental (2021) foi uma bolsa muito exigente para se candidatar. Embora tanto jornalistas juniores quanto seniores tenham sido aceitos, a fluência em inglês provavelmente foi uma restrição, assim como a experiência no tópico proposto, o que pode ter reduzido as chances dos profissionais juniores.

Além disso, o impacto foi mencionado como um critério importante de avaliação, conforme descrito: “Os bolsistas deverão produzir peças de jornalismo investigativo em qualquer formato que possam ser veiculadas ou publicadas em seus meios de comunicação e que tenham forte impacto na agenda pública” (Fundação Gabo, 2021). Isso está de acordo

com autores como Requejo-Alemán, Lugo-Ocando (2014) e Benson (2018), que destacam a medição do impacto por meio da geração de debate público.

Além do impacto, outros critérios exigidos foram o rigor, a verificação e a metodologia, que devem incluir uma questão de pesquisa, uma base conceitual e um mecanismo de coleta de dados (Fundação Gabo, 2021), semelhante ao de um projeto acadêmico, como uma tese. O prazo de um ano indica que se esperava um trabalho aprofundado e de alta qualidade. Assim, levando-se em conta o valor financeiro oferecido, pode-se deduzir que esse foi um processo seletivo bastante rigoroso, com o objetivo de selecionar os profissionais mais qualificados para obter a bolsa.

Por fim, vale ressaltar que os jornalistas puderam abordar qualquer tema, desde que demonstrassem experiência, sem perder de vista o enfoque principal: a saúde mental.

4.4.3 Fundo para Investigações e Novas Narrativas sobre Drogas (2022)

O Fundo para Investigações e Novas Narrativas sobre Drogas (2022)⁶⁹ (FINND) é resultado de uma parceria entre a Fundação Gabo e a *Open Society Foundation* (OSF)⁷⁰, uma fundação estadunidense que concede subsídios a organizações e pessoas em mais de 100 países. A OSF também se envolve em projetos de advocacy, promovendo a democracia, a transparência e a liberdade de expressão para gerar um impacto social (Open Society Foundations, 2024; Open Society Foundations, 2024a; Fundação Gabo, 2022).

Essa bolsa tem como objetivo promover projetos jornalísticos inovadores que tratem com rigor, ética e qualidade os desafios e oportunidades ligados às políticas de drogas na América Latina (Fundação Gabo, 2022). Assim, o fundo foca em projetos que apresentem uma nova perspectiva sobre as drogas, afastando-se da visão tradicional, geralmente marcada pela criminalização e pelos estereótipos.

Por essa razão, esta terceira edição do FINND procurou incentivar propostas que conectassem fenômenos relacionados a drogas ilícitas a questões como direitos humanos,

⁶⁹ **Fundo para investigações e novas narrativas sobre drogas (terceira edição). Fundação Gabo.** Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/actividad/fundo-para-investigaciones-e-novas-narrativas-sobre-drogas-terceira-edicao> Acesso em: 27 de outubro de 2024.

⁷⁰ Mais informações sobre Open Society Foundation: <https://www.opensocietyfoundations.org/who-we-are>

meio ambiente, saúde pública, violência, juventude, gênero e políticas públicas. Foram priorizados projetos que considerassem o impacto da pandemia da COVID-19 (Fundação Gabo, 2022). Esse é um ponto relevante, grande parte da cobertura jornalística sobre esses temas tende a ser superficial, concentrando-se na estigmatização, na criminalidade e nos estereótipos, sem se aprofundar nas causas ou explorar outras perspectivas (McCombs; Shaw, 1972; Seiter, 1986). Isso também fica claro na convocatória:

É importante esclarecer que o FINND não apoia propostas jornalísticas baseadas em narrativas tradicionais sobre drogas, ou seja, coberturas enfocadas, por exemplo, em historiografia criminal, perfis de narcotraficantes, pistas de pouso do narcotráfico, reportagens judiciais e, em geral, trabalhos que reproduzam estereótipos e lugares comuns sobre o tema (Fundação Gabo, 2022).

Foram concedidos subsídios de até \$6.000 dólares para no máximo 18 jornalistas da Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, México, Paraguai e Peru. Os beneficiários poderiam ser freelancers ou vinculados a um meio de comunicação, e as propostas poderiam ser apresentadas em diversos formatos, como texto, audiovisual, sonoro, fotografia ou multimídia. Além disso, foram estabelecidas categorias como jornalismo investigativo, local, inovador e colaborativo, bem como formatos não tradicionais, como sátira jornalística, scrolltelling e quadrinhos, entre outros (Fundação Gabo, 2022).

Da mesma forma, para essa bolsa, foram estabelecidas várias linhas temáticas nas quais o candidato deveria enquadrar seu projeto: saúde pública, meio ambiente, marcos regulatórios e normativos, direitos humanos, gênero, abordagem étnica e cultural e dimensão rural. Os jornalistas tinham três meses para desenvolver a história e, além do subsídio financeiro, receberiam três sessões com especialistas em questões relacionadas a drogas para garantir uma abordagem diferente para a narrativa. Também seria oferecida mentoria durante o período de produção do projeto (Idem, 2022).

Quanto aos requisitos de inscrição, eles não diferem muito dos subsídios anteriores: os candidatos (ou a equipe) deveriam preencher todas as informações em um formato⁷¹ fornecido pela Fundação que inclui a proposta de trabalho, a linha temática, a justificativa, a

⁷¹ Para consultar o Formulário de inscrição, acessar:

https://docs.google.com/document/d/1y8DBRW0OcwIfpNpSt-ieC_4dZ1DwRTFm/edit#heading=h.gjdgx

motivação, a estratégia de divulgação, o formato do produto e uma lista de pessoas ou instituições a serem entrevistadas para a investigação. Também era necessário incluir uma autobiografia narrada (não um CV) dos participantes, com até 800 palavras, bem como dois trabalhos de investigação publicados no último ano (Idem, 2022).

Também algumas regras adicionais foram definidas, tais como: o valor do subsídio para cada projeto foi determinado com base no conteúdo da proposta, no orçamento e no foco da investigação. Era necessário investir nos recursos detalhados na proposta, além de participar obrigatoriamente dos workshops. As propostas deveriam se concentrar nas linhas temáticas mencionadas, e o conteúdo gerado deveria seguir as diretrizes editoriais da Fundação Gabo, evitando conflitos de interesse e comportamentos que comprometam a ética jornalística. O orçamento deveria incluir elementos de proteção e biossegurança, assim como a remuneração dos jornalistas (Idem, 2022).

A convocatória também incluía um “aviso legal”, presente no formulário de inscrição, afirmando que jornalistas da Colômbia não poderiam inserir em seu projeto ou usar os recursos do fundo para entrevistar indivíduos ou entidades sancionadas pelo Escritório de Controle de Ativos Estrangeiros dos EUA (OFAC), pois o fundo está sujeito à legislação dos EUA (Fundación Gabo, 2022). O OFAC é um órgão de inteligência que identifica indivíduos e empresas envolvidos em práticas ilegais consideradas ameaças à segurança e à política externa dos Estados Unidos, como tráfico de drogas, lavagem de dinheiro e financiamento do terrorismo. A agência monitora essas atividades, bloqueia os envolvidos e aplica sanções econômicas e comerciais, de acordo com seu site (OFAC, 2024).

Também mencionava os critérios de seleção pelo Comitê de Avaliação, especificando que os projetos seriam analisados em três etapas: (1) pelos jurados, (2) pelo Conselho da Oficina de Jornalismo da Fundação Gabo e (3) pelo diretor acadêmico do projeto, sendo todo o processo reservado. Os jurados levaram em conta a qualidade da proposta, a inovação na narrativa, a originalidade do tema, a relevância, o impacto esperado da reportagem e sua estratégia de divulgação em um veículo jornalístico, em públicos específicos e em plataformas sociais. Por fim, a convocatória explicava como os valores seriam entregues e como se inscrever (Fundação Gabo, 2022).

Pode-se argumentar que o Fundo de Pesquisa e Novas Narrativas sobre Drogas (2022) incentiva os jornalistas a adotar uma abordagem mais ampla das drogas, indo além do

uso e do consumo e explorando implicações como saúde pública, direitos humanos, aspectos religiosos, políticos, econômicos e sociais. Isso pode ser uma vantagem, pois essas dimensões nem sempre são abordadas pelos meios de comunicação.

No entanto, também é importante considerar que abordar a questão das drogas além da criminalidade é uma missão da *Open Society Foundations*. De acordo com seu site, um de seus projetos é promover o uso legal e sustentável da coca na Colômbia e na Bolívia⁷². Portanto, pode-se deduzir que seu financiamento do jornalismo está relacionado à sua missão como fundação.

Embora o impacto não tenha sido mencionado como um requisito no formulário de inscrição, ele foi destacado nos critérios de avaliação. No entanto, se pode observar que nessas convocatórias de bolsas é necessário apresentar um trabalho de alta qualidade, aprofundado, rigoroso e, acima de tudo, ético. O tempo concedido geralmente é maior do que o destinado ao jornalismo diário, pois são exigidos projetos investigativos. Além disso, os requisitos são bastante detalhados e rigorosos, e a experiência é considerada importante. Também é importante notar que as linhas temáticas eram gerais, permitindo que os jornalistas proponham vários assuntos.

4.4.4 Bolsas ColaborAção de Pesquisa Jornalística sobre Reciclagem Inclusiva (2023)

As Bolsas ColaborAção de Pesquisa Jornalística sobre Reciclagem Inclusiva (2023)⁷³ foram publicadas no dia 18 de julho de 2023 e foram o resultado de uma parceria entre a Fundação Gabo e a Latitud R, na qual três bolsas de \$ 1.500 dólares foram concedidas a cada jornalista da Bolívia, Brasil e El Salvador, embora a convocação estivesse aberta a toda a América Latina (Fundação Gabo, 2023; Ética, 2023c).

Latitud R é uma plataforma colaborativa que, segundo seu site, articula ações (projetos), investimentos e conhecimentos sobre reciclagem inclusiva na América Latina.

⁷² Projeto da Open Society Foundations na América Latina: <https://www.opensocietyfoundations.org/what-we-do/regions/latin-america-and-the-caribbean>

⁷³ Becas ColaborAcción de investigación periodística sobre reciclaje inclusivo 2023. Fundación Gabo. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/actividad/becas-colaboraccion-de-investigacion-periodistica-sobre-reciclaje-inclusivo-2023> Acesso em: 27 de outubro de 2024.

Seu objetivo é contribuir para o desenvolvimento de sistemas de reciclagem inclusivos, melhorando a vida dos catadores de materiais recicláveis e promovendo a economia circular. Em outras palavras, busca reduzir o desperdício, aumentar a reciclagem e mitigar a poluição ambiental. A plataforma desenvolve diversos projetos voltados para esse objetivo e mede suas ações por meio do impacto gerado⁷⁴.

O objetivo dessas bolsas, de acordo com a Fundação Gabo (2023), é promover investigações jornalísticas relacionadas ao meio ambiente, à gestão de resíduos sólidos com reciclagem inclusiva e à economia circular, em qualquer formato: escrito, áudio, audiovisual ou web.

Os jornalistas tiveram dois meses para desenvolver a reportagem e, além do incentivo financeiro, receberam orientação especializada pelo jornalista Javier Flores Murillo, formado em Ciências Ambientais e Jornalismo pela Universidade Autônoma de Madri e pela Universidade Carlos III de Madri, respectivamente. Ele também tem ampla experiência em jornalismo e foi diretor digital da National Geographic por sete anos, concentrando-se em tópicos como meio ambiente, natureza, energias renováveis, ecologia, novas tecnologias, entre outros (Fundação Gabo, 2023).

A chamada para bolsas de produção jornalística estabeleceu diferentes linhas temáticas com subtemas sobre os quais os concorrentes poderiam enviar suas propostas. A experiência nesses temas foi um critério importante; o jornalista (ou equipe de até dois jornalistas) precisava ter um conhecimento prévio do assunto apresentado (Fundação Gabo, 2023). Os tópicos propostos foram os seguintes:

- Reciclagem inclusiva, mudança climática e meio ambiente: relatórios sobre as atividades dos catadores de materiais recicláveis para mitigar a mudança climática.
- Reciclagem Inclusiva e Economia Circular: relatórios de investigação sobre o impacto e a relevância da reciclagem para a economia circular.
- Reciclagem Inclusiva e Inovação Tecnológica: projetos que vinculam o desenvolvimento tecnológico e a inovação científica aos catadores de materiais recicláveis, além de impulsionar a inovação tecnológica no setor.

⁷⁴ Mais informações sobre o Latitud R: <https://latitudr.org/quienes-somos>

- Reciclagem inclusiva e inclusão social: matérias sobre o desenvolvimento da gestão de resíduos sólidos com catadores formalizados.
- Reciclagem Inclusiva e cidades saudáveis: pesquisas sobre gestão de resíduos e sustentabilidade verde (Fundação Gabo, 2023).

Infelizmente, o formulário de inscrição para essa convocatória não estava mais disponível, mas os interessados em se inscrever deveriam enviar uma proposta de trabalho jornalístico que incluísse: uma descrição do projeto (máximo de 200 palavras); uma explicação de por que essa investigação jornalística é importante e qual é o impacto esperado (máximo de 200 palavras); o orçamento geral dos recursos da bolsa (a alocação de recursos para a compra de equipamentos não foi permitida) e o cronograma.

Além disso, era necessário incluir uma autobiografia narrativa de, no máximo, 500 palavras, relatando sua carreira como jornalista e sua experiência com os tópicos abordados na convocatória e, por fim, uma carta de compromisso do meio de comunicação onde a história seria publicada assim que concluída. Os trabalhos jornalísticos publicados em sites externos ou meios de comunicação externos deveriam incluir uma menção, como: “Este relatório é o resultado da produção jornalística sobre reciclagem inclusiva, realizada com o apoio da Fundação Gabo e da Latitud R.” Essa referência também foi repetida nas bolsas anteriores (Idem, 2023).

Em resumo, as Bolsas ColaborAção de Pesquisa Jornalística sobre Reciclagem Inclusiva 2023 mantiveram os mesmos requisitos dos editais anteriores; no entanto, os critérios de avaliação não foram mencionados. A experiência dos jornalistas nos tópicos abordados foi levada em consideração, ou seja, eles deveriam ter feito reportagens ou se especializado em reciclagem inclusiva, meio ambiente e tópicos relacionados. Além disso, é importante observar que a colaboração com a Latitud R está alinhada com o foco da convocação, que é a reciclagem inclusiva.

Com base nas quatro bolsas de produção jornalística apresentadas e oferecidas pela Fundação Gabo em conjunto com seus parceiros, é possível chegar às seguintes conclusões. Os parceiros desempenham um papel importante no processo de concessão de subsídios para produção jornalística, financiamento e treinamento, conforme confirmado por Montes (2024) na entrevista. Há uma ligação clara entre os temas das bolsas e a missão das organizações parceiras. O diretor explicou que essas temáticas foram desenvolvidas ao longo de muitos

anos e que a Fundação busca aliados que trabalhem nessas áreas, não necessariamente por meio do jornalismo, mas também por meio de assessoria jurídica ou outros programas de apoio. Mas isso também pode ser uma via de mão dupla.

Outro ponto em comum é que os temas das chamadas são variados, o que permite que diferentes aspectos sejam abordados dentro delas, como no caso das bolsas: Jornalismo de Soluções, Novas Narrativas sobre Drogas e Saúde Mental. No entanto, os projetos devem estar alinhados com o foco principal da bolsa. Mendoza e Rojas (2021), em seu estudo sobre a Aliança Jornalística Tejiendo Redes, destacam que os temas estabelecidos nas convocatórias são geralmente amplos e que há uma coincidência de interesses entre os profissionais da informação e as fundações em relação aos temas.

Outro aspecto observado é a exigência de experiência em todas as quatro bolsas. Os jornalistas devem demonstrar um nível de especialização nos tópicos que pretendem cobrir, o que indica que, em muitos casos, os candidatos já estão reportando sobre essas questões.

Também foi observado que os critérios de avaliação são semelhantes em todas as bolsas, sendo o impacto um requisito fundamental, o que sugere que a questão do impacto é um objetivo comum dessas bolsas, geralmente medido pela capacidade de mobilizar a opinião pública (conversas públicas).

Além disso, os candidatos devem preencher um formulário semelhante a um projeto acadêmico, incluindo hipóteses, objetivos, antecedentes, metodologia, pessoas a serem entrevistadas, orçamento, cronograma, etc., enfatizando a capacidade de síntese nas redações, que variam entre 200 e 1.000 palavras.

Outro ponto em comum é a exigência de que os projetos financiados sejam de alta qualidade, intensivos em pesquisa e aprofundados. Termos como rigor, verificação, ética e precisão são frequentemente mencionados nos requisitos. Também porque as matérias resultantes dessas bolsas diferem das matérias jornalísticas cotidianas, pois têm um prazo mais longo e são acompanhadas por mentores durante todo esse período.

Uma revisão das chamadas para bolsas de produção jornalística deixa claro que o processo de seleção é muito exigente e que é necessário um nível considerável de conhecimento para se candidatar (no caso de todas as quatro bolsas). Mendoza e Rojas (2021) também destacam que os jornalistas precisam adquirir novas habilidades para se candidatar,

considerando também a alta concorrência e os recursos limitados, que permanecem esporádicos para todos os candidatos (Kaplan, 2007; 2013; Westphal, 2009; Benson, 2018).

4.5 JORNALISTAS E REPORTAGENS FINANCIADOS

Após a escolha das bolsas de produção jornalística, foram selecionadas as reportagens para, conseqüentemente selecionar os jornalistas. Não foi feito o processo inverso, pois havia pouco conhecimento sobre os vencedores das bolsas, então decidiu-se escolher os jornalistas com base em suas reportagens. A Fundação Gabo disponibiliza os nomes dos vencedores, uma vez que os resultados são divulgados em seu site, juntamente com os nomes dos veículos em que eles se inscreveram.

Para essa nova fase, foi necessário realizar uma investigação nos meios inscritos pelos concorrentes. A partir dos nomes dos participantes, foi possível encontrar a maioria das reportagens financiadas. Um fator que facilitou esse processo foi que cada reportagem deveria conter a menção de que havia sido financiada pela Fundação Gabo e seus parceiros, além do nome da bolsa e a data. Isso ajudou muito na identificação das reportagens financiadas. A Fundação também publicou algumas reportagens resultantes das bolsas em seu site, como no caso do Jornalismo de Soluções⁷⁵ e das Bolsas de Reciclagem Inclusiva⁷⁶, que apresentou as reportagens vencedoras.

Para a seleção das reportagens, foi realizado um processo de leitura rigorosa, onde se escolheram as mais destacadas, assegurando que fossem de diferentes países. Vale destacar que, nessa fase, já havia sido escrita a fundamentação teórica sobre ‘jornalismo de alto impacto’, então foram consideradas as reportagens mais alinhadas a essas características: profundas, investigativas, com dados, diversidade de vozes e relevância social. No entanto, foram encontradas muitas reportagens aprofundadas e interessantes, em diversos formatos, sobretudo escritos, audiovisuais e multimídia, algumas com mais de uma parte. Pode-se dizer

⁷⁵ A relação dos vencedores da bolsa Jornalismo de Soluções pode ser conferida em:

<https://fundaciongabo.org/es/blog/periodismosoluciones/las-17-becas-de-periodismo-de-soluciones-que-ha-ganado-america-latina>

⁷⁶ A relação dos vencedores da bolsa Reciclagem Inclusiva pode ser conferida em:

<https://fundaciongabo.org/es/noticias/articulo/tres-investigaciones-periodisticas-para-adentrarse-en-el-panorama-del-reciclaje>

que a seleção e comparação foi bastante difícil, até que restaram algumas opções, sendo as escolhidas por intencionalidade.

Após a escolha das quatro reportagens financiadas pelas quatro bolsas de produção jornalística, foi feito um levantamento para localizar os jornalistas dessas matérias. Em algumas ocasiões, as reportagens foram desenvolvidas por equipes de duas a três pessoas, em outras por um único jornalista. No primeiro caso, foi considerado o nome do jornalista que aparecia como vencedor da bolsa para estabelecer contato e realizar a entrevista, a ferramenta de coleta de dados escolhida para esta pesquisa.

Depois disso, foi realizado outro levantamento para conhecer a trajetória prévia de cada jornalista antes de serem convidados a participar da pesquisa. Em alguns casos, os contatos dos jornalistas foram encontrados diretamente (geralmente por e-mail, mas em outras ocasiões pelas redes sociais). A Fundação Gabo também colaborou como ponte, enviando e-mails de alguns que não responderam. Nesse processo, houve também um critério de disponibilidade, pois dois jornalistas não responderam às mensagens, o que resultou na mudança de participantes. Além disso, a pesquisadora queria diversidade, certificando-se de que jornalistas do mesmo país não se repetissem, pois foi considerado importante ter uma pluralidade de conhecimentos sobre o jornalismo em diferentes países, que vivem realidades diferentes e enfrentam condições diferentes.

Mais adiante será explicada a metodologia da entrevista. A seguir, serão apresentados os jornalistas selecionados e as respectivas reportagens. Será feito um breve resumo da trajetória de cada jornalista e das reportagens produzidas com o financiamento das bolsas. Vale mencionar que um dos jornalistas entrevistados pediu para manter o anonimato, então não será apresentada nenhuma referência que possa identificá-lo, apenas informações muito gerais. Assim, os quatro jornalistas escolhidos são do Brasil, México, Argentina e Bolívia.

QUADRO 5 - Perfil dos jornalistas entrevistados

Nomes	Bolsas	Perfis	Experiência em candidatura a bolsas
Agustina Paz (Argentina)	Bolsas de Jornalismo de	Jornalista com 15 anos de experiência trabalhando em meios	Paz disse que foi a primeira vez que ela se

	Soluções (2020)	de comunicação e em organizações da sociedade civil nos níveis local, nacional e regional. Ela estudou Ciências da Comunicação com foco em Jornalismo. É mestre em Jornalismo Documental. Sua relação com o jornalismo, inicialmente, tinha a ver com um aspecto acadêmico (como objeto de estudo), mas há 10 anos, ela trabalha regularmente com jornalismo gráfico e audiovisual. Ela é especialista em gênero, política, cultura e mudança social. Um destaque em sua carreira como jornalista foi a criação de um portal de jornalismo nativo digital com uma perspectiva de gênero chamado <i>Latfem.org</i>, que publica notícias feministas na Argentina e em toda a América Latina e Caribe. Ela também atua como coordenadora de projetos, gerenciamento e direção de mídia digital, além de consultora de comunicação.	candidatou como jornalista, mas na <i>Latfem.org</i> uma de suas funções é preparar projetos para receber financiamento de organizações no exterior, portanto, ela tem alguma experiência em solicitar subsídios.
Jornalista 02 (Brasil)	Bolsa Rosalynn Carter para jornalismo em saúde mental (2021)	Jornalista com 20 anos de experiência. Possui ampla experiência em diversos veículos jornalísticos nacionais e internacionais. Especializado (a) em direitos humanos e migração. Tem um prêmio.	Sim
Antonio Mundaca (México)	Fundo para investigações e novas narrativas sobre drogas (2022)	Jornalista mexicano, correspondente do jornal <i>El Universal</i> e cofundador do <i>El MuroMx</i> (dedicado ao jornalismo hiperlocal). Formou-se em Jornalismo pela Universidad Veracruzana (UV), no estado de Veracruz, onde também iniciou sua	Mundaca também obteve bolsas de produção jornalística, como a do Consórcio para o Apoio ao Jornalismo Regional na América Latina

		carreira profissional. Ele é natural de Tuxtepec, cidade localizada no estado de Oaxaca, na fronteira com Veracruz. Devido ao tipo de jornalismo que realiza, focado no tráfico de drogas, denúncias, investigações, corrupção e crime organizado, precisou deixar o estado de Veracruz com sua família, por meio de uma bolsa de deslocamento forçado. Atualmente, mora em Oaxaca, a capital de mesmo nome, onde continua a atuar como jornalista hiperlocal e correspondente nacional. Recebeu diversos prêmios por seu trabalho jornalístico, incluindo uma menção honrosa no Prêmio Nacional de Jornalismo e no Prêmio Estadual de Jornalismo de Oaxaca. É especialista em movimentos sociais, guerrilhas, povos indígenas e jornalismo narrativo.	(CAPIR), que foi uma colaboração com outros jornalistas do México. Ele também tem experiência em se candidatar, de acordo com a entrevista.
Brenda Molina (Bolívia)	Bolsas Colaboração de pesquisa jornalística sobre reciclagem inclusiva (2023)	Ela é jornalista com 7 anos de experiência e formada em Comunicação Social. Atualmente, atua como redatora no jornal <i>Opinión</i> de Bolívia. Iniciou sua carreira em um veículo impresso privado de Cochabamba, colaborando em uma revista semanal e cobrindo fontes como saúde, entretenimento e cultura. Desde 2019, trabalha na área digital do <i>Opinión</i> Bolívia, onde se dedica à cobertura de temas como gênero, meio ambiente, política e questões municipais.	Molina já participou de editais de bolsas, nos quais ela e sua equipe ganharam a bolsa Novas Narrativas sobre Drogas 2022, onde produziu a reportagem que lhe concedeu (junto com sua equipe) o Prêmio de Jornalismo em Saúde. Ela também colabora com fundações internacionais, como a CONNECTAS (Plataforma jornalística

		Atualmente, está concluindo um mestrado em Produção Multimídia e Linguagem Digital. Entre seus reconhecimentos, destaca-se o Prêmio de Excelência em Jornalismo de Saúde, recebido em equipe, pela reportagem sobre o uso medicinal da cannabis na Bolívia, concedido por uma empresa farmacêutica. Além disso, obteve uma menção honrosa no Primeiro Prêmio de Jornalismo Econômico e Financeiro, organizado pela Associação de Bancos Privados da Bolívia (ASOBAN), com a reportagem intitulada “Cerveja artesanal: 20 mulheres defendem o setor na Bolívia”.	para as Américas).
--	--	--	--------------------

Fonte: Autora, 2024.

Os candidatos possuem entre 7 e 20 anos de experiência em veículos jornalísticos nacionais e internacionais. Todos são graduados em Comunicação Social e Jornalismo, com trajetórias destacadas, tendo recebido prêmios ou menções honrosas por seus trabalhos, principalmente por reportagens investigativas e de profundidade em suas regiões. Isso significa que são jornalistas com perfis de alto nível, especializados nas áreas em que atuam.

Eles se especializam em temas como direitos humanos, gênero, mudança social, corrupção, migração e política, tópicos que frequentemente fazem parte das agendas de fundações. Outro ponto em comum entre os vencedores é a experiência em solicitar subsídios para a produção jornalística, além da colaboração com outras organizações internacionais para realizar reportagens mais aprofundadas e investigativas.

As entrevistas realizadas mostram que as áreas temáticas em que esses jornalistas atuam são em grande parte resultado de seus interesses pessoais e de suas experiências prévias. Isso fica claro, pois muitos deles já trabalhavam nessas áreas antes de obterem as bolsas.

Por exemplo, Mundaca (2024), jornalista mexicano, já abordava questões como tráfico de drogas, violência estrutural e direitos humanos devido ao contexto da região onde vive, antes de receber apoio financeiro. Da mesma forma, Paz (2024), jornalista argentina, tem uma longa trajetória no jornalismo feminista e na diversidade de gênero, temas que já cobria antes de receber a bolsa da Fundação Gabo para jornalismo de soluções. Jornalista 02 (2024), por sua vez, trabalhou por muitos anos em questões internacionais, especializando-se em migração, também antes de ser contemplado pela bolsa.

Isso mostra que muitos desses jornalistas já tinham um histórico nos tópicos sobre os quais fizeram reportagens, algo que tiveram de comprovar no processo de seleção por meio de reportagens anteriores que certificavam sua experiência nessas áreas.

No entanto, embora alguns jornalistas fossem especializados em temas como gênero ou migração, o foco específico da Fundação (como jornalismo de soluções ou saúde mental) também orientava as pautas das bolsas. Em outras palavras, os jornalistas ajustaram suas coberturas às prioridades das fundações, mas essas prioridades já estavam, em grande parte, alinhadas com os temas que eles vinham abordando anteriormente.

4.5.1 Reportagens financiadas

A seguir estão as reportagens financiadas pela Fundação Gabo e seus parceiros. Uma delas, devido ao pedido de anonimato do jornalista, não será apresentada para evitar sua identificação:

Ministério de Putas: como Ammar articula com o Estado durante a pandemia

A reportagem foi publicada no dia 2 de junho de 2020 (Dia Internacional das Trabalhadoras Sexuais) no veículo jornalístico com perspectiva de gênero 'Latfem', pela jornalista argentina Agustina Paz Frontera. O texto resultou da Bolsa de Jornalismo de Soluções, concedida pela Fundação Gabo, Solutions Journalism Network e Tinker Foundation.⁷⁷

⁷⁷ Frontera, Agustina Paz. Ministerio de putas: cómo Ammar articula con el Estado durante la pandemia. *Latfem*, 2 junio 2020. Disponível em: <https://latfem.org/ministerio-de-putas-como-ammar-articula-con-el-estado-durante-la-pandemia/> Acesso em: 27 de outubro de 2024.

A reportagem divulga o trabalho assistencial realizado por Ammar, um sindicato de trabalhadores sexuais na Argentina, que não é reconhecido pelo Estado. Localizado no bairro de Constituição, em Buenos Aires, o sindicato melhorou as condições de vida de centenas de trabalhadoras sexuais cis e trans, além de outros cidadãos, tanto naturais quanto migrantes, durante a pandemia da COVID-19. O trabalho de assistência social dessa organização em um período de crise econômica, social e sanitária se tornou um referencial sobre como organizações sociais podem ser cruciais em momentos de crise.

‘La Casa Roja’ (A Casa Vermelha) é o nome do espaço onde esse grupo de trabalhadoras sexuais oferecia assistência social a centenas de pessoas vulneráveis. Como isso ocorreu? Georgina Orellano, secretária-geral da Ammar, relata na reportagem que, desde que a quarentena total foi decretada na Argentina, todas as atividades não consideradas essenciais precisaram ser interrompidas. O ‘prazer sexual’ não apenas não era considerado essencial, como também era visto como arriscado. Assim, muitas trabalhadoras sexuais ficaram sem emprego. Contudo, sem trabalho e sem dinheiro, elas estavam sendo despejadas dos hotéis familiares onde moravam, ficando finalmente em situação de rua.

Diante dessa situação, a Ammar se viu na necessidade de agir, e a solução que desenvolveu foi estabelecer alianças com o Estado para fornecer abrigo às trabalhadoras sexuais (geralmente trans e migrantes) que se tornaram vulneráveis durante a pandemia. A ação começou entre a Ammar e o Programa de Gênero e Diversidade do Ministério Público da Defesa da Cidade de Buenos Aires (MPD CABA), conseguindo subsídios habitacionais para evitar a expulsão das trabalhadoras sexuais dos hotéis. Essa ação foi o ponto de partida para que a Ammar gerenciasse outras formas de auxílio a partir da ‘Casa Vermelha’ ou ‘a casinha’, como também era conhecida.

Graças a essa primeira ação, a Casa Vermelha tramitou 300 subsídios habitacionais para pessoas em situação de despejo e risco de rua, além de 280 subsídios para fomentar trabalho e estipêndios mensais para mulheres e homens trans. Assim que essa ajuda começou, outra iniciativa foi lançada: a entrega do cartão ‘Ciudadanía Porteña’, um projeto que concede 2.500 pesos (aproximadamente 130 dólares) a pessoas vulneráveis para a compra de alimentos. Essa ajuda, inicialmente direcionada às trabalhadoras sexuais, passou a atender qualquer pessoa que solicitasse assistência na ‘casinha’.

‘A Casa Vermelha’ tornou-se um ‘ministério’, o ‘Ministério de Putas’, como era chamado. A Ammar entregou comida a 5 mil pessoas em toda a Argentina, inseriu 2.015 pessoas no IFE (Ingreso Familiar de Emergência) e gerenciou 310 cartões de Ciudadanía Porteña para fornecer alimentos.

No entanto, a situação não se limitou a isso. Muitas trabalhadoras sexuais migrantes não possuíam documentos legais, então outra articulação por parte da Ammar foi estabelecida para realizar os trâmites de DNI. A entrega de DNI se expandiu, e não apenas trabalhadoras sexuais indocumentadas, mas também migrantes da África que não tinham documentos e, portanto, não podiam receber as ajudas do Estado, procuravam o apoio.

A chegada de tantas pessoas à ‘casinha’ gerou descontentamento em vários vizinhos, pelo que, infelizmente, a Ammar teve que suspender a operação de entrega de DNI. Contudo, apesar de não ser uma entidade estatal, para muitos solicitantes das políticas sociais, a Ammar tornou-se um ministério.

A jornalista quis visibilizar o trabalho de Ammar, que apesar de funcionar como uma associação civil, não é reconhecida pelo Estado, uma vez que o trabalho sexual não é legalmente reconhecido como uma atividade laboral. Na reportagem, as líderes da Ammar não concordam com a abolição do trabalho sexual na Argentina, acreditando que essa articulação com o Estado é uma forma de legitimar a organização e reivindicar melhores condições de trabalho.

A reportagem conclui com uma reflexão sobre como o papel das organizações sociais é insubstituível em momentos de crise e como o trabalho das trabalhadoras sexuais foi uma solução para centenas de vidas durante a crise provocada pela COVID-19. Além disso, apresenta a reflexão de como trabalhadoras sexuais trans e migrantes, frequentemente discriminadas e estereotipadas por seu trabalho e condição, prestaram ajuda a qualquer pessoa sem nenhum tipo de discriminação.

Comentário: A reportagem é completa, trazendo as vozes de diversas líderes do sindicato, narrando as histórias de quem passou por necessidades, e incluindo os depoimentos de funcionários de organizações estatais, além de especialistas. Também traz vários vídeos curtos, mas é mais profundamente escrita com fotografias.

A reportagem apresenta um olhar diferente e interessante, em que a jornalista une o trabalho que realiza por meio da *Latfem.org*, um meio de comunicação que atua com

perspectiva de gênero, ao enfoque solicitado na convocatória: o jornalismo de soluções, mostrando como uma organização civil de trabalhadoras sexuais articulou ajudas para ‘salvar’ a vida de centenas de pessoas em situações vulneráveis. Assim, pode-se afirmar que a reportagem cumpriu o pedido da convocatória. Além disso, observa-se uma abordagem interessante sobre um tema que provavelmente não estava sendo percebido pela grande mídia.

A jornalista Agustina Paz (2024) manifestou na entrevista feita para esta pesquisa que já tinha publicado esse tema, mas de forma muito pequena no jornal *La Diaria*, sobre os transexuais sendo excluídos pelo Estado nessa época de crise e elas organizando-se para cobrir suas necessidades. Mas não tinha em mente o enfoque do jornalismo de soluções, e considera que essa história poderia ser contada dentro de muitos paradigmas, sendo o jornalismo de soluções um deles. “Até que ponto isso é uma solução para a comunidade e eu não estou apenas falando sobre um problema?” (Paz, 2024).

Amapola em Oaxaca: Semeadores na Névoa

*Trata-se de uma série de reportagens conduzida pelo jornalista Antonio Mundaca, com a participação dos jornalistas Karen Rojas e Miguel Ángel Maya, acompanhados por Mely Arellano e Daniel Cid Berthely. Esta série foi fruto do Fundo de Investigações Novas Narrativas sobre Drogas, edição 2022, da Fundação Gabo e da Open Society Foundations.*⁷⁸

A série revela como as comunidades indígenas de Sierra Mixe, Nação Triqui e Sierra Sur, no estado de Oaxaca, cultivam amapola em silêncio como meio de subsistência, cercadas por violência, repressão e abusos que permanecem ignorados pelas autoridades estaduais e federais, que também não fornecem serviços sociais básicos à população.

O foco principal das reportagens é expor a existência do cultivo de amapola nessas comunidades, prática que é amplamente aceita pela população. Entretanto, nos últimos meses, houve um aumento da violência devido a conflitos entre organizações criminosas e camponeses, deixando os agricultores indígenas como as principais vítimas. Estes são

⁷⁸ Mundaca, Antonio. Amapola en Oaxaca: Sembradores En La Niebla. *Pie de Página*. Disponível em: <https://especiales.piedepagina.mx/> Acesso em: 27 de outubro de 2024.

frequentemente acusados pelos governos de serem criminosos por cultivarem a planta que se torna heroína, droga que, posteriormente, é exportada para os Estados Unidos e Canadá, onde está concentrado 90% do mercado consumidor.

A série é dividida em três partes: Sierra Mixe, Nação Triqui e Sierra Sur. Cada região apresenta suas particularidades, embora compartilhem pontos em comum, como já mencionado: a cumplicidade e inação do Estado; o cultivo de amapola, geralmente realizado por mulheres e crianças como uma maneira de combater a fome; e a presença do crime organizado, que violenta e oprime as comunidades indígenas, despojando-as de suas terras e abusando das mulheres, sem que haja qualquer possibilidade de denúncia.

Na Sierra Mixe, onde o cultivo de amapola ocorre de forma clandestina, episódios de violência, como estupros, assassinatos e sequestros, têm sido frequentes contra indígenas que defendem suas terras e cultivos. Embora essas violações sejam conhecidas pelo governo, elas são disfarçadas como conflitos sociais entre indígenas, deixando os territórios à mercê de grupos armados. Não há registros oficiais sobre o cultivo de amapola na região, e as autoridades militares negam sua existência. O relato é sustentado por crônicas de pessoas que sofreram abusos por parte de paramilitares e das forças do governo (polícia e militares). Além disso, a reportagem apresenta um vídeo testemunhal e entrevistas com especialistas acadêmicos que estudaram a área profundamente.

Na Nação Triqui, o cultivo de amapola é aceito pelas comunidades como uma questão de sobrevivência, já que os indígenas triquis não têm garantias de emprego, saúde ou alimentação. Os agricultores vivem em condições precárias, enquanto a maior parte do dinheiro vai para intermediários. O governo de Oaxaca também criminaliza os cultivadores com o objetivo de militarizar a região, que busca autonomia. A reportagem revela ainda os conflitos internos políticos entre os líderes comunitários, que têm escalado para a violência, sem qualquer intervenção estatal, uma vez que os indígenas são vistos como criminosos.

Na Sierra Sur, o cultivo de amapola é aceito pelas autoridades locais e por grande parte da população, em cumplicidade com o governo e o narcotráfico. Os mais penalizados são os camponeses indígenas, que recebem a menor parte do dinheiro por recolher a goma de ópio (substância extraída da flor da amapola). Enquanto as autoridades comunitárias, apesar de reconhecerem a atividade, denunciam conflitos violentos que são desconsiderados como sendo apenas “conflitos sociais”. A presença de poderosos cartéis da droga é

conhecida, mas o governo não intervém, e os líderes locais tampouco conseguem conter a violência.

Comentário: A série de reportagens deu voz a pessoas que provavelmente não estavam sendo ouvidas e eram vistas sob uma narrativa criminalizada pelas autoridades. Portanto, o relatório trouxe uma nova perspectiva, um dos objetivos do Fundo para Investigações e Novas Narrativas sobre Drogas da Fundação Gabo e da Open Society, que buscou analisar essas plantações de outro ponto de vista, além da criminalidade. Trata-se de um relatório abrangente, com relatos dos envolvidos, versões de especialistas e autoridades, além de dados sobre o cultivo de amapola, como apreensões da planta e mapas interativos produzidos por meio do jornalismo de dados.

Antonio Mundaca (2024), o jornalista responsável, disse que essa história não surgiu como resultado da publicação da convocação, mas é fruto de quatro anos de trabalho nessas comunidades. Ele obteve muitas informações básicas que indicavam que não se tratava de um conflito entre comunidades comuns, mas de algo mais profundo, negligenciado pela mídia e pelas autoridades. Portanto, pode-se dizer que os jornalistas dessa série foram além do que se sabia por meio de relatórios policiais, fornecendo relatos de indígenas e líderes comunitários, o que fez com que o governo de Oaxaca reconhecesse oficialmente a presença do cultivo de amapola em comunidades indígenas, algo que havia sido ocultado.

Além de obter o reconhecimento oficial do estado, a série também rendeu aos seus autores uma menção honrosa no Prêmio Nacional de Jornalismo do México.

Eco-coletores madrugam por uma segunda chance para o planeta

Essa reportagem multimídia foi realizada pela jornalista boliviana Brenda Molina, com fotografias de Luis Rodríguez, por meio das Bolsas Colaboração de Pesquisa Jornalística sobre Reciclagem Inclusiva 2023, concedidas pela Fundação Gabo e Latitud R. Foi publicada no dia 20 de fevereiro no jornal Opinión Bolívia⁷⁹.

⁷⁹ Molina, Brenda. Ecorecolectoras madrugam por una segunda oportunidad para el planeta. *Opinión*, 20 de febrero de 2024. Disponível em: <https://www.opinion.com.bo/articulo/cochabamba/ecorecolectoras-madrugan-segunda-oportunidad-planeta/20240220164526937488.html> Acesso em: 27 de outubro de 2024.

A reportagem relata o trabalho das recicladoras de lixo nos três municípios mais populosos da Bolívia: Cochabamba, Sacaba e Quillacollo. Também apresenta dados estatísticos sobre os resíduos gerados nesses municípios e em toda a Bolívia, além de indicar a porcentagem de materiais reciclados. Trata-se de uma matéria multimídia que inclui vídeos nos quais as próprias recicladoras contam suas histórias, como chegaram a essa atividade, os desafios que enfrentam e seus sonhos.

A reportagem destaca o papel fundamental dessas recicladoras no cuidado com o meio ambiente. Além disso, mostra como essas mulheres buscam melhorar sua situação econômica e gerir os resíduos utilizando tecnologias. Em Cochabamba, por exemplo, a associação de recicladoras desenvolveu um projeto em parceria com a Universidade Mayor de San Simón e o Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), para transformar resíduos recicláveis em novos produtos e vendê-los no mercado, agregando valor aos materiais e, ao mesmo tempo, contribuindo para a preservação ambiental.

O destaque da reportagem está nas vozes das próprias recicladoras, que representam 80% do total, muitas delas mães solteiras, que começaram a coletar lixo em situações de vulnerabilidade. Elas relatam os desafios enfrentados em suas jornadas de trabalho, como a criminalidade, os ataques verbais e físicos por parte de pessoas embriagadas ou transeuntes, e a falta de apoio da polícia. Além disso, muitas afirmam sofrer discriminação, sendo chamadas de “sujas” por trabalharem com lixo, o que revela o pouco conhecimento que a população tem sobre a importância de seu trabalho. A falta de uma cultura de reciclagem também torna seu trabalho ainda mais difícil.

A matéria também revela que o trabalho das recicladoras (e de alguns recicladores, embora em menor número) não é reconhecido pelas autoridades municipais. Mesmo assim, nos três municípios, eles se organizaram em associações e confeccionaram uniformes para serem reconhecidos como trabalhadores, tal como em qualquer outra profissão, e, talvez, até mais importantes, já que as prefeituras contratam empresas para a varrição de ruas e coleta de lixo, mas não para a reciclagem. Assim, essas mulheres realizam essa tarefa de forma independente.

A maioria dos resíduos recicláveis que elas coletam, como garrafas plásticas, papel, papelão, vidro e alumínio, é enviada para centros de acúmulo ou empresas como Papelbol e Cartonbol. Essas empresas compram os materiais reciclados, compactam e exportam para

países como Peru e Chile, evitando que esses resíduos cheguem aos aterros sanitários e continuem contaminando o ambiente e as cidades vizinhas.

O sonho dessas mulheres é que seu trabalho seja finalmente reconhecido pelas autoridades, e que a sociedade desenvolva uma cultura de reciclagem, evitando que elas precisem rasgar sacolas e se machuquem com objetos perigosos. Elas também desejam não ser discriminadas e que as pessoas compreendam a importância de seu trabalho para a sociedade, já que ninguém mais o faz.

Comentário: A reportagem é bem completa, narrando a história em três dos municípios mais populosos e apresentando dados estatísticos. Deve-se destacar o uso de histórias humanas, por meio dos vídeos das recicladoras, o que cumpre também o objetivo da convocatória, que visava fomentar investigações sobre reciclagem inclusiva. A jornalista Brenda Molina (2024) comentou que já tinha em mente esse trabalho, mas enfrentava obstáculos, como dificuldades econômicas e falta de tempo para desenvolvê-lo. Quando viu a convocatória, decidiu se inscrever, sabendo que já tinha experiência com bolsas anteriores da Fundação Gabo: “Quando a convocatória foi publicada, eu disse: ‘Este é o momento, esta é a oportunidade de concretizar este trabalho...’” (Molina, 2024). A jornalista acrescentou que as recicladoras se sentiram orgulhosas pela forma como a reportagem foi feita, sem estigmatizá-las.

Para obter essas informações relevantes em relação aos relatórios financiados e com o objetivo de obter uma compreensão mais profunda do fenômeno em estudo, um dos principais meios utilizados para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada em profundidade. O uso desse instrumento metodológico será explicado a seguir.

4.6 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA EM PROFUNDIDADE

Para ajudar a responder o problema proposto desta pesquisa, optou-se por realizar entrevistas com os jornalistas vencedores das bolsas concedidas pela Fundação Gabo. A entrevista, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), é uma conversa profissional entre duas pessoas (o participante e o pesquisador) com o objetivo de obter informações relevantes sobre o tema em estudo. Segundo Duarte (2005), o que pode ser extraído de uma entrevista são

percepções, informações e experiências dos informantes, que posteriormente, são organizadas, analisadas e apresentadas de forma estruturada.

A escolha pelas entrevistas nesta pesquisa se deu pela relevância de compreender, diretamente dos jornalistas vencedores, qual foi a contribuição da Fundação Gabo por meio de suas bolsas. Com isso, foi possível conhecer como as bolsas de produção jornalística concedidas pela Fundação Gabo a jornalistas latino-americanos contribuíram para um jornalismo de alto impacto. Além disso, buscou-se entender se as reportagens financiadas realmente tiveram o impacto esperado, de acordo com os objetivos propostos pelas bolsas, conforme a análise realizada. Assim, considerou-se pertinente realizar entrevistas em profundidade com os vencedores.

Para esta pesquisa, optou-se pela entrevista semiestruturada com abordagem em profundidade (Duarte, 2005). Esse tipo de entrevista, segundo Triviños (1987), é uma das mais importantes para pesquisas qualitativas, pois valoriza a presença do investigador e possibilita uma conversa espontânea, onde o informante pode expressar-se livremente, enriquecendo a investigação. Além disso, essa modalidade segue um roteiro de perguntas abertas, permitindo ao investigador explorar uma única questão até esgotar o tema, se necessário. Da mesma forma, o informante pode aprofundar sua resposta, caso deseje, sem perder o foco da entrevista (Duarte, 2005).

Cinco pessoas foram entrevistadas para esta pesquisa. O diretor de programas da Fundação Gabo, Miguel Montes, foi considerado um informante-chave para fornecer informações complementares sobre a Fundação, já que muitos dados não estavam disponíveis no site. Um roteiro específico foi elaborado para explorar a história da Fundação, o programa de bolsas de produção jornalística e confirmar a questão do impacto, termo frequentemente mencionado nas bolsas. Também se perguntou sobre a relação com os parceiros, observando que outras organizações estavam envolvidas nas bolsas, o que permitiu a análise dos editais.

Os outros quatro entrevistados foram jornalistas que receberam bolsas de produção jornalística para suas reportagens. Foram considerados os jornalistas vencedores nas quatro bolsas escolhidas para esta pesquisa entre 2020 e 2023: Bolsa de Jornalismo de Soluções ,edição especial (2020), Bolsa de Jornalismo de Saúde Mental Rosalynn Carter (2021), Fundo de Investigações sobre Drogas e Novas Narrativas,terceira edição (2022), e Bolsa de

Jornalismo Investigativo Colaborativo sobre Reciclagem Inclusiva (2023). A escolha das bolsas está detalhada na seção 6.4.

A seleção dos jornalistas foi baseada nas reportagens financiadas. Uma vez escolhidas as bolsas, os vencedores foram selecionados após uma leitura minuciosa das matérias financiadas, usando critérios como relevância, dados, profundidade e diversidade de vozes. Como a maioria das reportagens atendia a esses critérios, foram priorizadas aquelas que a pesquisadora considerou mais interessantes. A partir disso, os jornalistas a serem entrevistados foram definidos.

Outro critério foi garantir que os jornalistas fossem de diferentes países, para obter uma pluralidade de perspectivas sobre a contribuição das bolsas. Triviños (1987) destaca a importância de incluir pessoas de diversos grupos em entrevistas qualitativas em profundidade. Assim, a participação de jornalistas de diferentes países da América Latina foi considerada essencial para os objetivos da pesquisa. Duarte (2005) argumenta que, ao selecionar as fontes corretas, é possível fornecer informações relevantes e confiáveis sobre o tópico da pesquisa e produzir um relatório consistente.

A amostra, em entrevistas em profundidade, não tem seu significado mais usual, o de representatividade estatística de determinado universo. Está mais ligada à significação e à capacidade que as fontes têm de dar informações confiáveis e relevantes sobre o tema de pesquisa. Boa parte da validade da pesquisa está associada à seleção. É possível, entrevistando pequeno número de pessoas, adequadamente selecionadas, fazer um relato bastante consistente sobre um tema bem definido. Relevante, neste caso, é que as fontes sejam consideradas não apenas válidas, mas também suficientes para responder à questão de pesquisa, o que torna normais, durante a pesquisa de campo, novas indicações de pessoas que possam contribuir com o trabalho e, portanto, ser acrescentadas à lista de entrevistados (Duarte, 2005, p. 5).

O roteiro de perguntas foi elaborado de acordo com a teoria e o problema de pesquisa, além do que se pretendia obter com a entrevista (Alves; Silva, 1992). Foram feitas perguntas abertas para tornar a entrevista mais dinâmica e permitir que o entrevistado se sentisse à vontade para falar abertamente sobre os tópicos da pesquisa (Duarte, 2005). Os tópicos abordados foram: trajetória, experiências na solicitação de subsídios, motivação para solicitar as bolsas, critérios de seleção, processo de elaboração das reportagens, impacto das

reportagens, contribuição da Fundação Gabo, desafios do jornalismo, democracia e jornalismo (O roteiro e as entrevistas serão apresentados no apêndice).

O contato com os entrevistados foi feito de diferentes maneiras, com a ajuda da Fundação Gabo, que contatou dois jornalistas por e-mail. Apenas um deles, Agustina Paz, respondeu. Os outros três jornalistas foram contatados por meio das redes sociais: Twitter (Antonio Mundaca), Facebook (Brenda Molina) e WhatsApp (Jornalista 02). Um jornalista foi substituído no processo, pois não respondeu às mensagens, resultando apenas nos jornalistas mencionados acima.

Uma vez confirmadas as entrevistas, elas foram realizadas em agosto de 2024, juntamente com a entrevista com Miguel Montes, diretor do programa. As entrevistas tiveram duração de uma hora e, com a permissão dos entrevistados, foram gravadas para facilitar sua transcrição. De acordo com Duarte (2005), a gravação das entrevistas proporciona um registro literal que não compromete o resultado e oferece maior confiança na fonte.

Depois que os dados foram coletados por meio das entrevistas, foi realizada uma análise qualitativa. Para analisar os dados, foram utilizadas as recomendações de Duarte (2005) e Alves e Silva (1992). Em primeiro lugar, por meio de uma leitura minuciosa e analítica, foram feitas algumas conexões importantes entre as declarações dos entrevistados e sua relação com a abordagem teórica e o problema de pesquisa (Alves; Silva, 1992). O fato de ter sido uma entrevista semiestruturada em profundidade forneceu dados heterogêneos enriquecedores: respostas semelhantes em contextos diferentes, respostas divergentes sobre um mesmo tema e respostas comuns, tornando-se um processo valioso de aprendizagem e aporte de novos conhecimentos (Duarte, 2005). Depois de organizar as respostas de cada jornalista, procedeu-se à categorização delas.

De acordo com Duarte (2005), as categorias são “estruturas analíticas construídas com o pesquisador que reúnem e organizam um conjunto de informações obtidas a partir da divisão e classificação de temas autônomos, mas inter-relacionados” (p. 11). As categorias se originaram da estrutura teórica e do problema de pesquisa, que também foram consolidados no questionário. Assim, foram estabelecidas as seguintes categorias: ‘Desafios no jornalismo’, ‘Contribuição das bolsas de produção jornalística’ e ‘Jornalismo de alto impacto’.

Gradativamente a análise vai acontecendo e o pesquisador passa a trabalhar num aprofundamento dos dados que ficarão contidos numa estrutura, guiada pelo tema e questões centrais. Há quem chame a esse processo de afinilamento tendo em vista a seleção entre tópicos pela sua maior ou menor abrangência e importância para a pesquisa (Alves; Silva, 1992, 67).

Após a categorização, iniciou-se a discussão dos achados, fundamentada na literatura e nas verbalizações dos entrevistados, com prioridade sempre dada aos dados (Alves; Silva, 1992; Duarte, 2005). Na próxima seção, será apresentada a discussão.

4.7 DESAFIOS NO JORNALISMO

Essa categoria foi criada para abordar um dos objetivos da pesquisa: explorar os desafios enfrentados pelo jornalismo contemporâneo. Durante a coleta de dados, os jornalistas entrevistados mencionaram várias dificuldades que enfrentam como jornalistas, como dificuldades econômicas, insegurança, instrumentalização, transformação digital, entre outras

A análise das entrevistas revela que os jornalistas identificam e enfrentam uma variedade de crises. Como apontou Christofolletti (2019), a crise no jornalismo é complexa e não se limita à falta de recursos financeiros; ela está relacionada a diversos fatores, tanto endógenos quanto exógenos, e pode ser multifacetada. Isso, por sua vez, limita a produção de conteúdo de qualidade, aprofundado e investigativo, ou seja, a capacidade de cumprir a missão que lhes foi “confiada” pela teoria democrática (Bastos, 2015; Traquina, 2005; O’Boyle, 1968; Schudson, 2008; Christofolletti, 2019). Esse aspecto também foi mencionado pelos entrevistados como uma ‘crise de qualidade’ (Brenda, 2024; Mundaca, 2024).

A jornalista argentina Agustina Paz (2024), uma das contempladas pela Fundação Gabo, identificou a inter-relação entre várias crises. Primeiramente, apontou a crise financeira ligada à sustentabilidade do trabalho *freelance* e à falta de modelos de negócio viáveis para os meios de comunicação gerarem receita. Ela relacionou isso à queda nas vendas de publicidade e à diminuição do público, afirmando que, mesmo no ambiente digital, não há uma forma de financiamento que seja suficiente. Melendez Yúdico (2016) constatou que, para garantir sustentabilidade, os veículos investigados precisavam de um modelo de

negócios diversificado, incluindo publicidade, crowdfunding, workshops e subsídios, o que permitiria melhorar equipamentos, pagar salários e produzir reportagens diferenciadas.

Paz (2024) também observou que o financiamento nos meios digitais é prejudicado pela proliferação de veículos nos últimos anos, resultando em uma briga por recursos escassos: “...nenhum dos meios que conheço, que são amigos, está em uma boa condição; estamos sempre lidando com a precariedade à qual jornalistas estão acostumados”. Essa precariedade também foi constatada por García Avilés et al. (2004), que observaram como a redução de custos por parte das emissoras no Reino Unido e na Espanha levou a uma sobrecarga de trabalho para os jornalistas e, por sua vez, a uma qualidade inferior das informações.

Neste contexto, Paz (2024) comenta que os jornalistas se tornaram uma “variável de ajuste” nos modelos econômicos dos veículos de comunicação. Quando há redução de receita, as consequências recaem sobre os profissionais, com cortes salariais, demissões e sobrecarga de trabalho, prejudicando a qualidade da cobertura (Bastos, 2015; Coelho, 2015). Srnicek e Giacometti (2018, p. 39) destacam que, “o capitalismo, quando entra em crise, tende a se reestruturar. Novas tecnologias, novas formas organizacionais, novos modos de exploração, novos tipos de trabalho e novos mercados surgem para criar uma nova maneira de acumular capital” (Srnicek; Giacometti, 2018, p. 39).

Brenda Molina (2024), jornalista boliviana contemplada com a bolsa da Fundação, também mencionou a crise econômica. No veículo onde trabalha, a falta de recursos dificulta a cobertura de temas importantes em outras cidades, já que não há orçamento para deslocamentos. Isso restringe a agenda jornalística, concentrando-a em um único local e afetando a pluralidade e a qualidade das notícias. Ela relatou:

Aqui, por exemplo, no exercício diário da nossa profissão, recebemos ligações de outros municípios, eles nos dizem: 'temos essa atividade' ou... 'isso está acontecendo', e... o que vamos fazer, certo? o que vamos fazer? Então, isso já limita, limita muito porque, com todo o respeito, você tem que falar para as pessoas que ligam para você para... mandar fotos, mandar vídeos ou, bom, mandar áudios também, se possível... mas... e como é que essas pessoas sabem o que perguntar, como gravar, o que não gravar também, né? Isso reduz bastante o trabalho e, de certa forma, limita você à cidade, porque, com seus recursos, você só pode se movimentar dentro da cidade e o resto, há tantos tópicos interessantes fora da cidade ou em outras cidades também, mas... você tem que deixá-los de lado, não é?, porque você não tem como ir (Molina, 2024).

Molina (2024) também relaciona essa falta de recursos à transformação digital, que foi intensificada com a chegada da pandemia. A ascensão da internet alterou os sistemas tradicionais de publicidade, prejudicando a sustentabilidade dos veículos e, consequentemente, a cobertura jornalística (Christofoletti, 2019; Anderson; Bell; Shirky, 2013; Coelho, 2015; Ramonet, 2015a). Vários estudos mostraram que os meios de comunicação tradicionais perderam uma grande quantidade de receita como resultado do advento da tecnologia (Rogel, 2011; Calderón, 2016; Natanson, 2014), mas os meios digitais também não encontraram um modelo verdadeiramente sustentável (Christofoletti, 2019; Schiffrin; Anya; Posetti; Edgerton; Bell, 2022; Project Oasis, 2024).

No novo ecossistema digital, como Molina (2024) também mencionou, os jornalistas precisam fazer tudo e ainda encontrar tempo para investigar. Bromley (1997) descreveu esse fenômeno como “*multi-skilling*”, em que os jornalistas assumem várias responsabilidades que antes eram divididas entre diferentes profissionais. Uma consequência disso, de acordo com Molina (2024), é a falta de pessoal, que afeta particularmente o ciberjornalismo, conforme destacado por Bastos (2015).

Antonio Mundaca (2024), outro jornalista mexicano contemplado pela Fundação Gabo, também mencionou as questões econômicas que afetam o jornalismo e destacou a importância de iniciativas como a bolsa da Fundação para apoiar projetos jornalísticos que, sem financiamento, não poderiam ser realizados. Da mesma forma, a Jornalista 02 (2024), do Brasil, contemplada pela Fundação, observou que a falta de recursos e de tempo dificulta a produção de reportagens investigativas e aprofundadas, ressaltando a importância do financiamento externo para garantir um jornalismo de qualidade.

Outro desafio mencionado foi a instrumentalização dos meios de comunicação. Paz (2024) apontou que a perda de legitimidade dos meios de comunicação se deve em parte ao seu alinhamento com interesses políticos e econômicos. Ela mencionou o termo “jornalismo mercenário” para descrever jornalistas políticos locais que parecem agir a serviço de grupos poderosos. Autores como Almirón (2010), citado por Christofoletti (2019), também associam a crise do jornalismo ao fato de ser usado como um instrumento pelas elites dominantes.

Conforme observou Rincón (2010), os meios de comunicação são um grande negócio tanto para empresários quanto para governos. Em seu livro “Por que eles nos odeiam

tanto”, ele expõe como os veículos de comunicação na América Latina são utilizados para servir a interesses privados e públicos. Nem mesmo os pequenos veículos locais, que poderiam parecer menos vulneráveis, estão imunes à instrumentalização. Como apontam Rodrigo-Alsina e Cerqueira (2019), esses pequenos veículos digitais frequentemente acabam presos de agendas privadas, investidores e diretrizes municipais, em razão da crise de lucratividade e sustentabilidade que enfrentam.

O jornalista Antonio Mundaca (2024) menciona que a agenda midiática no México está centralizada em torno do poder político. Ele observa que os meios de comunicação se concentram no governo, atuando como veículos oficiais que recebem financiamento estatal e, assim, negligenciam temas relevantes em áreas invisibilizadas. Além disso, o governo acusa jornalistas financiados por organizações estrangeiras de serem “traidores”, alegando que servem a interesses externos. No entanto, ele enfatiza que a independência do meio em que trabalha nunca foi comprometida por esse tipo de financiamento.

O jornalista também revelou que o narcotráfico tem se misturado com a classe política e que, em vez de denunciar, muitos jornalistas acabam se alinhando à narcopolítica, especialmente em áreas locais. Embora o tema não seja amplamente discutido, a prática jornalística na América Latina se tornou mais perigosa devido à violência dos cartéis, com jornalistas sendo silenciados, assassinados e obrigados a cobrir ou não determinados eventos (Global Investigative Journalism Network, 2024; Project Oasis, 2024; Valdéz Cárdenas, 2016). Essa aliança entre o jornalismo e o narcotráfico (ou narcopolítica), seja voluntária ou involuntária, é conhecida como narcojornalismo (Del Palacio, 2023).

De acordo com Valdéz Cárdenas (2016) e Tejedor, Cervi e Tusa (2022), esse narcojornalismo se agrava quando os profissionais têm perfis precários, com baixos salários e contratos que não atendem às condições legais, tornando-os mais dependentes e vulneráveis às diretrizes da narcopolítica. Mundaca (2024) relata que isso ocorre frequentemente no México, especialmente em zonas fronteiriças e pouco visibilizadas (Valdéz Cárdenas, 2016; El Comercio, 2018).

Mundaca (2024) também compartilhou episódios de violência que enfrentou durante sua carreira jornalística, incluindo a necessidade de deixar o estado de Veracruz com sua família há seis anos. Eles se mudaram para Oaxaca com uma bolsa de deslocamento da Red de Periodistas de la Pie devido a ameaças relacionadas a reportagens sobre fossas

clandestinas na fronteira entre Oaxaca e Veracruz. Ele também observou a inação do governo em melhorar as condições de trabalho dos jornalistas vítimas de violência (Higuera, 2024; Anduaga, Noreiga e Alvarado, 2015), o que se deve, em grande parte, à corrupção e à aliança entre políticos e traficantes de drogas (Rodríguez Panchón, 2024).

Quando faço a cobertura das fossas, recebi ameaças relacionadas ao meu trabalho. Houve até recomendações da Comissão Nacional de Direitos Humanos, e foram ativadas medidas cautelares de segurança, o que também é um grande tema por aqui. Não sei como é em outros países, mas penso que no México esse é um grande problema, porque, normalmente, o Estado te oferece medidas de proteção, mas, às vezes, é o mesmo Estado que te persegue. Então, na realidade, tudo faz parte de uma cadeia de simulação, entende? (Mundaca, 2024).

Molina (2024) destacou o problema da insegurança na prática diária do jornalismo, uma questão que, segundo ela, continua sendo negligenciada, até mesmo pelos próprios jornalistas. “Muitas vezes pensamos que o crachá nos torna indestrutíveis, mas não é assim”. Ela acredita que essa questão deveria ser mais discutida no âmbito jornalístico. Mundaca (2024) também enfatiza a importância do trabalho colaborativo, especialmente devido à complexidade e aos riscos atuais da profissão. Hernández Ramírez (2020) analisa esse jornalismo colaborativo como um jornalismo transfronteiriço, essencial para abordar questões consideradas sensíveis, especialmente nas investigações que podem incomodar certas elites.

A Jornalista 02 (2024) também destacou alguns desafios relacionados à insegurança que a impediram de realizar seu trabalho. Para proteger sua integridade, ela decidiu não visitar um centro de recepção de migrantes que, segundo informações, estava envolvido com o crime organizado. Em seu estudo, Jervis (2019) observa que muitos jornalistas precisam buscar alternativas para obter informações em contextos de violência, adotando precauções para garantir sua segurança. De acordo com Valdéz Cárdenas (2016), em tais casos, a autocensura acaba se tornando uma opção.

A jornalista 02 (2024) também enfrentou outro desafio durante suas reportagens: a burocracia e os obstáculos que os jornalistas frequentemente encontram para acessar informações. Ela relatou ter lidado com muita burocracia, papelada e contatos para conseguir acesso aos abrigos de migrantes, pois essas instituições temem que os jornalistas possam denunciar irregularidades ou realizar matérias críticas que gerem repercussões negativas para

as organizações envolvidas (ONU, governo brasileiro, Exército). No entanto, ela indicou que esse não era seu propósito; as pessoas poderiam reclamar, mas a ideia era focar na experiência dos migrantes.

Meirelles (2020) aponta que a burocracia é uma forma de censura, que impacta significativamente a produção jornalística. Esse tipo de censura é constantemente denunciado por jornalistas, que reclamam do impedimento de coberturas em espaços públicos ou da burocracia de instituições consideradas públicas (Fundamedios, 2010). A questão do acesso à informação pública também tem sido amplamente discutida como uma ferramenta essencial para que o jornalismo realize investigações (Lopes, 2014).

Outro desafio enfrentado pelo jornalismo são as consequências impostas pelas big techs. As novas tecnologias transformaram radicalmente a forma como a informação é difundida e percebida. Paz (2024) destaca que essa nova matriz digital favoreceu o surgimento da pós-verdade, da desinformação, das fake news e da manipulação. A jornalista entrevistada comentou: “Tudo isso tem feito com que o jornalista tenha o mesmo valor de verdade que um influenciador, que... não tem formação, exceto em maquiagem”. A Jornalista 02 (2024) também mencionou a crise de financiamento provocada por tecnologias como Google e Facebook, que monopolizam a publicidade, tornando ainda mais difícil a prática de um bom jornalismo. Essas questões refletem as crises que as novas tecnologias têm causado ao jornalismo, conforme discutido por vários autores (Costa, 2014; Morozov, 2016; Christofolletti, 2019; González-Moreno; Elías, 2024; Srnicek e Giacometti, 2018; Aldea-Martínez, 2017).

As novas tecnologias transformaram o ecossistema midiático, subordinando a distribuição e o consumo de informações às regras das grandes empresas tecnológicas, que, por meio de algoritmos, determinam o que deve ou não ser visto (Costa, 2014; Christofolletti, 2019). Esses algoritmos, que estão em constante mudança (González-Moreno; Elías, 2024), tendem a priorizar conteúdo irrelevante, como fake news, comentários espontâneos, memes e especulações, em detrimento de informações jornalísticas de qualidade (Aruguete, 2019; Burgeño, 2010). Isso tem impactado fortemente a imagem e a credibilidade do jornalismo (Burgeño, 2010), assim como a sua sustentabilidade (Christofolletti, 2019; Costa, 2014). Como ressaltam Srnicek e Giacometti (2018) e Morozov (2016), surgiu um novo modelo capitalista.

Outra crise relacionada às novas tecnologias é a mudança no consumo de informação. Molina (2024) e Paz (2024) mencionaram que as pessoas “já não gostam de ler”. As grandes reportagens, especialmente aquelas que apoiam a Fundação Gabo e promovem um jornalismo crítico e reflexivo, estão perdendo relevância, segundo as jornalistas. Ramonet (2015b) observa que vários gêneros jornalísticos, como a reportagem investigativa, estão em risco de extinção, em parte devido aos altos custos. Ele também destaca que não se trata apenas das novas tecnologias, mas também dos meios em serviços dos poderosos.

De acordo com Hamilton (2016), uma análise dos leitores do Google News revelou que mais de 40% dos visitantes do site só olham os títulos e optam por não clicar para ler a matéria completa. Isso significa que, para esses leitores, conhecer os primeiros resultados é suficiente para satisfazer suas demandas de informação. Em particular, ele mencionou que isso afeta o jornalismo investigativo que busca causar um “impacto”, pois, ao contrário do que acontecia antes, a concorrência pela atenção dos leitores e a falta de recursos dificultaram a produção de reportagens longas.

Paz (2024) aponta que, em vez de ler textos longos e análises detalhadas, as pessoas preferem informações curtas e impactantes. Para Molina (2024), isso motivou seu interesse em realizar um mestrado em Produção Multimídia e Linguagem Digital. Ela percebeu, em sua experiência, que as pessoas não estão mais dispostas a ler, e, usar multimídia ou formatos mais simples (infográficas ou podcast) pode ajudar a captar a atenção do público e fazer com que consumam as reportagens. “O jornalismo impresso teve que migrar para o digital, e essa é a única maneira de sobreviver, porque o papel já não está entre nós” (Molina, 2024).

Donsbach (2014) chama isso de “marginalização silenciosa”, onde o jornalismo é secundarizado em favor de conteúdos “mais interessantes e rápidos”, promovidos pelos algoritmos (Burgeño, 2010). Além disso, o público agora tem várias fontes de informação e pode se tornar uma fonte relevante também (Anderson; Bell; Shirky, 2013). Isso se refere ao “cidadão informante”, que, mesmo sem ser jornalista, sabe escrever, pensar criticamente, tem acesso à internet e, em muitos casos, é especialista em seus temas (Ramonet, 2015b).

Os jornalistas entrevistados mencionaram desafios adicionais, como a falta de profissionalização no setor. Mundaca (2024) destacou essa questão ao relatar a dificuldade enfrentada por muitos colegas no México, que não conseguem candidatar-se a bolsas de produção jornalística por não estarem preparados para desenvolver projetos, formular

hipóteses ou elaborar esquemas contábeis. Ele enfatiza que essa limitação precisa ser considerada antes de promover esse tipo de financiamento como uma opção viável para a maioria. Além disso, Mundaca ressalta que a maioria dos jornalistas enfrenta precariedade e tem poucas oportunidades.

[...] nós apresentamos o projeto em uma universidade, e em determinado momento, chegaram colegas de outros lugares, de Oaxaca, para a apresentação na universidade. Nós apresentamos o tema e tudo, e um colega nos fez uma observação que, para mim, eh... que tem a ver com a sua pergunta: ‘você podem fazer isso’, nos disse, ‘você puderam porque são formados’, ‘você puderam formular uma hipótese, definir os objetivos, elaborar um esquema de contabilidade, mas a grande maioria não consegue, ou seja, a grande maioria está precarizada, a grande maioria não tem formação, a maioria não tem as possibilidades’ (Mundaca, 2024).

Paz (2024) também mencionou que, na produção de sua reportagem, embora possa não parecer importante agora, reportar durante a pandemia tornou-se uma atividade arriscada, especialmente quando não havia vacinas. Ela relata que ter que ir para “a casinha”, onde fez as entrevistas com 20 pessoas em uma sala de cinco por cinco metros quadrados, exigiu coragem. A pesquisa de Soriano e Paredes (2023) sobre os jornalistas equatorianos durante a crise sanitária revelou que os profissionais enfrentaram não apenas o medo e a incerteza quanto ao risco de infecção, mas também baixos salários, demissões, aumento da precariedade, diminuição das receitas de publicidade e outras dificuldades, como o acesso à informação.

Bom, então, acho que o primeiro desafio foi esse: ter a... Parece uma exageração dizer coragem, porque não é que havia algum risco, mas ter a determinação de dizer: ‘bom, isso eu não posso fazer por Zoom, eu tenho que ir e ver’. Ir e ver implica, bom, me arriscar a ser pego pela polícia, a pegar Covid; porque, além disso, isso está relacionado a quem sou, à organização com a qual me comprometi a fazer esse trabalho. Quer dizer, uma organização onde sei que determinado tipo de jornalismo é valorizado. Digamos, se eu fosse fazer um trabalho para... com a bolsa da Fundação Gabriel García Márquez, eu iria dar tudo de mim, né? Eu iria, mesmo que... eu iria ao local ‘in situ’, mesmo que fosse arriscado. Então, te diria que isso foi a coisa mais marcante (Paz, 2024).

Mundaca (2024) relatou que, durante a realização de sua reportagem, enfrentou um alto nível de estresse devido aos desafios do projeto, o que resultou em sua hospitalização e atrasou a entrega do trabalho à Fundação Gabo: “Estive internado dois dias por uma

descompensação justo quando já estávamos na parte final de publicação; quase tivemos que adiar a apresentação em um mês”. Por sua vez, Molina (2024) mencionou o desafio de lidar com fontes que não querem falar por falta de confiança, gerada por estereótipos. Essa situação foi um obstáculo ao realizar suas reportagens com coletoras de lixo, onde uma das entrevistas não ocorreu devido à vergonha de ser retratada.

López e Perona (2016) fazem uma discussão interessante sobre essa complexa relação que os jornalistas devem ter com as fontes, à luz da teoria multiperspectiva de Herbert Gans, que considera as fontes como pessoas importantes para obter informações valiosas. Os autores destacam como os jornalistas devem negociar com suas fontes, pois estas podem achar que o profissional não cumpre com o que esperam dele, gerando, às vezes, conflitos em relação à divulgação de informações.

Além disso, o tema dos estereótipos pode ser compreendido à luz da teoria da agenda de McCombs e Shaw (1972), que menciona como “...temas enfatizados nas notícias acabam sendo considerados importantes pelo público ao longo do tempo...” (McCombs, 2009, p. 22). Assim, os meios de comunicação não apenas refletem uma cultura, mas também têm o poder de modificá-la e até distorcê-la (Díaz; Guzmán, 2001), contribuindo para a criação de estereótipos associados (Temer; Nery, 2009).

As entrevistas realizadas com os jornalistas confirmam que o jornalismo contemporâneo enfrenta múltiplas crises que se interconectam e se reforçam mutuamente, tornando a compreensão desse cenário ainda mais complexa. Isso também corrobora as análises de diversos autores, que indicam que a crise no setor é de difícil solução. Os jornalistas entrevistados também não avistam uma solução e reconhecem como essas crises prejudicam a produção jornalística.

Paz (2024) apresenta uma exceção ao abordar o caso de seu veículo de comunicação, *Latfem.org*, que atua não apenas como uma plataforma jornalística, mas também como uma organização da sociedade civil. Ela explica que grande parte do financiamento que recebem não é destinado especificamente ao jornalismo, mas ao apoio aos direitos das mulheres na América Latina. “Isso é, bem, encontramos um truque”. No entanto, Paz está ciente de que o jornalismo, de modo geral, enfrenta diferentes crises estruturais.

Os jornalistas entrevistados têm plena consciência dessas crises, reconhecendo que não são facilmente resolvíveis e que limitam a produção jornalística investigativa e

aprofundada. Esses fatores motivam muitos deles a buscar financiamento externo, como as bolsas de produção jornalística oferecidas pela Fundação Gabo. Mundaca (2024) relatou que o veículo com o qual se inscreveu para a bolsa, *Elmuro.mx*, possui várias fontes de receita, incluindo a publicidade, mas ressaltou que esse apoio externo é fundamental para realizar reportagens que, de outro modo, não poderiam ser realizadas.

4.8 CONTRIBUIÇÃO DAS BOLSAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Por meio das experiências dos jornalistas que se beneficiaram das bolsas de produção jornalística, é possível analisar a contribuição dessas bolsas para suas reportagens, especialmente no jornalismo de alto impacto. Em geral, os quatro jornalistas entrevistados têm uma percepção positiva do apoio financeiro recebido da Fundação Gabo por meio dessas bolsas. Eles destacam vários benefícios que facilitaram a produção de reportagens que, de outra forma, não teriam sido possíveis sem esse subsídio financeiro.

O incentivo econômico proporcionado pelas bolsas é o benefício mais destacado pelos jornalistas entrevistados. Paz (2024) indicou que os motivos para se candidatar à bolsa Jornalismo de Soluções foram, primeiro, o prestígio da Fundação Gabo e, segundo, a possibilidade de obter novos recursos financeiros para produzir uma história de seu interesse que não havia conseguido realizar anteriormente. Julia Cagé (2016) aponta a filantropia como um modelo sustentável para o jornalismo, focado na produção de conteúdo de qualidade, especialmente aquele negligenciado pelos veículos tradicionais. Kaplan (2007) também destacou o apoio internacional a projetos jornalísticos investigativos que enfrentavam dificuldades devido à crise no setor.

Paz (2024) acrescentou que os 800 dólares recebidos foram cruciais para realizar a reportagem com profundidade, incluindo fotografias e dados. Embora considere que a quantia não tenha sido grande, ela ajudou a ampliar o alcance da matéria, cobrir seus honorários e os de quem colaborou com ela. Além disso, destinou 40% do valor para “a casinha”, pois acreditava que o dinheiro seria mais útil para o trabalho de ajuda que realizavam. Assim, a jornalista destacou que o apoio econômico foi fundamental para a realização do artigo.

A jornalista 02 (2024) afirmou que o aporte financeiro foi essencial para viabilizar viagens, comprar câmeras e os materiais necessários para a metodologia da reportagem. “Se não tivesse recebido essa bolsa, não teria feito essa reportagem, disso não tenho a menor dúvida, não desse jeito”. Ela acrescentou que com os recursos do jornal onde trabalha como freelancer, isso não seria possível, e que os próprios editores incentivam os jornalistas a participar de programas de bolsas de fundações para desenvolver matérias relevantes.

De acordo com Hamilton (2016), os veículos sem fins lucrativos, cujo objetivo não é o lucro, mas sim gerar impacto positivo (motivado pelas fundações), incentivam os jornalistas a buscar recursos para desenvolver investigações mais aprofundadas. Nos veículos com fins lucrativos, embora o foco seja o lucro financeiro, editores e repórteres aproveitam certa autonomia para realizar reportagens mais custosas, que não necessariamente maximizam os lucros, mas podem trazer reconhecimento e prêmios para a empresa.

Mundaca (2024) relatou que, embora o apoio financeiro recebido às vezes seja insuficiente, sem ele não teriam conseguido concluir a reportagem de maneira tão rápida. Ele também destacou a liberdade proporcionada pela Fundação e pela Open Society, que não exigiram uma prestação de contas detalhada de cada gasto, facilitando o trabalho em zonas afastadas e sem acesso à internet. Molina (2024) enfatizou que os recursos permitiram ampliar a reportagem para cobrir três municípios (Cochabamba, Sacaba e Quillacollo), algo inviável com o orçamento limitado de seu meio de comunicação. Molina também mencionou que a equipe trabalha com celulares no limite de suas capacidades, o que torna o apoio financeiro ainda mais importante.

[...] aqui no veículo em que eu trabalho, na Opinión, antes tínhamos três motocicletas e dois veículos para nos deslocarmos; agora temos um veículo que funciona parcialmente e não pode ser utilizado até o meio-dia porque está ocupado distribuindo o jornal. E as motocicletas, bom, uma funciona e é usada pelo fotógrafo, não é?, para as coberturas locais. Atribuir dinheiro para comprar um bol, para comprar um bilhete para os outros municípios, porque isso do reciclagem inclusiva foi coberto em três municípios de Cochabamba, não? Não há recursos para isso. Nós trabalhamos com nossos celulares que muitas vezes já estão no limite, não é?, estão no limite de sua capacidade para gravar. Você sabe que os equipamentos são cada vez menos duráveis; o primeiro a perder sua função ideal são as lentes das câmeras dos celulares, etc. E recursos para alugar outras câmeras profissionais ou com maior eficiência também não existem aqui nos veículos (Molina, 2024).

Segundo o estudo de Melendez Yúdico (2016) sobre os veículos digitais na América Latina, embora esses veículos adotem um modelo de receitas diversificado, frequentemente buscam o apoio de fundações. Esse apoio permite que custeiem gastos como equipamentos e deslocamentos para realizar investigações que não podem ser financiadas por outras fontes. Embora o financiamento das fundações seja escasso e esporádico (Benson, 2018), Kaplan (2007, 2013) e Westphal (2009) apontam que ele é crucial para a sobrevivência de investigações importantes. Mendoza e Rojas (2021) e Palau-Sampio (2018) também destacam que o apoio das fundações não apenas possibilita uma grande produção informativa, mas também atrai mais público e reforça a confiança deste.

As bolsas de produção jornalística também proporcionam o tempo necessário para que os jornalistas investiguem determinados temas. Essa é outra vantagem de obter incentivos financeiros. Os jornalistas investigativos entrevistados pela pesquisa de Díaz Güell (2004) enfatizaram que o tempo é um fator crucial na realização de investigações e que muitas empresas jornalísticas não se interessam por esse tipo de jornalismo devido ao alto custo e ao longo tempo necessário para produzi-lo.

Apesar de terem tempos diferentes, os jornalistas beneficiários concordaram que tinham tempo suficiente para fazer suas reportagens. A jornalista 02 (2024) dedicou-se exclusivamente à reportagem, aproveitando o tempo que teve para consultar especialistas em saúde mental migrante, encontrar um enfoque relevante, viajar aos abrigos e realizar uma pesquisa de dados completa. Ela valorizou muito o tempo disponível para concluir todo o relatório.

Mundaca (2024) também enfatizou a importância do tempo, explicando que o acesso às comunidades é um processo delicado e que os mexicanos geralmente são vistos como estrangeiros. A entrada nesses locais geralmente só é possível com o apoio de organizações da sociedade civil que já têm uma relação de confiança com as comunidades.

Digamos que foram as organizações que nos facilitaram o acesso. Nas assembleias indígenas dos povos de Oaxaca, você tem que... chegar, se apresentar, expor o projeto, e então o Conselho de Anciãos decide se você pode entrar ou não. E depois que eles decidem se você entra ou não, eles perguntam o que você vai dar em troca, no sentido social, não estou falando em termos de dinheiro: 'bom, o que eu, como povo, ganho por te abrir as portas para contar a minha história?' E esse processo de comunicação leva muito tempo. Então, eu penso que isso foi muito importante, o acesso às comunidades (Mundaca, 2024).

Por sua vez, Brenda Molina (2024) mencionou que por falta de equipe e recursos, não havia conseguido, anteriormente, se dedicar à reportagem. A bolsa lhe permitiu focar no trabalho, algo que, de outra forma, teria sido adiado. Paz (2024) também ressaltou que a bolsa proporcionou o tempo necessário e a dedicação para investigar, visitar o local, reportar e escrever.

Isso demonstra que o tempo é um recurso essencial para a produção de reportagens jornalísticas mais profundas e investigativas (Kaplan, 2007; 2013; Requejo-Alemán; Lugo-Ocando, 2014; Hamilton, 2016). Esse fator também é considerado nas convocatórias da Fundação Gabo, através do critério de “viabilidade da proposta”, que avalia se o projeto pode ser desenvolvido dentro do tempo e dos recursos disponíveis oferecidos pelo incentivo (Montes, 2024).

Outra contribuição das bolsas de produção jornalística foi a mentoria. Os jornalistas receberam orientação técnica e editorial de jornalistas seniores e especialistas das organizações parceiras para desenvolver suas ideias e superar desafios durante o processo de produção (Montes, 2024). Molina (2024) disse que o apoio da Fundação Gabo foi abrangente, incluindo reuniões semanais com o mentor Xavier Flores (Espanha), que ajudou a otimizar os esforços e forneceu orientações técnicas e editoriais. Para ela, esse acompanhamento foi uma contribuição enriquecedora, pois lhe ofereceu uma perspectiva diferente, a de um jornalista estrangeiro com outros conhecimentos.

[...] eu conheço muito bem minha cidade, cubro sempre temas daqui, mas ter uma visão de fora e de alguém que trabalha em um meio internacional é bastante enriquecedor, porque compartilha exemplos de colegas de outras cidades e países que talvez tenham passado pelas mesmas situações que você, e... mostra exemplos de como superar dificuldades, como lidar com isso, etc. (Molina, 2024).

Mundaca (2024) destacou que a Fundação proporcionou mentorias, assessorias sobre segurança e monitoramento constante durante a movimentação nas comunidades indígenas, o que trouxe mais tranquilidade para trabalhar em áreas perigosas (ele contou que em uma dessas saídas foram confundidos pela CIA). Ele ressaltou que tanto a Red de Periodistas de la Pie (outra organização à qual o jornalista entrevistado pertence) quanto a Fundação Gabo possuem protocolos de segurança para situações de risco no campo.

Mundaca (2024) também apontou que o prestígio da Fundação Gabo, reconhecida no jornalismo regional, fez a diferença. Contou que ir com o respaldo dessa organização tem mais peso do que agir como jornalista independentemente, o que facilitou o acesso às comunidades e garantiu que eles os levassem a sério.

Requejo Alemán (2009) e Kaplan (2007) destacam a importância do apoio institucional proporcionado por organizações financiadoras. Esse suporte é oferecido por meio de capacitações em técnicas de investigação, ética e ferramentas digitais, permitindo que os jornalistas desenvolvam habilidades e realizem investigações mais profundas. De fato, uma das linhas de ação da Fundação Gabo são as oficinas de jornalismo, nas quais os jornalistas aprendem a profissão com jornalistas veteranos (Fundação Gabo, 2024c; FNPI, 2014).

No México, existem redes e associações de jornalistas, como a Red de Periodistas de a Pie (RPP) e o Consejo de Periodismo del Papaloapan (COPAN), que não apenas buscam capacitar e profissionalizar os jornalistas, mas também promovem mudanças nos direitos dos profissionais em um contexto marcado pela violência, frequentemente invisibilizada pelas autoridades (De León; Bravo; Duarte, 2018). Outros países latino-americanos também têm redes semelhantes de jornalistas, que trabalham tanto para melhorar o jornalismo quanto para denunciar ataques a jornalistas.

Entretanto, a experiência de Paz (2024) com o acompanhamento da Fundação Gabo foi pouco satisfatória. Ela relatou que teve apenas duas reuniões breves com uma pessoa de língua inglesa, cada uma de 15 minutos. Na última reunião, recebeu a orientação de procurar uma socióloga, mas nada além disso. Paz manifestou que esperava um acompanhamento mais constante, mas isso não ocorreu, deixando-a em dúvida se essa era a dinâmica ou se sua história simplesmente não era interessante. “Mas... na verdade, foi muito pouco, quase nenhum acompanhamento do meu trabalho; eu, de fato, pensei que teria muito mais, que precisaria enviar relatórios do que estava fazendo... e houve pouco ou nada” (Paz, 2024).

A jornalista 02 (2024) mencionou que o apoio editorial da Universidad de La Sabana, em conjunto com a Fundação Gabo, foi fundamental para a seleção de fontes e a definição do gancho jornalístico. Ela explicou que estava bastante confusa sobre como delimitar o escopo e escolher quem entrevistar, mas a orientação de sua mentora, uma

americana com experiência em reportagens sobre migração na Venezuela, foi crucial para ajudá-la a estruturar sua história de maneira mais interessante.

[...] eu fiquei... ‘Será que eu não devo enfocar..eehh.. eu tava na dúvida de como... de que escolher assim’. E aí ela falou algo tipo ‘Olha, eu acho que mais interessante é você ver a diversidade de experiências humanas ali’, ela falou, ‘intergeracionais’, ela falou isso. Ela falou assim: ‘eu acho você mostrar como isso acontece em gerações. Então como uma adolescente lida com essa realidade, como que um idoso, né? E também quem é uma pessoa de 30 anos’ (Jornalista 02, 2024)

Mockros (1996), citado por Fulton (2014), descobriu em sua pesquisa que valores, atitudes e aspirações geralmente se desenvolvem por meio de interações sociais. Com o apoio, por exemplo, de um mentor, essas influências não só afetam uma pessoa individualmente, mas também podem ser transmitidas de uma geração para a outra. No estudo de Fulton (2014) sobre jornalistas na Austrália, muitos disseram que a orientação de profissionais mais experientes foi importante para sua formação. Vários deles mencionaram que aprenderam não apenas aspectos práticos, mas também as normas éticas e culturais do setor.

A autora também discute os desafios enfrentados pelo jornalismo australiano, como a redução de pessoal e a necessidade de adaptação a novas tecnologias, o que torna a orientação ainda mais crucial em um ambiente em constante mudança (Fulton, 2014). Programas como os mencionados nesta pesquisa, oferecidos por fundações como o Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ), Conectas e até mesmo veículos de comunicação como La Silla Vacía (Colômbia), oferecem uma variedade de cursos. Esses cursos permitem que jornalistas menos experientes aprendam com profissionais experientes sobre diferentes tópicos para melhorar a prática jornalística, fortalecendo o jornalismo de várias maneiras.

Outro ponto importante que os jornalistas mencionaram foi a possibilidade de trabalhar com mais independência na produção de suas reportagens. Molina (2024) destacou que suas ideias foram respeitadas durante o processo e que as orientações recebidas do mentor tinham o objetivo de otimizar seu trabalho.

Eles têm orientado meu trabalho, me ajudado a otimizar os esforços, porque, como éramos eu e meu colega, sim, eh... seria difícil, às vezes, nos mover; e o que eles fizeram foi orientar tanto as ideias quanto nos ajudar a otimizar os esforços. Interferência, creio que não (Molina, 2024).

Paz (2024) e a Jornalista 02 (2024) também afirmaram que não enfrentaram interferências negativas em seu conteúdo.

Nenhuma. Zero, não tive não, nem nessa bolsa nem na outra, não teve nenhuma interferência ehh, negativa ou... enfim... sobre conteúdo mesmo, sabe. Eu fiz isso muito... teve a mentora lá para me ajudar, mas, assim, eu fiz isso muito sozinha. O que eu quis fazer eu fiz, basicamente é isso, ninguém me atrapalhou não. (Jornalista 02, 2024).

Mundaca (2024) também afirmou que não houve interferência na liberdade de fazer a reportagem. Ele mencionou que, antes da seleção, houve uma entrevista para discutir a nova narrativa da visão indígena, mas que o restante do trabalho foi feito com total liberdade: “A Fundação Gabo nunca interferiu na nossa linha editorial, nunca”. Ele acrescentou que, no México, jornalistas que recebem financiamento internacional são acusados de “traidores da pátria”, mas ainda assim mantêm a independência em seu trabalho.

[...] Nunca, no entanto, o funcionamento do jornalismo no México é... que, por terem subsídios do Estado, sua linha editorial é comprometida; em outras palavras, servem aos interesses do narcoestado, mas não são considerados traidores da pátria. Porém, você, como recebe dinheiro ou financiamento de uma organização estrangeira, é. Quando nós fomos totalmente livres, em tudo, em tudo, em tudo. Não houve uma linha, uma vírgula que nos pedissem para mudar, nada de ajustes aqui ou ali, liberdade total na abordagem do tema [...] (Mundaca, 2024).

Frente a isso, os jornalistas têm uma visão positiva sobre esse modelo de negócios patrocinado para o jornalismo independente, mas acreditam que ele deve ser considerado apenas como uma opção, principalmente para fazer matérias “de qualidade” (Mundaca, 2024), “de excelência” (Paz, 2024) e de “alto impacto” (Jornalista 02, 2024), que não estão sendo produzidas por outros meios de comunicação. Pesquisas como as de Levoyer (2020), Melendez Yúdico (2016), Palau-Sampio (2018) e Mendoza e Rojas (2021) sobre meios digitais financiados por fundações mostraram que a política editorial desses meios não teve nenhum tipo de influência. Em outras palavras, os doadores não podem questionar, revisar ou editar o conteúdo que os jornalistas produzem.

Paz (2024) considera esse tipo de financiamento, patrocinado por fundações, fundamental para os meios independentes e para um jornalismo de qualidade. As bolsas, segundo ela, ajudam a cobrir honorários e despesas operacionais, especialmente para os novos meios digitais que tentam se destacar em um cenário totalmente saturado. Anderson,

Bell e Shirky (2013) e Mick, Christofolletti e Lima (2021) defendem que o conteúdo de qualidade nas organizações sem fins lucrativos é uma forma de governança para aumentar a audiência e, assim, conseguir receitas por meio de assinaturas, doações e crowdfunding.

No entanto, Benson (2018) questiona essa visão, argumentando que é difícil quando essas organizações não têm muito alcance, mesmo que as fundações exijam um “jornalismo de alto impacto”. Conceito que pode ser bastante subjetivo, com várias interpretações, como se evidenciou no capítulo 4: um jornalismo que gera algum tipo de repercussão após ser publicado, embora os financiadores das fundações esperem uma “mudança social no mundo” (Hamilton, 2016; Hernández Ramírez, 2020; Media Impact Project; CIR, 2014). Hamilton (2016) também afirma que medir “o impacto” ajuda a gerar mais confiança no público e a aumentar a audiência.

Enquanto, Molina (2024) acrescentou que esse é um tipo de subsídio “livre de qualquer interesse político, livre de qualquer interesse econômico também, certo? Porque não há nenhuma condição que diga: bom, tem que gerar dinheiro, que este relatório ou algo assim”. Ela disse que, em suas duas experiências de trabalho com a Fundação Gabo, nunca foi condicionada de forma alguma.

É justamente essa liberdade que temos para lidar com os temas junto às fundações que nos motiva, não é? Trabalhar e continuar buscando essas oportunidades. Quem dera surgissem mais, mas, enfim, estamos sempre na expectativa aqui. Como dizemos por aqui, virou um bordão entre os jornalistas dizer: “até onde der” (Molina, 2024).

Levoyer (2020), ao pesquisar os meios digitais no Equador, observou que a ajuda internacional se tornou uma alternativa viável para preservar o jornalismo independente em contextos de governos autoritários. Mendoza e Rojas (2021), em sua análise da aliança jornalística Tejiendo Redes, destacaram que o apoio das fundações é fundamental para a continuidade dessa colaboração, mesmo com um modelo híbrido. Eles enfatizaram a importância de que tanto a publicidade quanto o apoio financeiro não interfiram na agenda jornalística.

A Jornalista 02 (2024) também ressaltou que o financiamento de fundações é uma alternativa positiva para a imprensa, especialmente para a produção de um jornalismo de impacto. Ela disse que conhece muitos colegas que obtêm esses recursos de fundações estrangeiras, como o Pulitzer Center, que tem criado projetos significativos. No mesmo

contexto, ela mencionou que eles são motivados a buscar esse tipo de financiamento, assim como os jornalistas vão atrás dele. Portanto, ela considera que os resultados obtidos com esses fundos são muito positivos.

Mundaca (2024) reconheceu o financiamento das fundações como uma opção, mas não como um modelo de negócio completamente viável para o jornalismo. Ele destacou que muitos jornalistas estão precarizados e não capacitados para acessar esses fundos, ressaltando que, antes de ser um modelo de negócio, deveria haver um processo de profissionalização focado em habilidades específicas para acessar esse financiamento.

Apesar dessas limitações, ele considera o financiamento das fundações uma opção válida para o jornalismo independente. No entanto, argumentou que a chave da independência não está na origem do financiamento, mas sim em não condicionar a linha editorial do meio, independentemente de se tratar de um financiamento nacional ou estrangeiro (Mundaca, 2024).

Neste momento, eu acredito que é uma opção para o jornalismo independente, uma das poucas opções que existem para o jornalismo independente. A discussão sempre é: o que é o jornalismo independente? É muito simples, não é? É independente do poder, de qualquer tipo. Inclusive, nós discutimos esse tema dos financiamentos estrangeiros. Bem, todo financiamento obedece a uma agenda nacional e internacional, mas o limite é quando você toca na sua linha editorial. Porque se a opção fosse que, a partir desses direcionamentos internacionais, eu fosse imposto a dizer o que vou dizer, nesse momento, já não é uma opção, não é uma opção (Mundaca, 2024).

Ele também comentou que é uma opção porque o dinheiro nunca é suficiente, pois ele serve mais para sustentar o trabalho jornalístico do que para manter os jornalistas, que continuam a exercer suas funções como jornalistas e editores de forma paralela: “Acho que é uma opção interessante. [...] continuamos buscando essas opções de financiamento, bolsas e tudo isso, porque acreditamos que é uma janela, uma possibilidade de ter recursos para realizar projetos que de outra forma não seriam feitos” (Mundaca, 2024).

No entanto, alguns autores sugerem que esses fundos exercem uma influência sutil, já que se concentram em temas específicos, como o jornalismo de soluções, saúde mental, novas narrativas sobre drogas e reciclagem, temas que costumam se alinhar com as áreas de interesse das fundações. Segundo esses autores, essa seleção pode deixar de lado outros assuntos fundamentais (Hamilton, 2016; Arrese, 2011; Labio-Bernal; Romero-Domínguez,

2023). Benson (2018) também convida a refletir sobre quem está por trás dessas organizações que financiam os meios.

Diante disso, Mendoza e Rojas (2021) recomendam que os veículos sejam críticos em relação a possíveis agendas ocultas. Embora reconheçam que muitas reportagens financiadas geraram grandes debates públicos e mudanças significativas, lhes preocupa que a agenda e a dependência dessas fundações possam fazer com que a cobertura acabe alinhada aos interesses das elites. A pesquisa de Kaplan (2007; 2013) também apresenta várias reportagens relevantes financiadas por organizações estrangeiras.

Por sua vez, Montes (2024), diretor de programas da Fundação Gabo, apontou, durante sua entrevista, que as bolsas de produção jornalística não resolvem todos os problemas do jornalismo, mas apoiam a realização de um jornalismo de qualidade. Ele comentou que é possível fazer jornalismo independente com esses fundos, embora às vezes venham com “camisas de força” (temas específicos). Além disso, destacou que tanto jornalistas quanto meios podem optar por não participar desses fundos caso não concordem com os financiadores.

Os aliados, nem mesmo a Fundação Gabo, fazem imposições quanto à linha editorial de nenhum dos jornalistas ou dos veículos que participam dos fundos. É importante notar, além disso, que na maioria dos casos, esses jornalistas têm seus editores vinculados aos veículos para os quais trabalham ou colaboram, e, ao final, são eles que decidem qual será o tom e o enfoque desses trabalhos, que estão, claro, direcionados para uma temática específica. Mas isso não quer dizer que exista algum tipo de pressão por parte da Fundação ou dos aliados que apoiam os fundos para que esses trabalhos sigam um enfoque ou tom específico; isso eu posso garantir (Montes, 2024).

Os jornalistas entrevistados relataram que antes de se candidatarem às bolsas de produção jornalística, já abordavam temas como drogas (Mundaca, 2024), migração (Jornalista 02), igualdade de gênero (Paz, 2024) e reciclagem (Molina, 2024). Além disso, para se inscrever nesses fundos, eles precisaram apresentar antecedentes e trabalhos prévios nesses temas, já que a “experiência do candidato” foi um critério de seleção preestabelecido. Isso significa que os jornalistas devem demonstrar experiência nos tópicos cobertos pelos fundos (Montes, 2024). Assim, pode-se deduzir que os jornalistas já trabalhavam nesses temas e buscaram incentivos para desenvolver e aprofundar paradigmas nos quais já estavam comprometidos, alinhando-se com seus interesses de cobertura e especialização.

A excelência e a qualidade são outro aporte mencionado pelos jornalistas entrevistados sobre as bolsas de produção jornalística. Paz (2024) afirmou que, embora a bolsa não tenha sido muito quantiosa, considera que é “um modelo super virtuoso” para produzir jornalismo de qualidade, pois exige “excelência jornalística”, em contraste com outras bolsas destinadas à comunicação, como aquelas voltadas para a promoção de determinados direitos.

Por exemplo, nós que trabalhamos com perspectiva de gênero também temos bolsas que não são necessariamente de jornalismo, mas sim de outra coisa, de produção de conteúdos sobre um determinado tema, mas não exigem excelência jornalística. Assim, desde que você fale sobre esse tema, ninguém tem um critério nessa organização para dizer se o trabalho é bom em termos jornalísticos (Paz, 2024).

Mundaca (2024) também mencionou que, graças a esse apoio econômico, foi possível fazer um jornalismo de qualidade em um meio de comunicação hiperlocal: El Muro.mx, que está localizado em uma região menos visível. Molina (2024) manifestou sua intenção de solicitar mais subvenções no futuro para realizar um jornalismo de qualidade. Ela argumentou que uma grande parte das notícias diárias em seu país se baseia em declarações e nem sempre apresenta dados, o que torna o jornalismo de investigação fundamental, pois oferece uma perspectiva oposta e ressalta a importância desse tipo de jornalismo para a democracia.

Em conclusão, a maioria dos jornalistas tem uma visão positiva sobre o apoio das bolsas da Fundação Gabo considerando aspectos como o tema econômico, prestígio, tempo, independência e, acima de tudo, a qualidade. Vários autores abordados nesta pesquisa afirmam que essas fundações podem ser um modelo de negócio viável (Cagé, 2016; Kaplan, 2007; 2013; Westphal, 2009; Silva, 2019; Levoyer, 2020), embora os jornalistas considerem que isso é apenas uma opção para produzir um jornalismo de qualidade, excelência e alto impacto. Na próxima seção, será analisado o impacto dessas reportagens jornalísticas de acordo com as experiências dos entrevistados.

4.9 JORNALISMO DE ALTO IMPACTO

Com os aportes apresentados no capítulo 4, pode-se sugerir que o jornalismo de alto impacto é um jornalismo que pretende gerar mudanças a partir das reportagens. Essas mudanças podem incluir transformações estruturais nos âmbitos político, social e econômico (cumprindo sua função de contrapoder), além de outras formas de impacto, como prêmios jornalísticos, aumento de audiência, maior conscientização pública e declarações de autoridades (Hamilton, 2016; Montes, 2014; Media Impact Project; CIR, 2014; Kaplan, 2007; 2017; Requejo-Alemán; Lugo-Ocando, 2014).

O jornalismo de alto impacto surge como uma consequência das fundações que financiam o jornalismo, com a intenção de gerar resultados concretos por meio de seus recursos (Hernández Ramírez, 2020; Benson, 2018; Hamilton, 2016; Labio-Bernal; Romero-Domínguez, 2023), já que essas fundações muitas vezes estão alinhadas com suas missões como financiadoras. Hamilton (2016) destaca que, nos veículos sem fins lucrativos, onde a maioria é financiada por fundações, o impacto torna-se uma missão central. Isso difere dos veículos lucrativos, nos quais o impacto seria considerado um subproduto.

Além disso, esse tipo de jornalismo prioriza a qualidade, a investigação aprofundada e a apresentação de histórias fundamentadas em dados (Montes, 2024; Hernández Ramírez, 2020), propondo-se a atuar como um serviço público para a sociedade (Benson, 2018; Anderson; Bell; Shirky, 2013).

Diante disso, duas jornalistas entrevistadas (Jornalista 02 e Paz) não tinham certeza se suas reportagens haviam realmente causado impacto e não se lembravam exatamente do que haviam escrito nesse critério. Apesar disso, mencionaram alguns desdobramentos que ocorreram a partir das reportagens. Em contrapartida, Mundaca (2024) recordou a hipótese que havia proposto em sua matéria e argumentou que ela foi confirmada, gerando um impacto tanto na comunidade quanto no âmbito profissional. Enquanto Molina (2024) afirmou que sua reportagem teve um impacto positivo.

Adicionalmente, os jornalistas associaram o “jornalismo de alto impacto” ao “jornalismo investigativo”, “jornalismo de qualidade” e “jornalismo de excelência”. A Jornalista 02 (2024) comentou que é muito difícil identificar o impacto quando não se trata de reportagens investigativas ou de denúncia, nas quais, segundo ela, o impacto é mais evidente. Isso está em consonância com Hamilton (2016), que afirmou que medir o impacto no jornalismo financiado por fundações é uma tarefa desafiadora, por isso surgiram

iniciativas como o ‘Glossário de Indicadores de Impacto Offline’, criado pelo Media Impact Project e pelo CIR (2014), para enfrentar essa dificuldade.

Ainda assim, os jornalistas apontaram várias consequências que consideraram como “impacto” de suas reportagens financiadas pelas bolsas de produção jornalística entregues pela Fundação Gabo.

Paz (2024), por exemplo, manifestou que a reportagem “Ministério de Putas: como Ammar articula com o Estado durante a pandemia” teve um grande alcance na audiência e foi a matéria mais lida no seu veículo, Latfem, por vários meses. Carlson (2018) destaca o uso de dados quantitativos em plataformas digitais como uma prática de medição, que ele chama de “jornalismo mensurável”. Benson (2018) também argumenta sobre esse impacto que vem das grandes porcentagens da população que leem a matéria, apesar de questionar esse impacto nas organizações sem fins lucrativos. O ICFJ (2024a) também menciona o impacto em termos de métricas e aumento de audiência.

O Media Impact Project e o CIR (2014) apresentam várias consequências individuais (nível micro) que ocorrem pelo consumo de uma matéria, como a mudança na consciência do leitor sobre um tema, que pode ser medida por meio de enquetes, além de outros indicadores, como o feedback. Paz (2024) comentou que, após a publicação da reportagem, conversou com Georgina, secretária de Ammar, que lhe manifestou que a organização recebeu mais suprimentos e recursos para continuar seu trabalho devido à repercussão do relatório.

[...] depois que a matéria foi publicada, eu conversei com a responsável da organização, Georgina, que aparece várias vezes no artigo, e ela me disse que tinham aumentado a quantidade de insumos que a organização poderia usar para, por exemplo, migrantes que precisavam de seu DNI, né? Precisavam regularizar sua situação em relação ao registro de sua identidade e sua cidadania, como se a matéria tivesse servido para elas, para a organização, como uma forma de mostrar seu trabalho, e que então o Estado lhes desse mais recursos para continuar fazendo esse trabalho de ajuda social que elas estavam realizando (Paz, 2024).

Paz (2024) mencionou que um impacto imediato após a publicação foi a quebra do estigma social que o relatório trouxe à tona, evidenciando a capacidade das trabalhadoras sexuais de se organizarem e trabalharem em solidariedade. O *Media Impact Project* e o CIR (2014) chamam isso de impacto em nível meso, referindo-se aos resultados que ocorrem em

nível de grupo e que mudam a percepção de um grupo preexistente sobre um tema específico, resultando, como consequência, em uma mudança de discurso ou empoderamento. Manson, ex-produtor da ABC, mencionou que o impacto no jornalismo pode ser mensurado ao se perguntar se a matéria foi capaz de mudar mentes (Benson, 2018).

E na matéria se destacava não só sua humanidade e fragilidade, mas também sua capacidade de organização para trabalhar para os outros. Não sei, isso, uma migrante indocumentada, trabalhadora sexual, trans, peruana, em Buenos Aires, sem um centavo, a única coisa que tem à mão é essa organização que usa seu tempo para facilitar a vida de um migrante senegalês que não tem documento de identidade e que não pode acessar as ajudas que o Estado estava dando naquele momento para poder comer ou para pagar um hotel onde viver (Paz, 2024).

Entre os impactos que Paz (2024) também mencionou, está o fato de que a reportagem se uniu a uma discussão que o governo mantinha na época sobre incluir as trabalhadoras sexuais em um registro da economia popular. Apesar de a proposta não ter avançado, ela considerou que foi um importante aporte para o debate. Além disso, a matéria serviu como bibliografia para um levantamento de um organismo estatal de ciência e tecnologia sobre as condições de vida das trabalhadoras sexuais (não lembrava o nome) de um grupo de investigação sobre condições habitacionais e de saúde dessa população, no qual foi convidada a participar e falar sobre o relatório.

Mas houve uma proposta por parte do Estado de incluir as trabalhadoras sexuais em um registro das trabalhadoras da economia popular. Digamos que era algo que estava no ar, uma discussão que estava acontecendo, e essa história se juntou a essa discussão; mas se juntou com força porque, olha, o que posso te dizer é que a nota circulou muito, ou seja, foi uma nota muito lida. E isso, de um lado; do outro, participou como bibliografia de um levantamento realizado também por um organismo público estatal de ciência e tecnologia. Um grupo de pesquisadoras sobre condições habitacionais, condições de saúde e demais aspectos da população de trabalhadoras sexuais foi levado em consideração, e quando esse informe foi apresentado, falaram sobre o artigo, falaram sobre a nota, me convidaram e tudo (Paz, 2024).

Montes (2024) manifestou que o impacto de uma reportagem se caracteriza por gerar uma conversa pública informada e enriquecida, que pode inclusive derivar em questões maiores, como a geração de uma política pública. Ele também considerou um dos impactos como os convites para palestras sobre o tema, resultantes das reportagens. O *Media Impact Project* e o CIR (2014) consideram o impacto quando há amplificação da notícia e quando o

jornalista é contatado por um investigador devido ao conteúdo. Paz (2024) argumentou que um grupo de tradutores traduziria o texto para o português e o artigo seria publicado no Brasil, além de outros portais. O artigo foi publicado em uma revista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)⁸⁰.

Sim, algumas pessoas do Brasil me avisaram, porque iam fazer um trabalho de tradução. Então, não queriam... já que o texto é meio longo, e não queriam ter problemas de direitos autorais e demais. Eu lhes dei permissão e pronto (Paz, 2024).

O artigo de Paz (2024) atendeu aos objetivos do jornalismo de soluções, que, segundo a *Solutions Journalism Network* (2024), investiga e esclarece de maneira crítica e clara como as pessoas buscam resolver problemas comuns, apresentando o impacto também como uma oportunidade para transformar o tom do discurso público, tornando-o menos polarizado e mais construtivo.

A Jornalista 02 (2024) não tinha clareza sobre o impacto de sua reportagem, mas associou-o ao tema da audiência. Ela comentou que sua matéria teve um grande alcance e uma resposta positiva, algo que considerou incomum no jornalismo digital, onde os comentários sobre migrantes costumam ser negativos devido à polarização política. Relacionou esse impacto à mudança de consciência (Media Impact Project; CIR, 2014). Esse fenômeno também pode ser observado no impacto que busca gerar o “jornalismo para a mudança social” promovido por vários movimentos sociais, com o objetivo de desmistificar relatos hegemônicos (Arévalo Salinas; Farné, 2016), como os preconceitos e os aspectos negativos frequentemente associados aos migrantes. Como o trabalho que tem feito as narrativas da grande mídia (Marcondes Filho, 1986; Chomsky; Herman, 1990) e agora as empresas tecnológicas (Mosco, 2016).

[...] e eu acho que o impacto é possível desde minha matéria é, você aproximar o leitor, né? Da experiência de aquele migrante, para que eles se identifiquem, veja mais semelhanças que diferenças, assim, apesar, né? Das histórias de vida e tal. Então, eu acho que é meio preventivo mesmo a xenofobia, você lê e pensa: “poxa, poderia ser comigo”, sabe? Você conseguir se colocar no lugar de alguém que teoricamente, nossa, suportou... a pessoa que mora é o leitor, que está no Rio, em São Paulo, na casa dele numa grande cidade ali, confortável e tal, tem uma realidade muito diferente de quem migra. Mas... em sentimento, emoções e vivências

⁸⁰ O artigo, em sua versão traduzida para o português, pode ser acessado em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/article/view/107083/61755>

são muito próprias de tudo ser humano, né? Então eu acho que o que é possível de impacto é isso, sabe? (Jornalista 02, 2024).

A Jornalista 02 (2024) também mencionou que, ao reportar, houve um “leve” movimento nas fontes oficiais das agências sobre o que estava sendo reportado, pois perceberam que faltava pessoal para atender a questão da saúde mental. No entanto, ela destacou que, aparentemente, nada de concreto foi realizado.

Então, eu acho, assim, como foi uma apuração que mobilizou um pouco, né? Ali institucionalmente [...] as pessoas ficaram preocupadas, assim: ‘Ai nossa, a gente não tem muito...quem que vai poder falar sobre isso né? A gente não tem muito a oferecer, né?’. Então, eu acho que teve isso, não sei se teve algo mais concreto, sabe? Adoraria que tivesse (Jornalista 02, 2024).

Ela também considerou o impacto nos próprios entrevistados retratados, que sentiram o efeito de contar suas experiências, em relação à metodologia que usou com os diários, nos quais eles registravam suas próprias vivências nos abrigos. A jornalista mencionou que os migrantes compartilharam com ela que contar suas histórias foi um processo terapêutico (Jornalista 02, 2024). Isso pode ser considerado uma mudança de atitude grupal, ao proporcionar uma sensação de empoderamento para o grupo retratado na notícia. Segundo o *Media Impact Project* e o CIR (2014), isso pode gerar mudanças no discurso, tanto para os próprios migrantes quanto para as pessoas que leem a matéria.

Mundaca (2024) mencionou sobre seu relatório “Amapola em Oaxaca: Semeadores na Névoa” que houve alguns impactos significativos, e a hipótese que ele havia levantado ao se candidatar ao projeto foi cumprida. Em primeiro lugar, ele destacou o reconhecimento oficial do governo sobre a existência do crime organizado e do cultivo de amapola nas comunidades indígenas de Oaxaca. De acordo com ele, esse foi o impacto mais relevante, pois conseguiu que o governo se pronunciasse sobre essa temática e colocasse o assunto na agenda nacional.

Para o *Media Impact Project* e o CIR (2024), isso representa um impacto macro no nível das instituições e dos detentores de poder, o que pode gerar mudanças estruturais. Segundo eles, se um funcionário se refere aos informes, isso indica que o tema foi colocado em primeiro plano, o que significa que ele entrou na agenda política (Media Impact Project; CIR, 2014). Ou seja, o meio de comunicação define a agenda política, embora isso não ocorra de forma unidireccional (Ardèvol-Abreu; De Zúñiga; McCombs, 2020). Estudos têm

demonstrado que os meios também podem influenciar a agenda política, assim como se acredita que os políticos frequentemente definem a agenda dos meios (Walgrave; Van-Aelst, 2006).

Em uma conferência, o governo se viu obrigado a aceitar que o que acontece nessas comunidades não é apenas uma questão de brigas entre indígenas, mas que há crime organizado operando lá. E, digamos que dentro de toda essa normalidade, o fato de o governo reconhecer isso em um ato oficial foi muito importante para nós, pois foi a confirmação de nossa hipótese: ‘senhores, vocês sempre estiveram mentindo, senhores, vocês têm usado os indígenas para um grande negócio que é a droga, não é? E continuam fazendo isso’ (Mundaca, 2024).

A investigação de Mundaca (2024) e sua equipe revelou uma verdade anteriormente oculta (Díaz Güell, 2004). No entanto, segundo ele, essa revelação não provocou mudanças significativas devido à normalização da violência no México. Ou seja, além do reconhecimento por parte do governo, não houve mais consequências nesse âmbito. “[...] infelizmente, a violência no México e no Estado está tão normalizada, tão normalizada que, às vezes, esses impactos, esses possíveis impactos que em outro lugar seriam... digamos que óbvios, no México se tornam adormecidos” (Mundaca, 2024).

Mundaca (2024) também comentou que houve um impacto a partir da mudança na narrativa sobre os povos indígenas, vista principalmente sob a ótica da criminalização, sem reconhecer as realidades por trás dessa prática considerada clandestina e ilegal. Trata-se de um jornalismo que se opõe às situações de exclusão e discriminação, trazendo à luz regiões marginalizadas por meio de investigação e análise aprofundada, alinhado aos princípios do jornalismo de paz e mudança social (Arévalo Salinas; Farné, 2016; Arévalo Salinas, 2014). Ele também manifestou que muitos indígenas queriam que suas realidades fossem conhecidas, por trás desses preconceitos discriminatórios (Mundaca, 2024).

Do ponto de vista profissional, também houve outro impacto, segundo Mundaca (2024). A série de reportagens rendeu à sua equipe uma menção honrosa no Prêmio Nacional de Jornalismo do México. Requejo-Alemán (2009) destacou isso como uma forma de medir o que é considerado “jornalismo de alto impacto”, referindo-se a exemplos como o The Huffington Post, que recebeu várias nomeações e prêmios de prestígio por suas reportagens relevantes.

De acordo com o glossário do *Media Impact Project* e CIR (2014), reconhecimentos pelo trabalho jornalístico são um impacto meso de “maior prestígio”, quando o conteúdo é de alta qualidade e recebe prêmios que valorizam o veículo de comunicação. Hamilton (2016) indicou que um dos motivos pelos quais os jornalistas buscam impacto é porque isso conduz a recompensas profissionais e reconhecimentos. Ele também observou que muitos jornalistas acreditam que esse tipo de trabalho contribui para a democracia. No entanto, ressaltou que, em alguns casos, o impacto também pode ser buscado em função da missão e dos interesses dos financiadores, quando o jornalismo é sustentado por fundações.

[...] Na verdade, no nosso trabalho, recebemos o prêmio... uma menção honrosa no Prêmio Nacional do México, porque Oaxaca, a nível nacional, é conhecida às vezes por um processo de turistificação, ou seja, folclorizam as comunidades indígenas. E temas como os que abordamos em ‘Sembradores en la Niebla’, a partir da bolsa, são assuntos que não estavam na agenda nacional nem na de Oaxaca. Na verdade, foi uma surpresa... a revelação foi uma surpresa: indígenas... Oaxaca... O dado mais impactante foi que Oaxaca é o quinto maior produtor de amapola no país, certo? E como o foco não estava sobre isso, só conseguimos realizar o trabalho por meio dos contatos do jornalismo hiperlocal. Então, digamos que esse foi o dado revelador que nosso trabalho ou a série de reportagens trouxe (Mundaca, 2024).

O jornalista também mencionou que a abordagem hiperlocal foi importante para o meio digital ElMuro.mx. Embora o conteúdo pudesse ter sido publicado em um veículo nacional, foi divulgado em um meio menor, o que Mundaca (2024) também considerou um impacto relevante. De acordo com ICFJ (2024a) e Montes (2024), o impacto pode ser medido pelo prestígio do meio alcançado. Hamilton (2016) afirma que o impacto de uma reportagem pode ser visto como uma ferramenta para melhorar a reputação de um veículo de comunicação, especialmente em um cenário com tantas notícias gratuitas. As organizações buscam impacto para se destacar, atrair mais leitores e aumentar a publicidade.

Anderson, Bell e Shirky (2013) destacam que é fundamental medir o “impacto” de uma instituição jornalística como parte de sua cultura organizacional, visando recuperar o que se perdeu com as novas tecnologias. Mick, Christofolletti e Lima (2021) consideram que o conteúdo de qualidade de um veículo jornalístico é essencial para se conectar com o público, restaurar a confiança na profissão e conquistar novas fontes de receita, incluindo aquelas vindas do público. Isso se relaciona com o que Montes (2024) mencionou sobre o impacto como uma forma de se conectar melhor com os leitores.

O jornalista também considerou que esse trabalho lhe proporcionou a oportunidade de documentar um fato que não havia sido registrado por ninguém e que agora está disponível. Ele destacou a importância disso para o trabalho realizado (Mundaca, 2024). Segundo Ribeiro (2000) e Barbosa (2016), o jornalismo funciona como uma espécie de registro histórico, refletindo a memória coletiva de eventos no mundo. Como afirma Ribeiro, “os jornais (mídia) são os diários da humanidade” (2000, p. 36).

[...] isso dá a possibilidade de nomear um fato documentado, não é? Quero dizer, antes a reportagem ficava sem esse respaldo de que alguém mais havia dito. Por exemplo, “se você diz que nesta comunidade indígena se planta amapola, podemos comentar entre os vizinhos, mas se o Estado não reconhece, o Exército não reconhece, os meios de comunicação não reconhecem, no país não existe”. E a partir da reportagem, é possível ter essa opção de dizer: “ah! Olha, há um documento concreto publicado, com mapas e geografia, que nomeia lugares, que conta a história, que tem uma visão de como é o processo, algo que não existia antes”. E isso também é muito importante para nós (Mundaca, 2024).

Molina (2024) explicou que o impacto pretendido com a reportagem era criar uma “triangulação” entre a comunidade, as ecorecicladoras e as autoridades locais, para que o trabalho dessas mulheres fosse reconhecido e apoiado, além de conscientizar a comunidade sobre a importância de separar os resíduos e superar preconceitos sobre quem faz esse trabalho. A jornalista contou que, depois da reportagem, recebeu comentários das próprias recicladoras, que se sentiram valorizadas e felizes com a visibilidade dada ao seu trabalho, que muitas vezes é alvo de preconceito por lidarem com lixo. O glossário de *Media Impact Project* e CIR (2014) descreve esse tipo de impacto como uma mudança de atitude de um grupo, promovendo um sentimento de maior empoderamento.

Molina (2024) também mencionou que as recicladoras relataram que, após a reportagem, algumas pessoas que a leram começaram a separar o lixo corretamente. O nível meso do glossário de *Media Impact Project* e CIR (2014) considera que há impacto quando um grupo de pessoas é influenciado por um conteúdo e começa a agir de forma coordenada (mudança de conduta grupal). De acordo com Schudson (2008), o jornalismo tem a capacidade de criar empatia social, destacando-a como uma missão democrática. Dessa forma, os meios de comunicação podem promover a empatia e valorizar diferentes perspectivas.

Para Molina (2024), do ponto de vista jornalístico, o trabalho foi cumprido, pois trouxe visibilidade a uma realidade antes ignorada, destacando as dificuldades enfrentadas pelas recicladoras e a importância de seu trabalho. Ela considera que o impacto foi positivo:

A verdade é que eu pude ver que houve um impacto positivo, pois conseguimos divulgar uma mensagem que essas mulheres pediam muito. Elas diziam: “Não nos discriminem porque estamos trabalhando aqui, e, se puderem, tragam o lixo separado”. Em vários encontros posteriores que tivemos, porque é inevitável formar um laço de amizade com essas mulheres; então, às vezes, elas nos visitam, ou nos encontramos nas ruas, já que elas trabalham nas ruas... e às vezes nos mandam mensagens, sabe? E nos dizem que sim, que tem havido um pouco mais de gente trazendo o lixo separado; ou seja, as pessoas já estão entendendo. “Porque estamos aqui sempre pedindo que não coloquem as bolsas diretamente no contêiner, mas que nos entreguem para que possamos separar. Não estamos invadindo sua privacidade, só queremos revisar o lixo e fazer a separação” (Molina, 2024).

Molina (2024) mencionou que, embora não tivesse certeza se foi diretamente consequência da reportagem, a Prefeitura de Cochabamba publicou um relatório sobre a quantidade de lixo coletado no município, e a data coincidiu com a publicação. A partir disso, ocorreram as duas primeiras reuniões entre os funcionários da Prefeitura e as coletoras, onde foram firmados pré-acordos, especialmente para conceder-lhes a personeria jurídica no futuro, o que lhes permitiria acessar outros benefícios e auxílios maiores. No entanto, Molina ressaltou que ainda não tem plena certeza se esses resultados foram pela reportagem.

Elas estão bastante satisfeitas, pois conseguiram pré-acordos assinados com a Prefeitura. O primeiro passo será a colaboração da Prefeitura, que vai conceder a elas um documento de personeria jurídica. Isso permitirá que recebam apoio de qualquer instituição, já que antes não podiam receber esses auxílios por não terem um documento que validasse sua atuação como ecorecicladoras. Acredito que esse documento sairá nas próximas semanas. Com a obtenção da personeria jurídica, a Prefeitura poderá firmar acordos muito maiores com elas, uma vez que estarão oficialmente institucionalizadas (Molina, 2024).

Molina (2024) argumentou que, lamentavelmente os processos são lentos e até agora não conseguiram se concretizar plenamente. Por isso, Hamilton (2016) defendeu que os impactos frequentemente demoram a aparecer; não são uma consequência imediata, mesmo assim, aqueles considerados tradicionais, como ele chama de deliberativos, individuais e substantivos. No entanto, em relação a esses novos impactos, que vêm sendo potencializados

pelas fundações, ele observou que avaliá-los é um processo custoso, pois, na maioria das vezes, depende de pesquisas e de um tempo valioso.

Pode-se concluir que os jornalistas que receberam as bolsas de produção jornalística da Fundação Gabo avaliaram o impacto de suas reportagens de maneiras variadas, usando tanto enfoques tradicionais quanto novos índices de avaliação, como as descritas no glossário do *Media Impact Project* e CIR (2014). Embora as fundações considerem o “impacto” como um resultado principal, fica claro que os jornalistas têm a intenção de provocar mudanças, mas também valorizam o conteúdo que produzem: investigações profundas, com dados e uma diversidade de vozes que refletem diferentes realidades.

Os jornalistas entrevistados parecem focar mais nesses aspectos, priorizando o rigor investigativo e a relevância das histórias, ao invés de buscar uma mudança ou grande repercussão de forma rápida. No entanto, esses trabalhos podem gerar desdobramentos significativos, como se evidenciou nesta seção.

No caso de Mundaca (2024), nota-se uma ênfase maior no impacto de seu trabalho, possivelmente por conta da natureza dos temas que cobre, como drogas, corrupção e direitos humanos, especialmente no contexto do México e nas regiões onde atua, como Oaxaca, Veracruz. Por serem questões “sensíveis”, esses temas tendem a buscar algum tipo de impacto. Embora o impacto de grandes mudanças sociais, como as que as fundações procuram, não seja sempre assegurado, ele pode acontecer como consequência dessas reportagens, dependendo também das circunstâncias e do contexto que as cercam (Hamilton, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta pesquisa foi investigar a contribuição da Fundação Gabo para o jornalismo de alto impacto, por meio de bolsas de produção jornalística concedidas entre 2020 e 2023. A pesquisa também explorou os desafios do jornalismo contemporâneo e discutiu se o apoio das fundações é uma alternativa viável para manter o jornalismo independente, fora do circuito comercial.

Primeiro ponto, pode-se concluir que o “jornalismo de alto impacto” é um termo comum nas fundações que financiam o jornalismo, como forma de “gerar mudanças sociais” por meio desse financiamento. É também uma maneira de incentivar o jornalismo a ir além da simples reportagem, buscando causar um “impacto real no mundo”, o que muitas vezes está relacionado às missões das fundações que financiam essas iniciativas.

No entanto, isso também pode ser interpretado como uma visão um tanto normativa do jornalismo, como a da Teoria Democrática, que concebe o jornalismo como contrapoder e gerador de mudanças. Autores como Hamilton (2016) e Anderson, Bell e Shirky (2013) incitam os jornalistas a medir o impacto de suas reportagens e a exercer uma influência positiva na democracia, entendendo o jornalismo como capaz de gerar mudanças positivas na sociedade (mesmo que a realidade seja muito mais complexa).

No entanto, “esse impacto” exigido pelas fundações não pode ser medido de forma clara e instantânea, pois possui um caráter amplo e não se limita a números ou visitas. Requer ferramentas de pesquisa, como enquetes e entrevistas, que costumam ser custosas. Além disso, desconhece-se se as fundações ou os jornalistas realizam um acompanhamento sistemático das reportagens financiadas, o que seria essencial para que o termo “jornalismo de alto impacto” não se reduza a um simples requisito institucional.

Portanto, observou-se que os jornalistas entrevistados têm uma noção de impacto que prioriza questões como investigação, dados aprofundados, pluralidade de vozes, ética e relevância social. Houve um impacto mais notório na realização profissional dos jornalistas beneficiados pelas bolsas, uma vez que puderam desenvolver reportagens de qualidade e com independência. Isso é evidenciado pelo fato de que alguns consideram trabalhar com a Fundação Gabo mais como um prestígio do que como um benefício econômico.

Diante disso, chegaram-se às seguintes conclusões em relação aos objetivos da pesquisa: as bolsas de produção jornalística oferecidas pela Fundação Gabo entre 2020 e 2023 contribuem para o jornalismo de alto impacto ao promoverem reportagens investigativas, aprofundadas, éticas e socialmente relevantes, criando as condições necessárias para gerar repercussões significativas.

Ou seja, embora o impacto nem sempre ocorra de forma imediata ou conforme o esperado (como grandes mudanças sociais), as reportagens financiadas podem resultar em repercussões visíveis, como menções honrosas, reconhecimentos governamentais (Mundaca, 2024), convites para conferências, traduções (Paz, 2024), e mudanças mais sutis, como o comportamento dos leitores (Molina, 2024) ou o despertar de empatia social (Jornalista 02, 2024). Assim, as bolsas de produção jornalística têm o potencial de promover “jornalismo de alto impacto”, possibilitando a realização de reportagens de excelência que geram diversos tipos de repercussões.

A segunda conclusão é que os jornalistas enfrentam várias crises. Os entrevistados mencionaram crises tecnológicas, econômicas, de independência, credibilidade, violência, entre outras, que os limitam a cobrir temas que consideram relevantes. Isso reforça que o jornalismo está sob pressão por vários lados e que a crise é complexa e de difícil resolução, como já apontado por diversos autores. Os jornalistas também estão conscientes disso e não visualizam uma solução no horizonte. Embora nem todas as crises tenham sido superadas pelas bolsas de produção jornalística, esses incentivos mostraram-se uma saída, especialmente para as limitações econômicas.

Em relação ao terceiro objetivo, conclui-se que o apoio de fundações é, sim, uma alternativa viável para o desenvolvimento de jornalismo independente, fora do circuito comercial. Esta pesquisa mostrou que os jornalistas tiveram total liberdade para produzir seus projetos sem interferência da Fundação Gabo ou de seus parceiros. Embora existam argumentos sobre a imposição de agendas, os jornalistas entrevistados já abordavam esses temas antes de se candidatar às bolsas, o que sugere que a postulação também foi vista como uma oportunidade para explorar novos paradigmas dentro de suas áreas de especialização.

Também é relevante destacar que, nas análises das convocatórias para bolsas, os jornalistas devem apresentar antecedentes e trabalhos prévios sobre os temas que pretendem tratar com esses fundos, o que demonstra que são temas nos quais já estavam trabalhando.

Ou seja, a especialização nesses temas deve ser comprovada para que sejam selecionados pelo comitê de avaliação. No entanto, nesta pesquisa ressalta-se a sugestão de Mendoza e Rojas (2022) sobre a necessidade de ser críticos em relação ao financiamento patrocinado, especialmente quanto às possíveis agendas ocultas.

Outro ponto observado foi a experiência na postulação. Três dos quatro jornalistas já haviam sido contemplados com bolsas de produção jornalística (Molina e Jornalista 02, Mundaca), o que evidencia, primeiro, que a experiência é relevante (até porque deve ser demonstrada) e que os jornalistas veem esses incentivos como uma oportunidade viável para a execução de seus projetos. Os quatro jornalistas mencionaram que as liberdades econômicas e editoriais oferecidas por essas bolsas os motivam a continuar participando delas.

Paz (2024) mencionou que foi sua primeira vez participando de uma bolsa de produção jornalística oferecida pela Fundação Gabo, mas que já tinha experiência em levantar projetos para encontrar financiamento de fundações para seu veículo de comunicação, Latfem.org. Isso também trouxe à tona outro ponto importante: observou-se que, para acessar essas bolsas de produção jornalística, é necessário ter habilidades acadêmicas, como a capacidade de elaborar metodologias, hipóteses, cronogramas e orçamentos. Isso sugere que, para serem contemplados com essas bolsas, os jornalistas devem ter essas destrezas, o que evidencia que as candidaturas são bastante exigentes.

Um ponto destacado pela Jornalista 02 (2024) sobre os jornalistas brasileiros que buscam participar dessas bolsas foi o domínio de idiomas estrangeiros (espanhol, inglês). Ela observou que a exigência de fluência nesses idiomas pode limitar a candidatura de jornalistas talentosos, especialmente aqueles de regiões menos privilegiadas. A jornalista sugeriu o uso de tradutores automáticos como uma solução temporária para incluir esses profissionais, e propôs uma flexibilização, valorizando mais as experiências locais, mesmo sem o domínio completo de idiomas estrangeiros.

Em conclusão, vários pontos importantes foram encontrados nesta pesquisa: as bolsas de produção jornalística oferecidas pela Fundação Gabo contribuem para o jornalismo de alto impacto, pois criam condições para a produção de jornalismo de qualidade, capaz de gerar desdobramentos significativos; os jornalistas enfrentam várias crises que dificultam a produção desse jornalismo de alto impacto; o financiamento de fundações possibilita a

realização de um jornalismo independente e de alto impacto, fora do circuito comercial; o jornalismo de alto impacto está alinhado ao interesse das fundações em gerar mudanças sociais; e existem diferentes formas de medir “impacto” no jornalismo, o que ainda é um desafio.

Esta pesquisa exploratória trouxe resultados relevantes, sobretudo por abordar uma lacuna sobre as bolsas de produção jornalística e o jornalismo de alto impacto na região. De fato, não foi encontrada uma discussão ampla sobre “jornalismo de alto impacto”, apenas pequenas referências ao “impacto” no jornalismo, o que pode ser visto como um avanço no conhecimento sobre o “filantrojornalismo” no campo da comunicação. Além disso, abre caminhos para investigar outras implicações desse tipo de jornalismo promovido por fundações e para entender mais profundamente o trabalho e as influências que essas fundações (em especial as grandes fundações dos EUA) estão desenvolvendo na América Latina.

Muitas perguntas permanecem por trás da tela, e várias linhas de pesquisa futura poderiam surgir dessa investigação, entre elas a principal: quem está por trás dessas fundações? Sabe-se que eles são bilionários, o que levanta a questão de saber se estamos voltando ao modelo tradicional de mídia financiada pelos poderosos. Por que, se eles são ricos, oferecem apenas apoio esporádico e não contínuo? É realmente uma “mudança social no mundo” que eles estão tentando promover ou há outra motivação por trás disso? Outra pergunta é: a busca pelo impacto é realmente importante para resgatar o jornalismo, como alguns autores mencionaram?

No entanto, é importante destacar que, apesar dessas questões, a Fundação Gabo desempenha um papel fundamental no aprimoramento do jornalismo na região. Através de seus diversos programas, como as bolsas de produção jornalística, é possível desenvolver reportagens investigativas, aprofundadas, éticas e de relevância social, abordando temas e vozes que nem sempre são considerados na mídia comercial. Isso oferece novas abordagens interessantes e desmistifica discursos hegemônicos veiculados pelos grandes grupos de mídia e, atualmente, pelas redes sociais. O apoio dos mentores também é relevante para o aprimoramento do jornalismo, pois a interação com profissionais mais experientes é importante para aqueles que estão se formando nas universidades.

A investigação revela que as bolsas de produção jornalística são uma alternativa para que jornalistas desenvolvam conteúdos investigativos, éticos e verazes, que muitas vezes não conseguem produzir devido às limitações que enfrentam. Esse tipo de jornalismo, chamado de “jornalismo de excelência”, pode gerar um “jornalismo de alto impacto”, promovendo mudanças significativas no novo ecossistema digital, saturado de informações desnecessárias, memes e insultos, que não contribuem para a democracia.

Erika Belén Hernández Lozano é jornalista equatoriana formada pela Universidade de Guayaquil (Guayas, Equador). Com cinco anos de experiência em meios de comunicação locais na cidade de Quevedo, província de Los Ríos, tem se dedicado a cobrir áreas como comunidade, polícia, município, meio ambiente e política. Atualmente, mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (Goiânia, Brasil), título obtido por meio de uma bolsa de estudos promovida pela OEA Brasil e CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Sua pesquisa surgiu da experiência prática de querer produzir um jornalismo sem limitações econômicas e sem as pressões comerciais, e se concentrou no financiamento do jornalismo por parte de fundações. Seu interesse é aprofundar o estudo sobre esse apoio patrocinado pelas fundações.

REFERÊNCIAS

ABAD, Gustavo. El club de la pelea...poder político vs poder mediático. **In:** RINCÓN, Omar. **Por qué nos odian tanto:** Estados y medios de comunicación en América Latina, p. 5-14, 2010. Disponível em: <https://agroavances.com/imagenpublica/images/publicaciones/documentos/16.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

ABELLO BANFI, Jaime. **Visión de la FNPI sobre formación y apoyo al periodismo de Iberoamérica.** 2014. Disponível em: <http://repositorio.uac.edu.co/handle/11619/1781>. Acesso em: 28 de set. 2024.

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli. SILVA, Maria Helena GF Dias da. **Análise qualitativa de dados de entrevista:** uma proposta. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1992.

ABELLO, Jaime. **Una carpintería para periodistas.** 1997. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/12917>. Acesso em: 29 de set. 2024

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptando-se ao presente. **Revista de Jornalismo ESPM**, n. 5, p. 30-89, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/386813919/Jornalismo-pos-industrial-adaptacao-aos-novos-tempos>. Acesso em: 18 de abril, 2024.

ANDUAGA, MC Joaquín Andrés Félix; NORIEGA, LC Eliana Alvarado; ALVARADO, Lin MENDÍVIL. Censura y autocensura en la cobertura de temas relacionados al narcotráfico y la delincuencia organizada en el Estado de Sonora, México. **Miguel Hernández Communication Journal**, n. 6, p. 129-160, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5281774>. Acesso em: 21 de set. 2024.

ALDEA-MARTINEZ, B. D. **A imprensa das plataformas:** como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. Abril, 2017. Disponível em: <https://medium.com/monetiza%C3%A7%C3%A3o/a-imprensa-das-plataformas-como-o-vale-do-sil%C3%ADcio-reestruturou-o-jornalismo-e727dbcb35e0>. Acesso em: 26 ago. 2024.

ALVES, Filipe. **Fundações jornalísticas:** em busca de um novo modelo de negócio para a imprensa. Orientador: Joaquim Fidalg. 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Área de Especialização em Informação e Jornalismo, Universidade do Minho, Portugal, 2014.

ALVES, Yago Modesto; BITAR, Marina Parreira Barros. Novas formas de financiamento no jornalismo sem fins lucrativos. **Prisma.com**, Palmas, Brasil, n. 33, p. 72-89, 2017. Disponível em: <http://aleph.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2853/2605>. Acesso em: 20 de set. 2023.

ARDÈVOL-ABREU, Alberto; DE ZÚÑIGA, Homero Gil; MCCOMBS, Maxwell E. Orígenes y desarrollo de la teoría de la agenda setting en Comunicación. Tendencias en España (2014-2019). **Profesional de la información**, v. 29, n. 4, 2020.

ARÉVALO SALINAS, Alex Iván; FARNÉ, Alessandra. **Introducción: Comunicación y cambio social**. Un análisis desde la investigación centrado en el periodismo. 2016. Disponível em: <https://acesse.dev/t6qxt>. Acesso em: 08 de maio, 2024.

ARÉVALO SALINAS, Alex Iván. **Periodismo y comunicación para la paz. Indicadores y marco regulatorio**. 2014. Disponível em: <https://repositori.uji.es/xmlui/handle/10234/125214>. Acesso em: 19 de abril, 2024.

ARRESE, Ángel. **Más allá del negocio informativo. Nuevas estructuras de las empresas de información**. 2011. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/[https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/28201/1/M%C3%81S%20ALL%C3%81%20DEL%20NEGOCIO%20%20INFORMATIVO%20\(Nuevo\).pdf](https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/28201/1/M%C3%81S%20ALL%C3%81%20DEL%20NEGOCIO%20%20INFORMATIVO%20(Nuevo).pdf). Acesso em: 2 de maio, 2024.

ARTÍCULO 19 (org.). Bajo sentencia: **La censura en Cuba, Guatemala y Honduras. México, 2020. E-book**. Disponível em: <https://articulo19.org/bajosentencia/>. Acesso em 17 set. 2024.

ARUGUETE, Natalia. ¿ Twitter acrecienta la polarización política? **Beers and Politics**, v. 2, n. 1, p. 22-25, 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9plrL>. Acesso em: 27 de agost. 2024.

ASSOCIATED PRESS. Boston Globe Wins Pulitzer for Public Service. **The New York Times**, 7 abr. 2003. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2003/04/07/nyregion/boston-globe-wins-pulitzer-for-public-service.html>. Acesso em: 24 de out. 2024.

ÁVILA, Fernando. Pluma de ganso. La radio da la noticia, la TV la ilustra y la prensa la explica: Qué es el periodismo de profundidad. **Revista de las Fuerzas Armadas**, n. 123, p. 268-269, 1987. Disponível em: <file:///C:/Users/ERIKA/Downloads/123radiooticia.pdf>. Acesso em 19 de maio, 2024.

BASTOS, Helder. Ciberjornalismo, jornalismo e democracia. **Revista Científica Nacional**, p. 93-105, 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/81651>. Acesso em: 20 de dezembro, 2023.

BARBOSA, Larah Camargo; BAILO, Cesar Augusto. Globoplay: Do espectador ao usuário. **Intercom**. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0274-1.pdf>. Acesso em: 1 de maio, 2024.

BARREDO IBÁÑEZ, Daniel et al. **El periodismo ecuatoriano en entredicho**. Descenso de credibilidad y nuevas perspectivas comunicacionales. 2015. Disponível em: <https://repository.urosario.edu.co/items/d916969a-ace8-40b2-8fa4-6bf792bcfc5e>. Acesso em: 27 de set. 2024.

BELTRAMO GUZMÁN, Mariela B. **Periodismo y tercer sector**. Orientador: Raúl Horacio Burzaco, 2000. Tese (Doctorado) Universidad del Salvador, Buenos Aires, Argentina, 2000. Disponível em: <https://racimo.usal.edu.ar/7501/1/500022715.Periodismo%20y%20tercer%20sector.pdf>. Acesso em: 15 de agosto, 2023.

BENSON, Rodney. Can foundations solve the journalism crisis? **Journalism**, v. 19, n. 8, p. 1059-1077, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884917724612>. Acesso em: 10 de novembro, 2023.

BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em comunicação - abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-Compós**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2011. DOI: 10.30962/ec.665. Disponível em: <https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/665>. Acesso em: 14 de dezembro, 2024.

BROMLEY, Michael. **The end of journalism?**. A journalism reader, p. 330-350, 1997.

BURGUEÑO, José Manuel. **Cuestión de confianza**. La credibilidad, el último reducto del periodismo del siglo XXI. Barcelona: Editorial UOC, 2010. Disponível em: <https://encurtador.com.br/yRRF1>. Acesso em 19 de jan. 2024.

CALDERÓN, Hugo Iván Sánchez. Consumo de medios de comunicación publicitarios. Caída de la circulación de los periódicos en el Ecuador. **In: Libro de Actas del I Congreso Iberoamericano de Investigadores en Publicidad**. p. 81, 2016. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=CALDER%3%93N%2C+Hugo+Iv%3%A1n+S%3%A1nchez.+Consumo+de+medios+de+comunicaci%3%B3n+publicitarios.+Ca%3%ADda+de+la+circulaci%3%B3n+de+los+peri%3%B3dicos+en+el+Ecuador.+In%3A+Libro+de+Actas+del+I+Congreso+Iberoamericano+de+Investigadores+en+Publicidad&btnG=. Acesso em: 20 de agost. 2024

CALDERÓN, Paula. **“Me arrepiento de todo”**: la ilustradora colombiana que exageró su participación en “El niño y la garza”. El País, 2024. Disponível em: <https://elpais.com/america-colombia/2024-01-17/me-arrepiento-de-todo-la-ilustradora-colombiana-que-exagero-su-participacion-en-el-nino-y-la-garza.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

CAMARGO, Camila Acosta et al. Jornalismo financiado por plataformas: análise dos apoios concedidos aos arranjos alternativos às corporações de mídia. In: **E-Compós**. 2023. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2821>. Acesso em 18 de set. 2024.

CANSINO, César. Viejas y nuevas tesis sobre el Homo Twitter. **Revista mexicana de ciencias políticas y sociales**, v. 62, n. 231, p. 389-405, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/XgIk8>. Acesso em: 27 de agost. 2024.

CANIZÁLEZ, Andrés. **Los medios ya no son lo que una vez fueron en América Latina**. 13 de abril. 2022. Disponível em: <https://globalamericans.org/los-medios-ya-no-son-lo-que-una-vez-fueron-en-america-latina/>. Acesso em: 25 set. 2024.

CAGÉ, Julia. **Saving the media: Capitalism, crowdfunding, and democracy**. Harvard University Press, 2016.

CARLSON, Matt. Confronting measurable journalism. **Digital Journalism**, v. 6, n. 4, p. 406-417, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2018.1445003>. Acesso 10 de maio, 2024.

CARLSON, Matt. **Journalistic authority: Legitimizing news in the digital era**. Columbia University Press, 2017. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.7312/carl17444/html>. Acesso em 24 de agosto.2024.

CAPOANO, Edson. **Como se banca o jornalismo?** modelos, tendências e reflexões sobre o financiamento de mídia. E-book. Atena Editora, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/handle/1822/76125>. Acesso em: 30 de nov. 2024.

CENTRO INTERNACIONAL PARA JORNALISTAS (ICFJ). **El desafío de lograr reportajes desde el lado humano en tiempos de distanciamiento social**, 9 de março, 2021. Disponível em: <https://ijnet.org/es/story/el-desaf%C3%ADo-de-lograr-reportajes-desde-el-lado-humano-en-tiempos-de-distanciamiento-social>. Acesso em: 30 set. 2024.

CENTRO INTERNACIONAL PARA JORNALISTAS (ICFJ). **10 dicas para redação de pedidos de bolsas para jornalistas**, 2024a. Disponível em: <https://www.icfj.org/10-dicas-para-redacao-de-pedidos-de-bolsas-para-jornalistas>. Acesso em: 20 maio. 2024.

CENTRO INTERNACIONAL PARA JORNALISTAS (ICFJ). **Investigative Reporting Initiative in the Americas**, 2024b. Disponível em: <https://www.icfj.org/our-work/investigative-reporting-initiative-americas>. Acesso em: 31 maio. 2024.

CENTRO GABO. **Conoce algunos fotorreportajes producidos por los jóvenes de Cronicando Nelson Mandela**. 13 dez. 2019. Disponível em: <https://centrogabo.org/proyectos/cronicando/conoce-algunos-fotorreportajes-producidos-por-los-jovenes-de-cronicando-nelson>. Acesso em: 29 set. 2024.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do jornalismo tem solução?**. Estação Das Letras E Cores Edi, 2019.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S.; CASTELLS, Carme. **Los guardianes de la libertad**: propaganda, desinformación y consenso en los medios de comunicación de masas. Tradução de Carme Castells. Editora: Grijalbo Mondadori, 362 f, 1990.

CRUCIANELLI, Sandra. ¿Qué es el periodismo de datos. **Cuadernos de periodistas**, v. 26, p. 106-124, 2013. Disponível em: [https://www.apmadrid.es/wp-content/uploads/2013/07/106-124\(1\).pdf](https://www.apmadrid.es/wp-content/uploads/2013/07/106-124(1).pdf). Acesso em: 19 de maio, 2024.

COELHO, Pedro. **Jornalismo e Mercado**, os novos desafios colocados à formação. Covilhã-Universidade da Beira Interior: Livros LabCom, 2015. Disponível em: https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20150223-2015_08_pedro_coelho.pdf. Acesso em: 18 de setembro, 2024.

CONNECTAS.ORG. **Reconocimientos**. Disponível em: <https://www.connectas.org/reconocimientos/>. Acesso em: 27 maio. 2024.

CONNECTAS.ORG. **Becas de producción periodística**. Disponível em: <https://www.connectas.org/connectas-lab/oportunidades/becas-produccion-periodistica-connectas-2022/#:~:text=El%20International%20Center%20for%20Journalists>. Acesso em: 18 maio. 2024.

CORREIA, João Carlos. **O admirável mundo das notícias**: teorias e métodos. Editora LabCom, 2011. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4344>. Acesso em: 12 de feve. 2024.

COSTA, Caio Túlio. Um modelo de negócio para o jornalismo digital. **Revista de periodismo ESPM**, v. 9, pág. 51-115, 2014. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/um_modelo_de_negocio_para_o_jornalismo_digital/. Acesso em: 27 de março, 2024.

DE MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: Da concentração monopólica à democratização da comunicação. Boitempo Editorial, 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/04oFR>. Acesso em: 1 de agost. 2024.

DE CAMARGO, Claudio; TAVARES, Wellington. Democracia en sociedades digitales. **In: SUBIRATS, Joan. ¿Una nueva Democracia para el siglo XXI?. Educação & Sociedade**, v. 42, p. e253256, 2021.

DEL ARCO, Miguel. **Enseñar o aprender periodismo**. El modelo pedagógico de la Fundación García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI)/To teach or to learn journalism. The pedagogical model of the García Márquez foundation for a new iberoamerican journalism. Estudios sobre el Mensaje Periodístico, v. 21, n. 2, p. 1031, 2015.

Disponível em: <https://www.clubedejornalistas.pt/wp-content/uploads/2019/11/ensinaraprenderjornalismo.pdf>. Acesso em: 17 de nov. 2024.

DE LEÓN, Salvador; BRAVO, Alejandra; DUARTE, E. Entre abrazos y golpes... Estrategias subpolíticas de periodistas mexicanos frente al riesgo. **Sur le journalisme**, About journalism, Sobre jornalismo, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/ERIKA/Downloads/344-Texte%20de%20l'article-475-992-10-20180615.pdf. Acesso em: 10 de out. 2024.

DEL-HOYO-HURTADO, Mercedes; GARCÍA-GALERA, María del Carmen; BLANCO-ALFONSO, Ignacio. **Desinformación y erosión de la credibilidad periodística en el contexto de las noticias falsas**. Estudio de caso. 2020. Disponível em: https://repositorio.consejodecomunicacion.gob.ec/handle/CONSEJO_REP/3125. Acesso em: 17 de set. 2024.

DEL PALACIO, Celia. **Periodismo de frontera en América Latina: Violencias y desigualdades múltiples**. Bielefeld University Press, 2023. Disponível: <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/87476>. Acesso em 18 de agost. 2024.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. **O delineamento de pesquisa qualitativa**. 2008.

DE MATTOS, Walter. **Com amigos assim...** Observatório da Imprensa. 17 de setembro de 2013. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed764_com_amigos_assim/. Acesso em: 27 ago. 2024.

DEMENECK, Ben Hur. **Jornalismo transnacional: prática, método e conceito**. Orientador: Eugênio Bucci. 2016. 237 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-13092016-100914/publico/BENHURDEMENECK.pdf>. Acesso em: 25 de fevereiro, 2024.

DEMOCRACY NOW. 2023. 1 video (12:08). **Remembering Rosalynn Carter, Former First Lady & Pioneering Advocate for Mental Health Journalism**. Publicado pelo canal Democracy now. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p-Q-2267RjI>. Acesso em: 11 out. 2024.

DE MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder: Da concentração monopólica à democratização da comunicação**. Boitempo Editorial, 2015.

DEUZE, M. (2007). Journalist. In: **Media Work**. Cambridge: Polity Press.

DÍAS, Robson. Relación de mérito periodístico: premios en Periodismo y su estructura. **Revista Brasileira de Historia de los Medios**, v. 3, núm. 1, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3978>. Acesso em: 30 de março, 2024.

DÍAZ GÜELL, Luis. **Periodismo y periodistas de investigación en España, 1975-2000: contribución al cambio político, jurídico, económico y social**. 2004. Disponível em: <https://docta.ucm.es/entities/publication/4a218cae-1dde-4949-9a90-3ff23db61810>. Acesso em: 06 de maio, 2024.

DÍAZ, Marcela A. Vazquez; GUZMÁN, Mariela Beltramo. Por un periodismo más social y democrático. **Signos Universitarios: Revista de la Universidad del Salvador**, v. 21, n. 38, p. 37-48, 2001.

DONSBACH, Wolfgang. **Journalism as the new knowledge profession and consequences for journalism education**. *Journalism*, v. 15, n. 6, p. 661-677, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1464884913491347>. Acesso em: 21 de agosto, 2024.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, v. 1, p. 62-83, 2005.

DUCHENE, Julie; STANDAERT, Olivier. La couverture médiatique du Fonds pour le journalisme. Analyse des projets soutenus par le Fonds entre 2009 et 2019.

EL COMERCIO. 20 años de historias en la frontera norte. **In: El Comercio. Periodistas en la Frontera Norte: Dos décadas de reportajes-Antalogía**. 1. ed. Quito, Ecuador, 2018. p.5-7.

EL ESPECTADOR. **Medios se disculpan por difundir información falsa sobre Geraldine Fernández**. 2024. Disponível em: <https://www.elespectador.com/entretenimiento/gente/medios-se-disculpan-por-divulgar-informacion-falsa-sobre-geraldine-fernandez/>. Acesso em: 17 set. 2024.

EL FARO. **Acerca de El Faro**. Disponível em: https://elfaro.net/es/info/acerca_de_elfaro. Acesso em: 31 maio. 2024.

EL FARO. **El Faro se cambia de casa**. Disponível em: <https://elfaro.net/es/202304/columnas/26804/el-faro-se-cambia-de-casa>.

EL PAÍS. **EL PAÍS retira una falsa foto de Hugo Chávez**. 2013. Disponível em: https://elpais.com/internacional/2013/01/24/actualidad/1359002703_817602.html. Acesso em: 22 de set. 2024.

EL PAÍS. **Mejor cobertura multimedia: “Ciudad sin agua, un pueblo contra el gigante de concreto”**. 20 de março. 2024. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2024/03/20/premios_ortega_y_gasset/1710938260_696263.html. Acesso em: 30 set. 2024.

ETICA periodística. **Fundación Gabo**: 2023 en resumen, 20 diz. 2023a. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/noticias/articulo/fundacion-gabo-2023-en-resumen>. Acesso em: 29 set. 2024.

ETICA periodística. **Estos son los seleccionados al taller virtual “Historias de migración: periodismo en movimiento”**, 32 de julio. 2023b. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/noticias/articulo/estos-son-los-seleccionados-al-taller-virtual-historias-de-migracion-periodismo-en>. Acesso em: 30 set. 2024.

ETICA periodística. **Estas son las seleccionadas a las Becas ColaborAcción de investigación periodística sobre reciclaje inclusivo 2023**. 13. set. 2023c. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/noticias/articulo/estas-son-las-seleccionadas-las-becas-colaboracion-de-investigacion-periodistica>. Acesso em: 13 set. 2024.

FIGUERAS MAZ, Mónica et al. **La precariedad te hace dócil**: Problemas que afectan a la profesión periodística. El Profesional de la información. 2012; 21 (1): 70-5., 2012. Disponível em: <https://repositori.upf.edu/handle/10230/33441>. Acesso em: 20 de agost. 2024.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Artmed editora, 2008.

FNPI (Fundación Gabriel García Márquez para el nuevo periodismo iberoamericano). **Fundação de Gabo**: FNPI, oficina de jornalismo em transformação. Colômbia, nov. 2014. Disponível em: https://fundaciongabo.org/sites/default/files/Informe_de_gestion_FNPI_2012-2013_Portugues.compressed.pdf. Acesso em: 29 de set. 2024.

FRIEDLAND, Lewis A.; KONIECZNA, Magda. Finanzierung journalistischer Aktivitäten durch gemeinnützige Organisationen in den USA. **Dortmund: TU Dortmund**, 2011. Disponível em: http://mediafunders.net/projekt/wp-content/uploads/2011/07/Studie_Stiftungsfinanzierter_Journalismus_in_USA_final.pdf. Acesso em: 10 de nov. 2023.

FOSTER, Robin; BUNTING, Mark. Public funding of high-quality journalism: a report for the ACCC. **Canberra: Australian Competition and Consumer Commission**, 2019. Disponível em: <https://acesse.dev/ffgKg>. Acesso em: 7 de maio. 2024.

FULTON, Janet. Mentoring and Australian journalism. **Australian Journalism Review**, v. 36, n. 1, p. 45-56, 2014. Disponível em: <https://search.informit.org/doi/abs/10.3316/ielapa.502839178979651>. Acesso em: 10 de out. 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Oficina Investigando problemas e soluções**. Colômbia, 2019. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/pt-br/atividade/oficina-investigando-problemas-e-solucoes>. Acesso em: 2 de maio, 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **O que sabemos (e não sabemos) sobre o impacto do jornalismo de soluções.** 13 de outubro, 2020. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/blog/periodismosoluciones/lo-que-sabemos-y-no-sabemos-sobre-el-impacto-del-periodismo-de-soluciones>. Acesso em: 19 de maio, 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Bolsas de Jornalismo de Soluções, edição especial 2020.** 2020a. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/actividad/becas-de-periodismo-de-soluciones-edicion-especial-2020>. Acesso em: 10 de novembro, 2024.

FUNDAÇÃO GABO, 2020. 1 video (1 hora). Charla web “**Gabo y su legado: perfil ciudadano del gran artista**”. Publicado por el canal Fundación Gabo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BMGxconYHBw>. Acesso em: 29 de set. 2024.

FUNDACIÓN GABO, 2020b. 1 video (1 hora). '**Periodismo de soluciones: cómo cubrir el coronavirus más allá de la desesperanza**', con Liza Gross. Publicado por el canal Fundación Gabo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pqxbesa2Dg8>. Acesso em: 10 de set. 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Bolsa Rosalynn Carter para jornalismo em saúde mental 2021.** 2021. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/actividad/beca-rosalynn-carter-para-periodismo-en-salud-mental-2021>. Acesso em: 11 out. 2024

FUNDAÇÃO GABO. **Fundo para investigações e novas narrativas sobre drogas (terceira edição).** 2022. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/actividad/fundo-para-investigaciones-e-novas-narrativas-sobre-drogas-terceira-edicao>. Acesso em: 11 out. 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Bolsas para colaboração Ação de pesquisa em jornalismo de reciclagem inclusiva 2023.** 07. jul. 2023. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/actividad/becas-colaboracion-de-investigacion-periodistica-sobre-reciclaje-inclusivo-2023>. Acesso em: 13 set. 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Gabriel García Márquez.** 14 de março. 2024a. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/pt-br/institucion/fundador>. Acesso em: 6 de março, 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Bolsas para a cobertura da migração no Equador.** 2024b. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/es/atividade/bolsas-para-a-cobertura-da-migracao-no-equador>. Acesso em: 21 de maio, 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Sobre a Fundação Gabo.** 2024c. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/pt-br/institucion/acerca-de-la-fundacion-gabo>. Acesso em: 14 de maio, 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Oficina Logan de práticas investigativas 2024.** 2024d. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/pt-br/atividade/oficina-logan-de-praticas-investigativas-2024>. Acesso em: 15 de maio, 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **História**. 2024e. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/pt-br/historias>. Acesso em: 28 de setembro de 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Missão e valores**: Fundação Gabo. 2024f. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/pt-br/instituicao/missao-e-valores>. Acesso em: 29 de set. 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Aliados históricos**, 2024g. Disponível em: <https://fundaciongabo.org/pt-br/comunidade/aliados>. Acesso em: 30 de setembro de 2024.

FUNDAÇÃO GABO. **Informe de fundos de bolsas métricas 2020-2023**. 16 de fev. 2024h. Apresentação do Power Point. Acesso em: 16 de fev. 2024.

FUNDAMEDIOS. **Las líneas rojas que no nos van a obligar a cruzar**. 11 de set. 2024. Disponível em: <https://www.fundamedios.org.ec/las-lineas-rojas-que-no-nos-van-a-obligar-a-cruzar/>. Acesso em: 22 set. 2024.

FUNDAMEDIOS. **Periodistas denuncian impedimento de cobertura en hospitales públicos**. 12. março. 2010. Disponível em: <https://www.fundamedios.org.ec/alertas/periodistas-denuncian-impedimento-de-cobertura-en-hospitales-publicos/>. Acesso em: 11 out. 2024.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, 2013. 1 video (23:13 min). Publicado por el canal JQD Libros y Literatura. **Entrevista a García Márquez antes de recibir el Premio Nobel**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DyV3uCS6xOs>. Acesso em 20 de set. 2024. (Youtube)

GETZ, Arlene. **O Haiti entra para a lista de países onde os assassinos de jornalistas têm maior probabilidade de ficar impunes** - Committee to Protect Journalists. Disponível em: <https://cpj.org/pt/reports/2023/10/o-haiti-entra-para-a-lista-de-paises-onde-os-assassinos-de-jornalistas-tem-maior-probabilidade-de-ficar-impunes/#:~:text=O%20%C3%8Dndice%20de%20Impunidade%20Global%20do%20CPJ%20calcula%20o%20n%C3%BAmero>. Acesso em: 23 set. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2002. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://biblioteca.isctem.ac.mz/bitstream/123456789/734/1/%5BAntonio-Carlos-Gil%5D-Como-elaborar-projetos-de-pes%28z-lib.org%29.pdf>. Acesso em: 17 de fev. 2024.

GLOBAL INVESTIGATIVE JOURNALISM NETWORK. **Después de Pablo y El Chapo: cómo los medios investigativos cubren el crimen organizado en América Latina**. 10 de julho. 2024. Disponível em: <https://gijn.org/es/articulos/latamfocus-crimenorganizado/>. Acesso em: 20 set. 2024.

GÓMEZ RODRÍGUEZ, Gabriela; CELECIA PÉREZ, Cosette. **Periodismo alternativo en contextos de violencia**. Características y desafíos de dos experiencias situadas en México. Revista mexicana de ciencias políticas y sociales, v. 67, n. 245, p. 75-103, 2022.

GONZÁLEZ-MORENO, Daniel; ELÍAS, Carlos. La influencia de Facebook y sus cambios de algoritmos en el periodismo y las fake news. Ámbitos: **Revista Internacional de Comunicación**, 63, 100-125., 2024.

GUENSBURG, Carol. 'Nonprofit News,' from American Journalism Review. **Knight Foundation**, USA, march. 2008. Disponível em: <https://ajrarchive.org/Article.asp?id=4458>. Acesso em: 28 de out. 2023.

HAMILTON, James T. **Democracy's detectives**: The economics of investigative journalism. Harvard University Press, 2016.

HERNÁNDEZ RAMÍREZ, María E. **Periodismo de investigación transfronterizo en América Latina: el modelo de CONNECTAS y su influencia en el ámbito mexicano**. 23 de out. de 2020. Video (1 hora 17 minutos 14 segundos). Publicado pelo canal fccuanlmx. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8q-im2brKm0>. Acesso em: 27 maio. 2024. (Youtube).

HERRERA, Leonardo. **Cumpleaños de García Márquez**: el día que Gabo regresó a Macondo en tren. 10 de dic. 2022. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/colombia/barranquilla/garcia-marquez-el-dia-que-el-nobel-visito-por-ultima-vez-aracataca-724784>. Acesso em: 1 out. 2024.

HIGUERA, Silvia. **Menos periodistas asesinados en América Latina en 2023, pero expertos temen creación de zonas de silencio**. 7 de fev. 2024. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/es/articles/menos-periodistas-asesinados-en-america-latina-en-2023-pero-expertos-temen-creacion-de-zonas-de-silencio/>. Acesso em: 22 set. 2024.

HURTADO, J. Balance de RSF: **Argentina y Ecuador con los mayores retrocesos en libertad de prensa en Latinoamérica**. Disponível em: <https://www.france24.com/es/am%C3%A9rica-latina/20240503-balance-de-rsf-argentina-y-ecuador-con-los-mayores-retrocesos-en-libertad-de-prensa-en-latinoam%C3%A9rica>. Acesso em: 10 set. 2024.

INSIGHT CRIME. **Esclavos del Crimen en América Latina**. 25 de outubro de 2012. Disponível em: <https://insightcrime.org/es/investigaciones/esclavos-crimen-en-america-latina/>. Acesso em: 5 maio. 2024.

JERVIS, Isabel. **Periodismo de frontera**: ¿Cómo encaran los periodistas la violencia?. #PerDebate, v. 3, p. 216-235, 2019. Disponível em: <https://revistas.usfq.edu.ec/index.php/perdebate/article/view/1560>. Acesso em: 22 de set. 2024.

JORNALISTA 02. **Entrevista concedida por Erika Hernández.** Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 29 de set. 2024.

JOSEPHI, Beate. How much democracy does journalism need? **Journalism**, v. 14, n. 4, p. 474-489, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884912464172>. Acesso em: 23 de nov, 2023.

KAPLAN, David E. **Global investigative journalism: Strategies for support.** Center for International Media Assistance, 2007.

LACERDA, Nara; CARVALHO, Igor. **América Latina passa de 2,5 milhões de infectados; saiba a situação de cada país. Brasil de Fato**, 01 de julho. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/01/america-latina-passa-de-2-5-milhoes-de-infectados-saiba-a-situacao-de-cada-pais>. Acesso em: 10 set. 2024.

LABIO-BERNAL, A; ROMERO-DOMÍNGUEZ, L. R. **Siente un periodista a su mesa: Cuando la caridad y la filantropía vienen a salvar la profesión.** Sevilla, España, 4 de enero. 2023 Disponível em: <https://ctxt.es/es/20221101/Firmas/41668/Aurora-Labio-Bernal-Lorena-R-Romero-Dominguez-periodismo-caridad-filantropia.htm>. Acesso em: 25 maio. 2024.

LA SILLA VACÍA. **Nuestros servicios.** Disponível em: <https://www.lasillavacia.com/nuestros-servicios/>. Acesso em: 31 maio. 2024.

LEVOYER, Saudia. **La cooperación internacional en el ciberperiodismo ecuatoriano: Los casos de Plan V y Periodismo de Investigación.** # PerDebate, v. 4, n. 1, p. 182-197, 2020. Disponível em: <https://revistas.usfq.edu.ec/index.php/perdebate/article/view/1905>. Acesso em: 20 de agost. de 2023.

LEWIN, J. E; HERNÁNDEZ, C.; AMAYA, D.; BECERRA, M. **¡Autobombo! La Silla Vacía gana su tercer premio Gabo.** Colombia, novembro 19. 2021. Disponível em: <https://www.lasillavacia.com/silla-nacional/autobombo-la-silla-vacia-gana-su-tercer-premio-gabo/>. Acesso em: 20 maio. 2024.

LÓPEZ, César. En zonas rurales y ciudades pequeñas de Colombia, periodistas locales enfrentan violencia, estigmatización y precariedad laboral. **Latam Journalism Review**, 12 de setembro de 2024. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/es/articles/zonas-rurales-colombia-periodismo-local/>. Acesso em: 20 set. 2024.

LÓPEZ, Juan Luis; PERONA, Galiacho. Fuentes, falacias y eutaxia en el periodismo de investigación. Opción: **Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, n. 7, p. 1013-1032, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5916905>. Acesso em: 13 de out. 2024.

LOPES, Bibiana Borba Rodrigues. O uso da lei de acesso à informação pública como ferramenta do jornalismo investigativo no Brasil: uma análise de conteúdo de Zero Hora.

Revista da Graduação, v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/graduacao/article/view/19338>. Acesso em: 10 de out. 2024.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Em Aberto, v. 5, n. 31, 1986.

LUVEZUTE KRIPKA, Rosana Maria; SCHELLER, Morgana; DE LARA BONOTTO, Danusa. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones de la UNAD**, v. 14, n. 2, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Atlas, 2003. Disponível em: <http://177.20.147.23:8080/handle/123456789/1239>. Acesso em: 10 de out. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: (jornalismo como produção social da segunda natureza). Editora Atica, 1986.

MÁRQUEZ, Gabriel García. El mejor oficio del mundo. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 98, p. 5, 2007. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=El+mejor+oficio+del+mundo.+Chasqui%3A+Revista+Latinoamericana+de+Comunicaci%C3%B3n%2C+n.+98%2C+p.+5%2C+2007.+&btnG=. Acesso em: 22 de agost. 2024.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Vivir para contarla**. Vintage español, 2014.

MCCOMBS. Maxwell. Um Panorama da Teoria do Agendamento, 35 anos depois de sua formulação. Entrevistadores: José Afonso da Silva Junior, Pedro Paulo Procópio e Mônica dos Santos Melo. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 31, n.2, jul. / dez. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/abarizon,+10entrevista.pdf>. Acesso em: 16 de jul. 2023.

MEDIA IMPACT PROJECT. **About us**. Disponível em: <https://www.mediaimpactproject.org/aboutus.html>. Acesso em: 20 out. 2024.

MEDIA IMPACT PROJECT; THE CENTER FOR INVESTIGATIVE REPORTING (CIR). **Offline Impact Indicators Glossary**. 18 sept, 2014. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.mediaimpactproject.org/uploads/5/1/2/7/5127770/offline_impact_indicators_glossary.pdf. Acesso em: 23 de out. 2024.

MEIRELLES, Silvia. **Uma nova censura: burocracia, bloqueios e algoritmos** | Observatório da Imprensa. 4, fev. 2020. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/liberdade-de-expressao/liberdade-de-informacao/uma-nova-censura-burocracia-bloqueios-e-algoritmos/>. Acesso em: 11 out. 2024.

MENDOZA, Sarely Martínez; ROJAS, Diego Noel Ramos. Medios digitais e independentes em busca de financiamento: o caso de Tejiendo Redes. **Salvador De León Vázquez**, p. 27, 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/FWzXn>. Acesso em: 25 de maio, 2024.

MELÉNDEZ YÚDICO, Jordy. **Primer estudio de medios digitales y periodismo en América Latina**. Iniciativas, modelos de negocio y buenas prácticas. Primera Edición. México, 2016. Disponível em: <http://148.202.167.116:8080/xmlui/handle/123456789/978>. Acesso em: 23 de fevereiro, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?lang=pt>. Acesso em: 21 de dezembro, 2024.

MICK, Jacques; CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, S. Jornalismo local a serviço dos públicos: Como práticas de governança social podem oferecer respostas às crises do jornalismo. **Florianópolis: Insular**, 2021.

MOLINA, Brenda. **Entrevista concedida por Erika Hernández.** Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 29 de set. 2024.

MOLINA, Fernando. De la polarización a la hegemonía. *In*: RINCÓN, Omar. **Por qué nos odian tanto**: Estados y medios de comunicación en América Latina, p. 5-14, 2010. Disponível em: <https://agroavances.com/imagenpublica/images/publicaciones/documentos/16.pdf>. Acesso em: 19 oct. 2023.

MONTES, Miguel. **Entrevista concedida por Erika Hernández.** Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 29 de set. 2024.

MORALES OJEDA, Diego Mauricio et al. **“El popular”: proyecto de periodismo de soluciones para solventar problemas sociales de las comunidades de la frontera Colombo-Venezolana en Cúcuta y su área metropolitana**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidad de la Sabana. Disponível em: <https://intellectum.unisabana.edu.co/handle/10818/46970>. Acesso em: 09 de maio, 2024.

MOROZOV, E. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.
SCHWAB, K. A Quarta Revolução Industrial. São Paulo: Edipro, 2016.

MOSCO, Vincent. Economia política do Jornalismo. **In:** DOURADO, Jacqueline; LOPES, Denise Maria; MARQUES, Renan. **Economia política do jornalismo: tendências, perspectivas e desenvolvimento regional**. Edufpi, Teresina, p. 43-68, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Patricia-Melo-2/publication/311924148_A_imprensa_como_espaco_dos_discursos_de_poder/links/5862d

7e508aebf17d3955b52/A-imprensa-como-espaco-dos-discursos-de-poder.pdf#page=44

Acesso em 29 de agost, 2024.

MUNDACA, Antonio. **Entrevista concedida por Erika Hernández**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 29 de set. 2024

NATANSON, José. La triple crisis de los medios de comunicación. **Nueva sociedad**, n. 249, p. 50-60, 2014. Disponível em: https://static.nuso.org/media/articles/downloads/4002_1.pdf. Acesso em 25 de março, 2024.

NOMESQUI, Jimmy. **Geraldine Fernández demandaría a empresas que utilizaron su imagen, esto dijo su abogada**. Infobae, 18 de jan. 2024. Disponível em: <https://www.infobae.com/colombia/2024/01/18/geraldine-fernandez-demandaria-a-empresas-que-utilizaron-su-imagen-esto-dijo-su-abogada/>. Acesso em: 17 set. 2024.

O'BOYLE, L. (1968). The Image of the Journalist in France, Germany, an England, 1815-1848. **Comparative Studies in Society and History**, Vol. X, N.3.

OFFICE OF FOREIGN ASSETS CONTROL (OFAC). **Home**. Disponível em: <https://ofac.treasury.gov/>.

OPEN SOCIETY FOUNDATIONS. **What the Open Society Foundations Do**. Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/what-we-do>.

OPEN SOCIETY FOUNDATIONS. **How the Open Society Foundations Fund**. 2024s. Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/how-we-work/how-we-fund>.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD-ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Aumento de la migración en las Américas en 2023: retos para garantizar la salud de las personas migrantes y respuesta de la Organización Panamericana de la Salud**, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fvSuG>. Acesso 29 de maio, 2024.

PAES, José Eduardo Sabo. Fundações: origem e evolução histórica. **Revista de informação legislativa**, v. 35, n. 140, p. 41-48, 1998. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/415/r140-04.pdf?sequence=4>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

PALAU-SAMPIO, Dolors. Philanthropy, investigative journalism and transnational collaborative projects in Latin America. **Journal of Latin American Communication Research**, v. 6, n. 1-2, 2018. Disponível em: <http://journal.pubalaic.org/index.php/jlacr/article/view/98>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

PAULINO, Fernando Oliveira; XAVIER, Aline Rodrigues. Jornalismo sem fins lucrativos: transição, sustentabilidade, expansão e independência. **Revista Comunicação Midiática**, v. 10, n. 1, p. 154-168, 2015. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/163>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

PAZ, Agustina. **Entrevista concedida por Erika Hernández.** Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 29 de set. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. **State of the News Media.** USA, March 14, 2006. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/2006/03/14/state-of-the-news-media/>. Acesso em: 7 maio. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. **Bottom-Line Pressures Now Hurting Coverage, Say Journalists.** USA, May 13, 2004. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2004/05/23/bottom-line-pressures-now-hurting-coverage-say-journalists/>. Acesso em: 7 maio. 2024.

PEW RESEARCH CENTER (B). **Cable TV at a Crossroads.** USA, August 14, 2006. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/journalism/2006/08/14/cable-tv-at-a-crossroads/>. Acesso em: 7 maio. 2024.

PIÑA, Elsa. Intolerancia a la crítica y hegemonía comunicacional menoscaban libertad de expresión. **In:** RINCÓN, Omar. **Por qué nos odian tanto:** Estados y medios de comunicación en América Latina, p. 5-14, 2010. Disponível em: <https://agroavances.com/imagenpublica/images/publicaciones/documentos/16.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

PROJECT OASIS. **Independent Digital Native Media.** Disponível em: <https://globalprojectoasis.org/global-report/executive-summary/>. Acesso em: 25 set. 2024.

RAMONET, Ignacio. A Explosão do jornalismo na era digital. **In:** DE MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. (org.). **Mídia, poder e contrapoder:** Da concentração monopólica à democratização da comunicação. Boitempo Editorial, 2015a.

RAMONET, Ignacio. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados? **In:** DE MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder:** Da concentração monopólica à democratização da comunicação. Boitempo Editorial, 2015b. Disponível em: <https://encurtador.com.br/04oFR>. Acesso 1 de agosto, 2024.

REDACCIÓN PRIMICIAS. **El narco Leandro Norero ofrecía información privilegiada al periodista Boscán.** 2 de fev. 2024. Disponível em: <https://www.primicias.ec/noticias/seguridad/metastasis-leandro-norero-andersson-boscan-aduanas/>. Acesso em: 22 set. 2024.

REQUEJO-ALEMÁN, José Luis; LUGO-OCANDO, Jairo. Assessing the sustainability of Latin American investigative non-profit journalism. **Journalism Studies**, v. 15, n. 5, p. 522-532, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1461670X.2014.885269>. Acesso em: 25 de maio, 2024.

REQUEJO ALEMÁN, José Luis. ¿Cómo se financia el periodismo de investigación en los Estados Unidos? **Revista de Comunicación**, v. 8, 2009. Disponível em: <https://revistadecomunicacion.com/article/view/2802>. Acesso em: 10 de out. 2024.

REQUEJO, José Luis. El éxito de The Huffington Post y el Periodismo participativo. **Análisis de Medios**. Perú, 29 de jun. 2009. Disponível em: <https://analisisdemedios.blogspot.com/2009/06/>. Acesso em: 14 maio. 2024.

REPORTEROS SIN FRONTERAS. **América**: Las presiones políticas amenazan cada vez más la independencia y la seguridad de los periodistas. Disponível em: <https://rsf.org/es/region/am%C3%A9rica>. Acesso em: 10 de set. 2024.

RIVAS, Federico; OLIVEIRA, Joana; GARCÍA, Jacobo. **Crise do coronavírus se acelera no Brasil e faz América Latina concentrar boa parte dos novos casos**. Buenos Aires, São Paulo, México. El País, 24 de maio. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-05-24/crise-do-coronavirus-se-acelera-no-brasil-e-faz-america-latina-concentrar-metade-dos-casos-no-mundo.html>. Acesso em: 10 set. 2024.

ROBLEDO-TANGARIFE, Juan José; RUBIRA-GARCÍA, Rainer. **Premio Gabo**: el periodismo que están haciendo las mujeres entre América Latina y la Península Ibérica. *European Public & Social Innovation Review*, v. 9, p. 1-22, 2024. Disponível: <https://epsir.net/index.php/epsir/article/view/393>. Acesso em: 28 de set. 2024.

RODRÍGUEZ, Jacinto. Crónica de una transición fallida. **In**: RINCÓN, Omar. **Por qué nos odian tanto**: Estados y medios de comunicación en América Latina, p. 5-14, 2010. Disponível em: <https://agroavances.com/imagenpublica/images/publicaciones/documentos/16.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

RODRÍGUEZ PACHÓN, Sara et al. **La amenaza del narcotráfico en el ejercicio del periodismo**: el caso de México. 2024. Disponível em: <https://burjcdigital.urjc.es/handle/10115/37457>. Acesso em: 20 de set. 2024.

RODRIGO-ALSINA, Miquel; CERQUEIRA, Laerte. **Periodismo, ética y posverdad**. Cuadernos. info, n. 44, p. 225-239, 2019. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0719-367X2019000100225&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 17 de set. 2024.

RIBEIRO, Fernanda Al-Alam. Formas de financiamento do jornalismo no mercado de trabalho: um estudo sobre a campanha do Jornalistas Livres. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, v. 1, n. 3, 2019.

RINCÓN, Omar. **Por qué nos odian tanto**: Estados y medios de comunicación en América Latina, p. 5-14, 2010. Disponível em:

<https://agroavances.com/imagenpublica/images/publicaciones/documentos/16.pdf>. Acesso em: 19 oct. 2023.

RODRIGUES, Carla. Jornalismo e sociedade pós-industrial. **Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política**, v. 14, n. 27, 2013. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/10alceu27.pdf>. Acesso em: 13 de nov. 2024.

RODRIGUES, Suzana Cristina Sousa. **Fundações: novo regime jurídico das fundações**. Orientadora: Ana Cristina Gonçalves Ramos Roque. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Direito na especialidade de Ciências Jurídicas) – Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/327>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

ROGEL, Diana Elizabeth Rivera. Ciberperiodismo en Ecuador: estudios de caso La Hora y Crónica, Periódicos de Loja. **Quórum Académico**, v. 8, núm. 16, pág. 269-280, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3865226>. Acesso em: 25 de março, 2024.

SALDÍVAR, Dasso. **García Márquez**. El viaje a la semilla. La biografía, Madrid, Alfaguara, 1997. Disponível em: https://proassetspdlcom.cdnstatics2.com/usuaris/libros_contenido/arxiu/32/31750_Garcia_Marquez_Viaje_semilla.pdf. Acesso em 30 de set. 2024.

SAMPIERI, Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Baptista. **Metodología de la investigación**. Sexta edición, 2014.

SEITER, Ellen. Stereotypes and the media: a re-evaluation. **Journal of communication**, v. 36, n. 2, p. 14-26, 1986.

SANBORN, Cynthia; PORTOCARRERO, Felipe. La filantropía ‘realmente existente’ en América Latina. Ponencia presentada en: **Seminario Internacional Fundación Prehumana y Fundación Ford**, noviembre, p. 17-20, 2003.

SCHUDSON, M. (2008). **Why democracies need an unlovable press**. Malden: Polity Press.

SILVA, Eliete Martins Bueno. **Negócios de nicho: análise de modelos de financiamento para sites de jornalismo de saúde**. 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/ESPM_9e531991b502b20af13467402ac3b943. Acesso em 01 de maio, 2024.

SOLUTIONS JOURNALISM. **Solutions Journalism Network**. Disponível em: <https://www.solutionsjournalism.org/>. Acesso em: 13 de maio, 2024.

SOUZA, Vinicius. ¿Quién va a pagarlo? Una mirada a los modelos de negocio del periodismo en medios digitales. **Revista Alterjor**, v. 16, núm. 2, pág. 81-95, 2017.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/134479>. Acesso em: 30 de março, 2024.

SRNICEK, Nick; GIACOMETTI, Aldo. **Capitalismo de plataformas**. 2018.

STANFORD, S. **“Losing Ground” helps I-News Network gain ground**. USA, January 27. 2013. Disponível em: <https://www.steamboatpilot.com/news/scott-stanford-losing-ground-helps-i-news-network-gain-ground/>.

SZYMANSKI, Albert. Las fundaciones internacionales y América Latina. **Revista Mexicana de Sociología**, p. 801-817, 1973.

TEJEDOR, Santiago; CERVI, Laura; TUSA, Fernanda. Periodismo en contextos de violencia, principales problemas y posibles vías de solución: percepciones de periodistas latinoamericanos. **Revista de comunicación**, v. 21, n. 2, p. 285-306, 2022. Disponível em: <https://revistadecomunicacion.com/article/view/2934/2499>. Acesso em: 22 de set. 2024.

THE CARTER CENTER. **Our Mission**. Disponível em: <https://www.cartercenter.org/about/mission.html>.

THE CARTER CENTER. **Rosalynn Carter, Former First Lady and Founder of The Carter Center**. 2024a. Disponível em: https://www.cartercenter.org/about/experts/rosalynn_carter.html.

THE CARTER CENTER. **Honoring 50 Plus Years of Mental Health Leadership**. 2024b. Disponível em: https://www.cartercenter.org/health/mental_health/honoring-50-years-of-mental-health.html

THE CARTER CENTER. 2023. 1 video (2:17). **Rosalynn Carter: A Lifetime of Mental Health Leadership**. Publicado pelo canal: The Carter Center. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5QYhcSMdlgc>. Acesso em: 11 out. 2024.

TINKER FOUNDATION. **About Us**. Disponível em: <https://tinker.org/about-us/>. Acesso em: 10 out. 2024.

TOFEL, R. J. **What About Philanthropy for For-Profit News?** United States, 21 de setembro. 2023. Disponível em: https://dicktofel.substack.com/p/what-about-philanthropy-for-for-profit?utm_source=profile&utm_medium=reader2. Acesso em: 26 maio. 2024.

TORRES, Juan Davi. **¿Por qué García Márquez se fue a México?** El Espectador, 14 de mayo. 2024. Disponível em: <https://www.elespectador.com/el-magazin-cultural/por-que-garcia-marquez-se-fue-a-mexico-article-488051/>. Acesso em: 30 set. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**. 2. Ed. Florianópolis: Insular Livros, 2005, p. 224.

TRIVIÑOS, Augusto NS. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, p. 116-175, 1987. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://bibliocetas.fct.unesp.br/Arquivos%20P%C3%BAblicos/Pesquisa%20Qualitativa%20/Trivi%C3%B1os%20-%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20pesquisa%20em%20Ci%C3%A2ncias%20Sociais-Cap%C3%ADtulos%20II-III-IV.pdf. Acesso em 10 de out. 2024.

TRUJILLO, Jimena Zuluaga; MONTERO, Silvia Marcela Gómez. Medios nativos digitales en América Latina: agenda, sostenimiento e influencia. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 141, p. 301-316, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7320770>. Acesso em: 20 de agost. 2024.

TUZZO Simone Antoniacci; BRAGA, Claudomilson Fernandes. Processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 4, n.5, p. 140-158, ago. 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/93df7d2a-cc42-47a0-97c1-2aa8e412c1e2>. Acesso em 2 jan. 2023.

UNESCO; SCHIFFRIN, Anya; POSETTI, Julie; EDGERTON, Francesca; BELL, Emily. **Encontrar fondos para que el periodismo prospere**: opciones de política para respaldar la viabilidad de los medios de comunicación. 16 páginas, 2022.

VALDEZ CÁRDENAS, Javier. **Narcoperiodismo**. La prensa en medio del crimen y la denuncia. Aguilar–Penguin Random House Grupo Editorial, Mexico, 2016.

VÉLEZ BERMELLO, Gabriela Lourdes. Inmediatez y fact-checking: análisis del portal Ecuador Chequea. **Revista ABRA**, v. 40, n. 61, p. 52-76, 2020. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2215-29972020000200052. Acesso em: 20 de fev. 2024.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007. Disponível em: http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf. Acesso em: 3 jan. 2023.

VICENTE, Guilherme Henrique. **Jornalismo, indústrias criativas e propriedade intelectual**: o Google como novo mediador e distribuidor de notícias. 2015.

WALGRAVE, Stefaan; VAN AELST, Peter. The contingency of the mass media's political agenda setting power: Toward a preliminary theory. **Journal of communication**, v. 56, n. 1, p. 88-109, 2006. Disponível em: <https://academic.oup.com/joc/article-abstract/56/1/88/4102573?login=false>. Acesso em: 10 de out. 2024.

WESTPHAL, David. **Philanthropic foundations: Growing funders of the news**. USC Annenberg Center on Communication Leadership & Policy, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e métodos. Bookman editora, 2001.

APÉNDICE A – Roterio da entrevista de Agustina Paz (Argentina)

- ¿Podría contarme un poco sobre su profesión de periodista?
- ¿Cuál fue su motivación para postularse a la beca de periodismo de soluciones de la Fundación Gabo?
- ¿Eso quiere decir que tú ya tenías en mente el proyecto antes recibir la beca?
- En otras palabras, en toda su carrera era la primera vez que solicitaba una beca y trabajaba con este tipo de periodismo de soluciones.
- Cuénteme sobre el proceso de inscripción, ¿qué criterios tuvo que cumplir para ganar esta beca? ¿Fue difícil cumplir algún criterio específico?
- No sé si recuerdas que los criterios de la Fundación incluyen el impacto de tu reportaje periodístico o, cuál era el impacto que esperabas que tenga el reportaje.
- Hábleme un poco del proceso de producción del reportaje después de ganar la beca de producción periodística. ¿Hubo algún reto? ¿Alguna dificultad? ¿Algún desafío?
- ¿Cómo fue el acompañamiento de la Fundación Gabo durante la realización del reportaje?
- ¿Y cuánto tiempo se dedicó al reportaje?
- ¿En qué medios fue que publicaste?
- Copiaban y pegaban el trabajo
- ¿Podrías profundizar más sobre el impacto del reportaje financiado por la Fundación? ¿Se ha producido un cambio, una repercusión o como fue el impacto, me puedes detallar más eso, por favor?
- ¿Crees que el apoyo de la Fundación Gabriel García Márquez a través de la beca fue crucial para que su reportaje tuviera este impacto?
- ¿Hubo alguna interferencia de la Fundación Gabo en tu capacidad de periodista de hacer un trabajo independiente?
- ¿Cree que este tipo de financiamiento (sistema patrocinado por fundaciones) ofrece un modelo de negocio alternativo viable al modelo tradicional que, a veces, interfiere en la independencia de los medios?
- La cuestión de la crisis del periodismo, ¿cuáles cree que son esas crisis del periodismo contemporáneo de acuerdo a tu experiencia?
- El consumo de la información también mudó
- ¿Planea solicitar más subvenciones para la producción periodística en el futuro?

APÊNDICE B - Roterio da entrevista de Antonio Mundaca (México)

- ¿Podría contarme un poco sobre su profesión de periodista?
- ¿Ustedes con el trabajo periodístico diario ya percibían que existía sembríos de amapolas, cuéntame, entonces, ya era un tema que estaba pensado con anterioridad antes de la beca o cuál fue la motivación para ustedes postular?
- Entonces la beca llegó justo a tiempo. Salió la convocatoria Nuevas Narrativas sobre Drogas y ustedes ya tenían este tema con anterioridad.
- Cuénteme sobre el proceso de inscripción, ¿qué criterios tuvo que cumplir para ganar esta beca? De acuerdo con la Fundación, se postulan cientos de periodistas, por eso me gustaría saber cómo fue ese proceso de inscripción
- Sí, porque te candidatas ¿no?
- Los criterios de la Fundación incluyen el impacto que tendrá su informe periodístico. ¿Cómo cumplió con este requisito para ser elegido? El impacto que ustedes esperaban de ese reportaje.
- No era visibilizado por nadie, ni por la ciudadanía ni por el Estado
- Hábleme ahora del proceso de producción del reportaje después de ganar la beca de producción periodística. ¿Cuáles fueron las dificultades que encontraron, los desafíos...?
- ¿Qué papel cumplieron estas organizaciones?
- ¿Pero ellos (las comunidades) no se opusieron cuando ustedes hablaron que iban a reportar ese tema que de cualquier forma es una actividad ilegal y clandestina?
- ¿Y cómo ayudó la Fundación Gabo frente a estas dificultades y retos que enfrentaron durante la realización del reportaje?
- Ya que tocaste el tema económico, puedes profundizar más ese tema, cómo el tema económico aportó a la investigación.
- ¿Ustedes creen que hubieran hecho el reportaje sin el apoyo de la Fundación?
- ¿Puede describir más detalladamente el impacto que tuvo el reportaje periodístico financiado por la Fundación? Cuál fue esa reacción de parte de las autoridades, las comunidades... De pronto algún cambió dentro de la comunidad
- ¿Cree que este tipo de financiamiento (sistema patrocinado por fundaciones) ofrece un modelo de negocio alternativo viable al modelo tradicional que, a veces, interfiere en la independencia de los medios?
- ¿Planea solicitar más subvenciones para la producción periodística en el futuro?

APÉNDICE C – Roterio da entrevista de Brenda Molina (Bolivia)

- Podrías contarme un poco sobre su profesión de periodista? Tus inicios, medios, proyectos en los que has trabajado, brevemente.
- Yéndonos al tema de la beca ¿Cuál fue su motivación para postularse a la beca ofrecida por la Fundación Gabriel García Márquez en el 2023?
- ¿Era un reportaje que ya tenías en mente?
- Cuénteme sobre el proceso de inscripción, ¿qué criterios tuvo que cumplir para ganar esta beca? ¿Fue difícil cumplir algún criterio específico?
- Palabras fuertes ¿a qué te refieres?
- Dentro de los criterios resalta ese tema del impacto del informe periodístico ¿Cómo cumpliste con este requisito? De pronto recuerdes.
- Cuéntame cómo fue el proceso de producción del reportaje después de que ganó la beca? ¿Cuáles fueron algunas de las dificultades que encontró como periodista? La Fundación estuvo allí acompañando?
- ¿No hubo barreras de parte de las autoridades? ¿O de las entrevistadas y entrevistados, las eco recolectoras?
- Tú nombraste algunos desafíos interesantes que como periodista pudiste vivenciar ¿Cree que los desafíos que enfrentó son comunes en el periodismo contemporáneo?
- Me habías mencionado un tema acerca de las reuniones ¿Me podrías detallar eso? ¿Cuál fue el impacto que tuvo tu reportaje periodístico, como lo verificaste, mediste?
- ¿Crees que el apoyo de la Fundación Gabo a través de la beca fue crucial para que su reportaje tuviera este impacto?
- ¿Hubo alguna interferencia de parte de la Fundación Gabo en la capacidad del periodista de hacer su trabajo de manera independiente?
- ¿Cree que este tipo de financiamiento (sistema patrocinado por fundaciones) ofrece un modelo de negocio alternativo viable al modelo tradicional que, a veces, interfiere en la independencia de los medios como la publicidad, pauta pública, privada?
- Dijiste que tuviste dos oportunidades, es decir, ¿ya habías ganado una beca con la Fundación Gabo?
- Nuevas narrativas sobre drogas?
- Me habías comentado por chat que trabajas con Conectas, que es también una organización internacional de periodismo colaborativo
- En otras palabras, ya has tenido relación con fundaciones para realizar trabajos periodísticos...
- ¿Es decir que planeas solicitar más subvenciones en el futuro para realizar un periodismo podría decirse de calidad como lo habías mencionado?
- Algo más que le gustaría agregar.

APÊNDICE D – Roterio da entrevista da Jornalista 02 (Brasil)

- Qual foi sua motivação para se candidatar à bolsa Rosalynn Carter? Foi em 2021, né?
- Era uma reportagem que você já tinha em mente então, ou o tema nasceu a partir desta convocatória? Como foi?
- Sim, sim, o tema dos diários foi muito interessante e os entrevistados se lembravam de tudo. Foi Me conte sobre o processo de inscrição, quais requisitos, critérios você teve que cumprir para ganhar essa bolsa, foi difícil cumprir algum critério específico?
- Eu revisei a bolsa e os critérios da Fundação incluem o impacto que seu relatório jornalístico terá. Pode me dizer como você atendeu a esse requisito para ser escolhido?
- Na bolsa de Rosalynn Carter, como foi o processo da reportagem depois que você ganhou a bolsa de produção jornalística?
- Quanto tempo teve para realizar a reportagem?
- Em todo esse processo, como foi o acompanhamento da Fundação Gabo? Você falou sobre alguns desafios durante o processo de realização da reportagem, como foi o apoio da Fundação?
- Universidade de La Sabana seria?
- Em minha pesquisa, eu discuti essa questão do jornalismo de alto impacto, pois esse é um dos propósitos da Fundação Gabo ao conceder as bolsas. Gostaria de saber se, após a publicação da sua reportagem, houve alguma outra repercussão ... além das pessoas entrevistadas.
- Você acha que o apoio da Fundação Gabriel García Márquez, juntamente com as outras instituições já mencionadas, foi crucial para a realização dessa reportagem? Você teria feito isso sozinho?
- Há muita discussão sobre a agenda das fundações, por isso eu gostaria de saber se durante a realização da reportagem, a Fundação Gabo interferiu em sua capacidade como jornalista de fazer seu trabalho de forma independente ou autônoma.
- Você acha que esse tipo de financiamento (sistema patrocinado por fundações) oferece um modelo de negócios alternativo viável ao modelo tradicional que, às vezes, interfere na independência da mídia?
- Você planeja solicitar mais subsídios para a produção jornalística no futuro?
- Você gostaria de acrescentar algo mais?

APÊNDICE E – Roterio da entrevista de Miguel Montes (Diretor do programa da Fundação Gabo)

- Podría hablar un poco sobre los orígenes de la Fundación Gabriel García Márquez?
- De forma general entonces cuál es la misión de la Fundación en el contexto iberoamericano.
- ¿Podría explicar si la Fundación Gabriel García Márquez es una organización privada o pública, de qué manera ella consigue financiamiento para sus proyectos?
- ¿Cómo surgió la idea del programa de becas de producción periodística y con qué objetivo principalmente?
- ¿Recuerdas la fecha de cuando inició el programa de entrega de becas?
- ¿Podría describir el proceso de inscripción, cuáles son los criterios y perfiles que deben tener los postulantes?
- ¿Ese término de “alto impacto” de la beca es uno de los requisitos o uno de los objetivos en sí? Porque, incluso, en algunos de los formularios se pide colocar el impacto esperado de la producción periodística. ¿Podría profundizar más en este tipo de periodismo?
- Bueno, en ese caso es uno de los requisitos, criterios importantes. ¿En ese caso, quienes evalúan estas postulaciones? ¿La fundación García Márquez o existe interferencia de esos actores que están en conjunto con las becas?
- En este tema de las áreas temáticas como reciclaje inclusivo, desplazamiento forzado... He percibido que están alineadas con las fundaciones mayores (Acnur, por ejemplo), me gustaría saber, ¿quién finalmente introduce las temáticas?
- Me gustaría saber cuál es el papel de estas organizaciones en sí, ¿parece que ellas entregaran los fondos, como es el proceso ahí?
- Una vez que los periodistas consigan la beca, ustedes realizan un seguimiento durante el proceso de realización del reportaje, y después del reportaje, ¿consiguen ver ese impacto?
- ¿Entonces uno de los criterios que mide el impacto después del reportaje sería el mérito periodístico?
- ¿Considera que el apoyo de fundaciones, como la de la Fundación Gabo, de entregar becas a periodistas (modelo patrocinado) puede ser una solución- alternativa de modelo de negocio viable para mantener un periodismo independiente y fuera del circuito comercial?
- En este tema de independencia, existe una discusión sobre el tema de las agenda de las fundaciones e imposición de agendas a periodistas, quería saber qué piensas sobre esto en relación al tema de periodismo independiente con estos fondos
- ¿Cree que el sistema de patrocinio de la Fundación Gabriel García Márquez puede contribuir al fortalecimiento del papel democrático del periodismo?

APÊNDICE F - Termo de Consentimento Agustina Paz (Argentina)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE POSGRADO EM COMUNICAÇÃO



TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO – TCLE

Estás invitado a participar, como voluntario, en la investigación titulada: “**Fundaciones y periodismo: el aporte de la Fundación Gabriel García Márquez de Colombia al periodismo de alto impacto a través de becas de producción periodística otorgadas entre 2020 y 2023**”.

Mi nombre es **Erika Belén Hernández Lozano**, soy la investigadora responsable y mi área de actividad son **Medios e Información**. Luego de recibir las siguientes aclaraciones e información, si acepta participar en el estudio, firme al final de este documento. Aclaro que, si usted se niega a participar, en cualquier etapa de la investigación, no será penalizado de ninguna manera. Sin embargo, si acepta participar, cualquier duda sobre la investigación podrá ser aclarada por el investigador responsable, por correo electrónico a **erika.belén@discente.ufg.br** y, a través de los siguientes contactos telefónicos: **(55) (11) 917202759**, incluyendo la posibilidad de llamada por cobrar. Si tiene dudas sobre sus derechos como participante de esta investigación, también puede comunicarse con el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Federal de Goiás, al teléfono **(62)3521-1215**, que le atenderá responsable de resolver dudas relacionadas con el carácter ético de la investigación. El Comité de La Ética en Investigación de la Universidad Federal de Goiás (CEP-UFG) es independiente, con función pública, de carácter consultivo, educativo y deliberativo, creada para proteger el bienestar de los participantes de la investigación, en su integridad y dignidad, con el objetivo de contribuir en el desarrollo de investigaciones dentro de los estándares éticos vigentes.

El objetivo general de esta investigación es investigar cómo las becas de producción periodística de la Fundación Gabriel García Márquez contribuyen al periodismo de alto impacto en la región. Usted será uno de los participantes entrevistados para esta investigación, con el fin de obtener datos empíricos para desarrollar la investigación y para ello deberá reservar un período de **una hora**. Tiene derecho al reembolso de los gastos derivados de la cooperación con la investigación, incluidos el transporte y la alimentación, si corresponde.

En caso de daño, usted tiene derecho a solicitar una indemnización, según lo dispuesto en Ley. Si no desea que se divulgue su nombre, se garantiza la confidencialidad para garantizar la privacidad y el anonimato. La información de esta investigación será confidencial y sólo será divulgada en eventos o publicaciones científicas. **El tiempo dedicado por los participantes a la entrevista es relevante, ya que implica renunciar a momentos de su vida personal o profesional. Durante la entrevista, existe el riesgo de revivir recuerdos relacionados con la carrera profesional del periodista, considerando los desafíos inherentes a su trabajo.** Estamos comprometidos a minimizar dichos riesgos, asegurando un adecuado seguimiento y derivación ante cualquier situación adversa.

Durante todo el período de la investigación y al publicar los resultados, se respetará su privacidad, es decir, se mantendrá confidencial su nombre o cualquier otro dato o elemento que pueda, de alguna manera, identificarlo. Todo el material estará bajo mi custodia por un período mínimo de cinco años. Para realizar la entrevista se requiere su consentimiento para el uso de una grabadora. Escriba entre paréntesis la opción que valida su decisión:

- (x) Permiso el uso de una grabadora durante la entrevista.
() No permito el uso de una grabadora durante la entrevista.

Las grabaciones se utilizarán en la transcripción y análisis de los datos, y se protegerá su derecho a leer y aprobar las transcripciones. Puede que sea necesario que utilicemos su voz en las publicaciones. Escribe una inicial entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (x) Autorizo el uso de mi voz en publicaciones.
() No autorizo el uso de mi voz en publicaciones.

También puede ser necesario que utilicemos su opinión en publicaciones, por favor un encabezado entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (x) Permito la difusión de mi opinión en los resultados publicados de la investigación.
() No permito la difusión de mi opinión en los resultados publicados de la investigación.

También puede ser necesario que utilicemos su imagen en publicaciones, por favor un encabezado entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (x) Autorizo la publicación de mi imagen en los resultados publicados en la investigación.
() No autorizo la publicación de mi imagen en los resultados publicados en la investigación.

Puede ser necesario recolectar datos en futuras investigaciones, siempre y cuando se realice una nueva evaluación por parte del CEP/UFG. Por lo tanto, solicito su autorización, validando su decisión con un encabezado entre paréntesis a continuación:

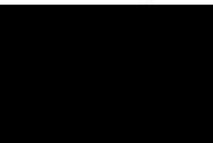
- (x) Le permito utilizar estos datos para futuras investigaciones.
() No permito el uso de estos datos para futuras investigaciones.

Declaro que los resultados de la investigación se harán públicos, sean favorables o no.

1.2 Consentimiento para participar en la investigación:

Yo , abajo firmante, acepto participar en el estudio titulado "Fundaciones y periodismo: el aporte de la Fundación Gabriel García Márquez de Colombia al periodismo de alto impacto a través de becas de producción periodística otorgadas entre 2020 y 2023". Declaro que soy mayor de 18 años y recalco que mi participación en esta investigación es voluntaria. Fui debidamente informado y aclarado por el investigador responsable Erika Belén Hernández Lozano sobre la investigación, procedimientos y métodos involucrados, así como los posibles riesgos y beneficios derivados de mi participación en el estudio. Se me ha asegurado que puedo retirar mi consentimiento en cualquier momento sin que ello me suponga ninguna sanción. Por lo tanto, declaro que estoy de acuerdo con mi participación en el proyecto de investigación descrito anteriormente.

8 de octubre de 2024


Firma completa del participante


Firma completa del investigador responsable.

Si el participante es analfabeto, agregue un lugar para que dos testigos firmen

APÊNDICE G - Termo de Consentimento Jornalista 02 (Brasil)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **“Fundações e jornalismo: A contribuição da Fundação Gabriel García Márquez da Colômbia para o jornalismo de alto impacto por meio de bolsas de produção jornalística concedidas entre 2020 e 2023”**.

e minha área de atuação é Mídia e Informação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail erika.belen@discente.ufg.br e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): **(55) (11) 917202759**, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone **(62)3521-1215**, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como as bolsas de produção jornalística da Fundação Gabriel García Márquez contribuem para o jornalismo de alto impacto na região. Você será um dos participantes entrevistados para esta pesquisa, a fim de obter os dados empíricos para desenvolver a pesquisa e para isso deverá reservar um período de **uma hora**. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. **O tempo dedicado pelos participantes à entrevista é uma consideração relevante, pois implica em abrir mão de momentos em suas vidas pessoais ou profissionais. Durante a entrevista, há o risco de reavivar lembranças relacionadas à carreira profissional do jornalista, considerando os desafios inerentes ao seu trabalho.** Comprometemo-nos a minimizar tais riscos, assegurando acompanhamento e encaminhamento adequados diante de qualquer situação adversa.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(x) Permito a utilização de gravador durante a entrevista.

() Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Autorizo o uso de minha voz em publicações.
(x) Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- (x) Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
(x) Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

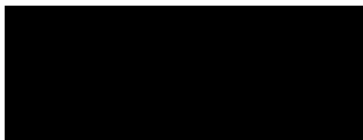
- (x) Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, [REDACTED] abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **“Fundações e jornalismo: A contribuição da Fundação Gabriel García Márquez da Colômbia para o jornalismo de alto impacto por meio de bolsas de produção jornalística concedidas entre 2020 e 2023”**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Erika Belén Hernández Lozano** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, 08 de outubro de 2024



Assinatura por extenso do(a) participante



Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Se o (a) participante for iletrado (a), acrescentar local para assinatura de duas testemunhas

APÊNDICE H - Termo de Consentimento Antonio Mundaca (México)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE POSGRADO EM COMUNICAÇÃO



TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO – TCLE

Estás invitado a participar, como voluntario, en la investigación titulada: **“Fundaciones y periodismo: el aporte de la Fundación Gabo al periodismo de alto impacto a través de becas de producción periodística otorgadas entre 2020 y 2023”**.

Mi nombre es **Erika Belén Hernández Lozano**, soy la investigadora responsable y mi área de actividad son **Medios e Información**. Luego de recibir las siguientes aclaraciones e información, si acepta participar en el estudio, firme al final de este documento. Aclaro que, si usted se niega a participar, en cualquier etapa de la investigación, no será penalizado de ninguna manera. Sin embargo, si acepta participar, cualquier duda sobre la investigación podrá ser aclarada por el investigador responsable, por correo electrónico a **erika.belen@discente.ufg.br** y, a través de los siguientes contactos telefónicos: **(55) (11) 917202759**, incluyendo la posibilidad de llamada por cobrar. Si tiene dudas sobre sus derechos como participante de esta investigación, también puede comunicarse con el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Federal de Goiás, al teléfono **(62)3521-1215**, que le atenderá responsable de resolver dudas relacionadas con el carácter ético de la investigación. El Comité de La Ética en Investigación de la Universidad Federal de Goiás (CEP-UFG) es independiente, con función pública, de carácter consultivo, educativo y deliberativo, creada para proteger el bienestar de los participantes de la investigación, en su integridad y dignidad, con el objetivo de contribuir en el desarrollo de investigaciones dentro de los estándares éticos vigentes.

El objetivo general de esta investigación es investigar cómo las becas de producción periodística de la Fundación Gabriel García Márquez contribuyen al periodismo de alto impacto en la región. Usted será uno de los participantes entrevistados para esta investigación, con el fin de obtener datos empíricos para desarrollar la investigación y para ello deberá reservar un período de **una hora**. Tiene derecho al reembolso de los gastos derivados de la cooperación con la investigación, incluidos el transporte y la alimentación, si corresponde.

En caso de daño, usted tiene derecho a solicitar una indemnización, según lo dispuesto en Ley.

Si no desea que se divulgue su nombre, se garantiza la confidencialidad para garantizar la privacidad y el anonimato. La información de esta investigación será confidencial y sólo será divulgada en eventos o publicaciones científicas. **El tiempo dedicado por los participantes a la entrevista es relevante, ya que implica renunciar a momentos de su vida personal o profesional. Durante la entrevista, existe el riesgo de revivir recuerdos relacionados con la carrera profesional del periodista, considerando los desafíos inherentes a su trabajo.** Estamos comprometidos a minimizar dichos riesgos, asegurando un adecuado seguimiento y derivación ante cualquier situación adversa.

Durante todo el período de la investigación y al publicar los resultados, se respetará

su privacidad, es decir, se mantendrá confidencial su nombre o cualquier otro dato o elemento que pueda, de alguna manera, identificarlo. Todo el material estará bajo mi custodia por un período mínimo de cinco años. Para realizar la entrevista se requiere su consentimiento para el uso de una grabadora. Escriba entre paréntesis la opción que valida su decisión:

- (☒) Permiso el uso de una grabadora durante la entrevista.
(☐) No permito el uso de una grabadora durante la entrevista.

Las grabaciones se utilizarán en la transcripción y análisis de los datos, y se protegerá su derecho a leer y aprobar las transcripciones. Puede que sea necesario que utilicemos su voz en las publicaciones. Escriba una inicial entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (☒) Autorizo el uso de mi voz en publicaciones.
(☐) No autorizo el uso de mi voz en publicaciones.

También puede ser necesario que utilicemos su opinión en publicaciones, por favor un encabezado entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (☒) Permiso la difusión de mi opinión en los resultados publicados de la investigación.
(☐) No permito la difusión de mi opinión en los resultados publicados de la investigación.

También puede ser necesario que utilicemos su imagen en publicaciones, por favor un encabezado entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (☒) Autorizo la publicación de mi imagen en los resultados publicados en la investigación.
(☐) No autorizo la publicación de mi imagen en los resultados publicados en la investigación.

Puede ser necesario recolectar datos en futuras investigaciones, siempre y cuando se realice una nueva evaluación por parte del CEP/UFG. Por lo tanto, solicito su autorización, validando su decisión con un encabezado entre paréntesis a continuación:

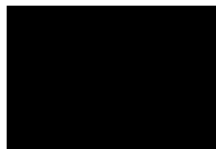
- (x) Le permito utilizar estos datos para futuras investigaciones.
() No permito el uso de estos datos para futuras investigaciones.

Declaro que los resultados de la investigación se harán públicos, sean favorables o no.

1.2 Consentimiento para participar en la investigación:

Yo _____, abajo firmante, acepto participar en el estudio titulado **“Fundaciones y periodismo: el aporte de la Fundación Gabo al periodismo de alto impacto a través de becas de producción periodística otorgadas entre 2020 y 2023”**. Declaro que soy mayor de 18 años y recalco que mi participación en esta investigación es voluntaria. Fui debidamente informado y aclarado por el investigador responsable Erika Belén Hernández Lozano sobre la investigación, procedimientos y métodos involucrados, así como los posibles riesgos y beneficios derivados de mi participación en el estudio. Se me ha asegurado que puedo retirar mi consentimiento en cualquier momento sin que ello me suponga ninguna sanción. Por lo tanto, declaro que estoy de acuerdo con mi participación en el proyecto de investigación descrito anteriormente.

_____ martes _____, 8 de octubre de
2024



Firma completa del participante



Firma completa del investigador responsable.

Si el participante es analfabeto, agregue un lugar para que dos testigos firmen

APÊNDICE I – Termo de Consentimento Brenda Molina (Bolivia)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE POSGRADO EM COMUNICAÇÃO



TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO – TCLE

Estás invitado a participar, como voluntario, en la investigación titulada: **“Fundaciones y periodismo: el aporte de la Fundación Gabo al periodismo de alto impacto a través de becas de producción periodística otorgadas entre 2020 y 2023”**.

Mi nombre es **Erika Belén Hernández Lozano**, soy la investigadora responsable y mi área de actividad son **Medios e Información**. Luego de recibir las siguientes aclaraciones e información, si acepta participar en el estudio, firme al final de este documento. Aclaro que, si usted se niega a participar, en cualquier etapa de la investigación, no será penalizado de ninguna manera. Sin embargo, si acepta participar, cualquier duda sobre la investigación podrá ser aclarada por el investigador responsable, por correo electrónico a **erika.belen@discente.ufg.br** y, a través de los siguientes contactos telefónicos: **(55) (11) 917202759**, incluyendo la posibilidad de llamada por cobrar. Si tiene dudas sobre sus derechos como participante de esta investigación, también puede comunicarse con el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Federal de Goiás, al teléfono **(62)3521-1215**, que le atenderá responsable de resolver dudas relacionadas con el carácter ético de la investigación. El Comité de La Ética en Investigación de la Universidad Federal de Goiás (CEP-UFG) es independiente, con función pública, de carácter consultivo, educativo y deliberativo, creada para proteger el bienestar de los participantes de la investigación, en su integridad y dignidad, con el objetivo de contribuir en el desarrollo de investigaciones dentro de los estándares éticos vigentes.

El objetivo general de esta investigación es investigar cómo las becas de producción periodística de la Fundación Gabriel García Márquez contribuyen al periodismo de alto impacto en la región. Usted será uno de los participantes entrevistados para esta investigación, con el fin de obtener datos empíricos para desarrollar la investigación y para ello deberá reservar un periodo de **una hora**. Tiene derecho al reembolso de los gastos derivados de la cooperación con la investigación, incluidos el transporte y la alimentación, si corresponde.

En caso de daño, usted tiene derecho a solicitar una indemnización, según lo dispuesto en Ley.

Si no desea que se divulgue su nombre, se garantiza la confidencialidad para garantizar la privacidad y el anonimato. La información de esta investigación será confidencial y sólo será divulgada en eventos o publicaciones científicas. **El tiempo dedicado por los participantes a la entrevista es relevante, ya que implica renunciar a momentos de su vida personal o profesional. Durante la entrevista, existe el riesgo de revivir recuerdos relacionados con la carrera profesional del periodista, considerando los desafíos inherentes a su trabajo.** Estamos comprometidos a minimizar dichos riesgos, asegurando un adecuado seguimiento y derivación ante cualquier situación adversa.

Durante todo el período de la investigación y al publicar los resultados, se respetará su privacidad, es decir, se mantendrá confidencial su nombre o cualquier otro dato o elemento que pueda, de alguna manera, identificarlo. Todo el material estará bajo mi custodia por un período mínimo de cinco años. Para realizar la entrevista se requiere su consentimiento para el uso de una grabadora. Escriba entre paréntesis la opción que valida su decisión:

(x) Permito el uso de una grabadora durante la entrevista.

() No permito el uso de una grabadora durante la entrevista.

Las grabaciones se utilizarán en la transcripción y análisis de los datos, y se protegerá su derecho a leer y aprobar las transcripciones. Puede que sea necesario que utilicemos su voz en las publicaciones. Escribe una inicial entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (☒) Autorizo el uso de mi voz en publicaciones.
(☐) No autorizo el uso de mi voz en publicaciones.

También puede ser necesario que utilicemos su opinión en publicaciones, por favor un encabezado entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (☒) Permito la difusión de mi opinión en los resultados publicados de la investigación.
(☐) No permito la difusión de mi opinión en los resultados publicados de la investigación.

También puede ser necesario que utilicemos su imagen en publicaciones, por favor un encabezado entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (☒) Autorizo la publicación de mi imagen en los resultados publicados en la investigación.
(☐) No autorizo la publicación de mi imagen en los resultados publicados en la investigación.

Puede ser necesario recolectar datos en futuras investigaciones, siempre y cuando se realice una nueva evaluación por parte del CEP/UFG. Por lo tanto, solicito su autorización, validando su decisión con un encabezado entre paréntesis a continuación:

- (x) Le permito utilizar estos datos para futuras investigaciones.
() No permito el uso de estos datos para futuras investigaciones.

Declaro que los resultados de la investigación se harán públicos, sean favorables o no.

1.2 Consentimiento para participar en la investigación:

Yo [REDACTED], abajo firmante, acepto participar en el estudio titulado “Fundaciones y periodismo: el aporte de la Fundación Gabo al periodismo de alto impacto a través de becas de producción periodística otorgadas entre 2020 y 2023”. Declaro que soy mayor de 18 años y recalco que mi participación en esta investigación es voluntaria. Fui debidamente informado y aclarado por el investigador responsable Erika Belén Hernández Lozano sobre la investigación, procedimientos y métodos involucrados, así como los posibles riesgos y beneficios derivados de mi participación en el estudio. Se me ha asegurado que puedo retirar mi consentimiento en cualquier momento sin que ello me suponga ninguna sanción. Por lo tanto, declaro que estoy de acuerdo con mi participación en el proyecto de investigación descrito anteriormente.

05 de noviembre de 2024

[REDACTED]

Firma completa del participante

[REDACTED]

Firma completa del investigador responsable.

Si el participante es analfabeto, agregue un lugar para que dos testigos firmen

APÊNDICE J - Termo de Consentimento Miguel Montes (diretor de programas da Fundação Gabo)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE POSGRADO EM COMUNICAÇÃO



TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO – TCLE

Estás invitado a participar, como voluntario, en la investigación titulada: **“Fundaciones y periodismo: el aporte de la Fundación Gabo al periodismo de alto impacto a través de becas de producción periodística otorgadas entre 2020 y 2023”**.

Mi nombre es **Erika Belén Hernández Lozano**, soy la investigadora responsable y mi área de actividad son **Medios e Información**. Luego de recibir las siguientes aclaraciones e información, si acepta participar en el estudio, firme al final de este documento. Aclaro que, si usted se niega a participar, en cualquier etapa de la investigación, no será penalizado de ninguna manera. Sin embargo, si acepta participar, cualquier duda sobre la investigación podrá ser aclarada por el investigador responsable, por correo electrónico a erika.belen@discente.ufg.br y, a través de los siguientes contactos telefónicos: **(55) (11) 917202759**, incluyendo la posibilidad de llamada por cobrar. Si tiene dudas sobre sus derechos como participante de esta investigación, también puede comunicarse con el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Federal de Goiás, al teléfono **(62)3521-1215**, que le atenderá responsable de resolver dudas relacionadas con el carácter ético de la investigación. El Comité de La Ética en Investigación de la Universidad Federal de Goiás (CEP-UFG) es independiente, con función pública, de carácter consultivo, educativo y deliberativo, creada para proteger el bienestar de los participantes de la investigación, en su integridad y dignidad, con el objetivo de contribuir en el desarrollo de investigaciones dentro de los estándares éticos vigentes.

El objetivo general de esta investigación es investigar cómo las becas de producción periodística de la Fundación Gabriel García Márquez contribuyen al periodismo de alto impacto en la región. Usted será uno de los participantes entrevistados para esta investigación, con el fin de obtener datos empíricos para desarrollar la investigación y para ello deberá reservar un período de **una hora**. Tiene derecho al reembolso de los gastos derivados de la cooperación con la investigación, incluidos el transporte y la alimentación, si corresponde.

En caso de daño, usted tiene derecho a solicitar una indemnización, según lo dispuesto en Ley.

Si no desea que se divulgue su nombre, se garantiza la confidencialidad para garantizar la privacidad y el anonimato. La información de esta investigación será confidencial y sólo será divulgada en eventos o publicaciones científicas. **El tiempo dedicado por los participantes a la entrevista es relevante, ya que implica renunciar a momentos de su vida personal o profesional. Durante la entrevista, existe el riesgo de revivir recuerdos relacionados con la carrera profesional del periodista, considerando los desafíos inherentes a su trabajo.** Estamos comprometidos a minimizar dichos riesgos, asegurando un adecuado seguimiento y derivación ante cualquier situación adversa.

Durante todo el período de la investigación y al publicar los resultados, se respetará

su privacidad, es decir, se mantendrá confidencial su nombre o cualquier otro dato o elemento que pueda, de alguna manera, identificarlo. Todo el material estará bajo mi custodia por un período mínimo de cinco años. Para realizar la entrevista se requiere su consentimiento para el uso de una grabadora. Escriba entre paréntesis la opción que valida su decisión:

- (☒) Permito el uso de una grabadora durante la entrevista.
(☐) No permito el uso de una grabadora durante la entrevista.

Las grabaciones se utilizarán en la transcripción y análisis de los datos, y se protegerá su derecho a leer y aprobar las transcripciones. Puede que sea necesario que utilicemos su voz en las publicaciones. Escriba una inicial entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (☒) Autorizo el uso de mi voz en publicaciones.
(☐) No autorizo el uso de mi voz en publicaciones.

También puede ser necesario que utilicemos su opinión en publicaciones, por favor un encabezado entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (☒) Permito la difusión de mi opinión en los resultados publicados de la investigación.
(☐) No permito la difusión de mi opinión en los resultados publicados de la investigación.

También puede ser necesario que utilicemos su imagen en publicaciones, por favor un encabezado entre paréntesis de la opción que valida tu decisión:

- (☒) Autorizo la publicación de mi imagen en los resultados publicados en la investigación.
(☐) No autorizo la publicación de mi imagen en los resultados publicados en la investigación.

Puede ser necesario recolectar datos en futuras investigaciones, siempre y cuando se realice una nueva evaluación por parte del CEP/UFG. Por lo tanto, solicito su autorización, validando su decisión con un encabezado entre paréntesis a continuación:

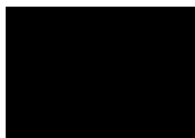
- (☒) Le permito utilizar estos datos para futuras investigaciones.
(☐) No permito el uso de estos datos para futuras investigaciones.

Declaro que los resultados de la investigación se harán públicos, sean favorables o no.

1.2 Consentimiento para participar en la investigación:

Yo , abajo firmante, acepto participar en el estudio titulado **“Fundaciones y periodismo: el aporte de la Fundación Gabo al periodismo de alto impacto a través de becas de producción periodística otorgadas entre 2020 y 2023”**. Declaro que soy mayor de 18 años y recalco que mi participación en esta investigación es voluntaria. Fui debidamente informado y aclarado por el investigador responsable Erika Belén Hernández Lozano sobre la investigación, procedimientos y métodos involucrados, así como los posibles riesgos y beneficios derivados de mi participación en el estudio. Se me ha asegurado que puedo retirar mi consentimiento en cualquier momento sin que ello me suponga ninguna sanción. Por lo tanto, declaro que estoy de acuerdo con mi participación en el proyecto de investigación descrito anteriormente.

_____, 8 de octubre de 2024



Firma completa del participante



Firma completa del investigador responsable.

Si el participante es analfabeto, agregue un lugar para que dos testigos firmen